This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

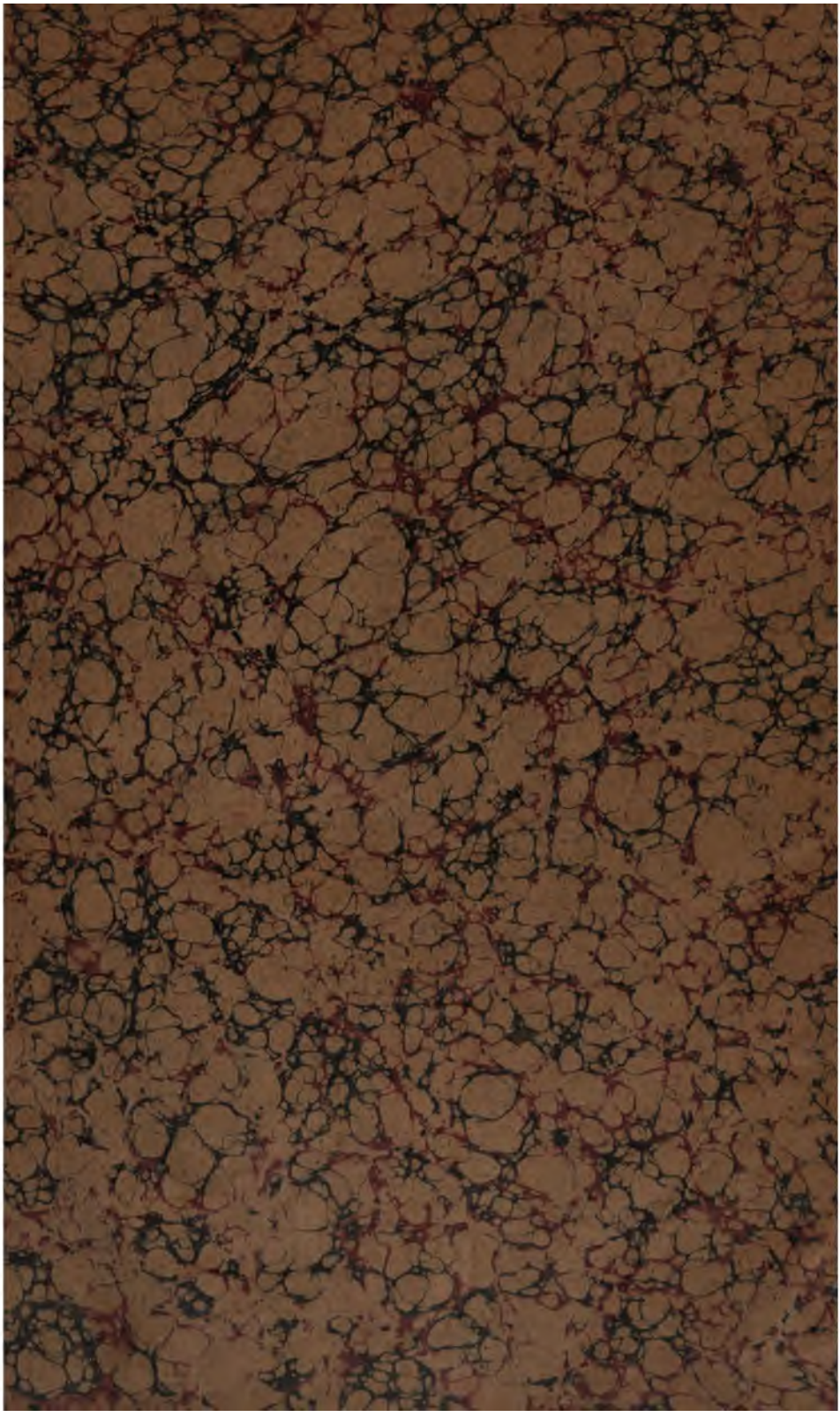
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

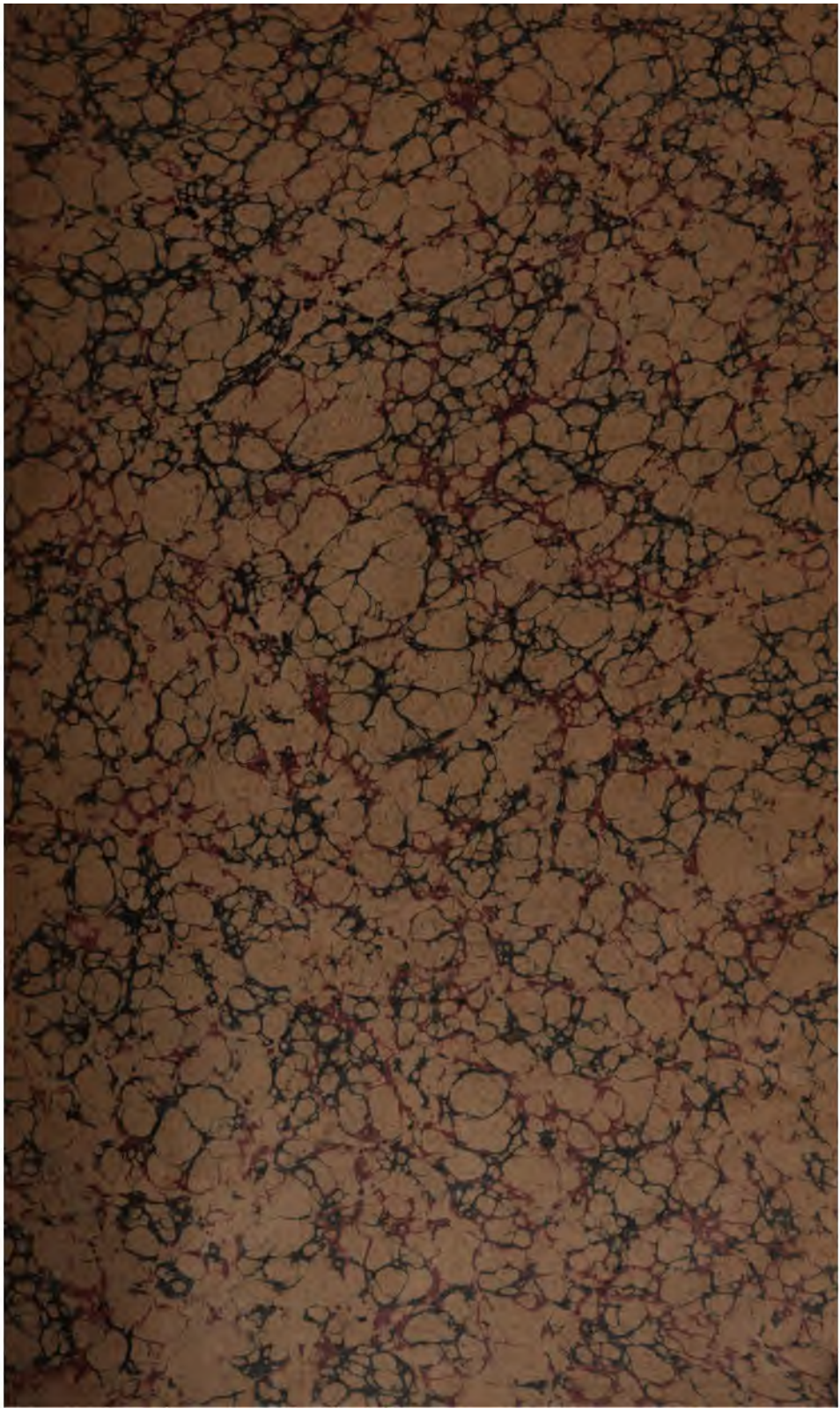
E·A·LUZ
ARIA ACADÉMICA
UEDES DA SILVA
Mártires da Liberdade, 12
0 — TELEFONE, 25988

STANFORD
UNIVERSITY
LIBRARIES



SO·FLORESCE·A·LUZ
VRARIA ACADÉMICA
GUEDES DA SILVA
R. Mártires da Liberdade, 12
RTO — TELEFONE, 25988

STANFORD
UNIVERSITY
LIBRARIES



250.

A JORNADA D'AFRICA

S.M.EL-REI D. SEBASTIÃO.

A JORNADA
D'AFRICA

RESPOSTA A JERONYMO FRANQUI E A OUTROS
NOTICIA DO SUCCESSO DA BATALHA, DO CAPTIVEIRO E D'OUTRAS
COUSAS DIGNAS DE MENÇÃO

POR

JERONYMO DE MENDONÇA

NATURAL DA CIDADE DO PORTO

(COPIA DA EDIÇÃO DE 1607)

EDITADO POR

F. MARIA RODRIGUES

PORTO

IMPRENSA RECREATIVA DO INSTITUTO ESCHOLAR DE S. DOMINGOS
3 — RUA DO CORONEL PACHECO — 7

1878

DP614
M43

PROLOGO

osto que nunca esqueçam grandes males nem erros passados possam deixar de ser, póde todavia a malicia humana accrescentar ambas estas cousas, de maneira que pereça a verdade totalmente e venham a ser maiores os damnos da mentira, que quantos succederam por divino juizo ou culpas nossas: pelo que, apezar do sentimento com que nos ameaça a lamentavel historia, me pareceu mui justo tractar d'esta jornada.

E, ainda que quando tomei esta empreza logo foi meu destino fugir de tocar na infeliz batalha, senão mui brevemente, assim por não cahirem tantos males de um só golpe como por me não julgar capaz de semelhante empreza, vendo depois o modo com que alguns estrangeiros, como Jeronymo Franqui e frei Antonio de S. Romão, tractam d'ella, accrescentando ás faltas e miserias outras muito maiores (como senão bastaram as que na verdade aconteceram), as quaes nosso descuido podia acreditar seus erros, e podendo reparar

quem depois vier que ninguem os contradisse, sendo tão manifestos, me pareceu razão não passar em silencio cousa alguma, para que se saiba em todo o tempo o que aconteceu na verdade, apontando alguns logares onde se verá claramente aquillo de que taes auctores deviam ter errada informação.

E não o farei como escriptor por certo, que não ha razão para que tal se cuide de mim; mas sómente como quem viu e passou toda esta jornada, darei meu testemunho, posto que por outra parte me corro tanto de não haver em Portugal quem com outro estylo e differente lição quizesse até agora tractar d'esta historia, tirando-a com razão á verdadeira luz, que não quizera de algum modo fallar n'isto, por não accrescentar tambem mais damno a damno com meu fraco entendimento.

Só por uma razão me pareceu bem tractar d'estas cousas, a qual é que, escrevendo eu sómente d'ellas, se acabará de vêr o desamparo d'este reino; e assim já póde ser que alguem se mova a tomar esta empreza dignamente, que não será pequeno premio a quanto me aventuro n'este primeiro ensaio, posto nas mãos de tão varias opiniões e perante as mesmas pessoas de quem escrevo.

Nem deixará de ter muitos louvores quem n'isto se occupar, que, posto o sujeito seja tão triste, não é por isso bem que fique em silencio; pois vemos cada dia quanta diligencia os homens fazem para se saber a perdição de um pequeno navio, quanto mais o naufragio de um tamanho reino.

Nem lhe faltará exemplo tão digno de imitar contra Franqui e seus sequazes n'aquelle excellente e verdadeiro historiador Joseph Hebraico, que, refutando e confundindo a Magneton, Apion e outros, não deixou de escrever de sua patria bem differentes mágoas e miserias, sem lh'o impedir a dôr de tamanho sentimento, por mostrar a verdade, julgando com razão ser mór mal a mentira que a mesma desventura.

Porém, se com tudo isto não houver quem se offereça,

o que não cuido, eu me contento de haver cumprido com minha obrigação n'esta lembrança, ficando mui certo que a quem me conhece não lhe será nova minha insufficiencia, e com os mais espero que a tenção me valha, pedindo perdão áquelles de quem por ventura deixarei de dizer muitas cousas, não por falta da vontade mas por me faltar o verdadeiro conhecimento d'ellas, além de não ser possivel poder-se escrever tudo.

COMO RESPOSTA AO NOVO PROEMIO DE JERONYMO FRANQUI NA SUA 3.ª IMPRESSÃO

Não sómente, benigno leitor, pretendeu Jeronymo Franqui em muitas cousas aniquilar e destruir a honra d'este reino, mas até, sendo-lhe manifesto o commum queixume de naturaes e estrangeiros, deu n'esta sua terceira impressão uma descarga ou desculpa muito mais culpavel (se mais fôra possivel) que seus primeiros erros, encobrindo com razões sophisticas e simulada singeleza a maior malicia que os homens viram; e, porque póde haver alguns a quem o falso pareça verdadeiro, levados das fingidas apparencias, me pareceu de razão responder ás cousas d'este seu proemio, as quaes hei como referidas no bom entendimento de quem as tiver lido, e digo que é tão famosa e tão pura a verdade que, se acaso sem ella se diz alguma cousa, ainda que seja em louvor proprio, (nos animos grandes ao menos) serve só de vergonha e vituperio; e, como estas suas obras trazem logo comsigo em tantas partes a má tenção descoberta, não tão sómente foram aos portuguezes odiosas, mas a todo o mundo, pois até d'aquelles a quem louva e chama vencedores são tão aborrecidas que lhe impediram o curso de seu livro em toda a Hespa-

nha; e quanto á diligencia e zelo bem mostra ser só paixão pura, pois tomou sem nenhum proposito a seu cargo a historia de Portugal, não lhe tocando semelhante empreza de nenhum modo, sendo genovez de nação, todo occupado na feitoria d'alfandega d'esta cidade de Lisboa, o que se vê mais claramente em ser tão prompto a perseguir e condemnar os affligidos (suave pasto de malignas entranhas!), pois senão contentou com dizer na verdade as desventuras e miserias que acontecerám, mas inventou de novo outras maiores (se é que não deu credito a falsas informações), sem achar alguma escusa em uma batalha onde houve tanta resistencia e morreram mais mouros que christãos, sendo tão desigual o partido; antes para poder condemnar mais livremente dá por cousa impossivel poder-se louvar quem perde, sendo tanto pelo contrario, que muitos com perderem ficaram tão honrados que mais se lhes podia haver inveja do que magoa ou piedade! Qual Judas na Palestina, Pompêo na Pharsalia, Berengario na Hungria, Carlos e Francisco na Italia, agora ha tão poucos dias o valoroso principe Alberto, archiduque d'Austria, na Flandres, e outros infinitos que alcançaram mais gloria perdendo que ganhando, pois em fim o valor não consiste no successo das cousas, senão na ordem e commettimento d'ellas.

Isto no que toca á batalha de Alcacer, onde a mór culpa dos portuguezes foi serem tão fieis a seu rei que, vendo tão claramente a morte, não deixaram de lhe obedecer; e na perda da vida d'elle (irreparavel perda!) ninguem foi culpado senão elle sómente, pois pelo succedido tambem os mouros n'esse mesmo conflicto perderam o seu rei, sem a perda lhe ser imputada a cobardia.

E quanto á segunda batalha de Alcantara com muito mais razão se podéra Franqui correr de dar tal nome a um tumulto plebeu, sendo tão poucos os fidalgos e homens nobres que foram d'este parecer (levados de um animo brioso, posto

que ignorassem a razão), estando todo Portugal entregue a Sua Magestade, do que elles se podiam envergonhar de não resistir ao poder do duque d'Alba, sendo tão poucos.

E na perda da ilha Terceira com cousa mui mais justa podéra antes dar louvores aos portuguezes, que attribuir-lhes isso a deshonra, pois o seu terço foi o primeiro que desembarcou em terra na companhia de D. Felix de Aragão, seu capitão.

Não tracto já da batalha naval de Philippe Estrosi, cuja desgraça Franqui nos attribue tambem, sendo francezes todos os que vinham na armada, por um só portuguez que vinha n'ella, indo tantos vencedores na de Hespanha.

E quanto ás qualidades naturaes, pelas quaes julga a condição dos portuguezes, ainda que do mortal odio que lhes tem não houvera outro mais claro indicio que o modo como interpreta sua opinião, este só bastava; pois, sendo a propriedade da palavra a que chamamos *opinião* tão differente que só entre nós significa *ponto de honra debaixo do qual se entende não fazer vileza com fallar verdade e ter vergonha* (cousas que tanto estimam os portuguezes), elle declara que a opinião de que se prezam e que publicamente confessam é que vivem mais da imaginação d'aquillo que de si cuidam, que do que realmente são. Ora veja quem isto lê como póde haver no mundo gente tão insensata que tal de si confesse, e que voto póde ter nas cousas dos portuguezes, assim n'esta jornada como nas mais, quem de tão honrada e clara palavra tira tal sentido! Pelo que está claro não poder escrever d'elles, e ser reprehendido com verdade, quem assim escreve; pois, ajuntando á falsa informação má natureza, diz algumas cousas tão longe do que aconteceram.

E, nó que tracta d'el-rei D. Henrique de Castella (cuja entrada parece que andou buscando por arguir de novo aos portuguezes), n'isso se póde vêr quanto estes estimam tractar-se da verdade, pois approvaram e consentiram tal histo-

ria, ainda que em seu damno; claro argumento de que assim soffreriam a d'elle, se fôra verdadeira, mas sómente de o não ser é este queixume, cousa que Jeronymo Franqui não quer acabar de entender.

E, no juizo que faz ácerca dos valídos d'este reino, parece certo mui dura sentença contra a graça dos principes attribuir logo áquelles que a tiveram vicios por natureza, maldades por officio; pois o contrario nos mostram as divinas lettras nos sanctos Joseph e David, que tão grandes privados foram, cada um em seu tempo, dos Pharaós do Egypto e dos monarchas da Assyria. Pois na gentilidade com quanta singeleza e quão pouca ambição procederam alguns grandes valídos dos senhores do mundo, como foram Ephestion, Mecenas, Seneca e outros que sem lume da Fé fugiram das maldades! E agora em nossos tempos quem viu a moderação, fidelidade, zelo e pureza de Ruy Gomes da Silva e de alguns que ainda hoje vivem (e que aqui não nomeamos por este respeito) e em fim, de nossas portas a dentro, do conde de Villanova, D. Martinho de Castelbranco, do conde da Castanheira, D. Antonio de Athaide, e ultimamente de Christovão de Tavora, póde vêr quão poderosa seja a malicia que fórma outra natureza, dando os vicios por infalliveis qualidades nos privados, como argumenta Franqui para poder melhor julgar dos homens a seu alvedrio!

E na Divina Providencia quem ha que não confesse que foi particular vontade de Deus a mudança d'este reino; que não é pequena consolação a todos e bem podera Franqui attribuir a isto sómente todas as nossas cousas, mas não julgar do merecimento de culpas, dando *certo* juizo aos juizos divinos, como adiante se verá.

E, no que toca a se pôr nas mãos de Deus, justificando sua sinceridade e pureza, sómente se responde que foi mal aconselhado em tomar tão justo juiz a tão injustas obras.

Assim que está manifesto não poder Jeronymo Franqui

escrever dos portuguezes, nem é razão se lhe dê algum credito; pois não se achou presente em quanto diz,—errando o nome aos homens, muitas vezes o officio, quasi sempre os successos, além de ser suspeito claramente, e tanto que frei Antonio de S. Romão (atraz nomeado) que quasi o segue em tudo, na dedicatoria de seu livro ao condestavel de Castella, sobre esta jornada d'el-rei D. Sebastião, diz que a nação portugueza se póde chamar offendida e que as obras de Franqui arguem vingança contra os portuguezes, o que devia nascer de algumas paixões particulares que, segundo se tem entendido, não é bom que se especulem.

E, porque se acabe de entender quanto vae da vista á informação, veja-se a *Pontifical* de Antonio Ciccareli, doutor em Theologia, italiano de nação, na vida de Gregorio XIII, o qual, escrevendo sobre a mesma materia dos successos d'este reino, quando tracta da batalha de Alcacer, posto que acerte em algumas cousas, como em dizer que durou seis horas, que eram os inimigos sessenta mil de cavallo, afóra os de pé, e que foram rotos duas vezes, todavia diz que morreram dos mouros cincoenta mil, não sendo mais que dezoito (dos que recebiam soldo, digo), e que Muley Mahomed persuadiu a el-rei D. Sebastião entrasse pela terra dentro, sendo tanto pelo contrario, como adiante se verá. E, quando tracta d'el-rei Philippe, nosso senhor, segundo d'este nome, na cidade de Lisboa, diz que correu n'ella dous grandes perigos de vida, porque duas vezes foram descobertas minas que os portuguezes fizeram nos paços reaes e na igreja onde costumava ouvir missa, e, se isto senão descobrira, fôra el-rei arruinado ou nos paços ou na igreja, e que os autores d'esta maldade foram gravemente castigados!

Veja-se pois que remedio isto tivéra para se deixar de crêr d'aqui a bem poucos annos, que ninguem d'este tempo será vivo, sendo escripto por um doutor Theologo, se hoje senão refutára com tantos homens vivos e presentes, de Cas-

haviam de ser grandes homens, os mandou servir a el-rei de Fez: depois vieram a alcançar licença do mesmo senhor para fazerem guerra aos christãos, vistos os grandes damnos que os mouros recebiam; e succedendo-lhes bem, determinaram pôr em effeito seus escondidos desejos, e mataram a el-rei de Marrocos, fazendo-se senhores de todos os seus reinos. Depois tiveram guerra entre si, como salteadores sobre o mal ganhado, e Muley Mahomed, irmão mais moço, tomou tudo ao mais velho; e vendo-se absoluto senhor d'estes reinos, desbaratou depois, e prendeu a el-rei de Fez, Elotas Merine, de quem foi criado, como traidor ingrato, e d'este modo ficou senhor de toda a Barbaria: o qual parece que quando estava em paz com seu irmão, fez com elle uma lei, ou concerto, que o filho mais velho de cada um d'elles que se achasse vivo á hora da morte de seu pae, succedesse no reino, e não os netos. Aconteceu, pois, que os mais dos filhos d'este Xerife mais moço, usurpador de tudo, morreram a ferro, como foi Abelquadre e outros, e ficou Muley Audelá sómente seu filho mais velho por seu herdeiro, o qual reinando dezesete annos com grande prosperidade, sem embargo de ter irmãos vivos, filhos do dicto Xerife seu pae, que por razão do contracto devessem herdar, todavia jurou por successor a seu filho Muley Mahomed, o Xerife, que foi com el-rei D. Sebastião. O qual tanto que se viu jurado começou a maquinar contra seus tios, que já em vida de Muley Audelá, seu irmão, se haviam acolhido, e mandou matar um em Tremecem, e outro escapou nos desertos de Lybia, e Muley Audelmelic, vendo isto se passou ao Grão-Turco, o qual vulgarmente se chama Muley Moluco, porque sendo pequeno era tão affeiçoado aos christãos, que seu pae lhe mandou fazer uma bragua d'ouro cheia de muitas pedras ricas, e lh'a pôz um dia chamando-lhe Moluco (como quem diz servo), d'onde lhe ficou o sobrenome tambem assentado, que muitos lhe não sabem o nome verdadeiro. Andou, pois, Muley Moluco em Constantinopla muito tempo, sem

poder alcançar soccorro do Grão-Turco contra seu sobrinho (como tambem d'el-rei de Hespanha não havia podido alcançar, fazendo primeiro os mèsmos officios). Porém, depois de escapar na batalha do senhor D. João de Austria, em companhia de Uchali, o turco lhe deu cinco mil janizaros debaixo de algumas condições, todas em notavel damno da christandade, principalmente de Hespanha, por razão de poder ter galés em Larache. E assim entrou nos reinos de seu sobrinho, o Xerife, que foi com el-rei D. Sebastião. E em tres batalhas, com prosperos successos, se fez absoluto senhor de toda a Barbaria; e o Xerife se veio ao Pinhão de Belles, fortaleza da corôa de Hespanha, no mar Mediterraneo, d'onde pediu soccorro a el-rei Philippe, e não achando guarida passou a Ceuta, da qual fazendo os mesmos officios com el-rei D. Sebastião, e promettendo-lhe a fortaleza de Larache com algumas cousas mais, lhe começou el-rei a dar ouvidos, fundado mais no bem da christandade e na dorida empreza que se lhe offerecia, que nas vaidades que diz frei Antonio de S. Romão, seguindo Jeronymo Franqui.

Andando, pois, el-rei cheio d'estes pensamentos, como a natural inclinação e amor da guerra o despertassem grandemente, começou a dar conta a alguns fidalgos em particular, mais para pôr em effeito seus desejos que para tomar os verdadeiros conselhos; porém, viu que todos, com animo singelo, fugindo fielmente á infame lisonja, não deixaram de lhe apontar o que convinha. Começou, cedendo a tantos pareceres, a querer salvar os principaes inconvenientes, que eram deixar este reino sem filhos herdeiros, e passar em Africa sem parecer e ajuda d'el-rei Philippe, seu tio segundo. Pela qual razão lhe mandou por embaixador Pero Dalcaçova, para que tractasse d'estas cousas, mui confiado no devido effeito d'ellas; pois no que tocava á empreza de Larache, convinha tanto mais a sua magestade a segurança de galés de turcos n'aquelle porto, quanto tem mais visinhos seus estados que Por-

tugal; e no seu casamento, razão havia de mui bom despacho a tão justa petição. Procurou el-rei vêr-se com sua magestade, para de mais perto lhe significar seus desejos. De todas estas cousas se não viu por então mais effeito, que trazer Pero Dalcaçova a resolução que se tomou da vista dos reis em Guadalupe, e assim parece que senão deferiria a mais, pois de tão perto se esperava tractar d'estas materias com mais auctoridade e fundamento. Partiu-se logo el-rei D. Sebastião para Guadalupe, e em toda a parte, no reino de Castella, foi recebido com palio, e como rei natural em todas as mais cousas. Tractaram-se os reis nas vistas egualmente de magestade, fallando primeiro el-rei Philippe como lhe convinha; houve entre ambos verdadeiras mostras de grande amor; e no que toca á empreza da jornada de Africa, jámais sua magestade pôde acabar com el-rei outra cousa, que fundado no puro zêlo que o compungia, sem querer escutar outra razão alguma, razão só lhe parecia seu conselho. Vendo, pois, el-rei Philippe, nosso senhor que está em gloria, a total determinação d'el-rei D. Sebastião, inda que não quizesse admittir seus verdadeiros conselhos, determinou de o ajudar, pelo grande amor que lhe tinha, sendo o negocio com particular adiantamento de Larache sómente, e por conselho do duque de Alba, havendo que assim convinha; porém, depois não veio a effeito nenhuma cousa d'estas, ou por razão de esperar que baixasse o turco, segundo o que então se publicava, ou por cuidar sua magestade que faltando a el-rei tamanho soccorro cedesse por necessidade ao que por razão não queria. E no que se tractou ácerca de seu casamento dizem que o differiu até serem de edade as senhoras infantas D. Isabel Clara, e D. Catharina. D'esta maneira se tornou el-rei D. Sebastião a Portugal; d'onde se começou a fazer prestes, não obstante os novos offerecimentos que sua magestade lhe fazia por ordem de D. João da Silva, seu embaixador em Portugal, com certos contractos sobre a especiaria, que tam-

bem não vieram a effeito; nem a causa se sabe, posto que n'este tempo veio da Barbaria o capitão Francisco de Aldana, a quem sua magestade havia mandado espiar a terra para melhor se inteirar do que cumpria a el-rei D. Sebastião; e dizem que com sua informação cessou o negocio, havendo sua magestade que não era bem dar calor a cousa tão desencaminhada, e assim o mandou a el-rei, para que d'elle se informasse, sendo por certo que com sua informação, ou moderasse o conselho, ou totalmente desistisse da empreza. Porém o capitão Aldana em nenhuma d'estas cousas fez effeito, antes lhe tomou el-rei a palavra para o acompanhar n'esta jornada.

N'este tempo vendo sua magestade todavia como el-rei D. Sebastião não desistia por nenhum modo de sua determinação, tornou a fazer novos officios sobre esta materia, escrevendo particularmente a el-rei, e dando-lhe com muito amor verdadeiros conselhos, mandando juntamente ao duque d'Alba, que fizesse o mesmo por via de Luiz da Silva, embaixador em Castella. E no que diz frei Antonio, seguindo Franqui, que muitos diziam que sua magestade fingira todas estas cousas artificiosamente, porque de uma maneira ou de outra se melhorava no partido; pois tomando el-rei D. Sebastião a fortaleza de Larache segurava os reinos de Hespanha, e morrendo na demanda ficava seu herdeiro. Certo que me parece que se levanta grande testemunho a vivos, e mortos; porque nunca tal se disse, nem cuido podia chegar a tanto a malicia humana, que tal se suspeitasse de tal rei.

Passados alguns dias, e deliberado el-rei totalmente na jornada, não admittindo conselho por soccorro, mandou á Italia fazer alguma gente no Ducado de Florença, e não havendo a missão logo effeito, por alguns inconvenientes que se offereceram, de cujo successo ha opiniões muito varias, mandou el-rei a Allemanha, a baixa, a Sebastião da Costa fazer tres mil homens, e nomeou por coroneis da gente que se havia de levantar em Portugal Diogo Lopes de Sequeira, Francisco de

Tavora, Vasco da Silveira, D. Miguel de Noronha, e por capitão dos aventureiros, Christovão de Tavora (grande seu privado era) e por capitão mór da armada D. Diogo de Sousa, tendo primeiro nomeado a D. Luiz de Athaide, que depois pelo que convinha ao estado da India foi por viso-rei. Foi tambem nomeado por mestre de campo o general D. Duarte de Menezes, e ordenou el-rei que o acompanhassem seiscentos italianos, que ácaso tomaram o porto d'esta cidade de Lisboa, indo por mandado de sua santidade a soccorrer os christãos catholicos da ilha de Irlanda, em companhia do marquez Thomaz Sternoile.

CAPITULO II

DAS RAZÕES QUE TEVE EL-REI D. SEBASTIÃO PARA PASSAR A BARBARIA

Por tres causas, como todo o mundo sabe, se moveu el-rei a passar em Africa. A primeira por ser contra infieis tão visinhos, e tão inimigos. A segunda por soccorrer a um rei perseguido, posto que infiel, que com tanta humildade lhe pediu remedio. A terceira por estorvar a visinhança dos turcos que com Muley Moluco vieram (além dos que se podiam esperar pela nova consideração do Grão-Turco) fazendo-se senhor do porto de Larache, e d'algumas cousas que todas resultavam em proveito da christandade, principalmente dos reinos de Castella, sem outro fundamento algum, segundo o que escreveu a el-rei Philippe, seu tio, e a sua santidade muitas vezes.

E quanto ao que diz Franqui, que o Xerife o incitava, ou persuadia a se fazer imperador de Marrocos, parece certo cousa ridicula cuidar-se que havia de dar aquillo para cuja restauração vinha só pedir soccorro; nem por outra parte se póde cuidar de um rei tão valeroso, e tão catholico, que debaixo de o metter de posse de seus reinos se fizesse senhor d'elles, como tambem affirma frei Antonio, quando diz que o Xerife se temia d'isso, e el-rei determinava de lhe fazer verdadeiras suas suspeitas. E no que diz que el-rei mandou logo para esse effeito fazer a corôa cerrada a modo de imperador,

tambem se engana, que já d'antes usava d'ella, nas armações ordinarias do mesmo senhor, a qual devia mandar cerrar ou porque o Papa Pio v lh'a mandou com um estoque sagrado, e o titulo de magestade, ou pela mesma razão dos reis seus visinhos; pois era neto de Carlos v, e descendente dos mais imperadores: por essa razão como tambem os reis de França a trazem por Carlos Magno, e os de Inglaterra por Constantino Magno; quanto mais que se tem, que os reis independentes todos podem trazer corôa cerrada sem a cruz em cima, que faz a differença da dos imperadores. Mas tornando a nosso proposito, el-rei se moveu a passar em Barbaria pelos respeitos acima ditos. E posto que para esta jornada fossem necessarios alguns pedidos, como foram aos homens de nação e a outros, nunca o negocio foi de maneira, que se não podesse tolerar; porque o Papa lhe concedeu a terça das igrejas em que el-rei se moderou, e a cruzada juntamente, e os homens da nação se concertaram sobre o Fisco, como agora fizeram com el-rei Philippe, nosso senhor mui licitamente, sem os espantos que d'isto faz frei Antonio, significando que foi contra uso, lei, e costume. E no mais houve tanta moderação, que soffreu el-rei ao conde de Tentugal, uma descarga mais de reprehensão que de desculpa, pedindo-lhe o mesmo senhor dinheiro emprestado por carta particular, e não foi lançado pedido aos nobres, e senhores de titulo de obrigação como diz frei Antonio; senão de rogo por cartas particulares admittindo mui facilmente qualquer escusa.

E na verdade se bem se notar o que havia mister tamanha empreza póde ser que ache que nunca rei algum fez semelhante negocio com tão pouca oppressão de seus vassallos. E no que diz Jeronymo Franqui ácerca de Deus castigar este reino, e este rei pelas muitas delicias e soberba em que os portuguezes então viviam, certo que me parece que com bem de arrogancia, ou por melhor dizer blasphemia quiz elle jul-

*

gar dos juizos divinos, como se foram cousas de que o homem podera dar testemunho (qual o soberbo Elisas Themanites nas miserias de Job) e mais quando n'este tempo viviam as gentes em Portugal com tanta moderação assim nos gastos, como nos costumes que as senhoras mui principaes, e a mesma rainha andavam em andilhas, e os senhores e principes não usavam coches com que hoje não podemos passar as ruas, nem havia telas, nem brocados, nem outras invenções para as mulheres, que tudo alagaram depois como diluvio na geral perdição. Pois no que toca a el-rei D. Sebastião, que n'este tempo estava na força de sua adolescencia, bem claro está como todo o mundo sabe, que era um principe em que nunca se conheceu, nem quasi suspeitou vicio algum, tanto que por sua pureza, não lhe podendo dizer outra cousa, se lhe argúia, ser algum tanto affeiçoado á montaria; cujo exercicio, além de ser mui proveitoso a qualquer principe, para se exercitar nas cousas da guerra (como de si confessa el-rei de Hespanha D. Affonso XI, um dos mais valerosos principes da Europa) nunca lhe tirou as horas de despacho e de governo. Pois vêde que taes costumes podiam ser os das gentes, que tal rei tinham, sendo juntamente de tanta virtude e zelo, os que então punham em ordem as cousas do governo, e na doutrina da sancta Madre Igreja, a conhecida pureza dos religiosos da companhia de Jesus: que só pretendiam exercital-o em bons costumes, e devida continencia, não no estrondo das armas para ser mais famoso, como diz frei Antonio, seguindo Franqui.

Fizeram guerra os filhos de Israel aos de Bemjamin, justa, e sancta por Deus ordenada, e foram porém vencidos. Pelejou o sancto rei Josias contra Necho, rei do Egypto, e foi no campo de Magedo desbaratado e morto, posto que contra um gentio fizesse a guerra. Foi vencedor Pompêo desde sua mocidade em todas quantas guerras fez como tyranno; e sem razão vencido em uma que sustentou com justa

causa; d'onde Catam confessa (posto que gentio) o grande segredo da Providencia Divina. Sancto era el-rei Luiz de França, sancta sua tenção, e mui catholica a gente que levava contra os inimigos da lei de Christo, e foi desbaratado, preso, e captivo. Que mais justa jornada houve no mundo, que a do imperador Conrrado com os mais principes na conquista da Terra Sancta, por conselho e persuasão do glorioso S. Bernardo (quasi divino mandamento) e foi com tanto numero de christãos desbaratado e perdido. E pondo alguns a culpa a este sancto da jornada, deu elle vista a um cego, em justificação de como o que prégara foi mandado por Deus. Pois agora em nossos tempos que guerra póde haver mais justa que a que fez contra os hereges Taboristas de Boemia, e vemos quanta gente catholica se perdeu em tantas jornadas, sem bastarem valerosos imperadores, commissarios do sancto Papa, nem sancta Cruzada. Por ultimo exemplo, que empreza podia haver mais necessaria a tantos damnos, como a christandade cada hora recebe, que a de Argel, onde o valeroso e catholico imperador Carlos v perdeu tanta gente, depois de ter quasi tomada esta faminta perpétua da liberdade christã. E agora ha tão poucos annos tantas armadas, como se assolaram d'estes reinos em tão justa guerra contra os Lutheranos.

Grande cegueira, certo fôra se o successo das cousas se houvera de attribuir ao merecimento das pessoas, pois pelo mesmo caso ficára o Grão-Turco que tanto manda, toma, e desbarata a respeito dos reis christãos, mais amado e favorecido de Deus, antes o contrario vemos que os mais queridos são mais castigados, como a cada passo acontecia aos mimosos filhos de Israel. Bem facil cousa é de entender quem considerar os termos d'esta perdição, como adiante se verá, que foi particular determinação divina, pois de quantas cousas para esta jornada foram feitas, bastava desordenar-se uma sómente para ella não ter effeito; mas tudo caiu tanto a ponto,

que parece que Deus com sua propria mão conduzia os portuguezes aos limitados termos de seu castigo, ou escondidos fins de seu alto juizo, que ninguem póde alcançar.

Deus em fim é Senhor que tudo, póde tirar ou conceder, pois antes de ser nosso já era primeiro seu; pelo que o mudar os imperios, e acabar os reinos é uma certa vontade de sua infinita sabedoria; do que muitas vezes nos parece castigo, o que por ventura nos resulta em proveito. E é tão antiga a opinião de que a vontade divina dispõem d'estas cousas, como ella sómente sabe; tão fóra de nosso fraco entendimento, que estando Pompêo muito desconsolado na ilha de Lesbos depois de vencido de Cesar, lhe disse o philosopho barbaro, que não tinha razão de estar d'aquella maneira, pois era sem duvida ir contra a vontade dos deuses, os quaes de tempos em tempos mudavam fatalmente as cousas; e que tambem os imperios, e monarchias tinham seus annos criticos, em que desfalleciam com tudo o mais: ás quaes palavras de modo cedeu Pompêo que ficou muito consolado, tendo por certo que era cousa ordenada pelo céo, e não defeito da sua pessoa, ou republica. Pois se isto entendiam os gentios, com quanta mais razão nós que temos lume de fé devemos cuidar que a mudança de nosso estado é particular vontade d'aquelle Senhor que sempre o melhor deixa escondido? Não nego eu que culpas de tão largos tempos podiam merecer maiores castigos, mas não certo d'aquelle a quem Franqui as attribue todas, querendo adivinhar a tenção Divina, e dar certo juizo aos incomprehensiveis juizos de Deus.

Estando pois o negocio nos termos que atraz dissemos, em que as cousas da guerra se vinham ajuntando com toda a brevidade, a qual nunca se cuidou que viesse a effeito, ou por ella desfallecer por si mesma, ou por particular mercê de Deus, não sendo juntamente nunca d'esse voto el-rei Philippe segundo, nosso senhor, que está em gloria, começaram os fidalgos, e senhores d'este reino a temer muito mais deveras

o perigo de tão inconsiderada empreza, e pediram a Christovão de Tavora quizesse dissuadir a el-rei d'ella, havendo que só a elle como a tamanho privado ouviria. Ao que Christovão de Tavora respondeu em sua justificação que nunca em acto, nem em palavra lisonjeara a el-rei n'este particular, nem lhe déra seu parecer, antes se mostrára sempre mui timido, fallando-lhe o mesmo senhor algumas vezes n'estas cousas, por lhe fazer mercê, que era o termo com que se lhe podia declarar sua tenção. Porém que tiral-o de tão arraigado prosupposto, não lhe parecia carga só de seus hombros, nem podia convencer a el-rei com razões, pois era mancebo sem experiencia na guerra, antes elles o podiam fazer, pois foram generaes, e cercaram, e foram cercados, além de sua auctoridade, e seus annos; e no que lhe tocasse de sua parte não perderia ponto, solicitando uma hora boa, em que sua alteza lhe fizesse mercê de o ouvir. O que se póde mui facilmente crêr, porque além de Christovão de Tavora ser um fidalgo muito honrado, em quem nunca a demasiada privança fez seu officio, ninguem interessava mais na vida, e quietação d'el-rei, e do reino. E tanto isto assim, que quando o mesmo senhor o mandou sobre estas materias a Castella, antes da ida de Guadalupe, alcançou elle licença para visitar o Cardeal D. Henrique, sob colôr de devida cortezia, pois havia passar por junto de Evora d'onde elle já estava mal contente, e desabrido; e lhe pediu quizesse tomar á sua conta dissuadir a el-rei d'esta jornada, aventurando-se á indignação em que pudera cahir se elle tal soubera. Mas como dizia vendo isto alguns fidalgos, como foram D. João Mascarenhas cuja auctoridade era grande nas armas, e Francisco de Sá, conde que depois foi de Mathosinhos, a quem el-rei tinha muito respeito por haver sido aio do principe seu pae, fallaram a el-rei de conformidade cada um em particular, e posso que lhe agradeceu muito seu bom zelo, não sómente os não quiz ouvir, mas ordenou que o não acompanhassem, deixando-os por

governadores em companhia de D. Jorge d'Almeida, arcebispo de Lisboa. E Pero Dalcaçova como pessoas de grande valor, zelo, e virtude e não malquistos, como diz frei Antonio, seguindo Franqui. Estes officios fizeram outros muitos fidalgos, e senhores aconselhando a el-rei pelo bem commum do reino, e com instancia D. Affonso de Castelbranco, depois bispo de Coimbra, e viso-rei d'este reino, sem ambição ou cobiça, como diz Franqui.

N'este tempo veio de captivo D. Antonio da Cunha, um fidalgo muito honrado e bom cavalleiro, o qual havia pelejado da parte do Xerife, contra Muley Moluco; e querendo el-rei informar-se d'elle de algumas cousas de Barbaria, como D. Antonio lhe dissesse a fórma em que os mouros pelejavam, e quanta gente havia de guerra fallando verdade puramente, como quem a dizia a seu rei e senhor em materia de tanta importancia. E no fim de toda esta informação quando elle cuidou que el-rei lh'o agradecesse muito, lhe disse, parece-me D. Antonio que vos parecem os mouros muitos; ao que elle respondeu: eu digo o que convem a vossa alteza, e quando me vir em seu serviço contra elles espero mostrar que fallei como verdadeiro, e não cobarde.

No mesmo tempo os vereadores d'esta cidade de Lisboa, e os homens do governo d'ella fallaram algumas vezes a el-rei, lembrando-lhe o que convinha a este reino, e outras cousas, bastantes cada uma d'ellas ao dissuadirem de seu intento; mas o valeroso rei que por natural ferocidade, ou para melhor dizer, permissão Divina, tinha assentado comsigo ser esta jornada justa, piedosa, e sancta, não dava ouvidos a cousa alguma, julgando-se pelo que só entendia, muito licitamente endurecido: sendo cousa que do principio de sua vida tanto tinha no desejo, e na lembrança que estando um dia no mosteiro de S. Roque (de bem pouca idade) depois de commungar recolhido em uma capella como costumava, foi visto diante de um crucifixo de joelhos, onde com muitas lagrimas,

e grande instancia (de modo que acudiu seu mestre cuidando ser outra cousa) estava pedindo a Deus, que assim como a tantos principes havia concedido victorias, imperios, monarchias, lhe concedesse a elle sómente ser seu capitão. E outra vez estando á profissão de uma freira no mosteiro da Madre de Deus, que se chama D. Maria de Menezes, como ella havia sido dama do Paço, lhe disse: senhor, hoje com razão é o dia em que o Divino Esposo parece que deve conceder mais facilmente o que sua esposa lhe pedir; por isso veja vossa alteza o que quer que de sua parte lhe peça. El-rei lhe respondeu que lh'o agradecia muito, e que lhe pedisse que o fizesse seu capitão; sendo de tão pouca idade que o tiveram todos a maravilha. Pois vejam agora os principes guerreiros os invenciveis capitães do mundo, que não tiveram por ventura desde seus verdes annos tão fundado proposito, e sancto zelo, nem com tão pouca ambição commetteram quiçá contra infieis de semelhante empreza que segredos são estes da Divina Sabedoria, que quanto a nosso entendimento mal se póde cuidar que faltasse Deus a tão sanctos desejos.

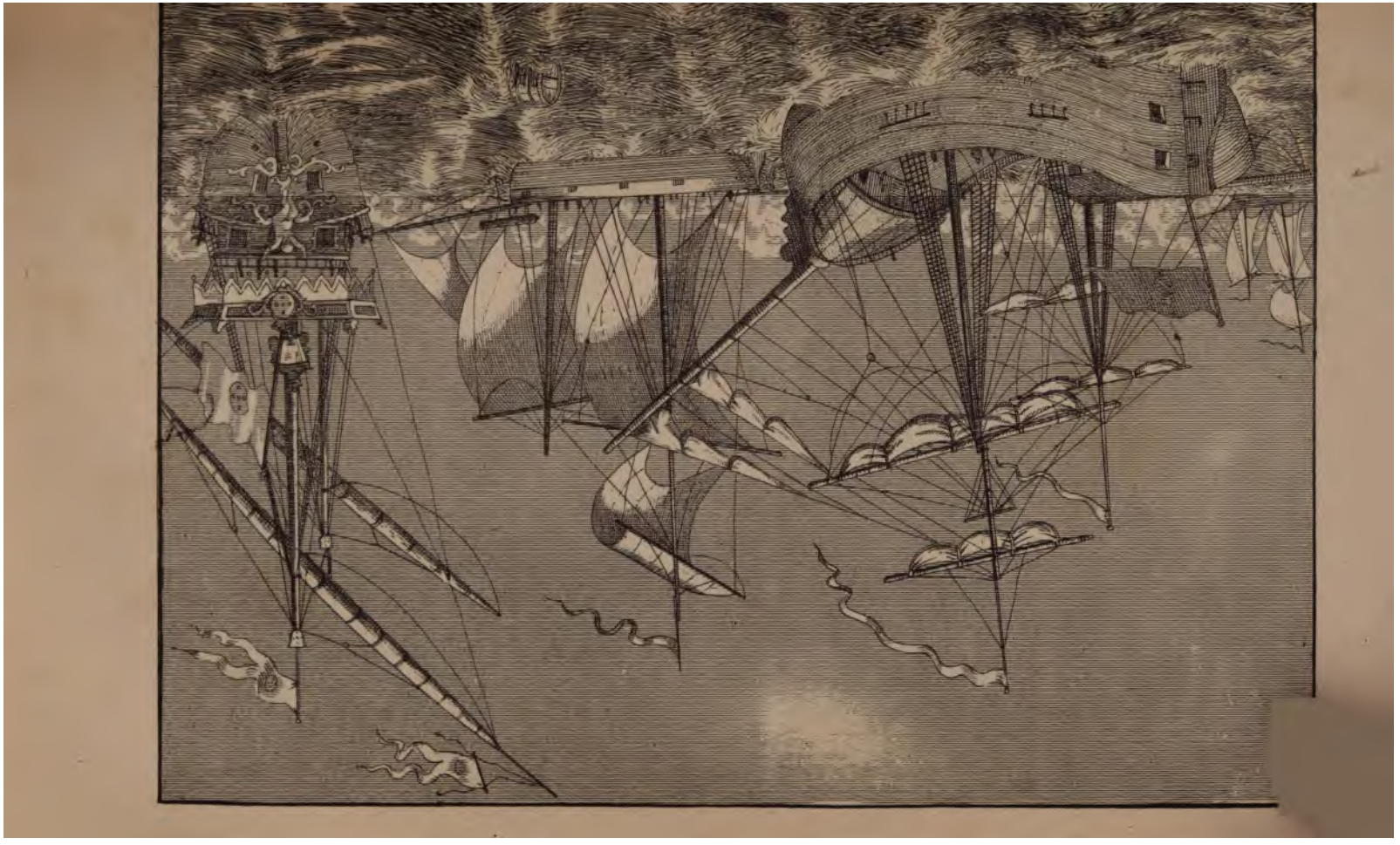
Determinado em fim el-rei de conseguir seu intento, mandou chamar os fidalgos a conselho, os quaes depois que entraram na casa para isso deputada, esperando que el-rei propuzesse as razões que tinha para fazer esta jornada, com determinação de lhe mudarem a vontade, ou ao menos acabarem com elle que não fosse em pessoa, el-rei chegou á porta sómente, e em logar de lhes propôr sua tenção, lhe fez uma larga practica, na qual lhes não pedia conselho, dizendo que só lhes dava conta para lhes declarar seu intento; e no fim d'isto sem guardar resposta se foi a outra casa deixando a todos com as palavras na bôca, e com assás magoa em seus corações. D'esta maneira aconteceu, e nunca el-rei pôz em conselho de estado sua determinação, como Franqui culpando a muitos senhores d'este reino, que por suas pertenções, ou ignorancia calavam a seu rei a verdade, acon-

selhando o contrario d'ella, sendo isto tão differente, que perguntando el-rei ao outro dia a D. Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, que no conselho se achou, que lhe parecera a practica, elle respondeu que bem parecia de sua alteza, posto que algum tanto dilatada nos argumentos, dando-lhe a entender, que era mais estudada para persuadir como pretendente, que dilatada para admittir conselho como senhor. D'esta maneira lhe fallavam todos, os que não queriam ouvir semelhantes respostas ás de D. Antonio da Cunha, ou succeder-lhe o que aconteceu a um fidalgo bem honrado e valeroso d'este reino, que na India acabou algumas emprezas das mais notaveis que lá houve, o qual como reprehendesse e aconselhasse a el-rei a primeira vez que passou em Africa, não lhe sendo agradavel foi d'elle tão mal recebido, que mandou publicamente (gualardão injusto!) consultar a medicos philosophos se podia um homem ter menos valor, e juizo com idade querendo attribuir a desatino seu honrado conselho, e fiel zelo. Porém a tudo isto se aventuraram todos, se com sua injuria ou damno se atalhára totalmente a mal fundada opinião. Como fizeram por suas cartas D. Duarte do Castelbranco depois conde do Sabugal, que n'este tempo estava por seu embaixador em Castella, e o conde de Tentugal depois marquez de Ferreira, e pessoalmente D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, mordomo-mór, senhor de muita auctoridade e virtude, mas nada aproveitou.

Estiveram estes fidalgos alguns dias entre esperança e temor, porque por uma parte cuidavam que sua magestade com sua auctoridade, e com parecer tambem do duque de Alba, tirariam a el-rei d'este pensamento, e por outra parte, todavia iam vendo o contrario, até que em fim se começaram a fazer prestes, com os mais do reino, offerecendo-se antes a todo o rigor da fortuna, que a qualquer descredito de sua obediencia, e lealdade, comprando armas e cavallos, e outras cousas necessarias á guerra, com muita despeza de sua fazenda,

para o que tomaram náos, caravelas, e outras embarcações necessarias, e capazes. E quanto ás galés escusadas que Franqui diz quando as cousas que convinham principalmente não faltavam, que muito era irem alguns mancebos lustrosamente ataviados, antes o aparato na guerra anima os soldados, e dá temor aos inimigos. N'esta jornada acompanhou a el-rei o Prior D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, posto que algum tanto desabrido por certas paixões que teve com Christovão de Tavora. O duque de Bragança D. João não pôde acompanhar a el-rei por estar n'este tempo muito enfermo, porém ordenou que o acompanhasse seu filho D. Theodosio, duque de Barcellos com muitos criados, vassallos, e fidalgos da mesma sorte. O duque de Aveiro acompanhou a el-rei, com muitos vassallos, criados e fidalgos e no que diz frei Antonio, seguindo Franqui, que os senhores de Portugal iam providos como a pessoa d'el-rei, é verdade, porque sempre em seu serviço, como leaes vassallos, gastavam liberalmente sua fazenda sem receberem soldo, nem vantagem, como se costuma n'outros reinos; porém no que diz que carregaram de sêda, e baixellas, e ouro, como quem ia para bodas, parece certo que foi mais imaginação da mercantil miseria genoveza, que outra cousa, porque ninguem levou mais que o que convinha além das armas, e outras cousas convenientes á guerra.

N'este tempo o cardeal D. Henrique, vendo que el-rei não queria tomar seus verdadeiros conselhos, ácerca da mal sustentada opinião, se foi para Evora bem desabridor, e mal contente, largando o cargo de Inquisidor mór, que el-rei deu a D. Manoel de Menezes, bispo de Coimbra.



CAPITULO III

COMO PARTIU A ARMADA, E DE ALGUMAS COUSAS QUE PASSARAM EM ARZILA

EPOIS que toda a gente de guerra foi junta, cujo numero não chegava a dezesete mil homens convem, a saber, nove mil portuguezes, que podia haver nos terços que os coroneis levantaram, tres mil tudescos, dos quaes era capitão Martin de Borgonha monsieur de Tanberg, dous mil castelhanos que governava D. Alonso d'Aguilar (posto que então não estivessem todos em Lisboa) seiscentos italianos a quem regia o marquez Tomaz Sternoile, mil e quinhentos ventureiros portuguezes, homens nobres, além dos mais fidalgos illustres, e senhores que foram na jornada, se partiu el-rei D. Sebastião da cidade de Lisboa, em vinte e quatro de junho de setenta e oito, com grande contentamento e alegria de todos, porque aquelles a quem se deixavam communicar os perigos, que podiam succeder, se confortavam nas esperanças de alguma boa occasião, e os outros nas aparencias do bem que promettia tão formoso ajuntamento, festejavam os alegres principios, sem haver alguem em toda a armada que mostrasse tristeza, ou melancolia com tristes agouros, como traslada frei Antonio de Jeronymo Franqui, affirmando que todos os portuguezes iam já entregues á morte, que não lhes dava menos d'antemão os medos, e temores, e fazendo grandes mysterios para prognosticar seus

males, de dar o esporão da galé real em uma náo flamenga, sendo pelo contrario maravilha não acontecer algum desastre no porto d'onde sahiam juntas mil embarcações, mas antes era tanta a festa, e harmonia das charamélas, pifanos, e tambores, e outros instrumentos bellicos, que parece certo (como foi verdade) que alli o contentamento se despedia de todos. O primeiro porto que el-rei tomou foi o de Lagos no Algarve com toda esta armada, aqui se deteve quatro dias, nos quaes se embarcou alguma gente do terço de Francisco de Tavora, que n'aquellas partes foi levantada, e partido d'alli em breve tempo, chegou a Calis, para esperar alguma gente que se vinha juntando, castelhanos principalmente, onde esteve oito dias, e lhe fez muitas festas o duque de Medina Sidonia, para o que menos tempo bastava, e tambem para o mais.

N'esta conjuncção procurou Muley Moluco por suas intelligencias, dissuadir a el-rei D. Sebastião da empreza, como havia feito d'antes, por via de André Gaspar Corço, lembrando-lhe sua justiça, a inconstancia de Muley Mahomed, os damnos que d'elle havia recebido, e juntamente promettendo-lhe algumas cousas, ao que el-rei por nenhum caso respondeu nunca, e d'isto se queixava grandemente Muley Moluco, como depois se soube em Fez de Reduão, seu grande privado.

Nem era possivel, nem justo que el-rei lhe respondesse, porque por uma parte no que tocava á justiça de Muley Moluco, nenhuma tinha, quando os Xerifes fizeram o concerto, que os filhos herdassem, e não os netos, nem quando foram catholicos podia militar isto, por ser em prejuizo do neto successor, pois concertar-se com elle menos era cousa licita, pois tomou debaixo de sua protecção o Xerife, com as condições entre ambos ordenadas, e quando as não houvera, bastára sómente sua segurança para não fazer outra cousa, e sem embargo d'esta verdade que todo o mundo viu, além de que por clara consequencia se deixa isto entender, muito facilmente ousa Jeronymo

Franqui dizer de um rei tão verdadeiro e justo, que deu por resposta a estas cousas, ou mandou dar a Muley Moluco, que elle havia feito muito gasto, e conduzido muitos estrangeiros, pelo que não podia faltar á empreza, se lhe não désse Tutuão, Larache, e o cabo de Gué, e que Muley Moluco vendo isto lhe respondeu, que era aquillo partido para se pôr em practica, quando el-rei o tivéra cercado em Marrocos, e lhe entregára seu inimigo Muley Mahomed.

Por certo que parece esta uma cousa, não sómente indigna de algum credito, mas digna de uma grande reprehensão, pois bem claro está, que se el-rei D. Sebastião mandára dizer isto a Muley Moluco, que concedendo-lhe os logares sobreditos queria desistir da empreza, faltando com a fé ao Xerife, e pondo em preço a quem lhe mais désse sua verdade, nem foi certo como este auctor, e frei Antonio que o traslada affirmam isto, pois ambos confessam, que el-rei Philippe, nosso senhor, que está em gloria, não pôde nunca acabar com el-rei acordo algum com Muley Moluço.

Depois que el-rei D. Sebastião, como atraz dizia, se deteve em Calis oito dias, chegou com toda a armada defronte de Tanger, onde desembarcou com quatro galés sómente, para dar ordem a algumas cousas necessarias, mandando a D. Diogo de Sousa, que o esperasse em Arzila com a mais frota, aqui se deteve pouco, e ordenou Muleixeque filho do Xerife, fosse correndo a costa até Masagão, para dar calor aos que quizessem tomar seu bando com Martim Corrêa da Silva, por capitão dos portuguezes que o acompanhavam, e depois veio a Arzila nas galés, e o Xerife por terra com alguns mouros de pé e de cavallo. Logo el-rei mandou desembarcar a gente em terra, e foi alojado o campo junto dos muros da villa, e alguma parte dentro n'ella.

Pareceu-me razão tractar aqui primeiro um pouco do sitio, e desposição do logar de Larache, onde el-rei levava posto á mira, antes que tractemos da eleição que se fez do caminho,

para que mais facilmente se entendam as difficuldades, e inconvenientes, que se offereceram.

Larache é um porto de mar, que tem uma pequena povoação, está situado em trinta e quatro grãos d'altura da nossa parte do norte, na costa da Barbaria, quinze legoas do estreito de Gibraltar, pouco mais ou menos, correndo a sudoéste no mar Oceano, e quatro abaixo de Arzila, as quaes são de deserto habitadas de animaes mui féros. É o porto capaz de muitas galés, e de navios de alto bordo até duzentas toneladas, por ser fundo o rio, posto que não muito largo. A sua barra não é muito facil de entrar: tem uma fortaleza pouca forte na entrada d'ella; sobre um banco d'areia da outra parte do rio, a respeito de quem vae de Arzila, abaixo logo tem uma enseada pequena, a que chamam Castil de Genovezes.

Este é o mais principal porto de toda a Barbaria, por respeito de estar tão perto de Hespanha, e ser o melhor de todo o mar Oceano, e de maior concurso de mercancias de todas as partes, principalmente dos inimigos da Igreja Catholica, que levam por aqui muitas armas aos mouros, e outras semelhantes cousas, em grande perda e damno da christandade. O seu rio se chama Lucus; e Ptolomeu o nomea Liso, nasce na provincia de Elebat segundo Abraham Ortelio, quarenta legoas pouco mais ou menos de sua foz; passa por muitos logares, principalmente por Alcacer Quibir; que de Larache estara tres legoas, e de Arzila sete. Tem um campo que se chama Uderaca, que quer dizer a adargua, o qual vulgarmente se diz campo de Alcacer, por começar, junto a esta villa, onde foi a batalha, como adiante se verá, é grande, e muito chão, pelo qual se vem mettendo uma pequena ribeira da parte do norte no rio Lucus, cujo nome é Vet Macasin. O que basta por ora para nosso intento, e se houver alguem, que mais particularmente o queira saber, leia a discripção de Africa.

Tanto que el-rei desembarcou em Arzila como atraz dis-

semos, chamou os fidalgos a conselho, e propondo-se n'elle qual caminho seria melhor a Larache, uns diziam, que o mais seguro e breve era ir por mar na armada, e desembarcar em terra, porque se não esperava muita resistencia da parte dos mouros. Outros que marchasse o campo por terra ao longo do mar aquellas quatro legoas, que ha de Arzila a Larache, levando as carretas e carros por trincheiras da parte da terra, e a armada á vista pelo mar, e tanto que o exercito chegasse poderia passar a gente nos bateis das náos á outra banda do rio, d'onde a fortaleza está situada. Outros diziam que marchasse el-rei por terra até poder passar o rio Lucus com todo o exercito facilmente no campo de Alcacer, onde o vão dá logar a isso, tomando a mesma villa de caminho, na qual podia deixar o Xerife, e bater depois a fortaleza de Larache com as costas mais seguras.

Os inconvenientes que se allegavam eram primeiramente contra o parecer de ir el-rei desembarcar em terra, estar a fortaleza de Larache situada sobre o banco d'areia á entrada da barra, de maneira, que nem uma ave podia entrar por ella, sem risco muito grande dos baixos, e da artilheria, e que desembarcar no rolo do mar na costa brava, quando o tempo o consentisse, tambem era notavel perigo pela facilidade com que os mouros com trincheiras na praia se podiam defender da gente que havia de sahir com tanto trabalho com a agua pelos peitos, a risco de poder vir uma tormenta, e ser forçado levantar-se a armada, e deixar metade da gente em terra. E quando desembarcasse toda, como na costa brava se podia tirar artilheria, e mantimentos, porque posto que abaixo de Larache um pouco, havia uma pequena enseada, onde está uma casa a modo de forte, que se chama Castil de Genovezes, era cousa muito pequena, além de estar (como era notorio) tambem trincheirada e fortalecida com a gente que Muley Amet, irmão de Muley Moluco alli tinha, que ficava o sitio inexpugnavel.

No segundo parecer de marchar o exercito por terra ao longo do mar, tambem diziam de que modo se havia de passar o rio, pois forçadamente os bateis da armada, barcas, ou galés, que para isso eram necessarias, haviam de entrar pela barra dentro, onde como está dicto, a fortaleza com toda a artilheria, e mosquetes juntamente, havia de defender a entrada de maneira, que mettendo tudo no fundo, ninguem ousasse acommettel-a, e nenhum outro remedio havia, além de serem as quatro legoas de Arzila a Larache de mui ásperas montanhas.

No terceiro parecer de marchar o campo por terra, diziam que corriam muito risco por falta dos mantimentos, e dos assaltos que os mouros podiam dar de noite e de dia; além de tudo isto que se offerecia el-rei a dar uma batalha, em que não sómente aventurava a honra e reputação d'este reino, toda a nobreza, valor, e substancia d'elle, mas sua vida e pessoa, em que consistia a perpétua consolação e remedio de todos.

D'esta maneira se tractou o negocio, e posto que houve muitos fidalgos de contrario parecer no caminho que se seguiu, todavia permaneceu a opinião d'el-rei, como tão propria a seus desejos, e mandou que o campo marchasse por terra, a buscar o váo do rio Lucus de Larache, para vir sitiar a fortaleza que da outra banda estava. O que realmente, bem considerados os inconvenientes que nos outros pareceres havia, não era mal acertado conselho, se a brevidade e diligencia seguira a resolução, pois não havia n'este tempo em todo o campo quem podesse resistir, nem tão sómente ousasse olhar para o d'el-rei, por ser muito pouca a gente que Muley Amet, irmão de Muley Moluco, pôde ajuntar, depois de fortalecer Larache, como capitão que era d'aquellas partes. Tanto que veio de Alcacer um judeu, que se chamava Gibre, pedir a el-rei salvo conducto para os seus, que na villa estavam como cousa desamparada, em que não havia nenhum modo de resistencia, como confessa frei Antonio, e n'este tempo estava

ainda Muley Moluco em Marrocos, que são d'ahi mais de cem legoas, e podera muito facilmente el-rei partindo logo tomar Alcacer, e deixar n'elle o Xerife com os seus mouros, e alguma gente de guarnição, e descer a Larache ao longo rio, que está d'ahi tres legoas, e fazendo-se senhor da enseada de Castil de Genovezes, desembarcar muito facilmente os mantimentos, e munições necessarias, sitiando a fortaleza, que muito brevemente podéra tomar, trincheirando-se da banda da terra, mas a tardança de Calis, e de Tanger, e ultimamente dezoito dias que el-rei esteve em Arzila, sem haver para que, foi totalmente a causa da perdição d'el-rei, e de seu campo. Porque n'este tempo teve logar Muley Moluco, para chegar a Alcacer, com as gentes que tinha convocadas de Sus, Trudante, Tedula, Fez, e Miquines. O que certo, se el-rei fôra experimentado como valeroso, podera muito bem prevenir, lembrando-lhe a presteza de Cesar, e dos mais que no mundo alcançaram só com ella tantas victorias.

D'este modo aconteceu como havemos dicto, e não houve algum fidalgo que aconselhasse a el-rei, senão aquillo que lhe convinha, porque se alguns foram de voto que se marchasse por terra, não era com pequeno fundamento, havendo a diligencia necessaria, que era bem que houvesse, como todos cuidaram e assim davam seu parecer sem malicia alguma, como realmente parece. Nem sei, como diz Franqui, e frei Antonio que o segue, que D. Affonso de Portugal, conde de Vimioso, como sagaz e astuto, por se vingar de Pero Dalcaçova, aconselhára a el-rei que fosse por terra, porque faltando no campo os mantimentos, lhe puzesse el-rei a culpa. Por certo que cousas são estas que se não podem crer, não digo eu de semelhante senhor tão honrado, e tão valeroso, mas de nenhum homem que fosse christão, nem d'outro, ainda que o não fosse, pois bem claro está que os perigosos e temerarios conselhos que Franqui diz, tambem elle os ficava tomando para si, pois foi no mesmo campo, e morreu na ba-

talha, levando comsigo tres filhos. Mas tornando á nossa relação, depois do campo alojado, como está dicto, que muito devagar desembarcou em terra, não sem grande murmuração de alguns ministros, a quem tocava esta diligencia, d'ahi a seis ou sete dias pareceu bem a el-rei, mandar dar um rebate falso, para vêr como a gente se havia n'elle, e sendo dez ou doze horas da noite, dispararam as bombardas, e começou a ouvir-se em todo o campo, arma, arma, ao que acudiram todos de maneira, que no principio houve grande confusão. Porém o melhor que foi possivel, e mui depressa, acudiram os terços ao alto das tranqueiras, e os fidalgos se pozeram a cavallo, mas na praia, junto ás portas de Arzila, houve demasiada grita e confusão, porque os que estavam dentro na villa, sahiam de rondão ao campo, e outros acudiam dentro a suas obrigações, e juntamente alguns homens do mar, de muitos que na terra havia, se lançavam com muita furia aos bateis para acudirem a suas náos, ou a seu remedio, como homens desarmados, e que não tinham mais obrigação que a de seus navios.

El-rei n'este tempo estava dentro na villa, e sahindo ao campo acudiram a elle tantas gentes, que se viu muito empachado, e começou a dizer ao alto, e devagar; d'esta maneira se foi tudo pondo em ordem, e o campo esteve todo a ponto até pela manhã, que se soube, pelo que se viu, que o rebate fôra falso, da breve confusão do qual Jeronymo Franqui parece que tomou occasião para dizer, que com os primeiros rebates que houve, quando os mouros do Xerife, que iam com el-rei D. Sebastião, sahiram ao encontro dos de Muley Moluco, foi tamanho o medo dos portuguezes, que muitos a quem se tolheu a embarcação se acolhiam para Tanger. Sendo assim, que quando os mouros do Xerife sahiram a escaramuça, com os de Muley Moluco, além de ser de dia não pelejaram em parte onde homem de quantos estavam no arraial visse tal peleja, nem mouro contrario algum, por esta-

rem muito longe: de modo, que não podia haver razão de medo, nem de vista, nem de ouvida, nem ainda de suspeita, e assim esteve todo o campo muito quieto sempre, sem se mover pessoa alguma. E quando acontecêra, que o temor dos inimigos obrigára a algum coitado a querer fugir do campo, não lhe era mais facil metter-se em Arzila, d'onde tinha as costas, e as portas abertas, que acolher-se a Tanger d'ahi sete legoas, fugindo dos mouros para os mesmos mouros, que no caminho diz que encontravam, e os captivavam? Ora veja agora quem isto lê, se o não viu por seus olhos, se lhe acha algum fundamento, e por aqui póde julgar quão erradas informações houve n'isto.

Passados alguns dias, houve um rebate no campo, e appareceram ao longe muitos mouros, a quem el-rei quiz sahir em pessoa, levando na vanguarda D. Duarte de Menezes, mestre de campo general, com quinhentas lanças, onde iam os principaes senhores de Portugal, e o duque de Barcellos junto a el-rei, armado de armas brancas, d'onde fez maravilhas em tão pequena idade, mas não é maravilha, que na virtude de seus ascendentes, tão manifesta em Africa, suppria o valor a seus annos: passou el-rei pois muito adiante, e foi o negocio de maneira, que foram mais de tres legoas atraz dos mouros, que se iam retirando: no qual tempo se moveu o esquadrão dos aventureiros (onde eu ia) pouco menos de uma legoa, a dar calor á gente de cavallo, e el-rei se tornou muito satisfeito de como se houveram na briga, matando alguns mouros, e o duque, tanto que elle chegou a Arzila, o foi visitar á sua tenda, com um estoque nas mãos, o que sabendo el-rei, o saíu á porta a receber, e gabando publicamente seu animo, e sua diligencia, lhe deu muitos abraços. Passado este rebate (cujo commettimento com tamanha desordem foi com razão attribuido a el-rei a temeridade, pelo perigo que podéra haver, havendo silada como cada hora acontece) os fidalgos o sentiram de maneira, que sem nenhum

temor ou fingimento se foram a elle, fazendo-lhe algumas lembranças, mais de reprehensão, que de conselho; pelo que parece que não foi bem informado Franqui, pois diz que mais amigos de adulação que de verdade, queriam antes aconselhal-o mal, por lhe serem apraziveis, bem temendo sua desgraça. Antes o sentiram tanto, que entre algumas practicas que sobre estas e outras cousas tiveram por algumas vezes, estiveram determinados a persuadir a el-rei totalmente que não entrasse pela terra dentro, com bem honrado, licito, e fiel atrevimento. E não faltou algum entre elles, que se offereceu a ser o primeiro que se lançasse a seus pés, se todos n'isso firmamente concordassem, mas, emfim, póde mais o temor de qualquer mancha, na obediencia dos portuguezes, que o da certa morte, que quasi diante de seus olhos viam. D'este logar escreveu Christovão de Tavora uma carta ao secretario Miguel de Moura, que depois foi escrivão da puridade, e um dos governadores d'este reino (a qual eu vi sendo elle fallecido) e entre outras cousas de muita mágoa e sentimento, ácerca da porfiada tenção d'el-rei, lhe dizia, que os encommendasse a Deus, que estavam no mais infeliz estado da vida, não querendo elle admittir algum conselho.

E foi tanto assim que nenhum fidalgo deixou de dizer a el-rei o que importava, quando se offerecia, que mandando el-rei D. Henrique tirar devassa, depois n'este reino, de Luiz da Silva, de quem elle cuidava, que como seu privado lhe fallaria á vontade, por não perder o logar que tinha: Luiz da Silva se justificou de maneira, que por testemunhas muito graves provou o contrario, e que n'este mesmo logar de Arzila, depois que com muita humildade confessára a el-rei as mercês que d'elle tinha recebido, lhe disséra que não fosse pela terra dentro, porque totalmente em semelhante conjuncção se ia a perder, com outras cousas mais tocantes a este negocio, bem dignas de indignação, conforme seu humor. No fim das quaes lhe respondeu el-

rei com muita paixão, muito asperamente, pelo que se póde bem julgar como lhe fallariam os mais fidalgos, que tão pouco perdiam em perder a graça que com elle não tinham.

E assim Martim Gonçalves da Camara, escrivão da puridade, que foi d'el-rei D. Sebastião, e presidente do desembargo do Paço, que lhe era muito acceito, e de que tinha grande confiança, se houve tambem nos negocios publicos do reino com muita liberdade e zelo do bem commum, não se persuadindo da muita vontade e gosto que el-rei mostrava d'esta jornada, e quando a fez a primeira vez, posto que declarou que ia visitar Tanger, e Ceuta, como fazia a quaesquer outros logares de seus reinos, e que havia de tornar, como tornou, todavia Martim Gonçalves não foi de tal parecer, antes em elle partindo se apartou logo de seu serviço, e se escusou de continuar n'elle, posto que o infante cardeal, que ficou então governando, lh'o pediu por muitas vezes, e agora n'esta ultima jornada havia annos que elle estava já de todo fóra de seu serviço:

Da mesma sorte fizeram tambem o seu officio o padre Luiz Gonçalves da Camara, e os mais da companhia, que como está dicto concorreram sempre com el-rei, instruindo-o em boa e sã doutrina, e bons costumes, e na imitação dos antigos de Portugal, como se vê pela carta que escreveu a seus povos, quando começou a governar, cujo traslado me pareceu bem pôr aqui, assim para que se veja o muito amor que lhes tinha, como o bom zelo de seus principios:

CARTA D'EL-REI D. SEBASTIÃO A SEUS POVOS

Juiz, vereadores, e procurador (de tal logar, etc.) Eu el-rei vos envio muito saudar, etc. Quanto mais conhecimento vou tendo das cousas do governo de meus reinos, tanto me parece mais necessario para elles (além da ajuda e favor

que para isso devo pedir a Nosso Senhor) fazer muita conta das lembranças e avisos de meus povos e vassallos, pelo que vos encommendo muito me aviseis particularmente de tudo o que vos parecer necessario, para bem de meus reinos, assim para conservação e augmento do culto Divino, que é a primeira e principal obrigação dos reis catholicos, e de que os reis passados meus avós tiveram tanto cuidado, os quaes eu muito desejo imitar e seguir, como tambem, para que seja guardada inteiramente a justiça ás partes, e se lhe não faça por meus officiaes, nem por outra pessoa de qualquer qualidade que seja, aggravo, nem vexação alguma, principalmente ao povo miudo, e gente pobre de que eu determino ter especial cuidado, e porque além da obrigação que tenho de prover nas cousas da religião christã, e da justiça, desejo tambem pôr em ordem a reformação dos costumes, e de restituir os antigos, a que sou muito affeiçoado, vos encommendo muito me escreveis os meios que vos parecerem necessarios para isto haver effeito, ainda que em alguma maneira pareçam contrarios ao tractamento costumado de minha pessoa e casa, e a meu particular gosto, porque o mór que eu tenho, é prover nas necessidades de meu reino, e vassallos, e de os ter taes quaes são e foram sempre os portuguezes. Antonio Carvalho a fez em Almeirim, a treze de fevereiro de 1569. Duarte Dias a fiz escrever.

REI.

Este era o fructo que resultava dos bons conselhos, e sã doutrina dos religiosos da companhia, e porque el-rei D. Sebastião era naturalmente inclinado a cousas de guerra, especialmente ás de Africa, vendo os padres os grandes inconvenientes que d'aqui se podiam seguir (se não usasse d'esta inclinação com a temperança e prudencia devida) lhe foram sempre lembrando o que convinha, como aconteceu, que estando el-rei um dia na lição muito imaginativo, di-

zendo que estava cuidando em tomar Africa, como fosse de idade conveniente (e tinha para isso exemplo do imperador Carlos v, seu avô, cuja vida trazia sempre comsigo) lhe respondeu o padre Luiz Gonçalves: Senhor, porque vejo que vossa alteza falla de ciso, lhe fallarei tambem de ciso: não póde el-rei de Portugal passar em Africa sem tres cousas: a primeira sem deixar no reino quatro ou cinco filhos machos: a segunda que arrisque seu reino não indo em pessoa: a terceira que ha de ter tanto dinheiro, gente e apercebimentos, que o possa fazer com segurança; com a qual resposta el-rei ficou muito triste e melancolico, por ser tanto contra seu desejo, e presupposto; e assim, o padre Luiz Gonçalves, seu mestre, antes de elle passar em Africa a primeira vez, se ia já retirando do Paço, e de todo se foi antes que el-rei partisse, e lhe fez uma practica muito comprida, lembrando-lhe os grandes inconvenientes de sua ida; e agora n'esta segunda e ultima jornada, já de todo o padre Luiz Gonçalves era afastado do Paço, havia alguns annos, e falleceu antes que el-rei passasse, o que soubemos por pessoas de muita auctoridade, que foram presentes, e tinham razão de o saber; e não foi isto só o que o padre Luiz Gonçalves da Camara n'esta materia tinha feito, senão que vendo já de antes, que com a tardança de seu casamento se arriscava a successão de seus reinos, começou logo a tractar d'elle sendo moço, e ante tempo lembrando-o e persuadindo-o á rainha sua avó, e ao cardeal infante seu tio, e ao mesmo rei por muitas vezes e em diversos tempos, apontando primeiramente na senhora infanta D. Isabel Clara, filha d'el-rei Philippe segundo de Castella nosso senhor, que está em gloria, e não havendo isto effeito, lembrou Margarita, filha d'el-rei de França; que foi casamento sobre o qual depois o Papa Pio v escreveu a el-rei D. Sebastião, pelo cardeal Alexandrino, seu sobrinho, que a isso enviou, e lhe foi respondido que era d'isso contente, nem que-

ria outro dote mais que entrar el-rei de França na liga, de que se então tractava (que este foi sempre seu zelo); mas, ou porque morreu o Papa antes do cardeal chegar a Roma com esta resposta, ou por outros respeitos, não houve effeito este casamento, e morrendo pouco depois el-rei Carlos IX de França, lembrou tambem a rainha sua mulher, filha do imperador Maximiliano, que ficava viuva e muito moça. Assim pois fallavam a el-rei D. Sebastião estes religiosos, e n'esta conformidade outros muitos, porém como se havia de cumprir o que Deus tinha ordenado, nem estas cousas vieram a effeito, nem por outra via el-rei se desceu de sua opinião.

CAPITULO IV

D'ALGUMAS COUSAS QUE PASSARAM EM ARZILA E COMO MARCHOU O CAMPO

N'ESTE tempo, vendo o Xerife a deliberação d'el-rei em marchar por terra, muito quizera dissuadil-o, como quem sabia o gran poder dos mouros em campanha, dizendo juntamente que não convinha a sua alteza mostrar-se tão zeloso da guerra, nem manifestar todo seu poder, por não virem a suspeitar os mouros, que a jornada era mais conquista que soccorro, e para se passarem a elle, bastava sómente o desembarcar em terra, sem mostrar por nenhum modo querer marchar por ella dentro. Isto dizia o Xerife, julgando quiçá por seu coração que podia acontecer, vencendo el-rei, fazer-se senhor de tudo, ao que el-rei não respondeu cousa alguma, ou por entender muito bem o temor cauteloso do Xerife, ou porque totalmente seu desejo era vencer antes com perigo, fazendo a guerra descobertamente, que sustentar-se com esperanças de soccorro, a seu parecer vergonhosas, perdendo o tempo e reputação. De que lhe não dava pequeno indicio não ver passar algum mouro ao Xerife, depois que desembarcára em Arzila, de quantos elle havia promettido. O qual vendo a resolução d'el-rei, e como lhe não deferia a cousa alguma, attribuindo mais a desprezo o pouco caso que el-rei fazia de seus conselhos, que a melhor fundamento de

sua parte, ficou tão enfadado, e aborrecido, que foi visto sahir com as lagrimas nos olhos diante do mesmo senhor. D'onde nunca mais d'elle se suspeitou bom animo, que não era pouco para temer, quando havendo da parte d'el-rei algum bom successo, se visse elle com poder, não sómente para não entregar o promettido, mas para se vingar com damno dos portuguezes.

N'este logar adoeceram muitas pessoas, e alguns homens nobres e fidalgos deixaram por esse respeito de ir no campo. Aqui falleceu Antonio Velles da Silveira, uchão d'el-rei, cuja morte elle sentiu muito, por lhe ser affeiçoado por suas partes e qualidade.

Passados emfim dezoito dias, que como está dicto foi a total ruina de todos, el-rei mandou marchar o campo na melhor ordem que lhe foi possivel, onde o duque de Barcellos seguia o seu guião real, mas el-rei lhe mandou que se recolhesse no seu coche, e posto que elle o recusou muitas vezes, dizendo que não havia de ir no coche, nem soffrer que sua alteza pelejasse sem elle o acompanhar, todavia el-rei o obrigou: promettendo-lhe que no dia da batalha lh'o concederia.

N'este tempo Muley Moluco, que de Marrocos havia partido para Alcacer, mandando primeiro a gente dos reinos que havemos dicto, chegou a um logar que está no caminho, o qual se chama Tremesenal, onde lhe foi dado peçonha, segundo fama, pelo alcaide de. Guali; que pretendia fazer-se rei, e posto que se descobriu, ou suspeitou a traição, e foram castigados alguns alcaides, todavia o do Guali ficou sem castigo, ou por não ser de todo descoberta sua maldade, ou por não se aterver Muley Moluco com elle em tal tempo, porque tinha o mais dos soldados e alcaides de sua parte.

Logo Muley Moluco se começou a achar mal. Em este logar aconteceu uma cousa de grande maravilha, a qual pa-

rece que foi notavel prognostico da morte d'este principe. E foi que sendo meia noite, estando ella muito serena e quieta, subitamente se levantou um rumor, e estrondo tamanho que se não ouvia ninguem no campo, e visivelmente pareciam de redor d'elle esquadrões de gente armada, e soavam tambores, e grande grita, de modo que todo o campo se pôz em armas, com bem de temor e sobresalto, e se lhe acolheram muitos mouros, tendo por certo serem salteados dos christãos, e passado um grande espaço, tanto que se acabou este torvelinho, ficou a noite outra vez muito serena, sem se ver pessoa alguma de guerra, ou signal d'isso. Passado pois este sobresalto, caminhando Muley Moluco, como atraz dizia, chegou junto de Alcacer-Quibir. Partiu-se o nosso campo como fica dicto a vinte e nove de julho, e a primeira jornada assentou duas legoas de Arzila, pouco mais ou menos, levando o caminho direito de Alcacer-Quibir. Aqui chegou o capitão Francisco de Aldana, a quem sua magestade havia dado licença, o qual trouxe por seu mandado um elmo a el-rei D. Sebastião, que fôra do imperador Carlos v, com uma carta do duque de Alba, na qual lhe louvava muito o querer sómente tomar Larache, em entrar pela terra dentro, com outros fundamentos, a qual parece devia ser resposta em confirmação do que el-rei lhe havia escripto sobre esta mesma materia.

Tanto que chegou este capitão, tomou logo conhecimento de algumas cousas, como muito practico soldado que era, e por sua ordem se faziam os alojamentos, e dos capitães João de Gama, e Alexandre, sendo engenheiros Philippe Tercio, e frei Estevão, religioso do Carmo, que muito valeroso soldado havia sido. Levava o campo dos portuguezes vinte e quatro peças de artilheria, entre pequenas e grandes, e caminhando emfim com muita ordem, d'esta maneira chegou ao quinto alojamento, sem haver no caminho cousa de que se possa fazer menção; porque o mais que houve foram al-

guns rebates, que davam alguns mouros que vinham na retaguarda, a ver se achavam alguma cousa desencaminhada. Aqui se alojou o exercito em um logar alto ao longo de uma pequena lagôa, onde na tarde d'este mesmo dia appareceu no campo de Alcacer alguma gente de Muley Moluco, junto á ponte do ribeiro Mocasin, pela apparencia da qual se entendeu claramente estar visinho o inimigo. Muley Moluco n'este tempo acabou de entender o caminho que el-rei levava, e se veio chegando a Alcacer, e d'ahi ao campo, junto ao váo do rio Lucus, que os portuguezes iam buscar, para seguir a outra banda o caminho a Larache.

N'este ultimo alojamento, vendo el-rei o inimigo diante, e que por força para seguir seu caminho havia de passar o mesmo rio, por parte que se havia de encontrar com elle, teve conselho do que devia seguir, e mandando alguns cavalleiros tentar o váo do rio mais abaixo, d'onde passando o campo podesse escusar vir ás mãos com o inimigo, teve certo aviso de como era mui alto, e não podia passar sem perder a artilheria; vendo pois el-rei este inconveniente, e como passando-se o váo podiam os mouros dar na retaguarda, e desordenar tudo, se concluiu que o váo se buscasse ao outro dia, mais acima d'onde passasse o exercito sem ser necessario perder a artilheria ou reputação e se désse a batalha, querendo o inimigo estorvar a passagem com muito applauso e alvoroço de todos, e não como homens que iam acabando as vidas, como diz frei Antonio. Na tarde d'este mesmo dia appareceram muitos mouros, que segundo se entendeu vinham reconhecer o campo, e el-rei mandou ao duque de Aveiro que com trezentos de cavallo os reconhecesse, dando-lhe o seu mesmo guião, favor que o duque conheceu de maneira, que apeando-se em um momento lhe foi beijar o estribo, e pelo contrario o prior D. Antonio, filho do infante D. Luiz, sentio estranhamente ser preferido em tal empreza, principalmente pela honra do guião real. Partiu-se o duque com

a gente que el-rei mesmo lhe esteve ordenando, por quererem todos ser primeiros, e como fosse já perto da noite, depois de se alongar algum tanto do campo, mandou el-rei que se recolhesse, e o duque se tornou, dando noticia da gente que era.

Logo pela manhã foi divulgada a nova da batalha, e se começaram todos a fazer prestes. N'este mesmo dia Muley Moluco, como capitão sagaz e experimentado, fingiu uma carta d'el-rei D. Sebastião, mostrando-a aos elches, na qual lhe dizia, entre outras muitas cousas, que todas inventou para sua justificação, que elle não desejava tanto vencer os mouros por sua particular honra, e interesse, quanto por queimar vivos todos os renegados da Barbaria, o que foi bastante para de tanto numero de gente d'esta maneira, não se passarem a el-rei mais que dous homens, que foram os alcaides Mami e Raposo.

Era todo o exercito de Muley Moluco formado de varias gentes, porque havia n'elle andaluzes, ou granadinos, que são os mouros que de Granada se passaram a Barbaria, ou seus descendentes, e turcos d'aquelles que ajudaram a ganhar o reino, renegados de todas as nações, azuágos, mouros que descendem de christãos, como adiante se dirá, e mouros naturaes. Todas estas gentes vinham muito bem apercebidas, e no campo havia mais de quarenta peças de artilheria. Era capitão da gente de cavallo (principalmente da que tinha á sua conta) Muley Amet, irmão de Muley Moluco, e capitão dos escopeteiros de cavallo Amet Lataba, e dos elches Uchali Aragoces, do Guali dos andaluzes, e capitão da guarda, Ali Muça: estes eram os principaes; haveria no campo mais de oitenta mil homens de cavallo, e de pé mais de quarenta, segundo os mesmos mouros dizem, porque os portuguezes não poderam saber mais, que ver um campo de cinco ou seis legoas tão occupado com seus inimigos, que apenas se enxergava logar despovoado, e n'esta materia é muito de notar

Jeronymo Franqui, porque querendo desacreditar os portuguezes com o pouco numero dos mouros, todavia vem a confessar que seriam sómente de cavallo quarenta mil, além dos aventureiros, e alarves, e quando falla na gente de cavallo de Portugal, diz que seriam mil e quinhentos, como se contra numero tão pequeno valessem menos quarenta mil que elle confessa, afóra os mais oitenta mil que os mouros dizem, e tambem frei Antonio chama ao exercito de Portugal famoso, quando diz que o desbarataram, e que occupava mais de uma legoa, e quando reconta que o viu Muley Moluco, diz que motejou da pouquidade d'elle, assim como de um mesmo numero, por apoquentar de ambos os modos, ora faz infinitos ora tão poucos.

Logo Muley Moluco mandou mesclar sua gente, de maneira que não ficassem muitos juntos de uma só nação, por não poderem haver conselho de se passarem ao Xerife, que com el-rei estava, o qual n'este tempo o persuadia que não désse a batalha, julgando os portuguezes muito inferiores em numero, e além d'isso tinha novas como Muley Moluco estava enfermo, mas a falta de mantimento no exercito soffria mal qualquer demora, e não era possivel tornar-se a buscar ás náos, senão fosse com o mesmo campo todo junto por respeito dos inimigos de que estava cercado, e sendo assim, além do muito risco em que se punham, pareceria fugida, e não remedio.

Tanto que foi manhã divulgada a nova da batalha, como está dicto, todo o campo se pôz de festa, pedindo-se alviçaras uns aos outros com grande animo e demonstração de alegria (se bem por Divina vontade foi tão contrario o successo á esperança); el-rei se mostrou alegremente, a todos representando com grande magestade o valor de que estava cheio, e não algum tanto humilde, e paciente, a modo de quem temia de perto o que de longe não receava, como diz Franqui, e juntamente que todos os mais estavam cheios de temor, o

que tambem segue frei Antonio, qual se com olhos divinos poderam elles penetrar os segredos de tantos peitos; e o que póde mais maravilhar é, que nunca algum d'elles falla em temor, ou covardia que nomêa, senão todos os portuguezes, indo no campo d'el-rei D. Sebastião quasi outros tantos estrangeiros, que parece deveriam participar em alguma cousa de seus visinhos.

Na retaguarda eram os terços de Diogo Lopes de Sequeira (posto que elle ficou em Arzila por capitão das galés) e de Francisco de Tavora, com trezentos mosqueteiros, e de uma banda e de outra estava repartida a cavallaria: á mão direita dos aventureiros era D. Jorge de Lencastre, duque de Aveiro, com o seu batalhão de cavallo, cujo guião seguiam muitos cavalleiros fidalgos e senhores, e além de seus criados e vassallos, que el-rei lhe ordenou sem lhe nomear algum cargo no campo, como a semelhante principe convinha, pois pela assistencia real não podia ter o maior.

Da mesma banda era D. Duarte de Menezes com os fronteiros de Tanger e Ceuta, e o Xerife com sua pequena companhia, um pouco mais adiante, e da esquerda o estandarte real, com muitos fidalgos e senhores; o duque de Barcellos D. Theodosio, e o prior D. Antonio, filhos do infante D. Luiz, andavam no campo sem logar certo, de seus criados e vassallos acompanhados. A bagagem ia ao lado direito, entre os cavalleiros e infanteria, com logar não muito bastante em meio para se poder recolher em qualquer retirada a gente de cavallo, d'onde se achou depois que fôra grande inconveniente não se formar o campo mais largo, e de modo que ficasse logar sufficiente para se poder melhor recolher a cavallaria; o terço dos gastadores, que levava a seu cargo o capitão Gonçalo Ribeiro Pinto, ia junto á bagagem; assim entrou o exercito no campo; e tanto que passou a pequena ribeira de Mocasin, abaixo da sua ponte, por ser baixa a maré, que se lhe communica pelo rio Lucus, ás dez horas do dia pozeram os mouros fogo ao feno, e panasco secco, que deu bem grande enfadamento, mas atalhou-se o melhor que foi possivel.

O Xerife n'esta conjuncção se pôz diante de todo o exercito, com as bandeiras tendidas, quasi chamando os mouros amigos, do inimigo campo, mas passaram-se-lhe muito poucos, ou por não poderem mais, ou quiçá por ser elle muito

malquisto (este é aquelle Xerife do cerco de Mazagão, tão nomeado no mundo).

Assim se passou o dia, no qual se vieram sómente dous elches a el-rei; um d'elles se chamava Mami, castelhano de nação, e outro era o alcaide Raposo, portuguez, e tanto que foi noite o campo se assentou na mesma fórma em que vinha, por estar á vista do inimigo, todos com as armas na mão, postos em suas estancias, com boa vigia e promptidão, assistindo as sentinellas e andando de redor as atalaias de cavallo.

Este sitio, que prevenidamente o campo occupou, era o melhor que se podia imaginar, por estar entre dous pequenos braços de rios, Vet Mocasin e outro, bastantes todavia a mui grande parte da defensão.

N'este tempo, D. Duarte de Menezes, como quem tinha tanta experiencia dos mouros, e do seu modo de pelejar, sabendo muito bem como elles de noite não são homens de guerra, e se assombram facilmente de qualquer movimento de armas, aconselhou a el-rei mandasse dar uma encamisada, offerecendo-se com a gente das fronteiras, e muitos fidalgos que se lhe offereciam a desordenar totalmente o campo de Muley Moluco, seguindo-se dous bons effeitos d'este commettimento: primeiramente mostrar-lhe a ousadia e determinação dos portuguezes, com muito damno seu, dando logar com a desordem do sobresalto a se acolherem os temerosos e mal contentes, e se passarem ao Xerife seus amigos, ou ao menos, turbada e perdida a ordem em que Muley Moluco os tinha, largassem o campo com alguma sombra de escusa, quando passar se não podessem; mas el-rei de nenhum modo veio n'isto.

Muitos diziam que estava tão açodado por dar a batalha, que não quiz que houvesse alguma occasião de se desordenar o effeito d'ella, por lhe não tirar o louvor do imaginado vencimento, imitando quiçá com arrogancia aquella tão reprovada

opinião do magno Alexandre, ao menos nos tempos de agora, que tanto se prezava de não vencer com ardis, ou cautellas; outros haviam que era bom conselho não haver encamisada, porque sendo tão poucos os portuguezes de cavallo, qualquer pequeno damno que recebessem era muito, podendo fazer tão pouco aos inimigos; porém D. Duarte de Menezes, e muitos outros fidalgos e senhores, approvavam de maneira este conselho, entendendo o proveito que d'elle podéra resultar, que não ficou el-rei sem muita culpa de se não pôr em effeito.

Estes eram pois os homens valorosos e sabios que el-rei comsigo levava, e não sei certo como frei Antonio, seguindo Franqui, diz que não havia em todo o campo um homem livre e sapiente que o podésse aconselhar com liberdade, sem algum temor.

Esta noite se passou toda muito quieta, sem embargo de estarem tão perto os inimigos, fazendo-se prestes cada um para o dia seguinte, de tudo o que á batalha convinha, ajuntando-se os amigos e companheiros para se ajudarem e favorecerem no conflicto, sem temor algum que se podésse enxergar ao menos.

Tanto que amanheceu, a quatro de agosto de setenta e oito, dia de S. Domingos, e se viu o largo campo coalhado de infinitos inimigos, o Xerife se foi a el-rei, dizendo que sua alteza não devia dar a batalha, antes devia mandar trincheirar o campo da parte d'onde só lhe não faziam reparo os pequenos rios, de que estava cercado, porque além de haver novas que Muley Moluco estava muito chegado á morte, o sitio era maravilhoso contra a gente de cavallo do inimigo, que tanta vantagem, sem comparação, fazia á sua, e sendo commettido no mesmo logar tinha a victoria certa. Todas estas razões eram muito bem fundadas, e assim foram d'el-rei ouvidas, porém os inconvenientes eram grandes, nascidos só de uma causa, a qual era não haver mantimento algum no campo, porque só para cinco dias se fez provisão, ou por não

se poder levar mais, porque o mais d'elle foi ás costas dos soldados, ou quiçá por el-rei medir as jornadas a seu modo, sem imaginar impedimento, e póde ser que ambas as cousas se ajuntassem; e sendo d'esta maneira, mal se podia vencer o inimigo com tardança, pois no mesmo remedio estava o perigo. E não era pouco de temer vir elle primeiro valer-se da dilação, conhecendo esta falta, pois com muita facilidade, com tanto numero de gente de cavallo, podia ter em cerco a todos, e sem nenhum damno seu vencel-os a pura fome, pelo que mais era a tardança de temer que de procurar.

E assim inteirado el-rei d'esta verdade, determinou valer-se do forçoso remedio, mandando que o exercito marchasse na fórma em que estava, seguindo a via de Larache, porque se o inimigo o deixasse passar, podia chegar lá muito facilmente n'aquelle dia, e segurando as praias desembarcar o mantimento necessario, com que podia sitiar a fortaleza, trincheirando-se da parte da terra como está dicto; e quando Muley Moluco se antepozesse a querer dar batalha, menos era de temer qualquer perigo honroso, que o damno tão sabido de demora, pela grande falta em que o campo estava: posto que bem se podéra esperar um dia comendo-se os bois.

Vendo o Xerife esta verdade, sahiu com outro conselho, dizendo que pois a razão por falta padecia força, ao menos não devia sua alteza offerecer a batalha, passando d'aquelle logar, senão com poucas horas do dia, porque succedendo alguma desventura (o que Deus não quizesse) haveria tempo e logar para se salvar sua pessoa, em cuja vida não sómente estava o remedio de tantos, mas o seu em particular, e que havendo algum bom successo, como se esperava, recebendo os mouros qualquer pequeno damno se passariam de noite mais facilmente a elle.

Não era este parecer do Xerife mal acertado, posto que para se não seguir se allegaram alguns inconvenientes, prin-

cipalmente, que dando-se a batalha já tarde, bastava qualquer damno que os portuguezes recebessem (aquelles digo que no exercito iam quasi arrebatados, além de serem lavradores, sem nenhuma experiencia) para, á sombra da noite, desampararem o campo fugindo a Arzila, o que de dia não ousariam fazer, com medo dos superiores.

D'este parecer do Xerife foram quasi todos os fidalgos, que como leaes vassallos nenhuma cousa antepozeram nunca á salvação d'el-rei.

Permanecendo em fim seu voto ou mandamento, como em todas as mais cousas, e entrando n'este conselho (segundo se affirma) o capitão Francisco de Aldana, que em tal estado devia escolher o melhor, como é bem que se cuide, el-rei mandou marchar o exercito na fórma sobredita.

Vendo Muley Moluco n'este tempo o campo dos portuguezes posto em ordem de batalha, começou a ordenar a sua, pondo a infanteria diante, que era toda de arcabuzeiros, e a cavallaria atraz, e n'esta fórma veio em meia lua todo o seu exercito, cercando o d'el-rei, de maneira, que por toda a parte ficou sendo vanguarda: costume antigo dos muitos cercarem logo os poucos, como já Cesar dizia, quando de Labieno e Juba foi cercado em Numidia.

N'esta conjuncção Muley Moluco se sentia muito aggravado de sua enfermidade, e bem quizera não dar batalha, assim porque se temia que em qualquer occasião de briga se passassem ao Xerife os mouros que lhe conhecia affeiçoados, como porque entendia a falta dos mantimentos no campo dos portuguezes, e esperava, sem algum damno ou perigo de sua parte, tomar todos á fome. O que na verdade era cousa muito factivel, como está dicto, sendo o mais de sua gente de cavallo e tanta; mas sua enfermidade apertava de maneira com elle, que não ousou fazer o contrario, temendo, que se não vencesse em vida, por sua morte sem duvida Muley Mahomed seria rei, porque do valor e condição de seu

irmão fiava muito pouco, pelo que vendo a morte vizinha, e tão perto os inimigos, se resolveu em vir a conclusão; e do modo que pôde fez uma carta a seus alcaides, em que lhe mostrava sua justiça, justificando-se de sua parte, e manifestando a maldade de seu sobrinho, em metter os christãos em Barbaria, e o damno que d'isso lhes podia resultar, a qual falla escreve muito dilatadamente Jeronymo Franqui, buscando as melhores razões que pôde por parte de Muley Moluco, e frei Antonio a traslada ao pé da lettra, calando ambos as verdadeiras e catholicas que por el-rei D. Sebastião poderam dar, dizendo sómente frei Antonio uma só vez que falla em nome d'el-rei D. Sebastião, que dizia: eia hijos, e eia cavalleiros, Santiago, e a ellos que son canalha.

No que certo parece quiz forrar trabalho, pois em todo o gran thesouro da fecunda lingua hespanhola não achou outras palavras, que accommodar á bocca de semelhante principe.

Mas como dizia, d'esta maneira, estando já todo o campo cercado do largo giro que por ambas as partes os mouros para esse effeito fizeram, e tudo a ponto de batalha, começou el-rei a percorrer o campo, dando ordem a todas as cousas, e fazendo o officio de sargento-mór, com tanta vigilancia e cuidado, que chegando á bandeira real, e vendo uma fileira de cinco cavalleiros sómente, sendo as mais de seis, disse com melancolia: n'esta fileira falta um cavalleiro?—ao que respondeu Gomes Freire de Andrade, que no meio d'ella estava com dous filhos de cada parte: pois como, senhor, um pae com quatro filhos, todos de uma mesma vontade em vosso serviço, não supprirão a falta de um homem?—ao que el-rei respondeu, advertindo logo quem era o que lhe fallava, revendo-se alegremente em tão formosa companhia: tendes muita razão, Gomes Freire.

Assim, depois de andar por todo o campo, e particularmente por entre as fileiras dos aventureiros, chamando a si

LITH: PORTUGUEZA A VAPÔR

BATALHA D'ALCACER – QUIBIR

LARANJAL, 112, PORTO.

CAPITULO VI

DA BATALHA E DOS SUCCESSOS D'ELLA

Dictas estas breves palavras, el-rei mandou dar a Ave-Maria, ultimo signal da batalha, e foi levantado um Crucifixo em alto, pelo padre Alexandre da companhia, a cuja vista se pôz de joelhos toda a gente que a pé estava, e n'esta conjuncção disparou a primeira peça do campo inimigo, d'onde parece que Jeronymo Franqui tomou occasião de dizer que foi tamanho o mêdo dos portuguezes em vendo pôr fogo ás bombardas dos mouros, que todos se prostravam por terra: não sabendo que esta humilhação foi feita á imagem de Christo, e frei Antonio declarando bem este passo, diz que se estiravam todos de largo a largo.

Logo dispararam outras bombardas, das quaes uma matou alguns homens no esquadrão dos aventureiros, entre os quaes acabaram Gregorio Sarnache de Noronha, e João Brandão d'Almada, que não estavam por certo prostrados por terra, antes com fronte serena e levantada se viam muito promptos a qualquer assalto, nem houve alguem que por animo, ou por vergonha bolisse comsigo, nem tão sómente baixasse a cabeça, nem sei certo, como dizem estes dous auctores, que todos os portuguezes se estirassem em terra, como se estivessem já amortalhados, cousa que parece não podia acontecer, ainda que lh'o mandassem com pena de morte.

Logo disparou a artilheria dos portuguezes, e posto que não devia fazer muito effeito, todavia os mouros de cavallo se revolviam de maneira, que mostraram receber damno, e alguns ficaram mortos d'ella, por cima dos quaes passou o esquadrão dos aventureiros, posto que n'este tempo foi morto Pero de Mesquita, capitão que a governava, de uma mosquetada, que foi grande parte de seu desamparo, como adiante se verá.

El-rei n'este tempo andava por todo o campo armado de armas pretas ligeiras, dando particularmente ordem a muitas cousas; e vendo o duque de Barcellos armado a cavallo, lembrando-lhe muito bem como lhe promettêra no caminho, que no dia da batalha consentiria que o acompanhasse d'aquella maneira, e que sem lhe dizer cousa alguma se anticipára tão valorosamente, ficou assás maravilhado, e com estranha alegria gabou diante de todos seu animo e diligencia. Porém como já se começasse a batalha, e as bombardas fizessem seu officio, el-rei obrigou ao duque que se recolhesse no seu coche, o que elle não fizéra se lh'o não mandára precisamente, e porque el-rei entendia muito bem isto, vendo o certo perigo em tão pequena idade, quiz prevenir sua ousadia.

Logo se moveram os esquadrões, convem a saber: o dos aventureiros portuguezes, os castelhanos que estavam á mão esquerda, e os tudescos e italianos á mão direita; el-rei, n'esta conjuncção pouco mais ou menos, foi ao estandarte da gente de cavallo, que á banda esquerda estava, no qual eram os fidalgos velhos, e de mais experiencia, e lhes disse (fallando particularmente com D. Luiz de Menezes, alferes-mór): que sob pena de caso maior ninguem se bolisse d'aquelle logar, nem se abalasse o estandarte, senão quando elle em pessoa o mandasse; e passando á mão direita, onde estava o duque de Aveiro com muitos fidalgos (porém os mais d'elles, ou quasi todos mancebos), depois de lhe louvar muito a ordem em que o duque os tinha posto, lhe disse que se não bolisse d'aquelle logar,

sem que elle de sua propria bocca lh'o dissesse, determinando, parece, escolher o melhor tempo para isso; e d'esta maneira andava por todo o campo, fazendo quasi todos os officios, por cujo respeito parece que por andar mais solto e desoccupado, não ordenou cavalleiros de sua guarda, que foi um dos maiores erros que jámais principe commetteu no mundo, pois não tão sómente com quatrocentos homens escolhidos que comsigo podéra trazer se livrára da morte, mas se pozéra em salvo a todo o tempo; mas emfim, faltou isto, sendo cousa tão clara como o mais, por vontade só d'el-rei, que em tudo se encaminhava ao que Deus d'elle tinha determinado.

N'este comenos, os mouros que haviam muito bem considerado haver mais fraqueza na retaguarda, começaram primeiro a pelejar n'ella, por divertir a el-rei, o qual vendo a escaramuça, como andasse tão desejoso de pelejar, acudiu com o seu guião sómente, que levava D. Jorge Tello, e Christovão de Tavora, a dar calor á gente de Diogo Lopes de Sequeira e Francisco de Tavora, onde aos primeiros encontros lhe mataram um cavallo, pelejando a gente por bem grande espaço com muito valor; nem sei como n'este passo diz frei Antonio, seguindo Franqui, que logo entregaram as armas aos mouros, como se podéra estar seu remedio só n'isso, durando a batalha inda depois mais de quatro horas, até o fim da qual parece, que nem os mouros podiam tomar alguem a partido, nem outrem acceital-o, quanto mais que affirmam que os mouros os matavam como carneiros sem os quererem captivar, o que certo parece cousa impossivel, pois quando isto podéra acontecer a algum covarde desatinado, bastava sómente o seu exemplo para ninguem mais se entregar.

N'este tempo o esquadrão dos aventureiros, e os mais que dos lados o seguiam, depois de dispararem toda a escopetaria com grande impeto e valor nos mouros, que da mesma maneira haviam disparado a sua, começaram a caminhar, repribando e matando com tanto furor e ousadia os mouros

arcabuzeiros de pé, que estavam sem piqueiros que os defendessem, que os de cavallo, vendo o desbarate dos seus, começaram a fugir de maneira que Muley Moluco, a quem se deu conta, por vir como está dicto muito enfermo em uma liteira, se sahiu d'ella, e vendo-se desamparado quasi de todos, se pôz a cavallo para os obrigar com morrer diante a tornarem á batalha; e vendo que nenhuma cousa aproveitava, levando o alfanje contra os nossos, por achar a morte antes que o buscasse, cahiu do cavallo, e foi secretamente mettido na liteira com um mancebo elche, por nome Mançorico, onde falleceu de pura coragem e desesperação, ajudado tambem da enfermidade que trazia, avizando primeiro o melhor que pôde que se tivesse em segredo sua morte, e o elche o soube fazer de maneira, que fez parecer a todos que Muley Moluco estava vivo, dando as ordens em seu nome que mais convenientes lhe pareciam á batalha.

Foi esta fugida, que os mouros fizeram de maneira que muitos não pararam senão em Fez, e n'outros logares mais longe ainda, d'onde se publicou o vencimento dos christãos, e no campo se ouviu por grande espaço, victoria, victoria, dizendo ser Muley Moluco morto, que não faltou quem viesse dar esta nova, e Muley Amet, que depois foi rei, como em seu logar se dirá, fugiu com toda a sua gente, e não foi esta fugida occasionada de alguns Alarves que roubaram a bagagem de Muley Moluco, como Jeronymo Franqui diz, antes os mesmos Alarves que estavam espiando o que aconteceria, vendo fugir os seus (como confessa frei Antonio) déram o negocio por concluido, e como cousa que julgavam por de christãos, queriam aproveitar para si. N'esta conjuncção, como os mouros eram sem conto, os que estavam na retaguarda iam levando o melhor dos portuguezes, sem saberem o que na sua vanguarda se passava, e o mesmo acontecia nas partes do meio, porque por todas eram commettidos.

N'este tempo o duque de Aveiro, e os fidalgos da com-

panhia da bandeira real, como lhes havia mandado que se não bolissem sem elle mesmo lh'o mandar, vendo que não apparecia, estavam em grande confusão, porque por uma parte viam quanto effeito fizeram n'esta hora, e por outra não tinham paciencia com tanta observancia; porém não ousavam bolir-se, como el-rei lhes havia dicto.

N'este comenos o esquadrão dos aventureiros, que com estranho valor se havia de todos adiantado, chegou a ganhar a artilheria de Muley Moluco, e tão perto da liteira onde elle estava morto, que de cinco pendões verdes que junto d'ella estavam foram tomados dous pelos portuguezes, quando se levantou uma maldita voz, que um capitão por nome Pero Lopes, que sargenteava o terço, infelizmente pronunciou, dizendo ter posto uma alabarda atravessada diante da primeira fileira, ou por cuidar que levados do impeto e furor os aventureiros haviam passado além do que convinha, ou segundo dizem por acudir a Alvaro Pires de Tavora, capitão do terço (posto que elle o não provocasse a isso, antes, segundo se tem, estranhasse depois muito), ao qual remettendo valorosamente com os inimigos, e esforçando os seus diante de todos, déram uma arcabuzada de que depois morreu; de maneira que os aventureiros, tão valorosos quão pouco exercitados, pararam, retirando-se sem a devida ordem, o que se não acontecêra, fôra muito facil cousa cortar a cabeça a Muley Moluco, e posta como determinavam ém um alto pique. Desenganados os mouros da morte que sempre lhes encobriram, deixaram totalmente o campo, passando-se ao Xerife que com os portuguezes ia. E por aqui se verá de quão pequenas cousas nasce ás vezes tanta desventura, da qual este homem por tão leve occasião foi causa.

Tanto que os aventureiros se retiraram, e perdido o furor primeiro, sentiram em sangue frio mais advertidamente os males que receberam, lastimando-se aquelles que vinham feridos, e enchendo-se os mais de confusão; de modo ficaram

desordenados que os mouros de cavallo que não se haviam acolhido (que todavia eram infinitos) vendo os seus de pé fazer outra vez rosto, tornaram de novo á escaramuça, seguindo os desordenados aventureiros.

N'este comenos o duque de Aveiro, vendo os inimigos tão perto que quasi lhe punham a lança, sem el-rei apparecer, incitado de alguns fidalgos que com elle estavam (posto que sua obediencia lh'o não consentia), forçado da necessidade, deu Santiago, animando valorosamente os seus, e picando rijamente o cavallo, a lança que na mão tinha, de forte se lhe havia mettido por uma greta da terra, que quando foi a puxar por ella, de nenhum modo a pôde arrancar (qual a bandeira no infeliz lago Trasimeno), e assim não podendo fazer demora, porque a gente de cavallo vinha carregando, levou da espada largando a lança, que parece que a terra inimiga já lhe arrebatava, infeliz agouro certo, principalmente em mão tão valorosa.

Correu o duque diante de todos, animando-os á batalha, e mandou metter o guião nos mouros por um fidalgo seu que o levava, por nome Antonio de Vasconcellos, o qual como mancebo se apressurou de modo que alguns do batalhão do duque, ou não tendo tempo, ou quiçá não lhe passando a palavra, o não poderam seguir tão depressa.

N'esta mesma conjuncção D. Duarte de Menezes, que algum tanto do duque estava apartado da mesma banda, com os fronteiros que o seguiam, e o Xerife que perto d'elle estava com sua pouca gente, se moveram a par, entrando nos inimigos, o que vendo tambem os fidalgos que acompanhavam o estandarte real, sem embargo de não apparecer el-rei, não podendo aguardar mais, deram Santiago, de maneira que, juntamente com seus companheiros, foi feito tal estrago, que pondo em fugida grande multidão de mouros, começou outra vez a apparecer a victoria da parte dos portuguezes.

Mas emfim, que podiam fazer dous mil homens de cavallo, por mais valorosos que fossem, contra quarenta mil que

Franqui confessa, fóra aventureiros e Alarves, que vem a ser ainda maior numero do que elle diz que os portuguezes acrescentam?

N'esta conjuncção chegou a el-rei um fidalgo, e lhe disse, que os mouros tinham quasi tomada a artilheria, que sua alteza désse ordem para se lhe fazer resistencia; o que vendo el-rei, acompanhado de muitos fidalgos e outros cavalleiros, se lançou entre os mouros que estavam sobre ella pelejando, com tanto valor, que com muito damno dos inimigos lhe fez logo largar a preza, e com a mesma gente que o seguiu, e outra que se lhe ajuntou em differentes partes, quasi sem ordem fez algumas entradas nos mouros.

Aqui foram mortos com valor estranho dous irmãos d'aquelles cinco que juntos entraram na batalha: D. Henrique de Menezes, e D. Simão de Menezes, o qual foi visto com uma bandeira dos inimigos na mão, sobre um montão de mortos, incitando os vivos (já quasi sem vida) a semelhante exemplo; e assim foi morto D. João da Silveira, filho do conde da Sortelha, herdeiro de sua casa e do valor de seus ascendentes; D. Manoel de Menezes, bispo de Coimbra, que com a lança em logar de baculo, no sancto augmento dá fé catholica, mostrou por obra que inda nas armas fez vantagem ás lettras.

Da mesma maneira acabou Ayres da Silva, bispo do Porto; D. Affonso de Portugal, conde de Vimioso, e D. Manoel seu filho, que banhando a terra com seu sangue, mostraram a innocencia de seu animo, na maldade por Jeronymo Franqui injustamente opposta. Tambem foi morto D. Vasco Coutinho, e D. Luiz Coutinho, conde de Redondo, que emfim ousou banhar-se de tal sangue esta terra. O regedor Lourenço da Silva, de uma escopetada, cujo valor parece que não ousava a morte accommetter de perto; D. Diogo de Castelbranco; Jorge da Silva, a quem não faltava, no largo processo de sua honrada vida, senão o remate de tão feliz morte, querendo antes por sepultura o duro campo dos infieis inimigos

*

em terra estranha, que o pomposo sepulchro tão ennobrecido em sua terra.

Aqui foi morto Sebastião de Sá, o qual costumado a tantos vencimentos, não podendo soffrer a retirada a que o grosso pezo dos esquadrões inimigos obrigava os portuguezes, arremetteu aos mouros, dizendo á vista de todo o mundo que o seu cavallo não voltava, e assim pelejando foi buscar a morte, temendo talvez não a achar onde ella estava tão certa; tambem acabou D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, valorosamente, e D. Martinho de Castelbranco em companhia dos aventureiros, d'onde lhe pareceu esperar mais quedo a morte.

Assim acabaram tambem D. Diogo de Menezes, e D. Francisco de Menezes, filhos de D. Fernando; e D. Luiz de Menezes, filho de D. Aleixo, aio d'el-rei, que todos juntos foram em companhia, fazendo tão estranhas maravilhas, como de tal progenie se podia esperar.

Aqui morreu tambem o barão d'Alvito, D. João Lobo, o qual, tomando um barrete vermelho nos dentes, quasi significando que o tempo era mais de obras que de palavras, se lançou entre a multidão de seus inimigos, onde acabou valorosamente, depois que por largo espaço á custa de muitas vidas lhe deu a entender a tenção de sua empreza.

Tambem acabaram como esforçados cavalleiros D. Alvaro, D. Henrique de Menezes, D. Diogo Lopes de Lima, Lopo de Sousa, João Quaresma, Sancho de Faria, Manoel de Sousa, Simão da Veiga, e foi morto D. Francisco de Moura, filho de D. Luiz de Moura, fidalgo muito cortezão, e grande homem de cavallo, mostrando com grande valor na guerra o effeito do nobre ensaio, em que na paz andava exercitado.

Aqui acabou tambem D. Jayme, filho do duque de Bragança, com bem differente successo do que seus avós tiveram n'esta terra, não no valor, por certo, mas na fortuna,

que nem sempre está propicia ás heroicas obras; tambem foi morto com grande valor, pelejando, D. Rodrigo de Mello, filho do marquez de Ferreira, que então era conde de Tentugal, aquelle honrado velho, que se no dinheiro, que lhe foi pedido por honra, se mostrou com el-rei avaro, foi tão liberal por ella em seu serviço que deu prodigamente quanto tinha em cousas que não tem preço, pois mandou na jornada tres filhos.

Aqui acabaram tambem valorosamente D. Pedro, e D. Lourenço de Noronha, filhos do conde de Linhares, e foram mortos, pelejando como honrados cavalleiros, dous filhos de Fernão Telles: Jeronymo Telles, e Manoel Telles, o qual tendo um notavel pejo nas mãos de seu nascimento, bastante a qualquer digna escusa, de nenhum modo se quiz aproveitar d'isso, antes para acompanhar el-rei se começou a exercitar de novo, até que veio a menear a lança, e cuido certo que sem mãos o acompanhára, que não é menos bastante a lealdade, amor, e obediencia que os portuguezes tem a seu rei; assim acabou este ousado mancebo, em que pôde um animo honroso quasi milagrosamente supprir a falta da natureza, dando-lhe mãos para servir seu rei, e para buscar memoria, sem fim na vida, e glorioso premio na morte.

De tão illustre sangue como havemos dicto andava n'este tempo o campo cheio de vivos e mortos, juntamente variando a morte com lamentaveis successos, e sustentando-se a desprezada vida á força de valor e de ventura.

Era cousa digna de bem grande magoa ver n'este estado encontrarem-se os amigos e parentes, dando-se breve conta das feridas que traziam, e tomando conselho d'onde com mais honrado effeito poderiam acabar as vidas, que do remedio já não tractavam, impossibilitados do infinito numero de seus inimigos, e assim quando algum fidalgo d'estes, ou qualquer outro homem de valor acabava de matar algum mouro, vendo o pouco que fazia acaso a falta d'aquelle ini-

migo entre a multidão de tantos, perdia totalmente a confiança, e quasi a paciencia, sem poder achar algum modo de remedio contra o furor da infernal copia, que tudo punha em cerco, salteava e discorria, sem deixar logar em que alguem podésse estar ocioso, de tal maneira que em um certo modo perdia o valor seu preço, pois vendo-se tão poucos contra tantos fizeram tão altas maravilhas, que se podia cuidar que era mais necessaria defensão que natural esforço.

Desceram pois os grossos esquadrões dos inimigos por tantas partes sobre os portuguezes, que os mais d'elles ficaram mortos no campo; e o duque de Aveiro, não podendo com tão pouca gente soffrer o peso de tamanha multidão, se retirou de maneira que investiu, forçado dos inimigos, por uma parte do esquadrão dos tudescos, desordenando os piqueiros; e depois d'isto perguntando por el-rei, com a pouca gente que lhe ficava e com outra a quem persuadiu que o seguisse, entrou nos mouros outra vez, d'onde perdendo a vida em tão pequeno espaço mostrou quantos processos de infinito valor houve no mundo, e assim foi tamanha a perda d'este principe, em que a virtude igualava o animo, que se uma só podera ter igual, nenhuma fôra maior.

Nesta conjuncção tambem o Xerife com sua gente, acossado dos inimigos, investiu sem ordem pelo campo da batalha, de modo que tudo já começava a ser confusão e desventura.

Neste tempo os aventureiros estavam quedos e mal ordenados em seu retirado esquadrão fazendo barreira aos escopeteiros de cavallo, sem lhe poderem com os piques fazer algum damno, porque arremetendo com elles viravam n'um momento, o que era realmente um bem lastimoso espectaculo, porque n'um certo modo se viam aferrolhados, sem poderem tomar satisfação de seus inimigos. Aqui foi morto diante de todos o capitão Alexandre; com grande esforço se defendeu muito tempo, mas tanto que foi conhecido pelo mortal odio que lhe tinham, carregaram de maneira os mouros sobre

elle, que acabou a vida, não podendo resistir a tantos, e foi feito em muitos pedaços, que senão satisfizeram com menos os executores da covarde vingança.

Tambem foi morto de uma escopetada Alvaro Pires de Tavora, da Pesqueira, que n'este esquadrão ia; e sendo mortos emfim muitos italianos, que bem haviam pelejado como destros soldados, o marquez Thomaz, seu capitão, e grande parte dos castelhanos, que tambem o fizeram valorosamente, e os mais dos soldados das fronteiras de Africa, que com estranho valor pelejaram, por serem como eram cada dia exercitados com estas gentes, e outros homens nobres e soldados de valor, sem lhe ser necessario o exemplo dos estrangeiros, como escreve Franqui e segue frei Antonio, attribuindo aos portuguezes sómente grande medo, em tempo que realmente todos passavam a mesma miseria, carregaram infinitos besteiros, e arcabuzeiros de cavallo, que regia Amette Latava, elche genovez, os quaes matavam sem alguma resistencia os aventureiros e mais soldados que lhe não podiam fazer algum damno, de maneira que tudo era magoa, temor, e confusão.

A gente de Vasco da Silveira, e D. Miguel de Noronha, que era realmente a de menos valor, por serem homens quasi todos colhidos por força, sem vontade e sem experiencia, pelejavam no meio mui frouxamente, estando todos amontoados, sem ousarem sahir ao campo a ajudar seus companheiros, por mais que seus capitães e coroneis os excitassem e movessem.

Alguns querem dizer que el-rei mandou que estes esquadrões se não bolissem como corpo da batalha, mas em tal tempo era porém mais acto de covardia que de obediencia.

Não deixava em todo este tempo a gente de Amette Latava de perseguir a todos, que muito solta e destra percorria tudo, e foi realmente o remate da perdição de todo o campo.

El-rei n'este tempo andava por toda a parte pelejando pessoalmente, como se só no valor de seu braço estivera o remedio de todos, e havia tomado com suas mãos duas ban-

deiras aos mouros, e lhe haviam morto outro cavallo; e andando d'esta maneira em um que lhe deu Jorge d'Albuquerque, com Christovão de Tavora sempre a seu lado, e D. Jorge Tello, pagem do guião (que estranhas maravilhas havia feito), bem certificado dos termos em que as cousas estavam, quiz tentar a ultima fortuna, mais desdenhando a dilatada vida, que presuppondo novas esperanças. E assim com os mais fidalgos e cavalleiros que se podéram ajuntar, entrou nos mouros com tanto valor e ousadia, que todos á custa de muitas vidas lhe davam largo caminho, não ousando esperar o desesperado encontro; porém não tardou muito que tanto esforço em numero tão pouco cedesse á multidão dos inimigos, retirando-se el-rei ferido no rosto, e fenecendo os mais dos cavalleiros e fidalgos, que n'esta volta o acompanharam.

Cousa certo é digna de grande admiração ver a estranha lealdade dos homens nobres, e fidalgos portuguezes, e como se não contentavam por serviço de seu rei aventurarem as vidas, presagos quazi da vizinha morte, senão que prodigos de seu sangue queriam tambem sacrificar seus filhos.

N'este ultimo conflicto foi morto João Carvalho, o qual andando já com uma lançada nos peitos, muito cansado das entradas que nos mouros havia feito, entrou seu filho Pero Carvalho, herdeiro de sua casa, moço de grandes esperanças, com duas cutiladas na cabeça, todo banhado em sangue, de tal modo que apenas foi d'elle conhecido, vencendo-se pois d'esta maneira o pae e filho; depois de se darem os ultimos abraços, confortados no glorioso fim que se esperava, partiram juntamente, sendo mortos em tão ditosa companhia, ó visão piedosa, a cuja vista parece que treme a terra, e o céo se abre, quasi arrebatando os gloriosos espiritos.

Aqui morreu tambem Gomes Freire, o qual foi visto com muitas feridas em todo o corpo; e andando já sem elmo, pelos muitos golpes que havia recebido, e grande calor do dia, lhe deram uma lançada por um olho, de que acabou a vida.

N'esta mesma volta, ao fim já da batalha, na qual com tanto valor se havia sustentado, foi morto juntamente, não com menos esforço, seu filho Nuno Fernandes Freire, fazendo tantas maravilhas um e outro, que de muitos cavalleiros podéram supprir a falta, e não de um só como o mesmo Gomes Freire havia dicto a el-rei.

Aqui morreu tambem Antonio de Souza, aquelle gentil moço filho de Diogo Lopes de Souza, governador da casa, com que pôde tanto a força de honra e amor de seu rei, que não tendo outro o mandou em sua companhia quazi em sacrificio, o qual andando já sem elmo dos golpes que n'elle recebêra, com uma cutilada pela cabeça acabou a venturosa vida, antes de tomar quazi posse d'ella, pois não passava de quinze annos.

N'esta conjuncção, depois da retirada, como havemos dicto, vendo D. Fernando de Mascarenhas, que junto a el-rei estava, virem-se chegando alguns mouros a elle, não soffrendo como leal cavalleiro a proxima offensa que se lhe offerecia, se lançou entre elles tão ousado a receber a morte, que todos lhe deram logar á custa de suas vidas, até que a tanta multidão cedeu a virtude, e foi morto ás lançadas diante de seu rei. Cousas por certo são estas todas dignas de não passarem em silencio, com grande inveja das gentes, e larga satisfação dos justos principes.

Aqui acabou tambem Gonçalves Nunes Barreto, que com grande valor se havia sustentado em todas as entradas, porém como trouxesse algumas feridas, principalmente uma escopetada que o atravessava de parte a parte, andava arremettendo aos mouros com a espada na mão, tinta em sangue, buscando sómente na ultima vingança honrada sepultura; quando sem vigor algum da mortal ferida cahiu do cavallo abaixo, quazi nos meus braços (que acaso me achei presente), armado de armas brancas, onde acabou em um momento, com os olhos no céo, para onde seguramente caminhava.

Aqui morreu tambem, como honrado e valoroso cavalleiro, D. João Pereira, filho de D. Francisco Pereira; Luiz de Alcaçova foi morto no ultimo da batalha, assim como Manoel Quaresma, que deu com sua morte feliz sepultura á vida, e claro testemunho dos limitados termos da fortuna.

Aqui acabaram tambem Estevão Soares de Mello, e Bernardo de Mello, ambos em companhia como esforçados cavalleiros, e foi morto D. Gonçalo Chacon, cavalleiro castelhano, pelejando com estranho valor em todos os perigos da batalha, e D. Alonso de Aguilar, coronel dos castelhanos, o qual acabou tão valorosamente, que sendo algumas vezes muito necessaria, e quazi forçosa a retirada, sempre dizia, arremettendo com os inimigos: — nunca Dios quiera que la casa de Aguilar buelva atraz — como lhe eu ouvi algumas vezes.

Aqui acabou tambem Francisco de Aldana, que como gentil capitão e bom soldado fez obras muito dignas de seu nome; e foram mortos, pelejando valorosamente, Thomé da Silva, Joanne Mendes de Oliveira, Christovão de Alcaçova, D. Pedro da Cunha, D. Nuno Manoel, Christovão de Brito, André Gonçalves, alcaide-mór de Cintra, e Alonso Peres Pantoja, de duas escopetadas; D. Sancho de Noronha, D. João e D. Luiz de Castro, filhos de D. Alvaro de Castro, Leonel de Lima, D. Mathias de Noronha, D. Gaspar de Teive, Sebastião Gonçalves Pita, Francisco Henriques, João Gomes Cabral, D. Rodrigo de Castro, D. Rodrigo, seu sobrinho, e D. Diogo de Castro, da casa do Torrão; e foi morto Lourenço Amado, fronteiro em Tanger, como valoroso cavalleiro que era, e se mostrou em Arzila, na primeira escaramuça diante el-rei, de quem foi muito louvado, e assim foi morto com valor estranho; D. Garcia de Menezes, ao qual el-rei, por sua muita idade, quiz estorvar que o acompanhasse, o que nunca pôde conseguir, e juntamente seu filho D. Duarte de Menezes, e D. Gonçalo de Castelbranco; e assim foram mortos valorosamente Manoel de Miranda, Antonio Lobo, alcaide-mór de

Monçaras, D. Manoel de Lacerda, Matheus de Brito, Ruy de Figueiredo, Fernão de Sousa, D. João Manoel, D. Francisco, seu filho, D. João Henriques, Bartholomeu da Silva, D. Pedro de Menezes, filho de D. Duarte de Menezes, mestre de campo general, Garcia Affonso de Beja, Francisco Domingues de Beja, filhos de Rodrigo Affonso, Sebastião da Silva, filho de Fernão da Silva, João da Silveira, de Beja, Duarte Dias de Menezes, Lopo de Sousa, Martim Affonso, seu filho, D. Luiz de Almeida, D. Alvaro Coutinho, Jorge da Silva, filho de Duarte da Gama, Henrique Correia da Silva, filho de Ambrosio Correia, D. Manoel Rolim, D. Affonso, conde de Mira.

Tambem houve alguns fidalgos que morreram logo depois da batalha, como foram Luiz da Silva, filho de Braz Telles, em resultado das muitas feridas que recebeu; D. Antão de Almada, D. Fadrique Manoel, cujo corpo resgatou sua mãe D. Joanna de Athaide, e Nuno Furtado de Mendonça, aos quaes n'este logar podêmos tambem dar a sepultura, pois n'elle com tanto valor tomaram posse da gloriosa morte que tiveram.

CAPITULO VII

DO FIM QUE TEVE A BATALHA

D'ESTA sorte acabaram estes e outros muitos fidalgos e senhores, que não é possivel serem referidos, e alguns nobres cavalleiros, sendo dos mais os que não quiz a morte tambem acompanhados, que só em não ficarem vivos lhes fizeram vantagem, se vivos se podem chamar aquelles que de feridos e cançados ficavam tambem nas mãos da morte. Dos quaes não fazemos em particular menção alguma, posto que muitos fizeram obras dignas de eterna memoria, assim porque seria processo infinito, como porque na verdade, na batalha onde el-rei morreu, só mortos se podem nomear.

Já n'este tempo os que ficaram vivos andavam sem ordem pelejando cada um na parte onde se achava, e os fronteiros de D. Duarte de Menezes, que em sua companhia fizeram maravilhas nas armas, tambem eram quasi todos acabados, e os mouros do Xerife.

N'este tempo foram mortos grande parte dos tudescos, com monsieur de Tamberg, seu capitão, pelo infinito numero de Alarves que com elles investiram, sentindo a fraqueza em que estavam. Na retaguarda era já morto Francisco de Tavora, que sustentou com grande valor aquella parte, a qual se havia mui fracamente n'este estado, por serem já muitos mor-

tos, e os mais, entrados do temor e espanto da morte, não faziam mais que buscar remedio á vida.

Vendo os mouros n'este tempo a gente tão cançada, e já tão pouca, como a cercassem de todas as partes, por se aproveitarem da occasião que a fortuna lhes offerecia, apertaram de novo rijamente, andando sempre Amet Lataba fazendo irreparaveis damnos com o grosso batalhão dos escopeteiros de cavallo, de modo que por muitas partes começaram a romper o campo, posto que n'outras se pelejava ainda, porém mais por venderem bem as vidas, que com esperanças de victoria. E sendo emfim quatro ou cinco horas da tarde, havendo-se começado a batalha ás onze, se acabou de declarar a desventura dos portuguezes, e não como diz Jeronymo Franqui em pouquissimo espaço, antes cuido certo que nunca se viu tão pouca gente, sendo o mór numero d'ella tão mal exercitada, e de tão fraca qualidade, sustentar tanto tempo o grosso pezo de tantas gentes, sendo por tantas partes combatidos, que todos careciam de soccorro, e ninguem podia soccorrer seus companheiros; e assim os mal reparados esquadrões começaram a encolher-se desordenadamente, havendo grande confusão e miseria em toda a parte, porque cada um procurava não se achar da parte de fóra, e querendo todos estar de dentro, como não podia ser, cahiam uns sobre outros desordenadamente, e muitos se mettiam debaixo das carretas, outros buscavam alguma boa occasião de se salvarem em cavallos que no campo andavam sem dono. De maneira que não havendo já defensão, usavam os mouros a seu alvedrio ou de piedade, captivando, ou sem ella, matando covardemente ousados. Pelo que era tanta a confusão e desventura, que nem póde ter nome, nem contar-se, e n'este estado bem podem confessar os portuguezes quanto de suas covardias escreve Franqui, e traslada frei Antonio, mas tambem parece que não podem elles negar, que nunca houve no mundo alguma gente, de todo rendida e desbaratada, por mais

valorosa que fosse, que deixasse de esconder os olhos á morte, e mais, ainda assim, alguns obstinadamente se defendiam.

El-rei n'este tempo, bem certificado de tanta desventura, depois de lhe matarem outro cavallo, fazendo as maravilhas que todo o mundo viu, andava acompanhado de alguns fidalgos, que pretendiam salval-o, a troco de suas vidas, quando se viu cercado de uma multidão de Alarves, d'onde não sentindo os que o acompanhavam algum remedio a sua salvação, se apartou um d'elles, por conselho dos mais, com um lenço posto na ponta da espada, e dando conta aos mouros como alli estava el-rei, no melhor modo que lhe foi possivel, lhe responderam que largassem as armas primeiro, e então poderiam tractar do que lhe convinha. A qual resposta el-rei sentiu de maneira, que sem escutar mais accordo se lançou a elles furiosamente, acompanhado dos que o seguiam, pelejando todos com desesperada ousadia por sua salvação, onde dizem que cahiu depois de morto o cavallo.

Até este passo houve algumas pessoas dignas de fé, que ousaram revelar o acontecido, porém se viram mais, não se sabe; o que se viu sempre claramente, é que nunca alguem disse que vira matar a el-rei, e não é muito, realmente, pois nenhum homem que ficasse vivo é razão que tal confesse.

N'este ultimo conflicto foram mortos, com estranho valor, D. Jorge de Lencastre, de uma escopetada; D. Antonio da Costa, filho de D. Gileanes da Costa; D. Alvaro de Castro, D. Jorge de Faro, João de Mendonça, Luiz Alves de Tavora, Christovão de Tavora, D. Antonio de Noronha, D. João Mascarenhas, Luiz de Castilho, e o desembargador Antonio Velho Tinoco, ouvidor do campo, o qual, depois de pelejar valorosamente na batalha, entrou nos mouros, onde foi morto, dizendo: — ora, senhores, aqui não ha mais que a alma a Deus e o corpo á honra; — e assim foram mortos o desembargador Francisco Casado de Carvalho, furriel-mór do campo, e seu irmão Pedralverez de Carvalho.

O Xerife n'este tempo pretendeu salvar-se, e querendo passar a ribeira do Mucasin, se afogou, por estar n'esta conjuncção a maré cheia, que do rio Lucus se communica com elle.

Esta foi na verdade a summa de toda a desventura, e o que se pôde colher de vista propria, e de alguns fieis companheiros; e se houver alguem que visse outras muitas cousas, e não estas que dissemos, saiba que tudo podia acontecer, mas que não é possivel escrever-se tudo, como se póde julgar pelo que acontece em uma pequena briga, que sendo a sustancia toda uma, reduzida a tão limitados termos, cada um conta as cousas de maneira, que corre muito risco a verdade do successo: e lembra-me que vi fallar n'esta materia em conversação algumas vezes, sem jámais uma pessoa concordar com outra, porque cada um quer que seja sómente aquillo que elle viu, e pois não é possivel contestar com todos, basta que se apontem as principaes occasiões de perdição, que na verdade a materia não dá de si nenhum gosto para se dilatar curiosamente.

Os mouros que n'esta batalha morreram foram muitos, porque só dos que recebiam soldo faltaram dezoito mil, vistos e examinados depois os livros de matricula em Fez, segundo os mesmos mouros diziam, e confessava Reduão, elche portuguez, viso-rei de Barbaria, por quem corriam estas cousas, posto que Jeronymo Franqui diz que não morreram mais que tres mil; porém como se não achou lá n'este tempo, não é muito. Dos christãos morreram bem metade, mas ainda assim foram outros tantos os mouros.

D'esta maneira passou toda a jornada que Jeronymo Franqui escreve, da qual parece certo devia ter errada informação, porque não parece possivel ousar algum homem dizer semelhantes cousas, tão fóra do que aconteceu; porém, se chega a tanto a maldade humana, seja Deus louvado que foi servido não sómente dos males e perdas d'este reino,

mas ainda permittiu com tanta ousadia a solta mentira em maliciosas linguas. Frei Antonio de S. Romão, castelhano monge de S. Bento, segue Franqui, trasladando-o quazi todo, com algumas cousas mais de quem devia ser mal informado, como é bem que se cuide de um religioso; mas quem por ventura não vir como elle contesta com Jeronymo Franqui, nas cousas que cegamente escreveu, cuidará que as não diz todas, pois promette no seu tractado da jornada e morte d'el-rei D. Sebastião tirar-lhe toda a malicia e mau zelo com que as disse; e o que mais se póde notar é que, dedicando o livro ao condestavel de Castella, e attribuindo-lhe o nome de portuguez, pelo novo parentesco do duque de Bragança, cuidaram que se inclinava elle em favor dos portuguezes, sendo tanto pelo contrario, que bem notado o modo com que tracta da herança do reino de Portugal, parece certo que quer diminuir a verdadeira estimação que os reis de Hespanha devem fazer d'elle, e o respeito e amor que a seus naturaes é devido; dizendo que sua magestade herdou esta gran corôa que se havia destroncado de Castella, como se não houvera accrescido nada, e tornára a seu primeiro ser, da maneira que foi dada em casamento ao conde D. Henrique, não sendo então mais que um condado muito pequeno, e muito estreito, e agora um grande imperio, como elle mesmo confessa. Pelo que muito mais se lhe póde estranhar do que a Justo Lipcio (que como estrangeiro podia ignorar estas cousas, posto que muito douto) não fazer lembrança da aventurosa successão d'este dilatado reino, escurecendo o contentamento que os novos principes d'isso podem ter, fazendo com razão mercês a seus vassallos, que nunca grandes bens são menos de estimar por mais que se mereçam.

Nem ha razão alguma para que os reis de Hespanha deixem de amar aos portuguezes como a filhos, antes lh'o devem de fôro, pois bem claro se vê que toda a herança passa com suas condições.

As condições d'este reino foram sempre serem os vassallos filhos e o rei pae e senhor, mercês e obrigações tão conhecidas como nos portuguezes se tem visto, não digo eu n'este reino, mas cinco mil leguas d'elle, onde nunca houve em tanta multidão de gentes, no decurso de tantos annos, um pensamento de desobediencia, que não tem menos força o amor e lealdade dos portuguezes.

Como bem se viu, quando D. Antonio, filho do infante D. Luiz, veio a esta cidade de Lisboa, com dez ou doze mil homens, não houve portuguez algum de substancia que se passasse a elle, nem ainda dos mais humildes (a não ser por força), antes se defenderam como crueis inimigos, d'aquelles que por amigos e libertadores se apregoavam, cousa que posto fosse de tão justa obrigação, não deixa de ser de grande merecimento diante de seu rei e seu senhor, com perpetuo credito de sua fidelidade e paternal amor de benigno principe.

Quando a rainha D. Catharina, nossa senhora, que está em gloria, governou estes reinos sem fallar portuguez, defendeu aquelle tão memoravel cerco de Mazagão, mais por honra que por necessidade, só com chamar a seus vassallos filhos, e os ter n'essa conta, sustentando a posse em que os deixou el-rei D. João, seu marido e nosso senhor, sendo em tanto extremo amada e obedecida, que o maior trabalho que tinha era mandar aos grandes, sob pena de caso maior, que se não embarcassem, e tirar das náos por força os filhos meninos dos homens nobres, fidalgos e senhores, que se embarcavam, levados do amor, sem saberem onde iam.

Continuando assim este zelo e fidelidade como se póde ver ainda agora no tempo em que isto estamos escrevendo, e estando uma armada hollandeza muito numerosa sobre a cidade de Lisboa, se embarcaram á porfia quinhentos homens nobres d'este reino, em companhia de D. Luiz Fajardo, general do mar Oceano por sua magestade, e mais

de cento e quinze fidalgos illustres e senhores, onde entravam muitos dos principaes morgados, e de tão poucos annos alguns, que só o valor lhes dava idade, sendo tão desigual o partido no numero das náos, e tão certa a briga, como se podia esperar de gente que parece não esperava outra cousa, sem serem constrangidos, nem quiçá animados uns, nem outros, mais que da fiel ousadia portugueza, e zelo do serviço de seu rei. Antes foi isto cousa em muitos tão pouco esperada, que de alguns era tanto animo julgado a desatino, mas desatino honroso, d'onde se póde bem ver a lealdade dos portuguezes, como está dicto.

Mas tornando a nosso proposito, que muito largamente havemos discorrido fóra d'elle, sendo tão interessados na materia, digo que quinhentos homens, fidalgos illustres os mais d'elles, entraram n'esta batalha, na qual houve familia de que não escapou alguem, e aquelles que viveram foram pouco mais de duzentos, pela maior parte muito feridos.

Grande por certo foi a desventura dos portuguezes, porém se não fôra a morte d'el-rei, em cuja vida se acabou com todo o remedio, e consolação de tantos, não ia tanto em se perder uma jornada de quem elle podéra tomar satisfação, vivendo com discurso mais maduro, e palpavel experiencia, que muito mais gente não menos illustre se perdeu em quatro jornadas de Inglaterra, e já hoje não lembra, mas a falta d'el-rei aggravou tanto este negocio, que até semelhantes homens se atrevem a destruir a honra dos portuguezes, com tanta soltura, não sentindo quem se magôe d'este reino.

Tres cousas não póde negar o mundo todo á nação portugueza, as quaes são: bom nascimento, valor, e religião. Primeiramente no que toca aos bons respeitos celestes para serem bem nascidos, que sempre em nós influem conforme a sua qualidade.

É de saber que o mundo está repartido em cinco zonas, convém a saber: duas frigidas, que ficam debaixo dos polos;

*

uma torrida, á qual corta a equinocial pelo meio, e duas temperadas, das quaes aquella que está da nossa parte do norte, e começa em vinte e tres graus e meio, é repartida em nove climas, ou regiões, e d'estas regiões a do meio se chama de Roma, a qual é a mais temperada e melhor, em cuja altura e respeito a Hespanha está posta, e Portugal no meio de sua melhor altura, e mais occidental que todos os reinos da Europa, e na qualidade da terra em mais benigna e mais suave parte de todas, por onde nenhuma gente do mundo tem melhores respeitos para ser bem nascida, antes só em ser a ultima, além das mais prerogativas, faz a portugueza vantagem a todas, pois vemos que das cinco partes do mundo a Europa é a melhor no valor e na sciencia, que é todo o bem das gentes.

Pois no valor bem sabe o mundo todo que Portugal, sendo um pobre condado, veio a fazer-se tão nobre reino, pelo grande esforço com que os portuguezes lançaram fóra os mouros, de que estava quasi todo occupado, com tantas e tão insignes batalhas, e nobres maravilhas, defendendo-se juntamente de seus visinhos hespanhoes, tão valorosos, e não se contentando com ficarem d'elles isentos, lhe entraram algumas vezes por seu reino, sahindo com todas estas cousas a seu salvo por espaço de quinhentos annos pouco mais ou menos, até quando Deus foi servido que a razão sómente os vencesse na successão d'el-rei Philippe, nosso senhor, què está em gloria; e porque se acabe de vêr quão subido valor foi sempre o d'esta nação, digo que Deus com sua propria bôca a approvou, quando em toda a christandade escolheu sómente os portuguezes para levarem sua sancta fé a partes tão remotas e inimigas, empreza tão maravilhosa, de tanto perigo e soffrimento, que muitos lhe chamaram doudice, e todo o mundo temeridade, e vemos todavia que a vontade do mesmo Senhor (seja elle louvado) foi feita, e que responderam suas obras ao presupposto da Divina eleição, durando de cem an-

nos a esta parte com tanto valor, cada dia em crescimento, os effeitos d'ella.

Pois no que toca a religião, bem sabem as gentes todas o puro zelo que tem da sancta fé catholica, e o particular cuidado e devoção do culto Divino, em que ninguem lhe faz vantagem, tanto que Abrahão Ortelio, auctor muito grave, quando descreve as grandezas e qualidades das provincias de todo o orbe, conta por maravilha o infinito numero de igrejas e sumptuosos templos que ha no reino de Portugal (onde á porfia parece que cada hora vão em tanto augmento), tão enriquecidos pela pia vontade e devoção dos principes, e mais gentes, attribuindo quasi a elle sómente, por excellencia, o grande fervor e zelo de christandade, como reconta dos mais outras grandezas. E Estrabo, antiquissimo escriptor, diz que foram sempre muito tementes aos Deuses, e grandes amadores de seu culto, que não é menos antiga esta pia inclinação que sempre tiveram as cousas Divinas, ainda que fosse então por ignorancia erradamente, d'onde se póde inferir que já Deus n'este tempo os ia dispondo para o que d'elles depois determinava.

Não tracto d'outras muitas cousas de que os volumes naturaes e estrangeiros estão cheios, pelo que convem a brevidade, e porque seria processo infinito.

Pois agora, sobre todas estas verdades, que com razão parece não deve negar Franqui, nem frei Antonio de S. Romão, diga o mundo o que quizer, que tantas mercês como Deus tem feito aos portuguezes os póde fazer viver muito confiados, que não ha-de sua Divina magestade apartar nunca a face d'ellas, como no campo de Ourique de bôca propria se penhorou, nem podem com razão ser desconsolados com tanto castigo da mão Divina: que culpas castigadas reduzem sempre a mais perfeito estado os peccadores diante de Deus.

LIVRO II

RELAÇÃO DO CAPTIVEIRO NA JORNADA D'AFRICA

CAPITULO I

RENDIDA A BATALHA, DESCEM OS MOUROS AOS DESPOJOS

EPOIS que os mouros alcançaram esta victoria, tão pouco d'elles merecida e esperada, sendo o campo de todo rendido, cessou em parte seu furor, e não sentindo já alguma resistencia arremetteram aos despojos, usando tão mal da clemencia que devem ter os vencedores, que muitos que parece não acharam logar de exercitar sua ira emquanto durou a batalha, fartavam depois seus animos covardes nos já rendidos; sendo principaes executores d'esta vil façanha infinitos Alarves, que desceram á pressa dos altos montes, onde estavam de atalaia.

Via-se no campo tanta desordem e confusão, como se póde imaginar de semelhante miseria, sendo tão varias as sortes e tão tristes, que ainda depois de tanta desventura só por ventura se escapava, como aconteceu ao duque de Barcellos, D. Theodosio, a quem Deus milagrosamente livrou da morte,

para consolação e remedio de tantas vidas. Porque sendo captivo de dous Alarves, como fosse visto em seu poder de um soldado Azuago, que percebeu em um momento a qualidade da presa, de maneira arremetteu a elle, que tirando-o com violencia de suas mãos, um d'elles querendo pagar-se do que lhe cabia, covardemente atrevido tirou do alfanje, para partir pelo meio de um só golpe, em tão pequena quantidade, por ventura a maior pessoa que nunca até alli n'estas partes se viu em tal miseria; porém o Azuago, como soldado esperto, movido assim da gentileza do menino, como do real semblante, a quem não pôde escurecer a sombra da morte, metteu subitamente de permeio a longa escopeta, amparando o golpe, o qual vinha com tanta furia, que sem embargo de dar primeiro n'ella, chegou de maneira á cabeça d'este principe que lhe fez uma ferida, bastante a cobril-o todo de sangue, permittindo Deus que lhe acontecesse acaso o que lhe roubou a sorte por sua pouca idade, que não passava de doze annos.

Aqui foi tambem captivo o prior D. Antonio, filho do infante D. Luiz, cujo aventuroso successo (sem ventura a tantos) em seu logar diremos, e os mais cavalleiros fidalgos e senhores, os quaes se viam n'esta ultima miseria, com muitas feridas, entregues á morte, que por maior pena os não quiz receber em honrosos perigos.

Os mouros do Xerife que foi com el-rei D. Sebastião passavam a mesma miseria, posto que muitos, fingindo ser da banda de Muley Moluco, captivavam alguns christãos, por se melhor encobrirem, e se salvaram com elles em Arzila.

Alguns cavalleiros de nossas fronteiras, dos poucos que ficaram, se fizeram em um corpo, e posto que com assás perigo de suas vidas se salvaram em Tanger, como aconteceu, depois de tudo acabado, a outras pessoas, e não em tempo que podessem com perderem as vidas ser de proveito em cousa alg[illegible] porque sobre esta materia houve depois em Por-

tugal alguns juizos differentes, me pareceu bem dizer aqui o que n'isto passa, já que são taes os attributos da vida que não vale a um homem pelejar até o não querer a morte, trilhando mil vezes o natural termo, para escapar das maliciosas linguas, menos piedosas que ardentes balas e agudos ferros.

Primeiramente, bem se sabe que o campo d'el-rei estava assentado em fórma quadrada quando se deu a batalha, como atraz fica dicto, e o dos mouros ao redor d'elle. Foi cerrando as pontas, de maneira que o cercou todo, occupando em circulo quasi o espaçoso campo do rio Lucus. De modo que, onde quer que os esquadrões estavam, ou fosse de uma banda ou da outra, era a vanguarda, e assim juntamente se começou a batalha com pouco intervallo em todo o logar, a qual d'este modo se foi continuando emquanto da parte dos christãos houve resistencia. Pelo que, como é possivel que alguma pessoa fosse tão desatinada, que para salvar a vida e buscar a liberdade se fosse metter debaixo das armas de seus inimigos, que por então não perdoavam a cousa viva? E quando assim fosse, de que maneira podiam escapar de mortos ou captivos? Pelo que fica manifesto, vê-se que ninguem podia salvar-se da batalha, senão depois de tudo rendido e desbaratado, porque então deixaram os mouros a fórma em que pelejavam, desamparando o campo em muitas partes, para acudir á presa dos captivos e bagagem.

Pois sendo isto verdade, e sendo assim que a verdadeira fortaleza consiste em aventurar a vida por cousa que valha mais que ella, como se tem ordinariamente pela patria, pelo rei, e pela fé, não havendo para que dar satisfação a nenhuma cousa d'estas, porque não pretenderia cada um salvar a vida, e buscar a liberdade, pois no que toca á defensão da fé nenhum mouro obrigou a christão n'este conflicto que o deixasse de ser, e no bem commum da patria quantos mais se salvassem maior proveito seria, pois na defensão da pes-

soa real que auxilio podia receber um corpo defunto da miseravel gente já de todo desbaratada, não nego eu que se alguem escapasse da batalha, durando as esperanças de victoria, não seria eterna infamia, porém salvar-se aspirando com viril animo a melhor fortuna, é cousa digna de louvor, e não de vituperio, como se lê de Caio Terencio, varão na gran batalha de Canas, que salvando-se com muitos soldados, foi do Senado por isso muito bem recebido, ainda que tinha a culpa toda da perdição, porque o morrer quando não era tempo, não sómente fôra tirar filhos a Roma, mas dar mais gloria a seus inimigos.

Muitos exemplos d'estes podéra dar, qual foi na de Ravena, e de Lepanto, e de filhos que deixaram paes, e paes a filhos, poupando-se para acabar em vinganças honrosas, que não póde sempre o valor humano ter ligada a fortuna a seu alvedrio, nem haver maior fraqueza que não saber defender a vida, reservando-a a melhor uso, quando não é necessario perdel-a.

Mas tornando á nossa relação, sendo já bem tarde os mouros se foram recolhendo cada um com sua presa, com assás temor uns dos outros, porque o mais poderoso não sómente a tomava ao mais fraco, mas acontecia ás vezes matal-o primeiro por escusar ouvir suas razões.

Os despojos que os inimigos alcançaram do campo foram muito poucos, tirando a presa dos captivos, porque eram tantos que a muitos não coube mais que um pedaço de tenda.

CAPITULO II

ACCLAMAM OS MOUROS POR REI MULEY AMET, E ENTERRAM OS SEUS QUE NA BATALHA MORRERAM

A tarde d'este mesmo dia foi acclamado rei Muley Amet, e porque se saiba como Deus quando é servido escolhe as mais tristes pessoas para maior castigo, vamos mostrar como a fortuna o pôz no throno real, tão pouco d'elle esperado.

É de saber que este Muley Amet era tido em tal conta de seu irmão Muley Moluco, que chegou Reduão, elche portuguez, a dar-lhe uma bofetada, sem por isso haver uma minima reprehensão; porém, posto que fosse qual era, trazia debaixo de seu governo dezoito mil homens de cavallo, com os quaes entrou na batalha; e no tempo em que os aventureiros chegaram junto aos cinco pendões verdes, a par da liteira de Muley Moluco, sabendo elle que era morto, com toda a gente de sua companhia se acolheu; e sendo totalmente acabada a vida, na qual tinha só sua fortaleza, succedeu logo por vontade Divina o que havemos contado. Rendido o campo, e sabida geralmente a morte de Muley Moluco, começaram os alcaides e mais gente de guerra a acclamar Muley Amet, cuidando todos que os acompanhára na batalha, e que no campo devia estar; e era tanto pelo contrario, que levando-lhe muito depressa alguns amigos seus esta nova, o foram achar em

Chegou logo esta nova á armada, e veio Diogo da Fonseca, corregedor da côrte, a inteirar-se do caso, e entrando na casa, onde estes homens estavam com o capitão Pero de Mesquita, o mancebo embuçado se descobriu, e foi visto que era um homem fidalgo (não da casa d'el-rei, nem da côrte, por certo), cujo nome não sabemos, nem é bem que se saiba; e sendo muito reprehendido elle e seus companheiros, deram por desculpa que não haviam dicto que vinha alli el-rei, senão que vinham d'onde el-rei estava.

N'este meio tempo começou a fama a fazer seu officio, e foi confirmada a opinião de ser aquelle el-rei D. Sebastião no mar e na terra, porque havendo precedido tão claros indicios e sendo a nova tão amiga, por mais que do capitão e de Diogo da Fonseca eram desenganados, ninguem queria cuidar o contrario, principalmente embarcando-se este mancebo escondido, ou com temor do povo, ou por lhe parecer que vindo áquellas horas seria notado; e na verdade foi uma grande inadvertencia e mal empregada piedade deixarem-n'o embarcar d'esta maneira, pois em qualquer damno que recebesse não ia nada, principalmente merecendo elle muito bem algum castigo, e muito em dar occasião a nunca se ter por certa a morte d'el-rei D. Sebastião, d'onde nasceram tantas desventuras, que chegou um lavrador, por nome Pedro Affonso, do termo da cidade de Lisboa, a fingir el-rei D. Sebastião vivo, e pôz em seu logar um Matheus Alvares, pedreiro, que mostrava aos simples lavradores; de modo que chegou o negocio a attrahir muita gente da Ericeira e de Cintra, com que Pedro Affonso commetteu algumas crueldades, como foi matar o desembargador Gaspar Pereira do Lago, e despenhar alguns officiaes da justiça, e correram muito risco alguns vassallos leaes e ministros graves d'el-rei, como foi Diogo da Fonseca, corregedor que então era da côrte, a quem o archiduque Alberto mandou castigar este tumulto, e se viu de maneira que esteve muito perto de perder a vida, se não

fôra muita a industria e valor que usou, e foi necessario mandar logo o cardeal algumas companhias de soldados, para acabar de atalhar este furor.

E assim se entende que fez o glorioso S. João Baptista milagre, pedindo a Deus livrar-se este povo de Lisboa, porque no seu dia estavam estas gentes concertadas para entrarem e destruirem esta cidade debaixo do nome d'el-rei D. Sebastião, e outras cousas que depois succederam de grande desatino e desventura, que não ha para que se refiram, as quaes por nascerem da imaginação de ser el-rei vivo, é ainda maior mágoa, pois se perderam então licitos desejos, sabendo mal usar d'elles, pois bem claro estava que sendo assim não havia para que tomar armas, nem usar d'outras invenções, senão dar graças a Deus, havendo só de permeio el-rei Philippe, nosso senhor e principe tão catholico, e que tanto amava seu sobrinho.

Mas tornando ás tendas onde passamos a noite, digo que tanto que foi manhã, abertos os olhos e desperto o entendimento, caiu sobre todos tão profunda tristeza, que apenas lhes deixou o sentido livre para poderem cuidar em cousa alguma, antevendo em um momento a larga somma de tantas miserias; mas sobretudo o sentimento da despenhada honra portugueza, que tão pouco antes estava no logar onde não podia ser mais levantada, acabava de todo a paciencia.

Estando pois d'esta maneira, como Deus sempre consola os afflictos, lançaram os olhos para o caminho e viram vir muitos carros, acompanhados de muitos mouros e mouras gritando, os quaes vinham carregados dos seus mortos, que parece que no espaço que lhes ficou do outro dia sahiram a buscar de Alcacer; e posto que esta visão em tal estado lhes não podia dar algum contentamento, foi porém parte de grande consolação, fazendo um breve discurso em como aquelles que com mais razão poderam chamar-se ditosos, iam d'quella maneira despedaçados e mortos em sua terra, com tanta grita

e lastima de seus parentes, sem algum gosto da mallograda victoria, e elles todavia, ainda que maltratados e captivos, estavam com vida, e facilmente podiam passar qualquer adversa fortuna, e assim n'este pensamento, com os olhos postos na misericordia Divina, ficaram com alguma consolação.

Grandes eram as lastimas que se ouviam n'esta commum miseria, aos homens a quem faltava qualidade para soffrimento honroso, chorando os miseraveis de maneira, e dizendo algumas cousas na lembrança do desamparo de suas casas, que causavam a todos outro novo tormento, dando bem clara mostra da fraqueza de seus animos. Pelo que realmente deviam ter os principes grande conta com seus commissarios, no modo de levantar gente para a guerra, castigando rijamente os erros que n'essa parte se commettem, porque muitas vezes largam mancebos muito practicos, e mui gentis escopeteiros, e tomam em seu logar um simples cabreiro, ou pobre lavrador, a troco de muito baixo preço, e d'esta maneira vem a formar esquadrões bem numerosos (como foram os que el-rei levou) de valentes soldados ao parecer, e de innocentes ovelhas nas obras; tambem parece notavel erro, como a experiencia n'esta desventura nos tem mostrado, querer um principe fazer guerra ao menos voluntaria, com gente colhida por força, e com rigor; porque, como terá particular cuidado, no que toca a malicia, um pobre official que deixa a casa cheia de filhos, sem outro remedio algum mais que aquelle que por suas mãos lhe ganhava no officio, em que sómente estava exercitado, ou como deixará o lavrador, por mais robusto e bem disposto que seja para a guerra, os campos orphãos de quem com suor de seu rosto esperava tirar a fructo para sustentar seus filhos, e pagar suas rendas?

Nunca, segundo entendo, depois que houve guerras no mundo, se commetteu tão temeraria empreza, com tão mal disciplinada e simples gente, sendo a mais d'ella levada sem saber onde ia; de maneira que caminhando por mandado d'el-

rei, partiam gemendo com mil suspiros, com os olhos postos em seus filhos, como as vaccas em Palestina quando por mandado de Deus levavam o sancto pezo da arca sagrada: vêde com que valor esta pobre gente arremetteria a seus inimigos, sendo por nosso mal a mais numerosa em nosso campo.

Quem por ventura não vir estas cousas com os olhos da razão, perguntará onde estava o valor dos portuguezes, de que tanto se presam; mas bem notada a fraqueza e qualidade d'esta gente que el-rei levava, bem se deixa entender que posto que fosse de Portugal, não podia ter nome de portugueza, e d'isto deu bem claro testemunho a fidalguia d'este reino e a gente nobre d'elle no estrago que fez em seus inimigos, morrendo e matando, como elles mesmos confessam e se mostrou por obra, e assim se viu depois por experiencia quão grande erro fôra não levar el-rei a gente nobre de Portugal de cavallo, que fôra muita, e de muito valor, e não pobres e miseraveis lavradores, que em nenhuma parte do mundo servem senão para lavrar os campos.

CAPITULO III

MANDA O XERIFE BUSCAR O CORPO D'EL-REI D. SEBASTIÃO

No mesmo dia da batalha, passando Sebastião de Rezende, um moço da camara d'el-rei captivo pelo campo, onde estava a multidão de corpos mortos de amigos e inimigos, todos nús e despojados, sem differença alguma, viu entre outros muitos o real corpo d'el-rei, cujo criado era; e como por então não podésse fazer outra cousa mais que derramar infinitas lagrimas, guardando bem na memoria o posto e logar em que o vira, ao outro dia pela manhã dando conta aos fidalgos, foram estes de parecer que se dissesse ao Xerife, por não perecer o real corpo sem a devida sepultura.

Logo se lhe deu conta, e elle mandou que se buscasse com dous mouros, em companhia de Rezende, e foi achado no mesmo logar que havia dicto.

Vendo pois Rezende aquelle formoso e real corpo, depois de o banhar com amargo pranto, despojou-se da propria camisa para o cobrir, juntamente com umas seroulas até o joelho, que no chão por desprezadas deviam ficar, e pondo-o em uma cavalgadura foi trazido á tenda do Xerife.

O' miseravel vida, caducas esperanças, desenganado espelho da presumpção humana, quem viu, dias antes, um rei mancebo tão amado e tão temido, senhor de um reino tão

rico e tão honrado, sobre um soberbo cavallo pizando o inimigo campo, livre e seguro entre seus vassallos, todo rodeado de luzentes armas, e de puro amor, e o vê agora posto em uma humilde cavalgadura, atado com uma corda, coberto de sangue, suor, e terra, com o rosto disforme do transito mortal, e de uma ferida que na testa tinha, e outra muito grande debaixo do braço direito, que parecia de azagaia, por certo que não ha mister pouco soccorro do céo um pobre entendimento, para se abater humildemente debaixo da incomprehensivel ordem e governo da providencia Divina, vendo em um só momento sepultada a honra das gloriosas armas dos portuguezes, as esperanças de um rei tão valoroso, o perpetuo amparo e consolação de tantos, e de todo emfim cifrado e perdido n'esta só vida quanto nem cuidar se sabe.

Tanto que o real corpo chegou á vista dos fidalgos que presentes estavam, e de outros captivos, todos se pozeram em um vivo pranto; e de joelhos, com entranhado amor e obediencia, lhe foram beijar os pés, sendo já d'elles reconhecido, se poderam todavia olhos tão cobertos de lagrimas ter inteiro reconhecimento.

Logo o Xerife lhes mandou dizer que vissem aquelle corpo, e se fosse d'el-rei D.ª Sebastião se lhe daria a devida sepultura, e do que n'isso assentassem lhe dessem conta.

Fez-se o que el-rei mandou, e posto que não houvera outras testemunhas mais que as infinitas lagrimas e suspiros, bastavam para se dar inteiro credito ao miseravel successo.

Feita a diligencia, e certificados os fidalgos que presentes estavam, o Xerife lhes mandou dizer se queriam resgatar o corpo de seu rei, ao que responderam que sim, e visse sua magestade o que lhe haviam de dar, porque no primeiro logar de christãos se entregaria a quem mandasse.

Tanto que o Xerife teve esta resposta, como a sua tenção era certificar-se sómente com esta diligencia se era aquelle o corpo d'el-rei D. Sebastião, não deferiu a mais, e mandou que o pozessem em um caixão, o qual se fez das andas em que ia Jorge da Silva, e n'ellas foi levado a Alcacer.

Altissimo Senhor, benigno, e justo juiz, como é possivel que tendo tanto amor aos homens, como vossas obras tem mostrado, os venhaes a desamparar de maneira que deixeis seu governo em suas mãos?

Se todos os animaes são governados pelo homem com muita razão, pois lhes faz tanta vantagem na parte distincta e suprema do uso d'ella, e assim parece pois que os homens deverão ser regidos por outras intelligencias de materia mais sublime, e de mais levantado juizo, sem paixão natural de ira, odio, ou inveja, como póde uma creatura humana soccorrer a falta alheia, se quanto o mundo tem lhe parece pouco para remediar sua necessidade, ou seja verdadeira ou cubiçosa, e como póde um juizo humano, quando seja o melhor que houve no mundo, acudir a tanta diversidade de cousas, sem lhe ser necessario entregar muitas vezes os poderes reaes em mãos famintas, vis, e cubiçosas, muito contra o que deseja, pois não póde sempre acertar nas eleições?

Pois que esteja na vontade de uma só creatura assolar um reino, sem querer, ou por defeito natural ou por qualquer outro furor, admittir conselho algum, é cousa certo digna de grande lastima.

Por outra parte, Senhor, já que permittis que se herde a liberdade das gentes como se fôra campos e arvoredos, parece que devia ser o herdeiro de tão alta mercê bem digno d'ella no entendimento, bondade e justiça; mas emfim, Senhor, bem claro está que todas as nossas miserias nascem da multidão de nossos peccados. E sobretudo, ha quem fôra tão bemaventurado que podéra não sómente fazer vossa von-

tade, mas ser muito devoto d'ella, que sendo vós quem sois, bem claro está que hão-de ser vossas obras justas, verdadeiras e sanctas, e que a desconsolação que temos do modo e termo d'ellas nasce do defeito de nosso entendimento, pelo grande amor que temos ás cousas da terra, e a nós mesmos, turbando-nos isto a vista dos gloriosos fins que tantas vezes estão encobertos debaixo da maior tristeza.

CAPITULO IV

ENTERRA-SE O CORPO D'EL-REI D. SEBASTIÃO; VAE BELCHIOR DO AMARAL A ARZILA E TANGER COM LICENÇA DO XERIFE

Pouco depois do infeliz reconhecimento do corpo d'el-rei D. Sebastião, entraram os fidalgos que presentes se acharam em conselho na miseravel fórma em que o tempo o consentia, e assentaram que se deviam resgatar todos juntos, assim por ficar o preço mais favoravel, como por atalhar o damno que resultaria do muito que por si promettessem alguns mal soffridos, impossibilitando-os mais. Foram d'este parecer D. Duarte de Menezes, D. Duarte de Castelbranco, depois conde do Sabugal, D. Fernando de Castro, D. Miguel de Noronha, e Belchior do Amaral, com a resolução do qual foi D. Duarte fallar a el-rei, a quem elle com attenção ouvia por ter conhecimento de suas obras e pessoa, sendo capitão de Tanger. O qual lhes respondeu muito conforme ao que elles pediam, que era resgatarem-se juntos, dizendo que lhe parecia muito bem, mas que os fidalgos se vinham juntando a cada hora, e sendo juntos os poria em preço muito accommodado, o que já não podia ser senão em Fez; d'esta resposta ficaram muito satisfeitos, mas não entenderam por então a causa d'esta boa vontade, a qual era para que estes fidalgos, levados de tal desejo, incitassem os mais a revelarem-se.

Depois d'esta resolução, pareceu bem aos do conselho, a quem os mais haviam dado sua authoridade, que se devia pedir ao Xerife mandasse pôr em guarda do corpo d'el-rei algum fidalgo, assim por authoridade, como por não acontecer ficar de maneira que se podésse outro pôr em seu logar, dando-se d'aqui occasião a nunca se ter aquelle por verdadeiro. Tornou D. Duarte com isto ao Xerife, o qual o concedeu muito facilmente, e foi ordenado que Belchior do Amaral fosse acompanhar o corpo, e dar-lhe sepultura. Partiu Belchior do Amaral para Alcacer, e nas lojas das casas de Abraen Sufiane, alcaide da mesma villa, lhe fez a sepultura, ajudado de um tudesco, ondè no caixão em que vinha foi enterrado, coberto de cal e areia, e de infinitas lagrimas, pondo-lhe alguns signaes de pedras e tijolos, para se conhecer a todo o tempo.

Feita esta lacrimosa diligencia, pareceu bem a estes fidalgos ordenarem alguem que fosse a Arzila dar conta do estado das cousas; a isto annuiram todos, e escrevendo D. Duarte de Castelbranco o que se havia de guardar, e pedindo-se ao Xerife désse licença, respondeu que assim se ordenasse, e o mensageiro fosse aquelle que para Alcacer fôra sob sua palavra. Partiu Belchior do Amaral, e entrou em Arzila, onde achou Pero de Mesquita, capitão, com assás temor do Xerife lhe vir pôr cerco, por estar tudo desapercebido; porém elle, como sabia o caminho que o Xerife levava, assegurou o capitão e todos os mais.

Quando os fidalgos se ajuntaram, como atraz fica dicto, foi assentado que a pessoa que viesse a Arzila, além de dar conta do estado das cousas, pretendesse haver algum dinheiro do que na armada ficára, para se dar ao Xerife a conta do resgate dos fidalgos, assim porque com isso o começassem a grangear, como por elle o ter significado; porém vendo Belchior do Amaral como em Arzila nem estava D. Diogo de Sousa com a armada, nem havia outro algum remedio, partiu no

mesmo dia, como quem só procurava por descanso os trabalhos a que se offerecia, e tanto que chegou a Tanger deu conta ao capitão Pero da Silva, que na cidade por el-rei estava, assegurando-o dos receios que com razão podéra ter da determinação do Xerife.

Estava n'este tempo surto em Tanger um galeão da armada, com uma caravela, que D. Diogo de Sousa mandou com D. Francisco de Souza, seu sobrinho, a saber o que se passava; e como Belchior do Amaral, depois que fez os devidos officios, ácerca da segurança da terra, e das mais cousas necessarias, não soffresse uma hora só de repouso, escrevendo uma carta em que relatava aos governadores a morte d'el-rei D. Sebastião, e o apparecimento de seu corpo, com as mais cousas passadas e tocantes a este infeliz negocio, se deliberou em partir, dando a carta a D. Francisco ao cabo de tres dias, nos quaes, além de outras muitas mágoas e miserias que n'esta cidade viu, aconteceu uma cousa bem digna de memoria, assim pela maravilha d'ella, como pelos honrosos effeitos que a causaram.

Estava n'esta cidade frei João da Silva, filho de Rui Pereira da Silva, guarda-mór que foi do principe D. João, religioso da ordem dos prégadores, muito douto e excellente prégador, a quem por sua qualidade e virtude amava muito el-rei D. Sebastião, e o não acompanhou por ficar com todo o cuidado dos enfermos do campo, e além d'isso mal disposto. O qual, tanto que soube a vinda de Belchior do Amaral, lhe mandou pedir, por sua indisposição, o quizesse vêr, e sendo visitado lhe disse: Senhor uma cousa hei-de perguntar a vossa mercê, sem querer saber outra alguma, a qual é, se el-rei D. Sebastião por ventura é morto. Ao que Belchior do Amaral respondeu que morto era, e elle o enterrára por suas mãos.

Tanto que frei João da Silva ouviu e percebeu este cruel desengano, no qual parece que viu cifrados quantos ma-

Seguindo pois el-rei seu caminho, e fazendo mui pequenas jornadas por causa da muita gente que levava, e dos negocios que se offerecem nas novidades de semelhante estado, ao cabo de dezoito dias chegou com seu campo á vista de Fez.

Chegaria o Xerife a este logar com sessenta mil homens de cavallo, e quinze mil de pé, porque os mais se retirarám feridos, além dos que na batalha morreram, e tanto que entrou na cidade, estando a seu parecer muito descançado em seus paços, se levantou entre a gente de guerra, que no campo fóra das portas estava, um rumor tal, que parecia outra nova batalha; porém como o alvoroço fosse sómente sobre as pagas, que parece lhe haviam promettido, satisfel-os el-rei, ficando o negocio resolvido, e elle seguro, posto que muito resentido do successo.

Passado este tumulto, ao outro dia mandou o Xerife apregoar que todo o mouro que tivesse fidalgo, o trouxesse a seu poder, como por determinação da guerra estava ordenado, e quem o contrario fizesse seria muito rigorosamente castigado, além de perder o captivo.

E para melhor haver assim os fidalgos, mandou cerrar os portos, e que não houvesse Cafilas, nem commercio, para se não salvarem alguns, o que durou muito tempo, e foi uma das maiores desconsolações que os captivos receberam.

Com esta ordem, emfim, e grande temor d'el-rei, acudiram muitos mouros, trazendo os fidalgos que tinham, os quaes muito contra sua vontade acceitavam o novo melhoramento de senhor, querendo antes soffrer as miserias de seu captiveiro, que ter descanço onde não era razão.

D'esta maneira se iam juntando de todas as partes; e sem embargo d'esta determinação alguns fidalgos não foram entregues, por serem de alcaides principaes, como foram tres que mandou o alcaide Alichechito, e outros semelhantes senhores, com que el-rei devia dissimular. Os do numero fo-

ram aposentados assim como vinham em casa dos judeus, e o duque de Barcellos na do Xeque, ou Governador d'elles.

Bem differente sorte de todos teve n'este tempo o prior D. Antonio, filho do infante D. Luiz, permittindo-o assim Deus por seus occultos juizos, o qual foi captivo de um alarve honrado, visinho d'aquelle Aduar que chamam de Talemaçude, que D. Duarte de Menezes sendo capitão de Tanger destruiu todo: o qual tanto que o captivou, para melhor se encaminharem suas cousas, o despiu dos vestidos que trazia, dando-lhe outros tão baixos e miseraveis, que sendo buscados os fidalgos, e levando um mancebo moço da camara d'el-rei que com elle estava preso pelos pés, o desprezaram e largaram como a um pobre soldado, o qual d'esta maneira foi levado ao Aduar, e perguntando-lhe o mouro que significava aquella insignia (dizendo isto pelo habito de Malta que lhe achou), elle respondeu cautelosamente, que aquillo era signal e obrigação de certos Cacizes de christãos, e por isso trazia cruz branca da igreja d'onde comia. Deu a isto muito facilmente credito o mouro, e folgou de lhe ouvir dizer que comia renda de igreja.

Estando pois tido n'esta conta, como no Aduar estivesse tambem captivo um cavalleiro de Tanger, que se chamava Gaspar da Gran, por sua ordem e de um judeu por nome Abraham Gibre, se concertou com o mouro em dous mil cruzados, pelos quaes o judeu ficou mettendo em cabeça ao mouro que se até janeiro aquelle Cacis não estivesse na sua igreja, o Papa a proveria, e elle ficaria sem se poder resgatar, de modo que o mesmo mouro o trouxe a Arzila, sem nenhum intervallo nem perigo, em tão pouco tempo, que não passaram dous mezes; d'onde se póde ver no successo de tantas bonanças as longas miserias a que Deus começava a abrir as portas, juntamente com as de Arzila, por seus occultos juizos.

CAPITULO VI

DO QUE PASSAVÁM OS CAPTIVOS EM FEZ; DESCREVE-SE A CIDADE

EZ é uma cidade, a maior e mais principal de toda a Barbaria; está situada a trinta e um gráos da nossa altura; ha n'ella duas partes, convem a saber: Fez, o novo, que contém Alcaçova, Paços reaes, casas de senhores, Alfandegas, Aduanas; e isto cercado de muitos bons muros, faz uma pequena cidade. Logo junto d'ella, a pequena distancia, está Fez, o velho, bem murado, e assentado entre alguns outeiros e planicies; foi parte d'esta gran cidade, chamada Elbeida, que quer dizer a branca, edificada por um grande prégador entre os mouros, que se chamava Idriz, na era de setecentos e noventa e oito; a outra parte maior, á qual sómente divide um pequeno rio, se chamou Aynaul, e foi edificada por Acem, neto do mesmo Idriz, e hoje se chamam uma e outra Fez, o velho, côrte do ponente; dizem que depois Joseph Luntuna fez d'estas duas cidades uma só, pondo-lhe o nome do rio proprio, que se chamava Fez, como mais largamente se refere na descripção de Africa, onde se dizem d'esta cidade tantas grandezas, que parece cuidaram que nunca podésse haver tanta testemunha de vista, como por nossos peccados houve (se já não foi erro da impressão), porque fazem a Fez, o velho, sem o novo, de oitenta e quatro mil visinhos, e que a sua Mesquita

maior occupa meia legua de campo, e tem dentro em si dez mil esteios de marmore grossos, que vem a occupar um espaço fóra de consideração.

O que d'isto me parece, como quem o viu devagar, com informação de alguns captivos velhos, e de judeus já hoje convertidos, que se crearam na mesma terra, é que Fez, o velho, terá trinta mil visinhos, e a sua Mesquita quatrocentos esteios de tijolo, e não de marmore, e poderá ter de uma porta á outra, estando toda em fórma redonda, trezentos passos, sendo como é muito formosa, com doze portas, que convergem a todos os bairros, de modo que se póde entrar muito facilmente n'ella por qualquer parte, estando no meio da cidade como está; tem de renda oitenta mil cruzados, os quaes lhe come el-rei, dando muito poucos aos seus Cacizes, que são muitos.

E no que toca a Fez, o novo, a quem põem na mesma descripção oito mil visinhos, a qual edificou Jacob, primeiro rei de Fez, o velho, dos Benamerines, como fortaleza para recolher sua gente, terá mil visinhos, quando muito, por ser cousa muito pequena.

É toda a cidade de Fez, o velho, muito cheia de casas, e infinita gente, e juntas ambas as cidades, que ambas, por estarem muito perto, parecem a mesma cousa, fazem um bem soberbo e formoso apparato; toda a casa em Fez, o velho, tem bombas de agua, que do rio tomam bem facilmente, e ha na cidade trezentos e tantos moinhos e pizões.

A Judearia tambem é parte da cidade, a qual está junto aos muros de Fez, o novo, de modo que parece tudo uma cousa; tem muros não muito altos, de que toda está cercada em fórma redonda; terá mil visinhos e é toda cheia de casas muito altas e sobradadas; não tem mais que uma só porta, a cuja entrada estão sempre mouros officiaes d'el-rei, que recebem seus tributos, e fazem em um certo modo guarda á miseravel gente.

A esta cidade, pois, tão opulenta e nobre, acudiam todos os christãos captivos, e mui poucos tinham remedio para ficar n'ella, por haver já muitos, que tal foi o successo de nossa desventura, e só aquelles que tinham habilidades naturaes, ou sciencia em alguma arte, não sendo fidalgos conhecidos, alcançavam favor, e tinham mais accommodada sorte, e assim era grande o contentamento e consolação d'aquelles que vinham de outras partes e ficavam n'esta cidade, porque além de estar o Xerife n'ella, estavam todos os fidalgos e concurso de mercancias.

Além d'isso, muitos Elches senhores favoreciam os christãos, entre os quaes havia um portuguez de nação, que se chamava Alichequito, muito rico e valido do Xerife, de muita boa natureza e condição, o qual era totalmente amparo e refugio dos captivos; mas sem embargo d'estes commodos, bem se deixa entender quantas e quão diversas miserias e trabalhos podiam padecer os captivos em Fez, e em outras partes, no decurso de um anno e meio que os fidalgos do numero estiveram em Barbaria, de cujo tempo e successo era nossa tenção escrever mais particularmente, se não fôra a lembrança de que, por sua qualidade e aspereza, seria dar a sentir de novo o mesmo captiveiro; antes sendo a materia tão triste, entendi certo que não havia para que fazer menção de cousa alguma; porém como Jeronymo Franqui, tractando d'este captiveiro, condemna a nação portugueza, dizendo ser mal soffrida, apontarei algumas cousas, pelas quaes se poderão julgar as outras, e se verá claramente o que se podia padecer.

E digo ainda mais, que não é minha tenção sómente justificar cousas tão justificadas, senão que, como isto sejam miserias e desventuras que passaram portuguezes, as quaes sempre diante de Deus, ou seja por castigo de peccados, ou por seu alto juizo, habilitam os peccadores, e os fazem capazes

de sua divina graça e misericordia, não é bem que passem em silencio, servindo juntamente de se emendarem erros, e de melhor discurso nas cousas que podem succeder, tendo-se tambem por muito certo, que não ha-de Deus nunca desamparar este reino, por mais que com rigor o vejam castigado, que os paes não castigam por odio, senão por amor.

Tornando a nossa obrigação, digo que muitos homens havia aos quaes seus amos tinham presos nas cadêas publicas, por se cotarem em alto preço, onde dormiam no chão, e não tinham outra cousa para comer, mais que algum pobre mantimento que os ladrões que estavam na prisão lhes davam das esmolas que n'ella recebiam, que não bastava o extremo de sua necessidade a não se apiedarem a quantas miserias lhes viam padecer.

Outros moiam trigo e cevada em uma mó de mão, ou cardavam lã, com tarefa certa; de maneira que ás vezes, depois de não descançarem em todo o dia, lhes ficava tão pequena parte da noite, que não tinham de repouso uma só hora; muitos iam cavar de dia as vinhas, e hortas, sendo mais soffrivel trabalho, porque descançavam de noite, posto que alguns, com grossas bragas que levavam, passavam grande tormento no caminho.

Outros havia que tinham cinco e seis amos, aos quaes o miseravel captivo servia toda a semana por distribuição, experimentando cada dia differentes humores, e varios trabalhos, porque cada mouro d'estes, por pequena parte que tivesse n'elle para lhe dar tormento, a tinha toda.

Alguns havia a quem seus amos punham a aprender officios bem humildes e trabalhosos, e por certo que vi eu muitos já bem déstros n'elles, trabalhando com infinita paciencia de dia e de noite.

Outros havia de mais curta ventura e miseravel estado, os quaes seus amos tinham carregados de ferro de dia, e em prisões muito escuras de noite, mettidos em um tronco, sem

verem pessoa alguma, e quanto mais soffriam peor era, porque a maldade e cobiça dos mouros, d'este honrado soffrimento concebia grande qualidade em suas pessoas, e assim, para o effeito de se cotarem em alto preço, carregavam mais a mão em suas miserias.

Estas e outras muitas cousas, que como está dicto senão podem referir, passavam os captivos ordinariamente em Fez, em Mechines e em outros logares, mettidos pelo sertão dentro, as quaes sendo tão estranhas e trabalhosas eram muito suaves, a respeito do que padeciam os captivos de Alcacer, Tetuão, Larache e Salé, que por estarem perto de nossas fortalezas os tinham os mouros em masmorras.

São as masmorras umas covas grandes, em que os mouros recolhem os captivos de noite, para os terem mais seguros, e tem uma só bôca por onde descem a ellas, onde padecem grandes miserias de fome e sêde, e outras cousas semelhantes no uso da sua limpeza, que não podem ter nome, pelo que deve todo o christão dar muitas graças a Deus de o livrar de tantos trabalhos, e ter muito zelo e cuidado da redempção dos captivos, para que o mesmo Senhor o guarde de tanta desventura.

Isto era o que passavam os captivos com muito animo, e paciencia; nem os fidalgos por levarem melhor vida se descobriam nunca, salvo quando corria risco seu respeito, sua vida, ou consciencia, porque então fóra fraqueza soffrer qualquer injuria, pelo interesse de seu resgate, quem só se podia respeitar, cousa nunca admittida na opinião portugueza; mas não havendo estes perigos, todos soffreram muito, não estimando os trabalhos, de que lhe não dava pequeno exemplo o que padeceu n'esta mesma terra o infante D. Fernando, e muitos se livraram sem serem conhecidos. Por onde se póde ver quão enganadamente Jeronymo Franqui diz, fallando geralmente dos portuguezes, que quando são captivos os mouros ós tem em muita estima, por se cotarem logo em alto preço

como gente deliciosa e para pouco, pois o contrario se viu n'este captiveiro, quanto mais que bastava só a nunca imaginada e trabalhosa viagem da India, para se dar a palma aos portuguezes de soffredores de trabalhos e perigos; mas n'esta materia de captiveiro ousaria affirmar que estimam os mouros mais a um portuguez, por miseravel que seja, que ao mais principal genovez, não como entende Franqui, senão porque aos portuguezes, como continuos vizinhos e inimigos, estimam elles muito terem em captiveiro, tanto por se livrarem dos males recebidos, como por estarem livres dos que podiam receber, e assim mui raramente resgatam os cavalleiros das nossas fronteiras, e a muitos d'elles dão veneno, de que morrem logo ou pelo tempo adiante, e além d'isto tambem qualquer portuguez lhes importa mais, pela razão de que o genovez, no mesmo dia em que se vê captivo, se torna facilmente mouro, e sendo isto assim nenhum proveito vem a seu dono de taes captivos, porque ficam d'el-rei e não dão nada por seu resgate, e assim os mais dos Elches da Barbaria são genovezes.

Não quero trazer á lembrança a passagem do Grão-Turco Amurates em Hungria, nem julgar de seus cambios, nem do edicto publico de Carlos VII, rei de França, nem de quando se pôz em contingencia (entre alguns homens d'estes) a quem se seguiria, se a parte do Grão-Turco, se a dos catholicos imperadores, nem dos refrães da Italia, tantos e tão verdadeiros, nem emfim de outras muitas cousas, que não é bem que tenham nome, assim por não serem do que toca a nossa relação, como porque na verdade em todas ellas não deve ter culpa alguma a senhoria de Genova, cujo solido corpo com tanto gasto de seus thesouros e esparsimento de seu sangue, resiste de continuo aos inimigos de nossa sancta fé catholica, mas estes seus partos indignos lhe solicitam bem differente opinião, e dão claro testemunho da pouca fé que em todas as cousas se deve dar a semelhantes homens.

CAPITULO VII

MANDA O XERIFE AOS FIDALGOS QUE SE PONHAM EM PREÇO

D'ESTA maneira que havemos dicto corriam as cousas, estando todavia os portos cerrados, que foi cousa entre todos muito sentida, quando o Xerife, depois de ter em seu poder cincoenta e quatro fidalgos com as diligencias que se fizeram, mandou que se resgatassem, trabalhando muito que fosse cada um em particular, e que se não fallasse no duque de Barcellos. Juntaram-se logo todos, muito contra sua vontade, porque, como tinham escripto a el-rei D. Henrique o modo em que estavam, não lhes pareceu bem acceitarem alguma cousa sem sua ordem. Mas não podendo fazer outra cousa, elegeram para este effeito D. Duarte de Menezes, D. Miguel de Noronha, D. Fernando de Castro e D. João de Menezes, e feita a eleição estavam aguardando o que o Xerife pediria; porém logo lhes foi dicto que o costume era prometterem os captivos primeiro, o que foi muito bem entendido, pela tardança que houve da parte d'el-rei.

Certos os fidalgos d'isto, prometteram por si oitenta mil cruzados, do que o Xerife ficou tomado de maneira, que jurou de os não resgatar nunca, com grandes queixumes de sua dissimulação, e fingida pobreza; porém, passada a melancolia, mandou pedir pelo alcaide Cahia um conto de onças,

que são quatrocentos mil cruzados, ao que os fidalgos não responderam a proposito.

Vendo isto o Xerife lhe mandou um rol, no qual estavam quinze da companhia, pelos quaes dizia lhe haviam de dar sómente os quatrocentos mil cruzados.

Descido el-rei d'estas esperanças, ou verdadeiras, ou fingidas, disse a D. Duarte de Menezes que se determinasse, e lhe dessem pelos fidalgos (que já chegavam a setenta) quatrocentos mil cruzados, e quando não, lhe haviam de dar um conto de ouro; além d'isto tentou levar ao cabo uma cousa contra toda a razão, a qual era que nenhum christão havia de sahir da Barbaria, se lhe não entregassem Muley Naçar, seu sobrinho, e irmão do Xerife, que veio n'esta jornada, que estava em Arzila, ao que D. Duarte respondeu, que elles não se podiam obrigar ao que estava na vontade d'el-rei; porém a injusta petição durou muito tempo.

N'esta conjuncção o alcaide Cahia, a quem elles tinham por bem zeloso, lhes disse, que elle insistiria com o Xerife que resgatasse os oitenta (a que já chegava o numero) em quatrocentos mil cruzados; isto disse este alcaide com bem differente tenção do que os fidalgos cuidavam; porque, como determinava matar el-rei, em companhia do Guali, no caminho de Marrocos, e ficar-se com o reino de Fez, conforme ao repartimento que entre si tinham feito, vinha-lhe muito a proposito não se irem os fidalgos d'ahi, os quaes n'este tempo elegeram assim para este negocio, como para irem a Portugal, D. Jorge de Menezes, Vasco da Silveira, Ayres Telles, Christovão de Moura, D. Francisco de Portugal, Pero Guedes, D. Francisco d'Almeida e Manoel Soares.

Tambem elegeram para este negocio, e para acudirem aos enfermos, D. Duarte de Castelbranco, meirinho-mór, e Luiz Cesar.

Juntos estes fidalgos e os mais do conselho, concluiram que se dessem quatrocentos mil cruzados, e n'este mesmo

dia, indo o alcaide Cahia fallar a el-rei sobre estas cousas, foi por seu mandado morto, juntamente com o do Guali, Gurri e outros, pela conjuração que haviam feito.

Esta morte do alcaide Cahia foi muito sentida de todos os fidalgos, porque o tinham propicio. El-rei n'este tempo estava mais intransigente que nunca, porque era persuadido dos Cacizes que não acceitasse menos de um conto d'ouro, e além d'isso os alcaides, que succederam n'este seu negocio, eram seus inimigos; porém, como os subornassem, decidiram el-rei a que fosse nos quatrocentos mil cruzados, como lhes havia promettido o alcaide Cahia.

Estando as cousas d'esta maneira, e tractando-se alguns pontos de contracto, lhes foi dicto que havia de ser com condição, que todos os que morressem fossem d'ahi por diante por conta dos vivos, e que o tempo de darem o dinheiro havia ser sete mezes, o que os fidalgos não quizeram acceitar de nenhum modo, dizendo a el-rei que podiam morrer tantos, que se impossibilitassem os vivos e sua magestade perdesse o resgate de uns e outros, e além d'isso que não devia como principe benigno chegar com elles á ultima miseria, pondo-se da parte da sua desventura, pois emfim tudo era por vontade de Deus, a quem os vencedores, além da natural humanidade, deviam temer, cuidando que tambem lhe podia caír a mesma sorte, e na reputação de sua grandeza ácerca de outros principes tambem lhe traria grande louvor a liberal piedade justamente usada.

Com esta resposta foi o Xeque dos judeus, e André Corço, um italiano, que foi grande privado de Muley Moluco, ao Xerife, o qual a sentiu de maneira, que jurou por toda a sua lei destruir todos estes fidalgos, e não faltaram alcaides que lhe aconselharam que lhes mandasse cortar as cabeças, attribuindo mais a desprezo sua dissimulação que as impossibilidades que arguiam.

Logo el-rei os mandou chamar, e elles entendendo que

devia ser para se vingar de sua resposta, ordenaram que em logar de alguns que eram chamados (os quaes estavam doentes) fossem outros, para o que se offereceram logo D. Gileanes da Costa, Pero Guedes e Bernardim Ribeiro, que foram com os mais eleitos, tirando Luiz Cesar, que para fazer alguns negocios ficou de fóra.

Chegando ao paço, acharam Amubemseleme, que era um mouro vedor da fazenda d'el-rei, muito mal inclinado e inimigo dos christãos, o qual lhes mandou dizer da parte do Xerife (estando elles no pateo de fóra á sua vista) que até áquelle tempo sua magestade os tivéra por fidalgos, mas que d'ahi por diante os teria por perros e villões, pois procederam de maneira, e fôra tal o termo que com elle usaram, que lhe parecia aquelle muito pequeno castigo; e logo mandou lançar a cada um d'elles duas bragas, dando-lhe bem pouco aos ferreiros que as lançavam de errar o golpe de quando em quando, de maneira que sahindo d'este trabalho, algum tanto escandalisado Vasco da Silveira disse com melancolia (quando quiçá se esperava d'elle outra cousa): faço voto a Deus de nunca mandar lançar braga em nenhum captivo meu, ainda que seja mouro;—honrada ira certo bem digna de tal fidalgo. D'esta maneira foram todos levados á prizão.

CAPITULO VIII

CONCLUE-SE O CORTE DOS FIDALGOS, E OS CACIZES DE FEZ O QUEREM ESTORVAR COM EL-REI

STANDO na Sejana presos, como fica dicto, estes fidalgos, e com muito perigo de suas vidas, por haver muitas doenças entre os captivos d'el-rei que n'ella estavam, no segundo dia d'esta prisão mandou el-rei a ella, para mais terror presos da mesma maneira, o padre frei Antonio de Lacerda, frei Vicente da Fonseca e frei Luiz das Chagas, os quaes estavam com elles muito contentes dos males que padeciam pelo bem que d'isso a tantos resultava, sem quererem vir de alguma maneira nas duras condições que o Xerife lhes queria pôr, offerecendo a vida em tão honrado sacrificio.

Todavia seus companheiros, que estando livres d'estas penas sentiam com maior força o damno d'ellas, não lhe lembrando o interesse, que nunca em semelhantes pessoas foi anteposto ás obras de virtude, accordaram que se deviam acceitar todos os partidos, ou por melhor dizer as determinações do Xerife, e d'esta maneira sendo soltos se começaram a preitear, sendo tão desegual o partido, pois de uma parte estava, um rei tyranno, diverso na fé, natural no odio, tão livre e tão seguro, sem temer respeitos, em sua terra, e de outra um numero de infelizes captivos (posto que de alto valor), maltractados e feridos, com tão pouco remedio,

em terra alheia, debaixo do cruel zêlo de um cobarde inimigo, sem algum reparo a seus livres golpes; de maneira que estas eram as duas qualidades dos preiteantes.

Vêde com que receio ou piedade concederia o domador livre honrosos e seguros partidos a quem não tinha outro remedio senão acceitar por condição muito justa qualquer extremo de miseria; de modo que, depois de bem reconhecidas estas verdades e sabida a tenção d'el-rei, que sempre se ia encaminhando a mais deshumanos termos, foi concluido que se acceitasse a livre determinação de seu absoluto senhor, como fizeram por força já os Romanos na perdição de Cãnas, expostos ás condições de Annibal, que elle ainda depois não cumpriu, pelo que o negocio foi mais acto de obediencia que de concerto, e assim ninguem com razão lhe pôde chamar partido, errando-lhe o nome, para condemnar de longe a quem para acceitar de perto lhe faltava (como dizer-se póde) o livre alvedrio. Quanto mais que se viu por experiencia que não foi irremediavel, e tambem se veio a descobrir uma cousa: que Deus, por sua misericordia, e por bem occultos meios, era de sua parte, porque, como fica dicto, o alcaide de Cabia favorecia o partido por lhe ficarem em Fez. Acceitaram emfim os fidalgos o córte em quatrocentos mil cruzados, a razão de cinco mil cada fidalgo; e não sei certo como Jeronymo Franqui, com menos piedade que os mesmos mouros, lhe acrescenta oitenta mil cruzados, dizendo que se cotaram a seis mil e a mais ainda.

TRASLADO DO CONTRACTO QUE OS OITENTA FIDALGOS DO NUMERO FIZERAM COM O XERIFE TIRADO DÈ ARABIGO

Por mandado do servo de Deus e guerreiro em seu serviço mandador dos fieis Abelabis-Hamet, por Deus exalçado filho do mandador dos fieis Bem Audelá Mahomet, o Xeque Xerife Alçanides, o qual Deus sempre esforce e exalte seus mandados, e estenda com prosperas victorias suas bandeiras altas, por quem elle é, e por suas mercês:

Foi o concerto entre nós e nossos captivos, os oitenta fidalgos que captivamos em nossa bemdicta guerra, que nós os cotamos em dez centas mil onças, dinheiro da moeda corrente desde o tempo da feitura d'esta, os quaes são os nomeados por nomes e signaes nas tres meias folhas d'este papel assignadas, e lhes damos de praso sete mezes, que começarão do dia em que este foi feito; e se algum d'elles morrer ou fugir no dicto tempo, correrá por conta dos mais; e do que trouxerem de roupa ou mercadoria a esta comarca, aquillo que se tomar para nossa honrada casa, ou se comprar por nosso mandado, não lhes custará nenhuma dizima, e só do que venderem commummente a pagarão, como é costume; e depois de pagarem o sobredicto se poderão ir em liberdade aonde quizerem, o que fazemos saber a todos os que nossa carta virem. Dada em Fez a dez de outubro, anno 1587.

ROL DOS FIDALGOS DO NUMERO DOS OITENTA

A

D. Affonso de Menezes.
Affonso de Torres.
Alvaro da Silveira.
Ambrosio Peçanha.
Antonio de Azevedo.
D. Antonio de Castelbranco.
D. Antonio da Cunha.
Antonio de Mello.
Antonio de Mendanha.
D. Antonio Pereira.
Antonio de Tavora.
Ayres de Miranda.
Ayres Telles da Silva.
Ayres Telles.

B

Belchior do Amaral.
Bernardim Ribeiro.

C

Christovão de Mello.
Christovão de Moura.
D. Constantino de Bragança.

D

Damião Dias.
D. Diogo de Castro.
D. Diogo de Menezes Roxo.
D. Diogo de Menezes.
Diogo da Silva.
Duarte Coelho d'Albuquerque.
D. Duarte de Castelbranco, depois conde do Sabugal.
D. Duarte de Menezes Alcanhais.
D. Duarte de Menezes.

F

D. Fernando de Castro.
D. Fernando Henriques.
D. Fernando de Menezes.
D. Filippe de Portugal.
D. Francisco d'Almeida.
D. Francisco de Castelbranco.
D. Francisco da Gama.
D. Francisco de Menezes.
D. Francisco de Portugal.
Francisco de Sampaio.

G

D. Garcia de Noronha.
D. Gelianes da Costa.
Gaspar de Souza.
Gil Fernandes de Carvalho.

J

D. Jeronymo Lobo.
D. João de Azevedo.
João de Barros da Silva.
D. João de Castro.
D. João Coutinho.
João Freire de Andrade.
D. João de Lencastre.
João de Mello.
D. João de Menezes Roxo.
D. João de Menezes Sequeira.
D. João de Portugal.
João Rodrigues de Sá.
D. João de Souza.
Jorge d'Albuquerque Coelho.
D. Jorge de Menezes.

L

D. Lourenço d'Almada.
D. Lourenço de Noronha.
Luiz Cesar.
D. Luiz de Lencastre.
D. Luiz de Menezes.
D. Luiz de Portugal.

M

D. Manoel da Cunha.
D. Manoel Pereira.
Manoel Soares.
Manoel de Vasconcellos.
D. Martinho de Souza.
D. Miguel de Noronha.

N

D. Nuno Mascarenhas.
Nuno de Mello.

P

Pero Guedes.
D. Pedro d'Eça.

R

Ruy Gomes de Azevedo.
Ruy da Silva.

S

Simão Freire de Andrade.
Simão de Souza.

V

D. Vasco de Athaide.
Vasco da Silveira.
Vicente de Saldanha.

Deram estes fidalgos seu bastante poder aos eleitos, e concluido o negocio, mandou el-rei abrir os portos, que foi grande consolação a todos, e foi D. Duarte de Menezes fallar-lhe, ao qual elle fez muitas cortezias, querendo remedear em parte o demasiado rigor que usára; logo lhe pediu licença, para irem a Portugal seis fidalgos, e o Xerife veio n'isso com condição que lhe haviam de dar vinte e cinco mil onças á conta de todo o resgate. Entraram os fidalgos em conselho sobre quem iria ao reino, e foram eleitos D. Miguel de Noronha, D. Duarte de Castelbranco, meirinho-mór, Vasco da Silveira, D. Duarte de Menezes, Luiz Cesar e Manoel Soares; feito isto, e buscado o dinheiro que o Xerife pediu, assignou este o alvará de licença para os eleitos partirem a dar conta a el-rei do que estava feito, e pedir-lhe mercê e remedio.

N'esta conjuncção alguns fidalgos mancebos começaram a dizer que bastava irem sómente a Portugal quatro, o que devia ser (segundo parece) porque tendo mais companheiros cuidavam ser mais lembrados, do qual movimento (que fôra bem escusado) nasceu que, como el-rei quasi se tinha arrependido, mandou chamar D. Duarte de Menezes e lhe disse, que os Cacizes de Fez, o velho, lhe faziam certos requerimentos (como logo diremos) e que lhe parecia justiça deferir a elles; a isto lhe respondeu D. Duarte que não sabia mais do que ter um alvará por sua magestade assignado, e começar a pagar esta conta.

Estando como acima apontei el-rei n'estes termos, parece que tiveram os Cacizes da Mesquita de Fez, o velho, noticia do contracto, e consultando entre si, que seria bom tirarem d'este negocio um grande proveito á republica, além de fazerem serviço a Mafoma nos damnos que recebessem os christãos, e dando conta d'isto ao Cati (que é como seu Bispo a nosso respeito) foram fallar a el-rei, dizendo que sua magestade dava liberdade a oitenta fidalgos por quatro centos mil cruzados, no qual contracto fôra enganado, e que elles lhe

queriam dar mais oitenta mil onças que o povo lhe emprestava logo em dinheiro, sem esperar sete mezes, e que além do proveito que se conseguia d'onde era piedade não se usar d'ella, fazia grande serviço a seu Mafoma.

A estas palavras respondeu el-rei (posto que a D. Duarte disse outra cousa) que elle tinha celebrado contracto com os christãos, pelo que não havia de alterar n'esse negocio cousa alguma, ao que o Cati replicou que a escriptura não estava ainda feita, pelo que bem podia sua magestade dar o negocio por não concluido: e el-rei lhe respondeu que entre os christãos era uso e costume nas pessoas de qualidade ser escriptura publica o que se assentava de palavra, e pois elles tractaram isto confiados em seu estylo, não era razão que elle fosse de menor qualidade, antes tractando com elles ficava obrigado a estar pelas cousas concluidas a seu modo, quando fôra qualquer particular, quanto mais que á sua real pessoa não convinham semelhantes obras.

Com esta resposta foi Deus servido que se aquietou o Cati e os seus Cacizes.

Por este successo e perigo em que todos se viram se acabou de entender a misericordia que Deus com elles usára, assim na tenção do alcaide Cahia, como em não serem admittidos os Cacizes, e certo não se póde negar o muito primor e honra que usaram aquelles que facilmente poderam negociar seu resgate, em quererem, por não deixarem seus companheiros com pouco remedio, aventurar-se ás miserias que lhes podiam succeder nas condições do contracto, tomando ás suas costas o carregado peso da pobreza, e fazendo a sorte commum como a geral desventura.

Não é menos digna de memoria a fineza que fizeram D. Gileanes da Costa, Pero Guedes e Bernardim Ribeiro, em se offerecerem a entrar no logar dos fidalgos eleitos, que el-rei mandou chamar para lhes cortar as cabeças, como em tal tempo se podia facilmente cuidar.

N'este tempo, depois que os fidalgos foram soltos, pretenderam resgatar o corpo d'el-rei D. Sebastião, porém foram avisados como lhes seria muito prejudicial fallar n'isso, por não cuidar o Xerife que podiam facilmente dar tanto dinheiro, e tractar de mais resgate que o seu, e além d'isso que elle determinava dar o corpo d'el-rei de graça a el-rei Philippe, nosso senhor, que está em gloria, pelo que os fidalgos cessaram de fallar mais n'este negocio, que o coração lhes não soffria estar em silencio.

Tambem do resgate do duque de Barcellos se quizera tractar, temendo-se outra doença perigosa como uma que teve, mas o Xerife respondeu que sem procuração de seu pae não podia deferir a isso, querendo parece dizer, que não havia para que pôr em resgate semelhante principe, de quem o dinheiro nunca podia ser preço, como tambem do corpo d'el-rei havia significado.

N'esta conjuncção se foram ajuntando mais alguns fidalgos pelas intelligencias que el-rei tinha, os quaes ia recolhendo Amubenselleme em uma torre escura, e bem pequena, em Fez, o velho, onde estavam bem apertados, com grandes bragas, para se cotarem em alto preço; mas elles, que vinham bem acostumados de seus primeiros amos, gracejavam dos mêdos e carrancas que lhes faziam, soffrendo estas miserias com tanto valor e paciencia que os mesmos mouros se maravilhavam. Estes fidalgos e outros foram depois a Marrocos, os quaes por então mandou el-rei aposentar na Judearia com os mais.

CAPITULO IX

ENTRAM OS PADRES DA SANTISSIMA TRINDADE A FAZER O RESGATE; PARTE O XERIFE PARA MARROCOS; PARTEM OS ELEITOS

Depois que o Xerife pôz em quietação a cidade e tudo o mais com a morte dos Alcaides que havemos dicto, por se allegar serem culpados em crime de lesa magestade, tendo tambem concluido com o resgate dos oitenta fidalgos, se partiu para Marrocos, onde chegou em breve tempo, tranquillisando tudo com sua presença; e n'esta conjuncção pouco mais ou menos entraram tambem em Fez dous religiosos da Santissima Trindade, frei Ignacio e frei Agostinho, ao negocio do resgate dos captivos, que foi a maior e primeira consolação que todos tiveram, os quaes logo começaram a buscar os meninos e mulheres moças, cuja edade era menos capaz das miserias communs do captiveiro, e como levassem credito, dinheiro e algumas fazendas que em Ceuta deixavam sentiu-se logo em todos grande consolação, e os fracos se animaram em seus trabalhos, e os meninos e mulheres viram particularmente seu remedio.

Tambem estes religiosos davam ordem a alguns homens nobres e fidalgos para sobre fiança se poderem pôr em salvo, e d'esta maneira exercitavam seu piedoso officio com muito zelo e caridade, e em breve tempo mandaram uma cafila de trezentas e tantas pessoas.

Tanto que os fidalgos, como atraz dissemos, concluiram o seu resgate, fundaram na Sejana uma igreja, sendo D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso, o que com mais zelo tractou d'isto, resgatando os ornamentos que no campo foram por muito preço para celebrar os officios Divinos. Armou-se logo a igreja o melhor que foi possivel com algumas imagens de Nossa Senhora e de outros sanctos, que todas custaram muito, porque os mouros faziam grandes escrupulos de as darem aos christãos; porém o dinheiro os resolvia logo.

Ordenadas todas estas cousas, e comprado o consentimento de Amubenselleme, que era todo o governo d'el-rei, se começaram a pôr em uso os officios Divinos, dizendo-se missa todos os dias, onde acudiam os fidalgos e mais captivos que para isso tinham liberdade, e todos os Domingos e dias sanctos havia sermão, com tanta ordem e concerto, que dava grande consolação a todos.

Além d'isto havia excellente musica dos capellães do duque e d'el-rei, de maneira que parecia um paraiso, posto que no meio do inferno, e muitas vezes os mouros ás escondidas buscavam logar para ouvir este suave ajuntamento, e como entre elles não ha musica por arte, permittindo-o assim Deus, por não se profanar cousa tão Divina em louvor do seu Mafoma, ficavam como attonitos, ouvindo a desusada melodia.

Chegou-se n'este tempo a nossa Quaresma, e foi a igreja armada, e cobertas as imagens, o melhor que foi possivel; havia completas, terças, quintas e sabbados, e sermões quasi todos os dias, e posto que houve algumas turvações, por parte dos Cacizes da Mesquita maior, chegada a semana sancta foi Deus servido que não houvesse cousa alguma, tirando em virtude de taes dias toda a força aos sequazes do demonio, e os officios se começaram quarta-feira, com toda a solemnidade que se póde imaginar, onde se juntaram muitos

fidalgos, além dos oitenta do numero, e outros homens nobres.

Quinta-feira houve uma solemne procissão, dentro da mesma Sejana, de muitos disciplinantes, com tanta devoção, que não havia quem se tivesse com lagrimas, tanto que até os mouros de guarda que a Sejana tem, ajudavam a este sentimento.

Foi encerrado o Senhor com toda a solemnidade, e os mais dos captivos e fidalgos commungaram na igreja por sua devoção, e vinte e quatro horas emfim esteve o Santissimo Sacramento triumphando dos demonios em sua propria terra, sem haver algum temor ou sobresalto, antes alguns mouros que das guardas alcançavam poder ver algumas cousas d'estas, estavam maravilhados e confusos, de maneira que o mesmo Senhor particularmente parece que lhes abrandava os animos; e sexta-feira e sabbado se fizeram os officios costumados, e na manhã da Paschoa houve procissão mui solemne.

Havia já n'este tempo em Fez grandes enfermidades, por ser a terra muito humida, mas a Divina Providencia, que de longe nos prepara o remedio, vendo quantas miserias se haviam de padecer, permittiu que apparecesse n'esta cidade um homem por nome Francisco Veles, de Cele, onde estava captivo, castelhano de nação, grande physico e boticario, que foi n'esta parte a melhor parte sua, por não haver boticas em Barbaria, o qual foi realmente como instrumento Divino, vida e saude a muitas pessoas.

Entre os fidalgos que falleceram foi logo um dos primeiros D. Francisco de Portugal, veador da fazenda, em cujo aposento me achei acaso algumas vezes, e realmente fui ver sua morte, um dos mais lastimosos espectaculos da vida, porque por uma parte estava n'elle representando a fortuna abreviadamente a somma de seus tragicos processos, vendo um fidalgo tão illustre e de tanta virtude e partes, já tão prospero, e com razão valido de seu rei, em uma pobre casa,

humilde cama, em terra inimiga, enfermo e captivo; e por outra via-se n'elle a mesma humildade, tomando com tão serena face os males da mão Divina, que parece triumphava sua paciencia de quantas penas padecia, consolando com animo quasi preságo de Divinos premios os amados filhos de que estava rodeado, e as gentes todas, que admiradas estavam vendo aquelle espantoso e despenhado salto de nossa miseravel vida.

Depois d'este bom fidalgo falleceu logo seu filho D. João, e D. Luiz de Menezes, alferes-mór d'este reino, sendo estranhamente sentido de todos, o qual em sua vida resgatou a bandeira real aos mouros. Assim falleceram tambem Antonio da Cunha, e Simão de Sousa do Pombal, com duas grandes cutiladas pelo rosto, que na batalha soffreu, onde no preço honroso de taes feridas foi o primeiro que nos mostrou formosa a fealdade; e morreu egualmente Damião Dias de Menezes.

Tambem falleceram D. Antonio de Noronha, D. Manoel, João Tavares de Sousa, D. Jeronymo Manoel, e Vasco da Silveira, aquelle valoroso fidalgo, a quem tanto contra sua vontade na batalha emprestou a morte tão pequeno espaço de vida. E D. João de Menezes, Antonio de Tavora, e D. Jorge Telles de Menezes, pagem do guião d'el-rei, das muitas feridas que na batalha lhe fizeram, praticando tão notaveis cousas na defensão de seu Senhor, e de sua insignia, que vendo el-rei o mesmo valor chegou a reprehender sua ousadia.

Tambem falleceu Alvaro Pires de Tavora, e Pero Moniz, de uma postema que se lhe gerou do cansaço da batalha, e grandes golpes que nas armas havia recebido, os quaes todos foram enterrados com mais alguns homens nobres em um campo sagrado que está junto a Fez, o novo, que se havia comprado para este effeito, excepto o alferes-mór, cujo corpo veio a este reino á sua sepultura, e D. Francisco de Portugal.

Pelos mais d'estes fidalgos se deram muitas esmolas, e

foram feitos officios na igreja da Sejana, e acompanhados os cadaveres á sepultura do melhor modo que foi possivel.

Passados já alguns dias depois que el-rei deu licença para os fidalgos irem a Portugal, partiram D. Miguel de Noronha, D. Duarte Castelbranco, Luiz Cesar, e Manoel Soares, que para este effeito foram eleitos, os quaes prestaram juramento aos Sanctos Evangelhos, diante de um crucifixo, que mui verdadeiramente tractariam o que convinha ao remedio de seus companheiros, sem acceitarem d'el-rei mercê alguma, nem tractarem de seu particular emquanto elles estivessem captivos, o que prometteram, partindo logo; e depois de passarem alguns trabalhos e perseguições no caminho, chegaram a Alcacer, onde acharam André Gaspar Corço, aquelle italiano que atraz dissemos que fôra privado de Muley Moluco, o qual levava ordem para entregar o corpo d'el-rei D. Sebastião em Ceuta, por mandado do Xerife, a instancias d'el-rei D. Philippe, nosso senhor, que está em gloria, que para isso e outras cousas havia mandado Pero Vanegas por embaixador ao Xerife, com grande presente; e depois de se ordenar Manoel Soares para assistir em Tanger sobre a materia do resgate, partiram estes fidalgos, e André Corço com elles, e chegaram a Ceuta com o real corpo, o qual foi entregue a D. Lionis Pereira, capitão da mesma cidade, e a D. Rodrigo de Menezes, que por ordem d'el-rei D. Henrique estava já n'este logar para tractar o resgate geral dos captivos.

Aqui estiveram estes fidalgos poucos dias, e com pouco repouso, porque mais levavam na memoria e na vontade o remedio e consolação dos companheiros que deixavam captivos, que o presente gôsto de se verem em liberdade.

Chegaram emfim a Lisboa, onde foram muito bem recebidos d'el-rei D. Henrique, o qual á sua petição mandou logo que Paulo Affonso, Pero Barbosa e Francisco Carneiro fossem juizes do lançamento que se havia de fazer a cada um conforme as suas rendas e possibilidades, porque entre elles ha-

via, como está dicto, alguns que não tinham cousa alguma, pelos quaes pagavam os outros, que com razão houveram de pagar mais de cinco mil cruzados de seu resgate, e assim a quota de todos juntamente deu remedio a muitos, sem prejuizo dos mais.

Logo por ordem dos fidalgos procuradores e diligencia dos juizes foi junto muito dinheiro, com que acudiram ás pessoas a quem tocava, conforme ao que foi lançado, e el-rei D. Henrique lhes fez mercê de cem mil cruzados, e com todo este dinheiro e outro para o resgate geral, e muitas peças ricas, mandou por embaixador ao Xerife D. Francisco da Costa, á petição dos fidalgos, que depois falleceu em Marrocos, quasi em captiveiro, com muita honra e satisfação de sua parte, e perpetua obrigação de seu rei e de sua patria; e sua magestade, n'este mesmo tempo, mandou tambem Pero Vanegas por seu embaixador ao Xerife, com grandes presentes, para o obrigar a tractar bem os captivos, e lhe pedir o duque de Barcellos, seu sobrinho.

Todas estas cousas alcançaram estes fidalgos procuradores, com tanto cuidado e diligencia, que mostraram bem quão escusado fôra o juramento que para este effeito prestaram em Fez.

N'este tempo, depois que o Xerife foi a Marrocos, mandou levar á mesma cidade o duque de Barcellos, cuja ausencia em Fez se sentiu muito, e foram em sua companhia alguns fidalgos e o padre frei Ignacio de Jesus, no qual caminho por quinze dias soffreu os trabalhos d'elle com viril animo, onde Deus o livrou de muitos perigos, para ser como é refugio commum da patria, gloriosa causa de bem nascidos fructos, seguro amparo áquella memoravel casa da real prosapia.

Depois da partida do padre frei Ignacio ficou o padre frei Agostinho correndo com o negocio dos captivos, os quaes encaminhava em cafilas pequenas de mouros e judeus par-

ticulares, com muito cuidado e diligencia; porém no meio d'estas cousas foi Deus servido leval-o, cuja morte foi de todos muito sentida, por sua diligencia, zelo, virtude, e pela falta que fez no melhor de seu negocio.

N'este mesmo tempo vieram novas a Fez, de como estava o Xerife muito doente, pelo que todos os fidalgos e homens nobres ficaram com razão tristes, temendo não lhes guardasse o novo successor o contracto do seu resgate, e não fôra muito, porque se soube que elle se arrependêra depois de o ter feito.

Fizeram-se grandes devoções por sua saude, que a tanta miseria nos chegou a fortuna, que nos era necessario pedir a Deus aquillo que menos desejavamos; d'ahi a poucos dias soube-se que o Xerife estava bom, o que todos geralmente festejaram, porque os mais dos captivos dependiam da liberdade dos fidalgos, pelos bens que d'elles recebiam.

CAPITULO X

COMO SE LIVRAVAM ALGUNS CAPTIVOS, E DE ALGUMAS FUGIDAS

' tão estreito o caminho que seguimos, e tão cheio de aspereza, que ainda que meu talento fôra outro, entendo certo, não podéra em tanta desventura deixar de ser molesto aos ouvintes. Pelo que, apezar do respeito e sentimento que se deve a nosso lamentavel processo, me pareceu razão, descer de quando em quando a cousas mais humildes, por ver se posso com algum disfarce suspender os animos, cansados de ouvirem tantas miserias, com mais licença do que até agora fizemos, porque tambem nos vamos apartando dos successos que pedem outro respeito.

E posto que em parte se me attribua isto a leviandade, saiba-se todavia que de industria me condemno por dar algum allivio. E tudo soffrerei como isto assim seja, antes que aventurar-me a ser tão desabrido como promette a narração d'este successo, assim deserta e núa.

Havia n'este tempo entre os captivos varios successos, porque uns se livravam por desusados modos, outros estavam injustamente presos por fidalgos, outros havia que de maltratados e perseguidos vinham a fazer concerto com a desesperação, entregando-se antes ao desengano do tempo nas mãos de seus amos, e na esperança de algum bom successo, que a perecerem com desusados tormentos; e muitos

se livraram, como aconteceu a este de quem diremos, para que se julgue o que podia acontecer aos mais, que de outra maneira seria processo infinito.

Havia um mancebo nobre, o qual era captivo de um Cacis da Mesquita maior, que depois de lhe dar muítos tormentos, porque se cotasse como fidalgo, o levou a uma torre da Mesquita, nú da cinta para cima, com as mãos atadas atraz, e lhe disse: sabe que o fim de tua vida é chegado, ou por ventura o principio de tua felicidade, pois se como fidalgo que és te não cotas em cinco mil cruzados, eu te lançarei d'esta torre abaixo, e se por outro modo queres fugir á morte, e alcançar a verdadeira vida, convem que sejas mouro.

Vendo o mancebo esta cruel deliberação, ficou tão sobresaltado como se póde imaginar; porém como nas condições que seu amo lhe offerecia, antepunha o interesse ao zelo que de sua lei mostrava, ficou muito quieto, conhecendo que tudo eram invenções da cubiça, e respondeu com muita isenção, que fidalgo não era, e mouro não queria ser. Vendo o Cacis esta resposta, determinou acrescentar ao medo algum novo tormento, e lhe disse: pois já que tu, como falso e conteloso, negas teu proprio ser, e como inimigo de Deus não segues seu caminho, eu te darei a morte de maneira, que nem o céo te veja, nem de ti saiba a gente.

Calou o mancebo todas estas cousas com o coração em Deus; e o mouro, com o favor d'outro que comsigo levava, o trouxe a um quintal, d'onde tinha um poço muito alto, e atando-lhe uma longa corda nas mãos, que como fica dicto tinha atraz atadas, o foi largando por ella pouco e pouco abaixo, com grandes ameaças e interrogações; mas elle, que ia cheio de novos espiritos, soffrendo tudo com muita paciencia, a nada respondia, porque por uma parte, no que tocava a ser mouro, estava disposto a padecer mil mortes, e no mais, confessando de si o que não era, impossibilitava o remedio da vida.

Vendo o mouro esta firmeza, suspendeu o mancebo; e em lingua castelhana, que muito bem fallava, disse-lhe em seguida: Pois como pertinaz e endurecido tu mesmo te queres dar á morte, d'essa maneira que ficas acabarás a vida. E dando volta á corda em cima do poço, se foi a sua casa, deixando porém vigia a vêr a determinação do captivo, o qual esteve d'esta maneira bem grande espaço da noite, encommendando-se a Deus; e traçando no entendimento algum modo de remedio, veio a dar em uma subtileza, a maior que jámais pôde inventar a grande mestra necessidade, como adiante se verá.

Gritou logo o mancebo em altas vozes, e foi soccorrido do Cacis, que não tinha o pensamento em outra cousa; e subindo acima com assás trabalho, disse: Senhor, é tão natural aos captivos, quando são fidalgos e senhores, encobrirem sua qualidade, não pelo interesse, mas pela fraqueza que mostrariam, não sabendo soffrer miserias, que minha dissimulação fica bem desculpada, pelo que desde agora, cedendo a minha fortuna e a tua felicidade, me dou por vencido e descoberto, e quero que hajas sete mil cruzados de meu resgate, differente preço do que imaginavas, porque saibas que não nasceu o meu soffrimento de miseria.

Ouvindo o mouro estas palavras, considerou que havia vencido uma grande batalha, e abraçando o mancebo lhe disse que nunca de seu valor e soffrimento imaginára menos.

Recolheu-se o captivo, formando um grão respeito em sua pessoa, com significação de grandes cousas, e tanto que foi manhã deu conta do estado em que estava e do remedio que pretendia, por outro captivo de casa, a um fidalgo honrado seu amigo, pedindo-lhe vinte miticaes para principio de suas cousas, o qual lh'os mandou logo.

Tanto que o dinheiro chegou, e o mouro viu á primeira enxadada as primicias da descoberta mina, ficou tão entrado de suas esperanças, que se foi ao captivo, dizendo que se

não communicasse d'aquella maneira, porque el-rei o tomaria. Vendo o mancebo tão bom principio a seus desejos, lhe disse: Pois se assim é, e já que por teu respeito deixo de acudir a minhas necessidades, é necessario que tu soccorras a ellas com a maior dissimulação que fôr possivel. A mim me convém, emquanto de Portugal não chega o meu resgate, resgatar algumas pessoas de minha obrigação, e hei-de tomar dinheiro a cambio; porém não queria dar este proveito senão a alguns mouros teus conhecidos, e de muita confiança, e no que toca á satisfação dos interesses perde o cuidado.

Ficou o mouro d'isto muito satisfeito, e deu conta a alguns cubiçosos, que lhe começaram a dar dinheiro a razão de cincoenta por cento cada mez. Foi o mancebo tractando isto com muita moderação, e pagando o interesse a uns do que tomava a outros, em differente moeda, por não dar alguma suspeita, até que veio a ter a quantidade que havia mister para buscar mouros guiadores de cavallo, por ordem do mesmo fidalgo seu amigo e do captivo de casa, a quem se havia descoberto.

Chegado, emfim, o dia tão desejado d'este mancebo, que era estimado de todos, ao cabo de alguns mezes, em que elle gastou mui largamente á custa dos mouros, quando mais a cubiça os tinha cegos, se pôz em salvo pela via de Melilha, com seu fiel companheiro; e como os mouros eram de cavallo, e sahiram a primeira noite muito bem concertados (porque tambem n'esta companhia se salvou D. Luiz de Godoi, capitão do terço dos castelhanos), não houve remedio, por mais que o desesperado Cacis e seus companheiros fizeram, sendo muito para notar-se que nenhum d'elles ousava dizer que o fugitivo era fidalgo, com temor d'el-rei, nem tambem que lhe deram dinheiro a cambio, e assim ficaram todos olhando uns para os outros; porém quando se soube quem o captivo era, e os tormentos que lhe havia dado o Cacis, até os mesmos mouros louvavam a invenção do mance-

bo, e os companheiros o fizeram prender como a seu fiador.

Muitas d'estas cousas aconteceram, que não é possivel serem referidas, d'onde os mouros vieram a não apertar tanto com os captivos, e a resgatal-os antes de fugirem.

Outros captivos havia de mais curta ventura e menos intelligencia, que com passarem grandes tormentos, e se offerecerem a muitos perigos, eram n'elles tomados, e sempre na sorte peoravam, e algum houve que se entregou totalmente á desesperação, como foi um Tudesco, que vendo-se muito maltractado e perseguido de seu senhor em Fez, o velho, porque se cotasse em alto preço, determinou vender-lhe a vida mais cara ainda do que lh'a elle queria fazer comprar, e tomando um alfange, a primeira cousa que fez foi matar seu amo, e sahindo pela cidade foi matando quantos achava, excepto mulheres e meninos, até que o encerraram em um aposento e o mataram ás escopetadas, depois de ter feito um grande estrago; e foi isto causa de liberdade a todos, porque os mouros os largaram logo aos padres pelo que elles quizeram, e os judeus o fizeram com tanta pressa, que no mesmo dia lhes não ficou nenhum em casa, dando-os de graça, com a condição de que nenhum tornasse á Judearia, e por alguns dias não ousaram abrir as portas.

Lembra-me, ácerca do entranhavel mêdo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos mouros, a qual foi, que estando uma vez o Xerife em campanha contra uma insurreição, como tivesse pouca gente, vendo-se em grande necessidade, lhe disse um privado seu: Senhor, parece-me bem, que pois não ha outro remedio, que mandes armar dous ou tres mil homens judeus que ha n'esta cidade, pois te não faltam armas; porque emfim, ainda que tenham este nome, todavia são homens como nós, e vendo-se juntos e bem armados, de crêr é que pelejarão muito bem. E mandando dar ordem, foram em um momento os judeus arma-

dos de todas as armas, dos quaes se fez um esquadrão muito formoso, de que o mouro se satisfez grandemente, e caminhando contra seu inimigo, chegou á sua vista com aquelle fantastico esquadrão, e com os mouros que o acompanhavam, o qual vendo tanta gente ficou maravilhado, cuidando ser novo soccorro de turcos, e todos os que o seguiam se acolheram e elle juntamente.

Vendo el-rei aquelle serviço que os judeus lhe haviam feito, lhe agradeceu muito a boa vontade, louvando a presença de todos, e dizendo aos seus: —Que formoso esquadrão aquelle estava!

Isto dizia el-rei; quando no meio d'estes louvores chegaram dous enviados de todo o esquadrão, pedindo a sua magestade lhes fizesse mercê mandar-lhes dar tres ou quatro mouros, para os guardarem dos rapazes, que lhes não fizessem algum mal pelo caminho d'alli até á cidade; o qual, vendo tão gracioso temor e petição, disse: Parece-me que, se meu inimigo soubera o valor d'esta gente, estavamos bem aviados. Logo el-rei lhes mandou dar a guarda que pediam, que lhes não foi pouco necessaria.

E porque se saiba como esta gente, de quem contamos tão miseravel fraqueza, não tem perdido o valor de sua antiga ousadia senão pelo largo uso do seu abatimento entre esta barbara gente, permittindo-o assim Deus por seus peccados, contaremos brevemente uma mui grande façanha, que já em nosso favor fizeram, digna de eterna memoria. A qual é que sendo Nuno Fernandes de Athaide capitão de Safim, no tempo de Muley Amet, o Xerife maior, vieram pôr cerco tres Alcaides sobre a mesma cidade com mais de cem mil homens; e estando Nuno Fernandes muito apertado, tiveram noticia d'isto dous judeus que viviam em Azamor, por nome Isac Bensemero e Ismael, os quaes se determinaram vir em seu soccorro, para o que ordenaram á sua custa duas fragatas, com duzentos homens de sua nação, mui gentilmente ataviados;

e entrando em Safim de noite, sem serem sentidos dos sitiantes, foram muito bem recebidos de toda a gente, e do capitão, com quem tinham muita amisade, e ajuntando-se com outros que na terra havia, sahiram por uma porta falsa, que de noite fizeram, ao campo dos mouros, e atacando-os de madrugada fizeram espantoso estrago nos sitiantes, tornando-se a recolher com muito animo e concerto, de maneira que os mouros, havendo dezesete dias sómente que estavam de cerco, e vendo esta determinação tão valorosa, e a grande defensão que da cidade se fazia, o levantaram. Por aqui se vê quanta differença faz esta gente em si mesmo em companhia de christãos.

Mas tornando a nosso proposito, de que nos desviamos por divertir um pouco o pensamento cansado de ouvir mágoas, digo que, além dos muitos descontos e miserias que os captivos padeciam, havia tambem successos desastrados, como aconteceu a um mancebo fidalgo, posto que não era do numero, o qual, demasiadamente colerico, por bem pequeno motivo matou um judeu, de quem era captivo, dando-lhe com um pau na cabeça, cousa que com razão os judeus sentiram tanto, que fazendo d'isto queixume ao Aqueme Amubenselleme (porque elles não tem alçada para dar morte) este deu ordem para que fosse morto a ferro, como lá se costuma, e dependurado á porta da Judearia, antes que os fidalgos o soubessem, d'onde o Alcaide Allichequito o mandou tirar, por lh'o pedir D. Antonio Pereira.

Parecerá cousa fóra de proposito, que sendo um christão captivo de judeus, e matando seu amo, não tenham elles alçada para lhe darem a morte, pelo que me pareceu bem dizer aqui brevemente alguma cousa ácerca d'isto.

Tem a Judearia de Fez e todas as mais em Barbaria um maioral, a quem chamam Xeque, o qual é nomeado por el-rei, e deposto todas as vezes que lhe bem parece; e no que toca á justiça criminal, tem alçada para mandar açoutar, tirar ore-

lhas e narizes, e todos os mais castigos, á excepção da morte, porque isto reservou el-rei para si, por respeito do que póde importar absolvição quando se offerecer.

As cousas civis correm d'outra fórma, porque tem juizes na primeira instancia, e depois appellação; porém em todas estas cousas, quando el-rei quer, ou os seus Aquemes, fazem o que lhes bem parece. Tem tambem cadeia, em que o Xeque manda prender, e onde ás vezes levam os seus captivos, pelos terem mais seguros, tendo porém muito cuidado d'elles.

Lembra-me que fui um dia a um carcere d'estes visitar um captivo, onde vi um judeu muito bem disposto e membrudo; e querendo saber porque estava preso, me foi dicto que o tinham alli muito mimoso e bem tractado os outros judeus, porque não podia soffrer as sem razões dos mouros, ferindo alguns, e dando n'elles sem algum temor, porque parece que era de tanto coração o pobre homem que nem o longo uso de sua desventura podia acanhar seu animo, e para remedio d'isto o tinham alli d'esta maneira, porque em sahindo fóra era revolta toda a Judearia.

Eu fallei com este judeu, e certo que mostrava o que d'elle se dizia, de que tive assás mágoa, porque podéra aquelle animo feroz, sendo melhor disposto, em outra parte fazer muitos serviços a Deus, e dar seu justo premio ao fraco, que, contra toda a razão, gemia sob o imperio do fórte.

Mas tornando a nossas fugidas, além de muitas esmolas que os fidalgos davam para ajuda do resgate dos captivos, e outras obras em que se occupavam, dignas de louvor, e os homens nobres em sua possibilidade, cuidavam tambem em dar ordem para que fugissem, ficando por fiadores aos mouros que serviam de guias, correndo o negocio por ordem de alguns captivos velhos, e dos christãos mercadores da Aduana, que é um logar onde vivem em liberdade, fechados sobre si, e onde ha muitos e mui honrados.

Os mouros guiadores se encarregavam dos captivos, e os levavam com muita fidelidade, que tanto póde o interesse, que faz a um homem aventurar-se a perder a fazenda, a vida, e a honra, por salvar o maior inimigo que tem, inimigo que d'ahi a poucos dias ás vezes lhe paga este beneficio com duas escopetadas.

Deixando, porém, as maravilhas do interesse, pois estamos em tempo em que ellas se nos revelam a cada passo, direi que entre os mouros dotados da fidelidade acima referida, alguns havia traidores e de féros instinctos, que illudindo os captivos mais incautos com a promessa de os levar a salvamento, a poucos passos da cidade os roubavam e matavam, a não ser algum que, menos perverso e cruel, se limitava a practicar apenas o primeiro d'estes crimes.

D'esta maneira andava a sorte variando, com sobresalto de todos, porque até aquelles que escapavam chegavam em tal estado a nossas fronteiras, que alguns morriam do trabalho recebido, além dos perigos e miserias que passavam.

E outros havia a quem succediam cousas, que tomaram antes estar captivos toda a sua vida do que passar pelo tormento e sobresalto d'ellas; como aconteceu a um homem nobre, o qual fugiu em companhia de um mouro que o trouxe a Arzila, e chegando de noite ao pé dos muros, como lhe não soffresse o coração esperar até que se abrissem as portas, pela manhã, pediu que o alassem por cordas; foi logo a seu rogo atado com duas, que deviam ser de algum poço, e começando a subir mui junto das ameias, estalou uma das cordas, ficando suspenso pela outra, que milagrosamente teve mão n'elle; e vendo-se d'esta maneira, receando que se puxassem pela corda se romperia nas pedras do muro e estalaria como a outra, gritou que estivessem quêdos, e encommendou-se a Deus.

Logo deixaram de puxar de cima, e o mancebo viu-se na maior agonia que se póde imaginar, porque o muro era

muito alto, e, em fazendo qualquer movimento com a corda, sabidamente havia esta de estalar, por ser fraca e estar cossada; por outro lado, para se deixar estar assim até pela manhã, corria o mesmo risco, além do martyrio que soffria; de modo que estava em uma ancia mortal, sem ter onde se apegasse, e sem que os de cima lhe podessem chegar.

Por fim, foi Deus servido valer ao desgraçado, porque, tendo os soldados arranjado outra corda, ainda que a muito custo, por ser de noite, conseguiram tirar o desventurado captivo d'aquelle transe doloroso, chegando alguns a lançar-lhe as mãos ás orelhas e aos cabellos, para o segurar, quando o viram proximo do termo de tão perigosa ascensão; mas em tal estado chegou acima, que muitos dias andou como assombrado; e algumas vezes lhe ouvi dizer que, se tivera adivinhado o que havia de succeder-lhe, preferia mais ficar captivo toda a vida, do que libertar-se por tal preço. E não é de maravilhar, que o trago da morte é devéras espantoso.

Estas e outras cousas semelhantes aconteciam aos que bem se livravam, que, se se houvessem de contar todas, seria processo infinito; mas este caso basta para amostra dos mais.

Tambem havia outro modo de fugida, a escala vista, como lhe chamavam, que assim como era mais difficultoso, assim só não abalançavam senão pessoas tractadas de maneira que se arrojavam quasi sem nenhuma esperança. Das quaes fugidas contaremos aqui uma, que posto que não teve um successo tão feliz como as outras, é digna de se contar, assim pelo que se passou n'ella, como porque aprendam os captivos a ter paciencia em seus trabalhos, não cuidando que se podem remediar facilmente. E quando fugirem tenham mais noticia do caminho.

Entre alguns homens fidalgos, que por varios acontecimentos foram levados a Argel, foi um bem honrado e conhecido, que se chamava Luiz Pereira, o qual, estando captivo em

um Aduar bem longe de Arzila, como fosse tractado muito asperamente, porque de dia o tinham amarrado a uma estaca, com uma corda pelo pescoço, e de noite em um tronco, além da muita fome que padecia, e outras miserias que a esta se seguem, determinou fugir para Arzila, e não tendo outro tempo para o poder fazer senão de dia, publicamente, perante todos, escoando a laçada lançou a fugir, com algum pouco mantimento que pôde haver ás mãos; e como se embrenhasse á vista dos que o seguiam, em vez de correr para a parte onde estavam os nossos logares, e para onde elle mesmo levava o rosto fugindo, tomou rumo diverso, de modo que, sendo procurado pela via de Arzila, teve tempo para se embrenhar até á noite. D'onde começou a seguir seu caminho, não pelas estradas, pelo perigo que corria, senão por valles e montes, encaminhando-se o melhor que podia para a parte do mar. Passaram-se pois alguns dias n'este caminho, que elle continuou com grande vigia e diligencia, emquanto lhe durou o pouco mantimento que levava, até que emfim chegou á vista do mar, descalço e com os vestidos feitos em mil pedaços pelas brenhas e mattos que passava.

Como já totalmente fosse muito cansado e quasi sem alento, pela grande fome que padecia, se encostou uma noite a uma pequena arvore, cuidando em seu remedio, e no que devia fazer.

Estando pois d'esta maneira, muito cansado e duvidoso, sentiu vir rompendo o matto um grande vulto negro, e como em tal estado nem forças tivesse para subir uma pequena arvore, virou-se subitamente para o vulto, com desesperada ousadia, com um pequeno bordão que na mão levava; e posto que n'este tempo era bem mancebo, parece que tinha ouvido dizer que todo o animal teme e acata o rosto do homem; e por se valer d'este remedio, á falta d'outro, se deixou estar muito seguro.

Quiz Deus emfim que serenasse o perigo e se acabasse,

porque o tal vulto, que era um leão muito grande, sem arremetter com elle, talvez pela razão que acima dissemos, ou melhor por misericordia do Senhor, passou em silencio e com a maior indifferença.

Vendo Luiz Pereira que o animal passára, sahiu do matto a buscar na praia alguma lapa onde passasse o dia, por vir amanhecendo; e andando em busca de logar accommodado, encontrou uma cova na arribada do mar, onde lhe pareceu que muito seguramente podia esconder-se.

Começando pois a entrar por ella dentro, viu alguns ossos de animaes, de modo que, não só por isto, mas tambem pelo cheiro que d'ella sahia, entendeu que era o aposento do leão que no matto vira, e, deixando muito depressa a cova, subiu a uns montes de areia, o melhor que pôde, determinando cobrir-se d'ella, quando vê claramente entrar o leão em sua casa, havendo tão pouco espaço que estivera para se recolher n'ella. D'esta maneira foi Deus servido livral-o de tão terrivel encontro.

Vendo o captivo isto, se foi alongando do logar, tão cansado e perseguido de fome, que apenas se podia ter em pé, e foi amanhecer junto a um logar cercado de muros, que totalmente cuidou que era Arzila, mas se tivera practica de nossas fronteiras entendêra que não podia ser, pois viu um rio muito formoso; antes conhecêra ser Larache, e que á mão direita sabidamente lhe ficava Arzila, d'ahi a quatro leguas. Vendo-se pois este mancebo tão perseguido da fome, e com tanta fraqueza que se não podia levantar do chão, onde procurava algum remedio, foi visto de um alferes, elche italiano, e levado a uma galé que no porto estava, onde foi aferrolhado a Argel, e andou padecendo um anno sem por nenhum caso querer dizer quem era, soffrendo as condições da vida que todo o mundo sabe; e foi Deus emfim servido se resgatasse por accommodado preço, por seu grande soffrimento e paciencia honrosa; porém, bem notados os

perigos que passou, e a vida que se lhe offerecia nos tormentos da galé, não fica muito acertado conselho aventurar-se alguem sem as devidas precauções e com grandes probabilidades de bom exito.

Outro modo quasi de fugida havia entre os fidalgos e homens nobres, o qual era, que muitos se concertavam com seus amos, antes de irem ter á mão d'el-rei, e lhe davam certo preço, de modo que o senhor ficava satisfeito, e elles tomavam sobre si o risco de se pôrem a salvo, ou fugindo, ou peitando os senhores dos portos; como aconteceu a tres fidalgos que tinha o Alcaide Alichequito—Henrique de Sousa, Nicolau de Sousa e Simão da Cunha, os quaes, depois que passaram muitas miserias e trabalhos por não serem descobertos, vindo ter á sua mão, por assás ventura se resgataram pelo preço que custaram ao Alcaide, intervindo n'isso o padre frei Ignacio, e além d'isso lhes deu ordem para por via de Larache se pôrem a salvo; e assim aconteceu, posto que em Larache peitaram muito dinheiro, no caminho tiveram muitos perigos, e no mar estiveram muito perto de se alagarem ou tornarem a ser captivos.

CAPITULO XI

DA FUGIDA QUE COMMETTEU VIRGINIA E DO SUCCESSO D'ELLA

AMBEM n'esta geral desventura houve mulheres que tiveram intelligencia para se pôrem a salvo, que tudo com os mouros acabava o interesse; mas não aconteceu assim a uma moça italiana, de quem me pareceu bem fazer particular menção, por ser grande sua fé e boa sua vontade; e posto que o sujeito seja um pouco humilde, não é por isso bem que passe em silencio, que as maravilhas de animo, as obras de virtude, tanto são mais de estimar, quanto menos se esperam da pessoa; e porque melhor se entenda, é de saber que entre os capitães do terço do Marquez Esternuile, havia um que se chamava Hercules, o qual trazia uma moça muito bem parecida, com quem vinha desposado, segundo opinião de sua companhia, e nobre segundo seu parecer, a qual, entre outras mulheres de differentes nomes, foi captiva de dous Alarves, que a traziam muito mal tractada, a pé e descalça, e descomposta de fórma que lhe foi necessario cobrir o que menos escusava de alguns baixos fatos; e caminhando d'esta maneira, passou acaso um poderoso Alcaide, o qual, entrado em um momento de sua gentileza, lançou arrebatadamente mão d'ella, tomando aos Alarves até a mais pequena peça de seu vestido, que se sua pessoa corria ris-

co em qualquer parte, muito mais se arriscava n'esta, onde só reina a licenciosa maldade do seu Mafoma tão proclamada.

Logo o senhor absoluto tractou da moça a seu modo, satisfazendo a vontade tanto contra a sua, que chegou a perigo de morte em sua honesta defensão, o que se póde muito facilmente crêr, pelo que adiante diremos.

Seguindo pois o mouro seu caminho, de tal maneira se deixou levar d'esta affeição, que d'outra cousa não tractava. Sentiram muito isto dous filhos homens que o Alcaide tinha: alguns querem dizer que foi mais inveja que mágoa de suas mães, mas talvez fosse uma e outra cousa.

Chegado este Alcaide a Fez, o qual se chamava Amubenselleme, começou a mortal inveja, com bem grande razão, a fazer seu officio, indignando-se as mulheres, e seus filhos por sua parte fazendo-lhe alguns queixumes; porém o mouro, a quem amor não dava licença para guardar justos respeitos, pisava tudo livremente, fazendo senhora da casa aquella que tanto contra sua vontade o era d'elle.

No meio d'estas bonanças, tão mal festejadas de quem as possuia, como um captivo do Alcaide Alichequito, elche portuguez, andasse muito desejoso de saber de seus successos, movido ainda da primeira mágoa que d'ella teve, vendo-a no caminho descalça, onde lhe valeu em algumas cousas o melhor que lhe foi possivel, veio a saber de seu estado, e procurou fallar com ella, assim para a consolar em suas ricas miserias, como para lhe fazer as devidas lembranças no perigo de sua alma; porém, como a casa do Alcaide fosse muito grande e respeitada, temia não succedesse algum desastre, havendo má suspeita de suas piedades, e assim lhe mandou dizer por um italiano, que lhe deu conta de sua vida, folgaria muito de a ver com licença do Alcaide, fazendo-lhe saber quem era, e lembrando-lhe os benéficios que d'elle recebêra.

Deu-lhe o captivo conta d'isto, e ella lhe mandou dizer que muito seguramente podia vir, porque o Alcaide não

lhe tolhia cousa em que podésse imaginar seu gosto e consolação.

Com esta segurança foi o captivo visital-a, e como ella andasse em trajos de moura, ficou algum tanto sobresaltado, á primeira vista; mas o captivo italiano lhe disse que o Alcaide a não deixava andar d'outro modo, para poder significar que era tambem moura, desculpando-se em parte com as gentes do grande amor que lhe tinha.

Folgou Virginia muito de ver este mancebo, e lhe disse: ó caro amigo, quanta alegria tenho, se em tal estado póde haver alguma, de vos ver com vida, e onde podeis ter esperança de remedio, e juntamente de achar em vós tão fiel testemunha da minha lealdade: estes habitos que vêdes (tristes agouros de mortaes blasphemias) me obriga a trazer este injusto possuidor de minha liberdade, inimigo cruel e forçoso amigo, que tanto contra seu consentimento goza do infeliz corpo, mas já póde ser que seja esta sua curiosidade ou dissimulação caminho a meu remedio, porque d'esta maneira tenho mais tempo e licença para poder tractar d'ella.

Isto dizia Virginia com tantas lagrimas que bem mostrava a verdade de seu coração, a quem o captivo consolava o melhor que podia diante de um elche, velho castelhano, que era sua guarda; e mettendo mais a mão nas esperanças de seu remedio, lhe veio a perguntar pelo seu capitão Hercules, ao que ella respondeu: sabei que a fortuna o tinha mui bem feito commigo, senão fôra o descredito de minha forçada vontade, e o perigo d'alma, pois está em liberdade a melhor parte minha: Hercules, meu bem, e todo o meu remedio, está livre em Ceuta, posto que tambem reciprocamente assista em Fez.

D'esta maneira lhe foi Virginia significando as esperanças que tinha de sua liberdade, porque Hercules, além de a ter cotada em oitocentos cruzados, entendendo quão mal podem ter preço contentamentos amorosos, pretendia por todos

os meios sua liberdade, buscando mouros de guia com todo o favor e segredo possivel.

Quando Virginia isto dizia, pondo o captivo os olhos n'ella viu que se achava em estado de gravidez, e quizera dissimular o que descobrira; mas ella, que sentiu muito bem este pejo, disse com muitas lagrimas:

Bem sei que com razão foram sempre as obras mais dignas da Fé, que as palavras; mas eu, como verdadeira testemunha de mim mesma, ouso affirmar que foi isto que vêdes obra sómente da absoluta natureza, que se outra cousa suspeitára do consentimento de minha alma ou prazer dos meus sentidos, eu propria rasgára em minha vingança as mal occupadas entranhas, dando com a morte honrada satisfação a minha vida.

Estas desculpas dava de si Virginia, e realmente, se a boa philosophia dá logar, bem se póde ter que fallava verdade, pelo que mostrou por obras.

Depois d'isso, Virginia foi dando mais particular conta de sua vida a este mancebo, o qual se despediu d'ella com assás compaixão de suas mágoas e temor de seus successos.

Estava n'este tempo o capitão Hercules em Ceuta negociando o resgate de Virginia, e, de mil cruzados que o Papa lhe mandou para o seu, dava elle oitocentos, porque quando esta mercê chegou estava já resgatado. E vendo que tudo isto não bastava para conseguir seu intento, determinou gastar este dinheiro, solicitando por outro modo, e teve taes intelligencias, que Virginia pôde ordenar sua fuga com os mouros de guia, e com outras pessoas que a ajudaram a isso.

Chegada pois a noite de todos tão desejada, partiu Virginia em trajes de moura, em cima de um ginete, com seus companheiros, e seguiu a via de Melilha, que não era mal acertado conselho, pois era mais provavel que a aguardassem nas fronteiras.

Tanto que amanheceu, e o Alcaide achou de menos Virginia, ficou tão furiosamente desatinado, que não lhe lembrando obrigações, nem dignidade, começou a correr a terra, com todas as justiças e mais gente de sua casa, cuidando que não podia ser a fuga de uma delicada moça mais que até seus visinhos; porém, achando alguns indicios de mais longa viagem, se tornou para casa, tão triste e descontente, que se se podéra por este respeito haver piedade d'elle fôra muito bem empregada.

Logo acudiram as mulheres, muito consoladas de sua desconsolação, com fingido semblante, dizendo que se não agastasse, que tudo tinha remedio, e assim o déra Deus a Virginia como ellas o desejavam, não por bem d'ella, mas por quietação d'ellas. Emfim, o Alcaide expediu logo muitos mouros de cavallo para todos os logares onde podia haver suspeita, com grandes promettimentos, porque além das saudades que amor lhe solicitava, bastantes a não deixarem logar a outro sentimento, lastimava muito, como mouro que era, que seu filho viesse ao mundo em parte onde podésse ser christão.

Não faltavam n'este tempo aos filhos do Alcaide algumas lembranças para o indignarem, mas o mouro havia mister mais consolação e remedio que ser persuadido ao que menos pretendia.

Passados emfim alguns dias (que nunca duram muito alegres esperanças) foi Virginia tomada no caminho de Melilha, sendo desamparada de seus guias, que para se livrarem da morte lhes foi assim necessario; e como além do respeito que o Alcaide mandou que se tivesse para com ella, sua gentileza se fazia respeitar em toda a parte, foi tractada com toda a cortezia, e trazida á presença do Alcaide nos mesmos trajes em que fugira.

Chegou emfim Virginia, triste, cançada, e quasi esmorecida, a casa do Alcaide, que por uma parte estava muito

contente, e por outra muito sentido de tal determinação; e assim, entre mágoa e melancolia, lhe disse:

Ó féra ingrata, se o devido respeito a esse innocente fructo, que de nossas vontades amorosas devêra ser um doce nó, te não póde mover a piedade, porque te não moverá aquelle amor tão sem limite, que te fez, sendo captiva, livre domadora de um senhor escravo? Se minha altiva sorte, antevendo quiçá o que amando mereço, me quiz enriquecer com tua pobreza, qué culpa tenho eu na desventura que me fez feliz? Se não te offendi n'isto, em que pude offender-te, que com tão vil desprezo pretendeste deixar-me? Não vês, ingrata escrava, antes cruel senhora, como por teu respeito, depois de me alhear a mim mesmo, tudo puz em alarma, procurando-te por toda a parte, idolo d'alma, alma d'esta vida, e pizando (triste de mim), com desatinada ousadia, a justa observancia da lei em que vivo? Se tanto desejo tinhas de não ser senhora onde nunca pareceste captiva, eu te fôra muito fiel guia, que pois quiz amor que por ti não tivesse liberdade em parte alguma, pouco importava mudar estado e vida, a troco de te ver contente. Mas tu, como deshumana, usando mal de minha singeleza e sacrificio, não só me desprezaste, mas, excedendo os limites de toda a crueldade (em meu damno admiravel), desmentiste o poder da natureza, que nunca fez cousa bella para causar tristes effeitos. Se por ventura minha fealdade me faz sem culpa ser de ti aborrecido, o sol, que o céo serena, e dá luz ás estrellas, tambem anda com os raios pelo chão. Mui bem poderão teus ingratos olhos, assim como traspassam minhas entranhas, descobrir n'esta alma tanta formosura, que bastará a encobrir minha torpeza.

Isto dizia o mouro, e outras muitas cousas, em arabigo, que em portuguez vem a ser o que havemos dicto, pouco mais ou menos, as quaes foram narradas por um judeu de nome Dinar, que se achou por interprete no lastimoso caso.

Chorava a triste Virginia, ouvindo estas palavras, com bem differente mágoa, porque a não tinha mais que de sua curta ventura, e d'este modo se recolheu, tão aborrecida de si mesma, e tão cançada, que adoeceu de uma grande enfermidade; e em breve tempo, com os sobresaltos e trabalhos passados, se aniquillou aquelle infeliz fructo d'esse amor que ella tanto repudiava. Sentiu o Alcaide grandemente este desastre, assim pelo trabalhoso accidente, como por temer Virginia mais endurecida e menos penhorada; e n'estas desconfianças, bem solicitadas de seus filhos e mulheres, passou alguns dias o mouro, entre esperança e temor, até que Virginia, deliberada outra vez a não soffrer tal vida, não cessando os intelligentes officios que lhe procurava o seu capitão Hercules, tornou a fugir quasi da mesma maneira.

Sentiu este desprezo e ousadia o Alcaide, de modo que, já de si aborrecido, mandou seus filhos que a fossem buscar com a costumada gente de cavallo, e que a pozessem em parte onde se resgatasse, porque não sentia seus olhos capazes de tanta agonia; e como os filhos estivessem tão promptos na ira como estimulados de suas mães, não quizeram mais que uma pequena licença para sua desejada vingança. Partiram logo, e posto que alguns dias pôde a triste Virginia occultar-se de seus inimigos, mettida em brenhas, soffrendo mil miserias, emfim veio ás suas mãos, e trazida a casa do Alcaide, meia morta e consumida, foi posta em prisão, onde o mouro não quiz ir vel-a. Notando isto os filhos e mulheres do Alcaide, foram carregando a mão em suas culpas, de maneira que o mouro começou totalmente a perder as saudades d'ella—que tanto póde um desamor em um peito barbaro.

Vendo isto as mulheres, e o bom principio que levavam seus crueis propositos, ajuntaram á infeliz moça falsamente novas culpas, por onde o mouro, como ellas fossem sobre paixões amorosas, perdeu a paciencia totalmente, dizendo que não apparecesse mais diante d'elle, de tal modo que seus fi-

lhos e mulheres ousaram commetter a crueldade que logo veremos.

O' sorte indigna da belleza humana, que foi na vida Lucrecia, Helena, e Hero, mais que ferro, incendio e precepicio! quem viu esta moça no nosso campo, tão bella que arrebatava os olhos de todos, e a vê agora condemnada de sua propria belleza, tão pobre só por muito enriquecida, é cousa certo digna de grande mágoa, principalmente tendo-se libertado as mais das mulheres que como ella foram captivas!

Mas tornando a nosso proposito, digo que os filhos do Alcaide, movidos do mortal odio das mães, que presentes estavam, e de sua bruta e natural ferocidade, tiraram a triste Virginia da prisão onde a encerraram, estando fóra da cidade o desesperado e aborrecido Alcaide; e com estranha furia, sem piedade alguma, lhe ataram as mãos tão cruelmente, que ella conheceu muito bem o fim de seus dias; e como estivesse já tão cançada da vida, que apenas se sustentava n'ella, vendo a visinha morte que os agudos alfanges promettiam, começou a dizer em altas vozes:

O' ministros crueis do indigno mandamento, promptos cobardes na vingança injusta, com quanta mais razão esses agudos ferros poderam exercitar-se no piedoso soccorro de minha triste vida, que na vil façanha da innocente morte de uma miseravel captiva, desamparada e estrangeira! Se minha triste sorte, a quem vós chamaveis alta ventura, turbou alguma hora vossa paz e socego, Deus sabe que nunca em tal estado solicitei vossos desgostos. Que lei tão rigorosa condemnou jámais estranhas culpas, em quem de vontade livre carecesse? Por buscar minha honesta e justa liberdade, e por vos deixar na quietação da vossa, estou em tanta miseria; e quando com pias entranhas devêra ser soccorrida, ou perdoada ao menos, vejo triumphar de minha morte aquelles de cuja vida eu podéra ser senhora. Mas pois meus licitos desejos, honrado presupposto, aborrecido estado, são

os verdadeiros cutelos que dão fim a esta triste vida, e não esses cobardes alfanjes, não vos quero lembrar mais vossos erros, nem mostrar minha innocencia.

Isto dizia Virginia diante das assanhadas mulheres do Alcaide, a quem o mortal odio não dava logar a piedade alguma, antes incitavam seus filhos ao cruel acto, os quaes arremetteram a ella de maneira que não pôde quasi n'este amargoroso transe pronunciar, como quizera, o sancto nome de Jesus que invocava. Descem os agudos alfanjes sobre as madeixas de ouro, cobre-se a pallida neve do corrente sangue e sahe da formosa bôca o brando espirito, com o doce amado nome juntamente!

Assim acabou Virginia; e como todos em casa estivessem da parte de seus inimigos, foi dicto ao Alcaide que morrêra de sua morte natural, sendo enterrada por alguns captivos, com grande mágoa de todos. O que Hercules sentiu d'este successo, que por amor da desditosa dama havia muito tempo que estava em Ceuta, do lastimoso caso se póde colligir.

Pareceu-me bem dizer aqui o fim que teve este Alcaide, permittindo-o assim Deus, por ser o maior inimigo que os christãos tiveram. Sendo mandado pelo Xerife ao reino de Guago, nova conquista, veio de lá por suas culpas preso, e acabou miseravelmente, tanto que um captivo bem honrado me affirmou que chegára a dar-lhe esmola.

Foi este o unico mouro que não deu gasalhado aos fidalgos, porque todos os mais os tractavam com grande respeito, pelo conhecimento que de seu valor tinham em nossas fronteiras; e até o mesmo rei dizia que não eram seus captivos, senão seus devedores.

CAPITULO XII

COMO DEVEM FUGIR OS CAPTIVOS

PARECEU-ME, pois estamos tractando de fugas, dizer aqui algumas cousas que n'estas materias vi practicar a alguns captivos velhos e experimentados, que se salvaram fúgindo, e tambem apontar outras muito necessarias para este fim. Porque (por nossos peccados) cousa é que póde acontecer a muitos que agora o não imaginam; e tambem estou lembrado, que alguns homens em Miquines deixaram de fugir por não saberem onde estão os nossos logares. Pelo que tractaremos um pouco do assumpto, conforme ao que ouvimos e entendemos; e posto que a materia não seja muito gostosa, todavia, porque póde alguma hora ser de proveito, bem se póde supportar.

E se houver algum que se dê por muito seguro de nunca ser captivo, póde deixar este capitulo, mas eu não sou d'esse conselho, antes recommendo a meus filhos que não tão sómente leiam isto muitas vezes, mas ainda que o saibam de cór. Primeiramente, deve considerar toda a pessoa em seu captiveiro, sua qualidade, fazenda, e remedio que tem para se resgatar, e que senhor tem, e as esperanças, emfim, de que se sustenta, porque muitas vezes póde acontecer que o resgatem por tão accommodado preço que

seja mui grande desatino procurar fugir, aventurando-se a encontrar no caminho outro peior amo, ou por varios casos a morte, como acontece muitas vezes, sobre a defeza de sua pessoa, ou por má inclinação dos mouros com quem se encontre, de maneira que sempre se ha-de attentar muito bem o primeiro respeito.

Deliberado emfim o captivo, e conhecendo que totalmente lhe é necessaria a fugida para conseguir a liberdade, deve buscar e escolher um companheiro, porque além de ser grande alivio e consolação a companhia, é tambem remedio muitas vezes, ainda que não seja para mais que para tomar conselho, e perder o temor. Primeiramente, deve cuidar do mantimento, conforme a distancia que houver dos logares onde commetter a fugida aos nossos que vae buscar. Este mantimento deve constar de grãos torrados e passas, que ambos occupam menos logar, e é comer que esforça e põe substancia.

Tambem deve primeiro advertir que não ha-de fugir senão pelo verão (salvo se a commodidade do tempo dér outro logar), em occasião que os trigos estejam altos, para se esconder. No dia em que fugir ha-de procurar ser logo á noite, para que leve aquelle espaço aos mouros que o hão-de ir procurar. E porque são muito differentes os logares, diremos de cada um onde demora, e o caminho que deve seguir o captivo, guiando-se pelo Norte como estrella fixa, para que, apartando-se ou chegando-se a ella conforme o caminho que levar, acerte sua viagem.

Começando pois em Marrocos, o primeiro logar nosso é Masagão, onde forçosamente hão-de vir os captivos buscar seu remedio, pelo qual respeito lhe fica mais difficultoso, por ser logar certo, e onde o vão buscar até ás portas, principalmente se é pessoa de resgate, para o que é de saber que Masagão está de Marrocos 25 legoas (que eu andei), muito bom caminho, e onde entra parte do campo da Aduquela; e para sabermos como se ha-de reger o captivo pela estrel-

la, é de saber que esta cidade está a vinte e nove gráos e dous terços da nossa parte do Norte, e quem estiver n'ella, caminhando sempre ao mesmo Norte, e quarta do Nor-Noroeste, virá dar a Masagão, de maneira que póde caminhar quasi ao Norte, por ser pouca a distancia, carregando algum tanto sobre a mão esquerda; mas o mais seguro e melhor é quem partir de Marrocos caminhar ao Norte, sobre a mão direita a Nordeste, até dar no rio que vae ter a Azamor e se chama Morobea, e não póde haver melhor guia, porque Masagão fica duas legoas de Azamor sobre a mão esquerda, chegado ao mar e ao longo do mesmo rio.

Deve o captivo, se fôr fidalgo, não commetter a fugida a Masagão estando em Marrocos, porque é quasi impossivel escapar, porque logo correm até ás portas onde estão até o tomarem, salvo se estiver primeiro um mez ou dous mettido em alguma casa antes que parta, de maneira que os mouros, ou cansados ou enfadados, desesperem como já disse. Porém, sendo mesquinho, póde seguir a ordem que digo, attentando bem que antes que amanheça se deve esconder em algumas brenhas ou entre os trigos, entrando por elles sem fazer rastro algum, com muito tento, e não deve fazer pégadas na estrada junto do logar onde se metter, antes um bom espaço atraz deixar o caminho.

Tambem deve ter grande animo e soffrimento, porque posto que veja junto a si mil mouros, parecendo-lhe que não póde escapar, não ha-de esmorecer, mas antes, se fôr necessario, deve fazer-se morto como a rapoza, porque aconteceu já escaparem captivos, sendo muitas vezes trilhados de seus proprios amos.

No modo do mantimento fará sempre a provisão possivel, comendo quando podér de uma herva que chamam tagarrinha, a modo dos nossos cardos, da qual deve primeiro ter conhecimento, e de uns palmitos que nascem ao longo do chão, porque muitas vezes acontece entregarem-se os ca-

*

ptivos a pura fome; e por respeito da agua se deve accommodar, sempre que lhe fôr possivel, ao longo d'ella, ou valer-se de modo que lhe não seja necessario ir buscal-a de dia; por nenhum caso dormirá de noite, sendo-lhe possivel, antes deve repousar todo o dia embrenhado no trigo, ou em qualquer parte.

Se por ventura lhe fôr necessario caminhar fóra da estrada, deve observar a estrella do Norte, para por ella ir buscando aquella parte ou rumo que lhe é necessario; e como póde acontecer turbar-se o céo algumas vezes, de modo que a não veja, deve marcar algumas estrellas conhecidas da parte do Sul, porque tambem, levando as costas n'ellas, podem servir emquanto não apparece a do Norte.

Chegando á vista da nossa fortaleza, não se alvoroce nem se desmande, antes com muita vigilancia e cuidado mais que nunca vigie muito bem tudo, e se fôr homem fidalgo que tenha suspeitas que o buscam, não deve alcançar a nossa fortaleza de noite, porque é certo estarem-no aguardando ás portas, antes deve ir-se chegando para perto, embuscando-se em alguma parte, e depois de amanhecer, quando as nossas atalayas descobrirem o campo, dirigir-se para a fortaleza; porém, sendo mesquinho, póde de noite chegar-se, não ás portas, mas um grande espaço abaixo, ao longo do mar, de maneira que se souber nadar se metta n'elle, e venha nadando pouco a pouco ao longo da areia, e reconhecendo o campo o melhor que lhe fôr possivel; o melhor é deixar-se estar ao longo da fortaleza na agua até sahirem as atalayas, porque sendo de verão será muito facil cousa, comtanto que se não ponha a tiro de escopeta, para que as vigias de cima do muro lhe não atirem, cuidando ser mouro espia, que em tudo é necessario ter muito tento e advertencia; e este mesmo respeito devem guardar, seguindo a estrella, aquelles que se acharem perto de Marrocos, pouco mais ou menos.

Isto é o que toca aos captivos de Marrocos, e quanto aos de Fez, que está da nossa parte do Norte, a trinta e um gráos de altura, é de saber, que o captivo se ha-de aperceber para trinta legoas, porque o mais accommodado logar nosso é Tanger, por Arzila ser já de mouros, e deve seguir o Nor-Noroeste, e assim dará a Tanger, e se tomar mais para o Norte uma quarta dará em Ceuta, e seja-lhe por aviso que tem que passar os rios Sabugo e Lucus, junto a Alcacer, que de verão lhes não serão muito difficultosos, ainda que não saibam nadar, guardando o que se tem dicto, e o mais que o tempo de si dér. Miquines está de Tanger trinta e duas legoas, e a trinta gráos d'altura da nossa parte do Norte; quem d'elle fugir ao mesmo logar de Tanger deve seguir sempre o Norte, e quem da dicta cidade quizer fugir a Masagão, que são vinte e cinco legoas, deve seguir Oes-Noroeste, até dar no rio de Azamor Morobea, que o guiará como está dicto no de Marrocos.

De Fez não devem os homens fidalgos nem de Alcacer ou Tetuão fugir senão para Melilha, ou Horão, porque d'esta maneira, sendo buscados nas fronteiras de Portugal como mais certo valhacoito, poderão escapar; nem tampouco o devem fazer senão com guias seguras, e a cavallo, estando primeiro escondidos alguns dias, como está dicto. Alcacer-Quivir está a trinta e tres gráos e meio da nossa parte do Norte, onze legoas de Tanger, de modo que o captivo, caminhando sobre o mesmo Norte, algum tanto sobre a mão esquerda, dará em Tanger, e se quizer ir a Ceuta ha-de tomar á mão direita ao Nor-Nordeste pontualmente. E se fôr de Fez para Melilha deve seguir o Nordeste, e quem de Fez fôr para Horão deve seguir o Les-Nordeste.

De Tetuão a Ceuta são cinco legoas, todas ao longo do mar, ao Nor-Noroeste, que se deve seguir, e é cousa muito sabida, e quem de Tetuão quizer ir a Tanger deve seguir o Nor-Noroeste: são dez legoas de caminho. Todas estas cousas

paciencia, offerecendo a Deus a sua vida, e alma a todo o genero de trabalho e miseria, e assim não deve fallar de nenhum modo em seu resgate, significando, se lhe fôr possivel, que não perdeu muito em tamanha perda, porque os mouros no principio não fazem senão vigiar o que diz, e o que sente, d'onde formam logo no captivo, ajudados de sua malicia, a qualidade que lhes bem parece conforme ao que sentiram.

Não deve tambem por nenhum caso mudar o nome (salvo quando usar de Dom, que entre elles é cousa muito subida), porque isso só basta para o terem por fidalgo, como aconteceu a alguns pobres homens n'esta jornada, mal advertidos, que pondo-se outro nome sem haver para que, e depois sendo acaso chamados pelo seu de outros captivos, os mouros os tiveram por fidalgos sem mais outro algum signal, e padeceram depois, só por esta ignorancia, muitos annos miseravelmente, até que muito á sua custa vieram os mouros a desenganar-se: e alguns acabaram a vida n'esta opinião.

Tambem se advirta, que a primeira cousa que os mouros fazem é ver se lhe podem colher alguma carta ás mãos, das que escrevam a seus parentes, e algumas vezes lançam dissimuladamente espias d'andaluzes, que se fingem christãos com muita facilidade, porque fallam hespanhol como os naturaes, e se na carta lhe podem colher alguma palavra que lhes interesse, jámais se esquecem d'ella, dando-lhe grande credito, como é de razão que seja, pois que o captivo por sua mesma lettra confessa, no que se deve estar de sobreaviso, escrevendo sempre com muita cautela, e de maneira que da propria industria dos mouros se fique elle aproveitando.

Jámais diga que é casado, ainda que o seja, porque logo os mouros fazem de conta que tem fazenda, que muito bem sabem que em terra de christãos não casam de graça, como na sua, onde os dotes são quasi nada. E quando lhe fôr totalmen-

te necessario escrever, não deve de o fazer senão por via dos christãos mercadores de Aduana, de quem tiver conhecimento.

Seja muito diligente e perspicaz em todo o serviço, porque, além de grangear com isto a vontade de seus senhores, e lhe abrandar os animos, para lhe não darem cada hora infinitas pancadas, creando-lhe particular odio sobre o geral que lhe tem, servirá tambem de o não venderem para remar nas galés de Argel, como fazem a muitos de quem senão fiam por sua má sombra e melancolia, onde jámais téem remedio senão por maravilha, além do immenso trabalho e desventura das galés.

Guarde-se em todo o modo de tractar com as mouras familiarmente, recebendo mimos e favores d'ellas, porque na verdade é gente muito lasciva, e com animo disposto a qualquer desordem, e não se engane alguem consentindo em semelhantes desventuras, e cuidando remediar suas necessidades, porque além do perigo da alma, tamanho e tão manifesto, de qualquer maneira que os mouros o venham a sentir o enterram vivo, e quando não a mesma moura lhe dá veneno de que morre, ou logo ou depois, miseravelmente, querendo como em sacrificio com tal morte purgar sua culpa, que d'outra maneira tem que senão póde salvar. No modo de comer tenha paciencia, e tambem na cama e no fato, e jámais em cousa alguma mostre brio, comendo facilmente o mantimento ordinario que lhe dérem, sem mostrar asco em cousa alguma, que em tudo isto andam sempre os mouros de sobreaviso, e de pequenas cousas fazem grandes mysterios, e concebida uma vez a opinião de que são fidalgos, téem depois muito trabalhoso remedio. Se fôr captivo de algum Alcaide que tenha cargo d'el-rei, ou seja rico (porque dos mais d'estes é elle herdeiro legitimo) seja-lhe por aviso que, na hora em que el-rei o mandar matar, ou elle morrer naturalmente, fuja logo de casa, e vá escondidamente onde alguem o tome para captivo, que não faltará quem o acceite, porque d'outra

maneira sua fazenda confiscada fica logo d'el-rei, onde tem muito pouco remedio, porque o Xerife não resgata senão fidalgos a cinco mil cruzados, o menos, havendo que não convem a sua magestade dar ouvidos a outro preço, além de seu estado ter muitos captivos. Todo o captivo que estiver em algum Aduar deve pretender que o vendam para a cidade, porque os turcos os vão comprar a estes logares para o remo, e os Alarves os dão mais facilmente. Deve todo o captivo, ainda que realmente seja muito pobre, mostrar que o é, não nas palavras, ás quaes os mouros não dão algum credito, mas nos effeitos, porque pouco aproveita não ter uma pessoa alguma cousa de seu se os mouros concebem o contrario, antes lhe é peor que aos ricos, porque emfim os que o são, á custa de sua fazenda redimem depois seus descuidos; mas os pobres ficam de todo impossibilitados, de maneira que a uns e outros é necessario fazerem muito bem o officio de captivos, e não cuide alguem que levará melhor vida se se manifestar, porque então é peor, que os mouros, como sentem onde tirar, carregam a mão com tormentos e miserias, para que vá o captivo dando mais do que prometteu, imaginando sempre que ninguem promette quanto póde dar. Muito deve pretender o captivo vir ao poder de algum judeu, porque na verdade, como está dicto, são d'elles muito bem tractados, e como se temem que sendo o captivo de preço, posto que não seja muito, lhes seja logo tomado, accommodam-se mais depressa no resgate, e não lhes falta intelligencia para os pôrem em terra de christãos; e seja por aviso a todo o captivo que não use mal da brandura e paciencia do judeu em sua casa, descompondo-se com elle, como acontece ás vezes a algum ignorante mal soffrido, e mal agradecido, porque posto que o judeu não ouse de modo algum castigal-o, ou por sua boa natural inclinação, ou porque o longo costume de soffrer miserias lhe tem feito habito de paciencia, todavia por remir sua vexação dá parte do captivo a algum

mouro, e conta do que passa, o qual lhe tira a malicia com muitos açoites, e o faz trabalhar de noite e de dia, porque depois que o mouro tem alguma parte, usa n'este negocio (como dizem) com rigor, e depois d'isso sempre o miseravel captivo se arrepende tarde. Isto é o que se passa ácerca dos captivos nobres e honrados, e tambem dos miseraveis em seu modo; e no que toca aos fidalgos fronteiros, que são logo conhecidos, e por lei da guerra d'el-rei, não ha tanto que advertir: sómente lembramos que senão julgue cada um n'este estado pelo que de si cuida, antes deve imaginar que é pobre, ainda que o não seja, e se o fôr dal-o muito claramente a entender em seus effeitos, porque posto que os mouros saibam muito bem os nomes a todos quantos tem, e cujos filhos são, tendo el-rei n'isso particulares intelligencias, pelo que lhe convem, todavia qualquer descuido ou pouco soffrimento podem prometter mais de si que o que elles cuidam, além de não ser honra em tal estado não saber soffrer miserias, quanto mais que muitas cousas se offerecem, de que se podem aproveitar e grangear a liberdade, como aconteceu a Pero Guedes, que sendo fronteiro e pelejando em uma escaramuça, onde matou tres ou quatro mouros antes que o captivassem, segundo me affirmou um elche portuguez (que se achou presente), como lhe déssem algumas lançadas, entre as quaes foi uma na garganta, tomou occasião para se fazer mudo, e em tres ou quatro annos que esteve captivo jámais disse palavra, por mais que os mouros buscassem invenção para isso, até que o resgataram por muito differente preço, o que realmente foi uma das mais notaveis cousas que ácerca de captivos jámais aconteceu, digna por certo de muito louvor, não pelo que ganhou soffrendo, mas por mostrar quão bem saberia ter soffrimento n'outras cousas maiores. E assim se maravilharam os mouros estranhamente, quando depois souberam que não era mudo,

e agora em nosso captiveiro vinham a fallar com elle, por ver se era verdade o que diziam, que não acabavam de crêr caso tão estranho.

Do que convem aos captivos serem de elches já havemos tractado, e assim o devem procurar sempre, pois são os que melhor livram.

CAPITULO XIII

COMO PRÉGAVA O PADRE FREI VICENTE DA FONSECA E COMO OS JUDEUS OUVIAM SEUS SERMÕES; DO MODO COMO OS ELCHES VIVEM E SÃO D'ELLES TRACTADOS OS CHRISTÃOS

Já n'este tempo estavam conhecidos todos os religiosos que foram captivos, e por ordem d'el-rei postos em casa dos judeus, entre os quaes havia o padre frei Vicente da Fonseca, da ordem dos prégadores, o qual particularmente prégava, só a fim de confundir os judeus, tractando sempre da Sagrada Escriptura, trazendo todas as prophecias dos sanctos Prophetas da lei velha, e citando os logares em hebraico, a cujos sermões assistiam sempre vinte a trinta judeus Rabinos, principalmente um a quem chamavam Rabi maior, por ser entre elles o mais douto; os sermões se faziam em casa de D. Francisco Portugal, filho do conde de Vimioso, que era nas casas dos mesmos judeus, sendo cousa muito de notar a attenção com que todos ouviam sempre, sem se descomporem em actos nem em palavras, por mais que frei Vicente dissesse, guardando a obrigação de bons ouvintes; e depois de se acabar o sermão vinha o Rabi maior com muita brandura e modestia pedir a repetição d'algumas cousas, tanto que alguns, não soffrendo que elle escutasse, com razão lhe chamavam christão, e frei Vicente diante dos mais satisfazia aquelle desejo, sem querer por

nenhum caso responder a outros, por não fazer confusões, salvo se o mesmo Rabi entrava nas perguntas.

Foram estes sermões de frei Vicente bastantes, no pouco tempo em que estivemos em Fez, a se converterem muitos judeus, e se vieram fazer christãos, dos quaes eu conheço alguns n'esta cidade de Lisboa, por onde se póde bem julgar quantas judias fariam o mesmo se tivessem essa liberdade, e certo n'ellas fôra muito mais facil a conversão, por serem naturalmente muito castas e honestas, além de terem muito bom entendimento, tanto que entre duas ou tres mil mulheres que haverá na Judearia, não ha uma só d'aquellas que chamamos solteiras, nem a consentiriam de nenhum modo; tambem se lhes não póde negar que téem muita brandura e piedade, como eu vi muitas vezes usar com captivos, assim em os soccorrerem em suas necessidades, como nas doenças, pelo que realmente temos obrigação de nos magoar muito de sua miseria.

Toda esta gente andava tão cheia de maravilha, vendo a verdade e cortezia com que dos fidalgos e gente nobre era tractada, que não cuidavam senão de como lhes haviam de fazer a vontade, como se foram seus amados filhos, chorando mil vezes o desterro de Hespanha, e com muita razão, pelo mortal odio que os mouros lhes tem e pelas miserias que padecem, taes que se não poderiam contar sem grave offensa dos ouvidos humanos, mágoa por certo grande em gente de razão e entendimento, e que tão querida foi já de Deus, e na qual todavia sómente os christãos captivos (depois dos elches que se não téem por mouros) achavam algum remedio e consolação, sendo tractados com muita humanidade aquelles que foram a seu poder, além de que era grande alivio a todos entenderem-se com elles, porque fallam em geral castelhano, á excepção de alguns judeus mouriscos, de que se lá não faz conta, pelo que temos particular obrigação, além da ordinaria, de rogar a Deus pelo melhoramento de seu

infeliz estado, para que venham ao verdadeiro conhecimento, e não se perca tanta gente em cada hora com tanta miseria.

D'esta maneira passavam os captivos que acertaram de ser de judeus, porém a mais accommodada e melhor fortuna foi d'aquelles que vieram a poder de elches, porque além de acharem logo com quem se entendessem, algumas vezes aconteceu serem senhor e captivo ambos de uma patria, e por ventura parentes, e quando isto não fosse, todavia são filhos de christãos, e posto que lhes não podemos tambem assim chamar, pois renegam, por mais que elles digam que em seus corações o são, ainda assim parece que nem de mouros podem ter o nome; e assim, deixando de ser christãos, mostram ser differentes no exterior do que são no interior, e com muita razão dizem alguns d'elles que os elches é a mais desgraçada gente do mundo, pois os mouros os téem por christãos, e os christãos por mouros, porém que nem uns nem outros acertam, porque nenhuma d'estas cousas são.

Vive esta gente no tracto de sua pessoa, e em todas as mais cousas, muito differente dos mouros, e os mais d'elles não téem mais que uma mulher, podendo ter muitas; muitos ha que zombam de Mafoma publicamente, e rezam as nossas orações, posto que lhes não aproveitem, e alguns quando bocejam fazem o signal da cruz na bôca, que não póde emfim o demonio vencer o sancto costume, por mais que d'elles tenha tomado posse.

A maior parte d'esta gente baptisa seus filhos quasi publicamente; e com referencia a esta circumstancia me pareceu bem contar aqui uma cousa mui digna de se notar, tomando um pouco de mais atraz o successo, porque tambem se vejam os perigos e miserias a que um captivo está sujeito.

Pousava bem junto de Alichequito o Alcaide Raposo, tão nomeado em toda a Barbaria, o qual se passou ao campo dos portuguezes no dia da batalha, como está dicto, em companhia de Mami. Era este homem portuguez de nação, muito

esforçado, e de boas condições, e sendo por sua desventura captivo, veio ter a Fez, a casa de um judeu que o comprou, o qual tinha uma filha muito formosa, segundo ainda agora mostrava, com quem elle parece que se embaraçou por amores; e vindo a moça por decurso de tempo a ficar gravida, começou a manifestar seu perigo e desventura, dizendo ao captivo como por seu respeito havia de ser apedrejada publicamente (que não se castiga com menos, cousa entre os judeus tão estranha), além da infamia de sua pessoa, e de seus parentes, e que tudo isto era nada, comparado com a immensa dôr que sentia, vendo que o haviam de apedrejar vivo primeiro diante de seus olhos. Isto dizia chorando, muitas vezes, tanto que o captivo, não sentindo algum remedio na vida, veio a determinar-se com a morte, dizendo: Bem sei, senhora, que por meu respeito estaes no mais infeliz estado da vida, no qual eu tenho dobrada pena, sentindo muito mais ainda os vossos males, de que fui occasião; porém, como nossas desventuras tiveram todavia principio de verdadeiro amor, nascido de vossa belleza, razão será que em tudo me sejaes companheira, pois fostes a causa: sabei, senhora, que estou deliberado pagar com a morte os erros de minha vida, pois sendo christão, e conhecendo o verdadeiro Deus, quebrei tão facilmente seus preceitos, dando com desatinos (posto que amorosos) não sómente occasião a perecer com a morte infame tão estranha belleza, mas ainda a apressurar-se o tormento d'essa alma, que é tanto mais bella. Mas pois isto agora não tem remedio humano, razão será que busquemos o Divino, salvando as almas, que, livres da miseria d'esta vida, vão ambas n'um momento em companhia gosar da eterna bemaventurança para que nasceram, deixando o demonio frustrado com as duras prisões com que nos tem atados, a mim no indigno estado de quem a Deus conhece, e a vós na longa confusão e geral cegueira de vossos erros. Bem sabeis por quantas vezes vos tenho declarado a verdadeira lei de Christo, mos-

trando-vos claramente os errados caminhos que seguis, e pois Nosso Senhor foi servido que depois de nossos erros se tirasse de tamanho veneno a mesma triaga, sendo nossa conversação parte para virdes ao verdadeiro conhecimento da lei de Deus, como vós mesma me confessaes, desejando muito a agua do baptismo, tambem o sangue póde servir de agua, confessando a Fé Catholica sem algum temor, pela qual verdade eu diante de vós, e em vossa ajuda, soffrerei alegremente a morte, por mais cruel que seja, sendo-vos amigo e leal namorado n'outros amores bem differentes dos de agora. Ao que ella respondeu: Ai, coitada de mim, quão longe estou de achar consolação em cousa alguma, pois até com as mesmas razões com que me persuadis a estorvaes; muito bem entendo quão pouco vae em que se perca uma vida tão triste como a minha, senão levára após de si essa de quem eu só vivo, perecendo juntamente o innocente fructo de nossos mal logrados amores, pelo que, já que o tempo costuma dar remedio a tudo, tambem n'elle podemos esperar, com o favor de Deus, principalmente não só a salvação das vidas, mas das almas, vivendo em terra de christãos muitos annos com o fructo das bençãos divinas.

Vendo pois este captivo a mal deliberada moça, tão cheia de temor e espanto da morte, lhe disse com grande sentimento: Pois senhora, que determinação é a vossa em tão evidente perigo? Eu não vejo modo, lhe respondeu ella, mais que um só, cujo remedio vos será ainda mais penoso que o proprio damno, pois nos será forçado tomar fingidamente a lei dos mouros, até escapar d'esta furia, debaixo da qual podemos viver christãmente até de todo nos pôrmos em terra de christãos, porque posto que estes caminhos sejam torpes e infames, todavia o fim d'elles é honrado e glorioso.

Com estas falsas apparencias, pondo este mancebo os olhos na esperança dos tempos, se deixou levar d'estas fingidas

razões, podendo mais com elle o temor de perder a amada companhia, que o respeito de Deus.

Assim escaparam ambos, tomando a lei dos mouros, com a promessa de viverem christãos, e realmente, se isso lhes aproveitára, nas obras o mostravam, como logo veremos.

Tinha esta gente tres filhos, e o mais velho seria já de quinze annos, os quaes eram baptisados, e em sua casa se chamavam pelos nomes de christãos, e fóra de mouros, excepto quando algum captivo fallava com elles, porque o não consentiam de nenhum modo.

Era este Alcaide mui grande amigo de todos os christãos e particularmente de frei Vicente da Fonseca, ao qual, parindo sua mulher n'este tempo, chamou para baptisar um filho, e em sua companhia algumas pessoas, que ajudaram a festejar o baptismo, onde acaso me achei. Logo o Alcaide, querendo festejar a frei Vicente, lhe disse (mostrando-lhe a mulher): Eis-ahi, senhor, a causa de todos meus cuidados; veja agora vossa paternidade se fôram bem acertados meus erros. Ao que frei Vicente respondeu, obedecendo ás leis da cortezia, que a senhora Zaida certo lhe parecia bem digna de se acharem por ella desculpas onde não as havia, e que sua mercê estava bem no conhecimento d'isto, pois não sómente tinha feito por seu amor todo o possivel, mas ainda o que se não podia fazer. Ella, todavia, quando se ouviu chamar Zaida, disse graciosamente: não me tracte vossa paternidade mal, que o meu nome dentro no meu coração é Maria, e tambem n'esta casa, até que Nosso Senhor Jesus Christo queira que n'outra melhor parte se possa elle nomear á bôca cheia.

N'este passo se arrazaram os olhos de agua a frei Vicente, e a todos os mais, assim de piedade no sentimento d'esta magoada gente, como de prazer, vendo toda uma casa com tão bons desejos nas entranhas da Barbaria.

Logo frei Vicente, com as portas cerradas, baptisou o menino, de quem foi padrinho um mercador christão, que se

chamava Inygo de Melohi, e dando todos muitas graças a Deus pelo presente acto, se despediram do Alcaide e da moura, que foi judia e confessava ser christã. Assim vive a maior parte d'esta gente, e aos Xerifes lhes dá bem pouco d'isso; tanto que Muley Moluco, quando algumas vezes entrava na igreja dos christãos em Marrocos, por curiosidade lançava agua benta aos elches, e se alguns faziam d'isso escrupulo, ria-se muito d'elles, dizendo: Para que é negar a verdade? as vidas e as pessoas me sirvam fielmente, que das almas não se me dá cousa alguma. E na verdade, bem sabem os reis da Barbaria que os elches não são mouros, porém como lhes são muito fieis, e os mouros são inconstantes e traidores, téem-nos em muita conta, e fazem-lhes muitas mercês e honras; comtudo, nenhum, por mais contente que seja, deixa de trazer na memoria e na vontade vêr-se em terra de christãos, como logo veremos em um successo que me pareceu bem contar aqui: o qual, posto que não escuse sua fraqueza e desatino, servirá de grande consolação a muitos, a quem a miseravel sorte levou a tão triste estado, esperando uma hora boa de seu remedio e salvação.

No tempo de Muley Amet, o Xerife mais velho, estando elle uma sexta-feira na Mesquita maior de Marrocos, acompanhado de muitos Alcaides e gente de sua guarda, por ser dia muito solemne a seu modo, e juntamente dos mais principaes Cacizes, entrou pela porta um homem, quási negro de queimado do sol, vestido de aspero saial, com o cabello solto e comprido, descalço, e de modo que toda a gente que na Mesquita estava ficou cheia de maravilha, sem dizer palavra, esperando em que pararia tão estranho apparecimento.

Logo este homem, sem fazer reverencia a el-rei, nem a outra pessoa alguma, se subiu na cadeira ou logar d'onde o Cacis maior havia acabado de prégar, e com alta e clara voz começou a dizer d'esta maneira:

*

Christo vence, Christo reina, Christo ha-de vir a julgar os vivos e mortos, e tudo o que não é isto é mentira.

Vendo el-rei tão estranha cousa, e os mais Alcaides que com elle estavam, o quizeram logo matar, ao que por nenhum caso resistiu o determinado cavalleiro de Christo.

Estando, pois, o negocio d'esta maneira, acudiram os Cacizes, dizendo que era um homem doudo, e que por isso não reparasse sua magestade no que elle dizia. D'esta maneira foi lançado fóra da Mesquita e livre por doudo o mais sisúdo homem do mundo, do qual depois se soube que era um elche que andava fazendo penitencia, e buscára aquelle logar para passar honroso martyrio, e assim andou até que veio a terra de christãos, porque os mouros, vendo-o tão resoluto, por não desacreditarem sua lei não quizeram lançar mão d'elle.

Por aqui se póde ver como esta gente podia tractar seus captivos, e na verdade a experiencia o mostrou bem em nosso captiveiro, pelo que, posto que seja de abominar a desventura d'estes erros, não devem os principes deixar de recolher e dar remedio áquelles a quem lavou a culpa o verdadeiro arrependimento, e nós temos muito grande obrigação de rogar a Deus que os livre do captiveiro d'alma, e tambem da vida, que realmente bem se podem chamar escravos, por mais livres que vivam.

CAPITULO XIV

AMOTINAM-SE OS AZUAGOS, PARTE REDUÃO PARA MARROCOS E NO CAMINHO OS FIDALGOS O PERSUADEM QUE VÁ A MASAGÃO

ssim passavam estes captivos como havemòs dicto, e os mais que eram de mouros tinham assás de desventura; e porque se saiba que não sómente padeciam miserias em seus trabalhos, mas muitas vezes os perseguia a fortuna até com as mesmas apparencias de contentamento e liberdade, contaremos algumas cousas que lhes aconteceram.

Estavam n'este tempo alojados em Fez cinco ou seis mil soldados Azuagos, todos escopeteiros, e faltando-lhes a paga se amotinaram, e, formando um esquadrão, começaram a appellidar Muley Naçar, um sobrinho d'el-rei que estava acolhido em Arzila, chamando assim quantos christãos podiam haver, com os quaes começaram a marchar para Arzila, e foram caminhando perto de uma legoa, quando trouxe a fortuna Reduão, elché portuguez, muito valoroso e valido d'el-rei, que, como adiante diremos, veio com grandes poderes a Fez, o qual tinha tanta auctoridade, que ousou chegar sem algum mêdo á bôca das escopetas, e dando e tomando sobre o negocio, fez abrandar a desesperada gente, com lhes

prometter pagas e outras mercês, as quaes permittiu Deus que fossem como adiante diremos, e Reduão, em paga d'esta notavel obra, e outras muitas, foi morto a ferro em Marrocos.

Logo se desfez o esquadrão, e os captivos tornaram para seus amos, dissimulando o melhor que lhes foi possivel, mas aos mais d'elles aproveitou bem pouco, que os mouros souberam de sua fugida, e foram castigados muito asperamente, redundando tamanha alegria em tanta tristeza.

Estes Azuagos descendem de christãos de differentes nações, e a liberdade de que gosam alcançaram-n'a elles á custa dos serviços prestados a um rei de Merines, liberdade que este monarcha lhes concedeu sob a condição de não habitarem em terras de christãos, mas sim n'aquellas que por elle lhes fossem designadas.

D'esta maneira estiveram muitos annos guardando a lei de Christo, até que pela fragilidade de nossa natureza e corrupção de costumes, com a ajuda de tão má visinhança, vieram a ser meios mouros, e depois mouros de todo, como agora se vê.

Quando esta gente guardava a lei de Christo, sendo de certa idade, bem pequenos, lhes punha seu pae na face aquelle Divino signal da Sancta Cruz, para se differençarem dos mais, e prezam-se tanto hoje d'isto seus descendentes, ainda que mouros, que todos trazem os mesmos signaes postos por seus paes, e geralmente lhes chamam Azuagos, a quem el-rei logo que chegou a Marrocos, assim pelo alvoroço que fizeram quando elle entrou em Fez, como por este de agora, mandou matar sem ficar algum, espalhando-os dissimuladamente pelas provincias, e em um só dia deu ordem para isso, que d'outra maneira fôra muito difficultoso, por serem muitos e muito valorosos.

Grande lastima foi ver morrer tanta gente em uma só hora, e mais descendendo de christãos, posto que por outra

parte foi mercê de Deus, assim por faltar aos mouros esta valorosa companhia, como por não se enriquecer o inferno cada hora com os muitos descendentes de quem tanto adorou a Christo.

Mas tornando a nosso proposito, depois que se acabou este tumulto, e Reduão deu cumprimento ás cousas que por el-rei lhe foram mandadas, como atraz apontamos, partiu para Marrocos, levando em sua companhia a mãe d'el-rei, e Lela Suna, uma formosa dama com quem estava casado, da geração dos Bocresias, que são os mais nobres mouros da Barbaria, e levando tambem grande parte dos thesouros reaes, e outras peças muito ricas; iriam em sua companhia mil almas de todas as nações, porque, como em cafila muito segura, foram muitos judeus, turcos, armenios, christãos, elches, de maneira que era um formoso arraial, posto que a mais da gente fosse de negocio, e não de guerra.

Partiram em sua companhia seis fidalgos, convém a saber: D. Antonio de Castro, conde de Monsanto, Antonio de Moura Telles, João Moniz, Martim de Castro, Ruy Dias da Camara, e Simão Corrêa Barem, e além de alguns captivos nobres e outros do numero commum levava mais de duzentos homens elches, muito gentilmente concertados, e dous ou tres Alcaides mui principaes, parentes da noiva, a qual levava muitas damas e outras mulheres, que iam mettidas em umas grandes gaiolas cobertas de sendaes, de modo que nenhuma cousa apparecia d'ellas, e da mesma maneira iam as duas rainhas, posto que com mais apparato.

Seguia seu caminho Reduão, muito de vagar, assim por respeito da muita gente, como pelo que se devia á auctoridade de semelhantes pessoas, e além d'isso como fosse temeroso e pensativo, pelo que em Fez lhe havia acontecido, levava totalmente o animo quebrado, e muito pouco gosto de sua viagem; e porque melhor se entenda a razão d'isto, é de saber que o Xerife, ou pelos novos temores que de tal

personagem podia ter, ou pela antiga lembrança da bofetada que d'elle havia recebido, não querendo imitar a el-rei de França nas injurias do duque de Orleans, determinava tirar-lhe a vida, e para o poder melhor fazer, segundo depois se viu, o mandou a Fez com grandes poderes e favores, porque em Marrocos parece que por então se não atrevia com elle. Sentiu isto muito bem Reduão em Fez, porque uma noite, estando em um banho, entraram cinco mouros para o matar, os quaes, sendo sentidos dos elches que fielmente o serviam, acudiram estes em sua defeza, de maneira que dous ficaram mortos, e os tres foram bem maltractados, lançando Reduão fama que eram ladrões, por dissimular o negocio (que tanto respeito se deve aos reis, que nem de suas injustas determinações tendes licença para vos queixar), e d'outra vez lhe foi dado veneno em um presente que lhe mandaram; porém, como elle andasse de aviso, não quiz comer cousa alguma, antes fez a experiencia em um cão, e viu claramente o effeito d'ella, de maneira que com estes desenganos ia muito cançado e receioso; porém, por outra parte, como o demonio tinha tomado posse d'elle, lhe mettia em cabeça que, sem embargo d'estas cousas, el-rei, vendo sua fidelidade e diligencia, se esqueceria de tudo.

Chegando pois d'este modo além do meio do caminho, junto ao rio Morobea, que vae ter a Azamor, D. Antonio de Castro e Antonio de Moura Telles, ou porque lhes fosse revelada alguma cousa pelos elches do temor e sentimento de Reduão, ou porque vissem uma conjuncção tão boa, com estranho valor ousaram commetter uma das mais honradas emprezas que se póde imaginar.

E assim, foram a Reduão, que parado com todo o campo ao longo da ribeira estava, e lhe fizeram a practica seguinte, havendo porém primeiro tractado o que convinha ácerca de sua deliberação com mais fidalgos, que tambem foram d'este parecer.

O' valoroso portuguez, a cujo alto merecimento parece que rendida a fortuna te veio a pôr nas mãos a mais facil, honrada e justa empreza, de quantas alguma hora venturosa occasião deu a pessoa alguma, porque além da Divina reconciliação d'alma, a cujo respeito vale tão pouco a vida, tudo quanto n'ella se póde desejar te busca de um só golpe: pois te offerece primeiramente a justa vingança de teus conhecidos inimigos, a pompa soberana com que entrarás no reino em que nasceste, enchendo os olhos de estranha alegria a todos teus parentes, na restauração com tanta vantagem da honra já perdida, e além do commum contentamento, quasi te farás absoluto senhor de todo um reino, que te não ficará em menos obrigação, pois com esta tamanha presa pódes muito facilmente resgatar todos os portuguezes que hoje miseravelmente padecem n'esta infeliz terra, lisongeira inimiga de tantos mal aconselhados christãos, a quem tambem se offerece n'esta milagrosa conjuncção a doce liberdade de todos, sempre tão desejada, que a cada passo a buscam para salvar as almas, com tanto risco de suas vidas; agora, sendo aqui comtigo mais de duzentos homens, todos inflammados d'este mesmo desejo, olha com quanta facilidade pódes sahir de tão famosa empreza, da qual nunca te póde succeder senão felicidade, pois quando fosse tamanha a ingratidão d'el-rei de Portugal que te negasse um titulo muito honroso, que mór honra podia ser que havel-o tão bem merecido. Tanto mais, que basta para o comprar em qualquer parte os grandes thesouros que livremente levarás comtigo, e o que de nossos resgates te daremos. Este rio que vês vae direito a Azamor, logar quasi despovoado, e sem defeza alguma; manda marchar com qualquer honesto desvio todo este campo ao longo d'estas aguas, cujo curso parece que te está chamando á gloriosa empreza.

Quando estes fidalgos acabaram de dizer a Reduão estas e outras cousas, depois que o elche as escutou muito bem,

com assás maravilha de sua deliberação, lhe respondeu muito grave e sagazmente:

E' tamanha a liberdade que os captivos téem para commetter as cousas de que possam conseguir o effeito d'ella, que não me maravilho da estranha ousadia de vossos risonhos conselhos, nem vos quero dar outra penitencia a tamanho atrevimento, mais que a confusão e vergonha em que vos vereis, não me sabendo responder a nada do que vos quero perguntar. Dizei-me, por vida vossa: quando fôra possivel (do que Deus me livre) que minha lealdade podéra quebrantar-se, cedendo á força do vil interesse que me haveis significado? De que modo se podéra conseguir o desejado fim de tão desatinado presupposto, sendo certo que para esse effeito se haviam de communicar duzentos homens elches, de tão varias nações e differentes humores, entre os quaes impossivel cousa seria sustentar-se o segredo, que sendo revelado por qualquer via aos mouros que aqui vão, mal podia alguem escapar de suas mãos? D'outra maneira, se eu quizesse caminhar com toda esta gente para Azamor, que razão podia dar de minha partida, sabendo todo o mundo que vou direito a Marrocos, e eu sempre assim o tenho dicto? Por outra parte, se os elches não fossem todos de minha opinião, quem havia de matar os mouros que sabidamente haviam de ser contra ella? Assim, de qualquer maneira, parece-me, senhores (com vosso perdão), que sereis mais para a guerra que para o conselho d'ella.

Grande contentamento foi o dos fidalgos, assim em verem tomar tão facilmente a Reduão sua ousadia, como no desejo que lhe enxergaram de querer saber, a modo de zombaria, o remedio que lhe podiam dar; e logo, com mais liberdade e confiança, lhe começaram a dizer d'esta maneira:

Ó venturoso Alcaide, chamado pela mão Divina a tão gloriosos fins, pelos mais faceis meios que nunca houve na vida,

sabe que as tuas proprias difficuldades são verdadeiros argumentos nossos, pois quanto ao que dizes que tudo póde commetter um captivo por se ver livre, bem claro está que isso se não deve entender em nossas pessoas, pois basta para nosso resgate a metade da renda que cada um de nós tem cada anno, de modo que sem nenhum receio, com o favor de Deus, nos julgamos já livres, pelo que, posto que fôramos os mais desasisados homens do mundo se não víramos a facilidade d'esta empreza, como era possivel com tão pouca necessidade aventurarmos as vidas, se não tiveramos a certeza, a intima convicção, de que nossa ousadia facilita teu perigo? Quanto ao primeiro inconveniente, bem claro está que nenhum elche d'esta companhia, por mais filhos e mulheres que tenham, deixam de suspirar pela salvação da alma e honra da vida, pela qual razão tudo se póde fiar d'elles, e quando te não pareça seguro este conselho, aqui vão trezentos christãos captivos, diversos e d'el-rei, com os quaes nós degollaremos todos os mouros que aqui vão, dando-lhe tu suas armas, o que de noite póde ser muito facilmente, pois tão confiados e seguros dormem; e, feito isto, a que mui seguramente nos offerecemos, por força todos os elches hão-de seguir teu parecer, porque já então ficam sempre suspeitosos a el-rei, quanto mais que elles abraçarão de modo a desejada occasião, que não será necessario algum promettimento ou rogo, porque sabe que todos o vem significando com estranhas ancias, como póde ser que de alguns tenhas entendido e nós de todos. Quanto a serem muitos os mouros, bem se deixa vêr que os mais d'elles são gente inutil e desarmada, que passa seu caminho, e os outros são judeus, e uns e outros se haverão por bemaventurados em escaparem de nossa furia, deixando o campo cheio de despojos; e dos mais que podem fazer resistencia não amanhecerá nenhum vivo, salvo aquelles quatro Alcaides Bocresias, que logo amarraremos; e acabada esta segura empreza, que deixarás á nossa conta, sem metteres n'isso nenhum cabedal,

pódes muito facilmente caminhar com todas estas riquezas ao longo d'este rio, até Azamor, que está a duas pequenas legoas de Masagão, onde irá algum de nós diante pedir as alviçaras de tão nobre façanha, e nós te viremos receber, caso possa haver quem te resista. Quanto mais que em um dia e uma noite fôramos a Masagão, sem poder haver no campo quem ouse olhar tão sómente para nós, e primeiro que de Mequines possa vir gente, por estar mais perto d'aqui, antes que lá chegue a nova já estaremos a salvo. Tudo isto que te dissemos está pelos fidalgos e mais captivos d'esta companhia ordenado, com parecer dos elches quasi todos, com tanta facilidade, dando tu licença, como verás mui brevemente.

Calou-se Reduão a todas estas cousas, dando com sua dissimulação tão vivas esperanças aos fidalgos, que quasi se começavam a fazer prestes, incitados dos elches, que estranhamente suspiravam por esta empreza; e assim, passado algum tempo mais, além d'aquelle que totalmente lhes fazia cuidar na certa deliberação do Alcaide, se tornaram a elle com novos argumentos; porém o desventurado, que por seus peccados tinha merecido a Deus differente fortuna, se resolveu dizendo, que o Xerife se fiára d'elle, e elle se não podia fiar de tantos: e que por ultimo sempre em Portugal seria tido por um vilão renegado, e em Barbaria era principe, e christão dentro em sua alma.

Grande foi a mágoa e tristeza de todos estes fidalgos, que, bem lembrados de sua obrigação, ousavam pôr em tamanho risco suas vidas, só por dar liberdade a tantas gentes.

Partiu emfim Reduão, levando a triste via de Marrocos, para onde o deixemos ir, que antes de muitos dias o iremos lá ver em differente e miseravel estado, tão arrependido de sua mal empregada fidelidade, como temeroso de perder aquel-

la sua tão infame e triste vida. E realmente, fallando eu depois com alguns d'aquelles elches n'este reino, que alli se acharam presentes, e depois voltaram, soube como a empreza era cousa mui factivel, e que bastavam, para se resgatarem todos os portuguezes, a mãe e mulher d'el-rei e os Alcaides Bocresias, mas parece que o não permittiu Deus por nossos peccados.

CAPITULO XV

DESCREVE-SE A CIDADE DE MARROCOS, E TRACTA-SE DO CAMINHO DE FEZ A ELLA

EM se deixa entender quantas e quão diversas cousas passariam os captivos em todo este tempo que estiveram em Fez, vivendo sempre com o intenso desejo de verem suas mulheres e seus filhos, e sustentando-se de esperanças, que a cada passo se turbavam com a infidelidade dos mouros, da qual nunca podiam estar seguros, assim pelo receio de el-rei lhes não cumprir seu resgate, como pelo perigo geral, debaixo de tão certos e tamanhos inimigos; e assim, foi realmente particular mercê de Deus acharem os fidalgos as casas dos judeus em que se recolhessem, que nenhum d'elles podéra viver nas dos mouros, por serem aváros, crueis, e maliciosos, e pelo contrario acharam nos judeus muita brandura, affabilidade e cortezia, além de ser allivio muito grande entenderem-se com elles na linguagem, porque, como está dicto, fallam todos castelhano; e assim, em todas as cousas eram estes fidalgos tractados como em suas proprias casas, com muito amor e singeleza.

As suas occupações ordinarias eram: pela manhã ir ou-

vir missa, e á tarde juntarem-se em boa conversação os amigos e parentes, tractando de seu remedio.

Alguns havia que aprendiam Arabio e Hebraico, por não darem logar á ociosidade, e nas tardes do verão subiam aos terrados das casas, aonde, com os olhos postos nos altos montes que defrontam com parte da nossa Hespanha, estavam curtindo saudades. N'isto recebiam grande allivio, por ser a vista muito formosa, e jámais nenhum d'elles sahia da Judearia, salvo quando eram chamados por mandado d'el-rei ou de seus Aquemes.

Os outros captivos, homens nobres que andavam sob fiança, tinham mais liberdade, porque iam a Fez, o velho, visitar e soccorrer seus amigos, e algumas vezes a um campo que está na Judearia, onde os judeus se enterram, logar muito aprazivel, cercado do jardim d'el-rei, pelo que se dizia vulgarmente, que melhor era n'aquella terra conversar os mortos que os vivos. Aqui vão as judias, em determinado tempo do anno, prantear seus defunctos, e certo era cousa para notar ver entrar algumas moças galanteando e rindo umas com as outras, e ao chegarem ás sepulturas, a que cada uma ia dirigida, tirarem os mantos e começarem suas lamentações, fallando em altas vozes com os defunctos, como se elles lhes houvessem de responder, e depois que faziam isto (como por officio) logo se tornavam rindo e folgando, para dar logar a outras que vinham fazer o mesmo. N'isto tinham os captivos algum allivio, que muitas vezes mágoas com mágoas se consolam, porém sempre com aquelles sobresaltos de se verem captivos, que na mór alegria arrebatavam tudo, sem deixarem um só momento o animo quieto.

Andavam n'este tempo os fidalgos do numero com grandes esperanças de liberdade, porque D. Francisco da Costa, além dos presentes que levou ao Xerife da parte d'el-rei D. Henrique, tinha todo o cumprimento do resgate ordenado em letras e em fazendas, e assim era muito grande o alvoroço

e contentamento de todos, com as saudades mais vivas e mais penosas, fazendo-se prestes o melhor que lhes era possivel, o que geralmente soffriam muito mal os mouros, por sua maldade e pelo mortal odio que nos têem.

N'esta conjunção partiu uma cafila, onde fomos alguns captivos á cidade de Marrocos, da qual convem tractar um pouco, deixando as cousas de Fez no estado que havemos dicto, até que digamos como sahiram os fidalgos do numero e outros muitos captivos, que com seu remedio e á sua sombra vieram.

Ha de Fez a Marrocos cento e tantas legoas, sem haver em todo o caminho estalagem, logar, ou villa, salvo a cidade de Tedula, que da estrada estará duas legoas, pelo que as pessoas que caminham vão em cafilas de cem homens, ao menos, com toda a ordem e concerto de guerra, por respeito dos Alarves, que são naturalmente ladrões: e porque n'este caminho vimos algumas cousas dignas de menção, me pareceu bem tractar d'elle particularmente, para que tambem se saiba o modo como os mouros caminham, e o que passam os captivos em sua companhia.

Partiu emfim a nossa cafila, indo todos em som de guerra; e n'aquelle dia, já bem tarde, sem descansar nem comer senão á noite, fomos fazer jornada a uma ribeira muito fresca, onde havia muito peixe, que até foi necessario, para poderem beber as cavalgaduras, bater a agua com varas, porque uns lhes saltavam aos olhos, outros lhes picavam na bôca, e alguns se lhes mettiam pelas ventas.

E tanto assim é, que, ha bem poucos dias, um captivo natural d'esta cidade de Lisboa, que se chama Luiz Alves, me disse, fallando n'isto, como seria possivel dar-lhe algum credito quem o não viu por seus olhos, a não saber que os Alarves de nenhum modo comem peixe, nem põem n'isso cuidado!

Finalmente, aqui nos aposentamos esta noite, onde o mes-

*

mo Luiz Alves, com anzoes que fez de agulhas, pescou muito facilmente innumeros peixes, e de muito bom sabor, com os quaes nos valemos na presente miseria.

Ao outro dia fomos caminhando da maneira sobredita, todos postos em som de guerra; e como fizesse grande calma, encontrando uma pequena ribeira de agua muito clara, eu e os mais dos captivos açodadamente nos lançamos a ella, e algum tempo bebemos, primeiro que sentissemos que era salgada, o que vendo alguns elches de nossa companhia, e juntamente a confusão em que estavamos, riram muito do nosso engano, e na verdade todos ficamos muito suspensos, porque logo na mesma ribeira vimos andar caranguejos, e as pedras cobertas de caramujos, e muito mais nos maravilhava por vermos que vinha da parte da terra, e de nenhum modo podiamos atinar com a causa; mas logo nos foi dicto que a ribeira passava por uma serra de sal, que a natureza n'aquella terra cria, por lhe não faltar cousa alguma, e que as aguas antes de chegar á serra eram doces (como logo adiante vimos) e depois de passarem por ella se tornavam salgadas, como á nossa custa experimentamos.

D'esta maneira iamos caminhando, aposentando-nos sempre ao longo das ribeiras, onde, pela intelligencia de nosso companheiro, eramos soccorridos de peixe, que, a ser d'outra maneira, nenhum de nós chegára vivo, segundo a miseria dos mouros.

Em todo o caminho, até á cidade de Tedula, não vimos cousa alguma, senão alguns aduares pelas montanhas, que são uns pequenos povos de tendas de lã de cabras, situados em circulo, onde os Alarves de noite recolhem seus gados.

Tedula é um logar mui pequeno, onde prende o nome o espaçoso campo de Tedula, que será de quinze legoas de comprido, por seis de largo, todo egual e chão, por onde caminhamos dous dias, que realmente se cansavam os olhos de ver tão formoso espaço; alguns rios passamos n'este caminho,

principalmente aquelle em que Redução esteve quasi determinado em sua bemaventurada partida.

Depois de termos andado pouco menos que as duas partes do caminho, fomos fazer jornada a uns montes, por não haver ribeira alguma n'aquella paragem, onde encontramos uns aduares, de mouros tão pobres, que não comiam outra cousa senão a farinha que tiravam de uns certos espinheiros, cujo fructo era bem amargoso e moído em mós de mão, e não havia mais que uma lagôa de agua pluvial, da qual nós tambem bebemos, depois de todos os cavallos entrarem a beber n'ella, o que basta para se haver dicto o mais. Ha n'este deserto infinitos leões, e logo nos aduares se chegou uma moura velha a um elche de nossa companhia, que se chamava Mami e se passou no dia da batalha á nossa parte (como está dicto), e lhe disse em sua linguagem, que havia poucos dias que um leão lhe arrebatára uma ovelha diante dos seus olhos, e que vendo ella isto corrêra a elle com estranha ousadia, dando-lhe com a roca que na cinta trazia, e chamando-lhe sujo e cobarde, que não tinha coração para os bravos touros d'aquella montanha, senão para a fraca ovelha de uma moura pobre; e que o leão, ouvindo isto, largou a preza e se retirou cabisbaixo, corrido e vergonhoso.

Isto affirmava a moura, e posto que parece impossivel, Mami e os mais companheiros lhe davam credito, acrescentando todavia que aquelles mouros usavam de certas palavras de encanto, como cá fazem aos lobos, e na India ás serpentes.

Ao outro dia fomos fazer jornada a um campo, cercado todo de uma pequena ribeira, onde nos aposentamos, por ser logar adequado para isso, não só pela muita agua que ha n'aquella parte, como por sér seguro dos leões.

Pozeram-se as tendas, e os mouros começaram a apanhar lenha para fazer fogueiras, de que costumam cercar-se nas partes onde ha animaes ferozes. Estando d'esta maneira e sendo já quasi noite, vimos nas faldas de um pequeno monte da

outra parte da ribeira atravessar um leão, olhando para nós, seguindo com passo vagaroso, e dando alguns urros bem medonhos. Quiz um captivo da companhia atirar-lhe a espingarda, mas por nenhum caso lh'o consentiram, porque fôra cousa muito perigosa assanhal-o. Emfim, elle passou de nós bem perto, reconhecendo tudo, e toda a noite ninguem dormiu, para alimentar as fogueiras e disparar as escopetas, estando todos postos em ordem, como quem esperava um grande assalto. Passada a noite, durante a qual os leões andaram ao redor da cafila, ao outro dia pela manhã, já sol sahido, nos partimos, e como chovêra alguma cousa de noite vimos o rasto das féras que pela estrada andavam, e caminhando mais um pouco adiante ouvimos ao longo de um matto uivar muitos adibes, que são uns animaes como rapozas pequenas; querendo saber o que fosse aquillo, nos foi dicto que todo o leão trazia comsigo, bem contra vontade, quarenta a cincoenta d'aquelles animaes, os quaes se não sustentavam mais que da preza que o leão fazia, depois de satisfeito, e quando elle se descuidava o desatinavam com brados, até que, importunado, se levantava e ia em busca d'alguma preza, andando todavia aquelles a seu lado, mas sempre muito precavidos, que lhe não chegue o leão, como tambem fazem os peixes, a que chamam Romeiros, com o tubarão, na costa de Guiné.

D'esta maneira caminhando, e aposentando-nos sempre ao longo das ribeiras, ao cabo de doze dias chegamos a Marrocos, que está, segundo o que parece, ao pé dos montes Claros, montes que, a seis legoas de distancia, se chamam Atlantes, os quaes atravessam toda a Barbaria, de Levante a Poniente; são muito alvos e formosos, e estão sempre os seus cumes cobertos de neve, pela qual razão lhe chamam Claros. Está esta cidade a vinte e nove gráos e dous terços da nossa parte do Norte, onde sempre residem os Xerifes: é toda chã e muito bem assente; terá quinze ou vinte mil vizinhos; por haver dentro d'ella muitas casas de senhores, e al-

guns palmares e jardins, está propriamente assente como a cidade de Sevilha, e tem no meio uma formosa torre, a qual dizem ter sido feita pelo mestre da de Sevilha: tem quatro maçãs de prata em cima do capitel, enfiadas em um varão de ferro muito grande, e, segundo se refere na historia dos Xerifes, um rei dos Benamerines as mandou fazer dos quintos que lhe couberam do despojo de uma guerra de Hespanha, e diz a prophecia que um rei christão as ha-de ganhar; e assim prouvera a Deus que acontecesse.

N'esta cidade passam-se ás vezes dous ou tres annos sem chover, porque as serras dos montes Claros parece que chamam a si as nuvens, como as montanhas na provincia de Lima, da outra parte do mundo novo; porém, descem das serras algumas ribeiras, das quaes se fazem artificialmente muitas levadas, que regam os campos; e d'esta agua se bebe, que é muito boa: as casas são como as de Fez, e as ruas tambem, posto que mais largas.

A Mesquita de Alcaçova e paços reaes téem tres maçãs d'ouro muito grandes em cima do capitel, como as de prata que havemos dicto, as quaes não são todas de ouro, mas téem de redor a grossura de um dedo d'elle, que vem a ser muito, porque são grandes, e as de prata são vasadas por dentro, como mais largamente se contém na historia dos Xerifes.

Os campos d'esta cidade são muito grandes e formosos; dão muito trigo, porque são todos regados; ha muitas fructas de todas as qualidades, menos serejas e castanhas.

Téem n'esta terra os christãos captivos d'el-rei um logar cercado, a que chamam tercenal, onde vivem a seu modo, tendo egreja e sermões, e tudo o mais como em terra de christãos; são officiaes e pagam a el-rei tributo.

Os paços reaes estão dentro da Alcaçova, logar muito forte, bem murado e com cava; são muito formosos. Muley Moluco fez alli uma casa muito sumptuosa (que eu vi), na qual dizia que havia de ter a el-rei D. Sebastião, e sem du-

vida assim o julgava, por antever em seu pequeno poder o certo fim da temeridade d'aquelle rei; e prouvera a Deus que assim acontecêra, pois qualquer outro mal fôra suave comparado com tanta desventura.

N'esta cidade, como côrte mais principal, residem todos os Alcaides e senhores, e a gente de guerra ordinaria que o Xerife tem, que serão dezesete mil homens, aos quaes fazem paga cada quatro mezes; a outra gente chama-se Masaguania, que são os Alcaides, que residem nas villas e logares, e na mesma cidade, os quaes são obrigados a acompanhar o Xerife todas as vezes que os houver mister, com sua gente de cavallo e de pé, pagando-lhes soldo, como aos ordinarios, emquanto dura a guerra, e quando estão em paz não vencem mais que certo vestuario que téem cada anno; porém nos aduares téem consignadas suas rendas, e os Alarves lavradores lhes pagam a razão de quatro cruzados por cabeça cada anno; mas elles dão taes ordens que os fazem pagar a dez e doze.

As rendas dos Xerifes são muitas, mas a principal é d'esta natureza, a que chamam guarramas, e nunca as vão colher sem exercito formado, e acontece muitas vezes haver guerra muito cruel e serem os d'el-rei desbaratados pelos Alarves, que não podem soffrer os desaforos que com elles usam.

Dizem que terá o Xerife tres contos de ouro de renda, fóra o que agora lhe vem da nova conquista do reino de Guago, e que estando um dia fallando nos muitos milhões d'el-rei de Hespanha e do Grão-Turco, dissera que era mais rico que ambos, pórque se tinha tres não gastava mais que dous; e por certo que disse muito bem, pois vemos cada dia e cada hora tantos homens perdidos, que, deixados levar das vaidades do mundo, gastam mais do que téem, sem alguma boa razão ou fundamento.

Tem Marrocos uma Judearia como a de Fez, mas não de gente tão rica, por haver pouco tempo que os saquearam.

São os mouros n'esta cidade infinitos, assim pela assis-

tencia dos Xerifes, como pela grandeza da terra, porém de muitos generos, porque uns são Azuagos, que descendem de christãos, como havemos dicto; outros se chamam Andaluzes, que são os que passaram á Barbaria nas guerras de Granada; outros descendem de judeus tornadiços, e muitos de Turcos; os outros, que são os verdadeiros e naturaes, são Arabes, e nós lhe chamamos vulgarmente Alarves.

Estes são de Arabia, d'onde tomam o nome: são pardos na côr, téem o cabello nêdeo, e são os mais nobres e mais antigos; são naturalmente mudaveis e pouco fieis; vivem os mais d'elles nos campos e montes, em aduares, que são uns pequenos povos de tendas de lã de cabras, assentados em circulo, para recolherem dentro seu gado de noite, e cada vez que querem mudar de logar o fazem muito facilmente, levando as tendas para onde bem lhes parece, que a terra é commum por ser toda d'el-rei, e tamanha que para tudo chega.

A nobreza em Barbaria, pondo de parte esta antiguidade dos Alarves (que lhes vale muito pouco, pois são quasi todos pobres lavradores), consiste na que os reis dão por merecimento das armas e valor da pessoa, o que realmente pareceria cousa muito justa, se não tivera uma grande crueldade: a qual é, que a fidalguia que o pae alcançou por seus merecimentos não abrange a seus descendentes, pois acontece ser um mouro Alcaide muito principal, com nome nos livros d'el-rei, e quando morre deixar seus filhos pobres e abatidos.

E não é isto sómente na gente nobre, mas nos principes, tanto que um irmão do Xerife, que comnosco ia, era em Alcacer, depois de nossa perdição, apregoador de jumentos perdidos, apesar de ser sobrinho do proprio rei que então reinava.

Não é isto assim por certo n'este nosso reino, porque basta uma só vez chegar um homem a ser fidalgo, para o

serem seus descendentes, por mais inuteis e pouco dignos que pareçam; e bom é que n'isto, como em tudo, nos differencemos dos barbaros; todavia, parece que deviam ter os reis (principalmente n'este reino) muita conta com os merecimentos e qualidades das pessoas, fazendo estas mercês por serviços honrosos, como quasi todas as nações do mundo fizeram, buscando modo com que gratificar as obras de valor e merecimento.

Antigamente chamavam-se vilãos aquelles que moravam dentro das villas, porque, como fracos officiaes, não se davam por seguros em parte que não fosse muito bem murada, pelo que os homens principaes e cavalleiros (no tempo em que não havia foros em casa d'el-rei) edificavam torres no campo, onde se recolhiam com sua gente de pé e de cavallo, e d'onde sahiam a pelejar com os mouros, tão fortes como ainda hoje se vê na cidade do Porto, onde jazem os descendentes d'estas gerações, que já n'aquelle tempo, de trezentos a quatrocentos annos a esta parte, eram nobres e fidalgos.

Mas tornando a nosso proposito, por não fazer tão larga digressão fóra d'elle, posto que havia muito que discorrer sobre esta materia, que não resultaria em pouco proveito da honra d'este reino, que todos somos obrigados a desejar, digo que entramos n'esta cidade, onde havia muitos captivos, tractados, porém, com muito mais respeito e humanidade, pelas razões que logo diremos.

CAPITULO XVI

COMO FORAM OS EMBAIXADORES RECEBIDOS DO XERIFE E COMO ERAM TRACTADOS OS FIDALGOS CAPTIVOS

Já n'este tempo eram chegados a Marrocos os Embaixadores Pero Vanegas por parte de sua magestade, e D. Francisco da Costa por el-rei D. Henrique, aos quaes fez o Xerife muito desuzadas honras e cortezias em sua recepção e gasalhado, assim por serem os primeiros que nunca até alli entraram em Barbaria com o nome de Embaixadores, como por sua qualidade, além dos presentes valiosos que cada um levava, que de tudo o enriqueceram nossas miserias.

Foram estes Embaixadores aposentados em casas muito nobres, onde lhes mandava dar o Xerife mui abundantemente cada dia o necessario para elles, e para toda a sua gente: tanto que os sobejos bastavam a muitas pessoas que d'isso se queriam aproveitar, posto que a D. Francisco, como lá ficou até que falleceu, veio o Xerife pouco e pouco a tirar tudo.

Eram n'esta cidade tractados os captivos melhor que em outra parte, assim por ser a gente mais nobre e principal, como pela assistencia dos Embaixadores, a quem el-rei deferia muito particularmente.

Os fidalgos captivos que foram trazidos por seu mandado e intelligencia de Alcacer, Tetuão, Larache, Sallé e outras partes, estavam aposentados dentro da Judearia, em

uma rua a que chamam Derbe, com guardas mouros á porta, em casas despejadas que os pobres judeus lhes deixaram, essa desventurada gente, que nem para si tinha gasalhado, pela razão que havemos dicto.

Os que estavam n'este recolhimento, além de outros que se poderam livrar da mão d'el-rei, eram os seguintes:

D. Alvaro da Silveira, filho do conde da Sortelha.
D. Antonio d'Almeida.
D. Antonio de Castro, conde de Monsanto.
Antonio de Moura Telles.
Antonio de Saldanha.
D. Braz Henriques.
D. Gaspar de Sousa.
Christovão de Mello.
Damião de Sousa.
Diogo de Mendonça Arraés.
D. Duarte da Costa.
D. Duarte de Menezes.
Fernão de Mendonça.
Francisco Barreto de Lima.
D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso.
Heitor de Moura.
D. Henrique de Menezes.
João Brandão de Lima.
João Gomes de Lemos da Trofa.
João Moniz.
D. João Pereira, depois conde da Feira.
D. João Tello.
D. Lucas de Portugal.
D. Manoel Mascarenhas.
D. Manoel Pereira.
D. Marcos de Noronha.
Martim de Castro.
D. Martinho Henriques.
Miguel Telles de Moura.
Nicolau de Faria.
D. Pedro de Castel-branco.
D. Pedro da Cunha.
Pedro do Cem.
D. Pedro de Menezes.
Pero Corrêa d'Andrade.
Ruy Dias da Camara.
Ruy Gil Magro.
Ruy Lopes Coutinho.
Simão Corrêa Barem.
Simão Mascarenhas.

Havia mais, além d'estes fidalgos, alguns religiosos, em cujo numero entrava o padre frei Vicente da Fonseca e outros homens nobres, aos quaes chamavam do segundo rol.

O duque de Barcellos foi, por mandado do Xerife, apo-

sentado particularmente fóra da Judearia, nas casas do Embaixador de Castella, onde estava com alguns fidalgos seus criados, como a semelhante principe convinha, e n'este tempo visitou o Xerife duas vezes, o qual lhe fez tantas cortezias, que o deixou maravilhado.

Os fidalgos que estavam no Derbe se emparceiravam uns com os outros, conforme o parentesco ou amisade que entre elles havia; alguns se accommodaram em casa de D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso, forçado de sua affabilidade e cortezia, onde havia missa todos os dias e sermões a seu tempo, que esta era a primeira cousa em que punha o cuidado, além de ser amparo e refugio a todo o homem nobre em Barbaria. Mas que podia faltar a quem das melhores partes tinha tudo?

Depois dos fidalgos do numero, quasi todos os que estavam em Marrocos, procedentes de differentes partes, como dissemos, vieram ao poder d'el-rei, e querendo occultar a sua nobreza, passaram por isso muitos trabalhos; mas por fim, sendo malsinados, não poderam deixar de se revelarem com toda a verdade.

Tanto que foram juntos, assentaram que se devia dar conta do succedido a el-rei D. Henrique, e nada fazerem sem o seu consentimento, o que foi mui bem considerado, de sua parte e agradecido da d'el-rei: e o Xerife não apertou com elles, esperando que, resgatando-se cada um em particular, lhe viesse mais proveito que de todos juntos, manifesto signal de como não estava ainda satisfeito do córte dos oitenta, assim porque nunca nos mouros a cubiça tem limites, como pelo que lhe haviam os cacizes mettido em cabeça.

Déram estes fidalgos conta a el-rei D. Henrique do estado em que estavam, e como á petição dos procuradores dos oitenta sua alteza tinha ordenado mandar D. Francisco da Costa por Embaixador, determinou que elle os resgatasse; e assim, tanto que foi em Marrocos, começou a tractar do res-

gate de cada um em particular: e ajudando-se do favor d'el-rei para com o Xerife, foram cotados a cinco mil cruzados, e alguns a dois e tres, mas outros a dez, quinze e dezesete, como foram D. Duarte de Menezes, D. Antonio de Castro, D. Francisco de Portugal, e Martim de Castro, e além d'isso todos deram um mouro por si do aduar de Tali Maçude, que custou cada um mais de duzentos cruzados.

El-rei D. Henrique lhes fez mercê a cada um de quinhentos mil reis, que vem a ser outro tanto do que mandou aos fidalgos do numero, nos cem mil cruzados de que tambem lhes fez mercê: os captivos recebiam aquella quantia das mãos de D. Francisco ou em letras ou em dinheiro.

Occupavam-se estes fidalgos ordinariamente em ouvir missa, e depois em honestas conversações, sendo-lhes grande allivio estarem todos juntos: davam muitas esmolas, e ajudavam a resgatar muitos captivos, dando ordem a alguns para fugirem, no que se lhes deve realmente muito louvor, porque além de se aventurarem a pagar seu resgate, incorriam na indignação d'el-rei: eram todavia, depois que vieram os Embaixadores, tractados com mais respeito: mas, sem embargo d'isso, tambem estavam sujeitos a quantas miserias traz comsigo o infeliz estado de captivos, e assim haviam mister muito favor divino para se livrarem a cada passo de cousas que lhes aconteciam, como vamos vêr n'esta que me pareceu razão contar, para que por ella se julguem as mais.

Depois que o Xerife pretendeu haver ás mãos Muley Naçar, seu sobrinho, dizendo que não havia de deixar sahir algum captivo da Barbaria emquanto lh'o não entregassem, como havemos dicto, nunca mais deixou de tentar isto por todos os modos, ou de lhe tirar a vida, para o que mandou chamar um dia Antonio de Moura Telles, estando elle bem descuidado de semelhante successo, e lhe disse: Eu estou informado que es homem de quem se póde confiar qualquer negocio de importancia, e que guardarás segredo no que te

fôr confiado; a mim me importa não menos que a segurança de meus reinos, e quietação de minha pessoa, que não viva Muley Naçar, meu capital inimigo, pelo que, fazendo para este effeito de ti particular confidencia, te quero dar a liberdade, e além d'isso vinte mil meticaes, e confio da tua pessoa e fidalguia, que cumprirás meus licitos desejos, dando o castigo que merece dignamente um usurpador, que conspirou contra a pessoa de seu natural rei e senhor. Esse mouro que ahi vês, de cujo valor e lealdade estou bem certificado, o levarás comtigo, que para este effeito em tudo seguirá tua ordem, e debaixo d'este preceito e de minha palavra pódes ir mui seguro, que eu te darei um alvará, pelo qual se saiba em todo o tempo que como escravo meu te pude mandar a este negocio, no qual se por ventura fôres achado não temas cousa alguma, que o poder dos reis não é limitado, e a mais abrange que no seu imperio.

Estava a este tempo Antonio de Moura posto de joelhos diante d'el-rei, considerando por uma parte a vehemencia e magestade com que o mouro dispunha tão levemente de seu credito, vida e honra, e por outra quão visinho estava da morte, dando qualquer escuza, por justa que fosse: pondo os olhos juntamente no mouro companheiro, viu que era agigantado, e mostrava no semblante estar já com as mãos no homicidio; de modo que se viu cercado de mil sobresaltos, até que pôde, com o favor divino, responder d'esta maneira:

Bem sei, senhor, que o conceito e opinião dos principes póde dar novo sêr a qualquer homem, pelo que, posto que conheça muito bem minha fraqueza, desde agora me quero julgar capaz de grandes cousas, e assim me offereço a fazer tudo o que convem a teu serviço, obedecendo como captivo teu que sou, sem mais outro algum premio que a satisfação que me ficará de haver cumprido a licita determinação de um tão grande principe; e para que mais seguro estejas, farei

tudo que me fôr possivel, sem antepôr alguma cousa a teu serviço, e assim te quero dar fiança dos cinco mil cruzados em que estou cotado.

Folgou com isto muito o Xerife, e gabando-lhe o mostrar-se tão desinteressado, lhe entregou seu companheiro, encommendando-lhe de novo o segredo d'este negocio.

Partiu emfim Antonio de Moura, usando com o mouro, que muito bem fallava castelhano, de toda a dissimulação possivel; e como a sua determinação, quando respondeu ao Xerife, foi não cumprir as suas ordens, por isso, para se livrar da morte, deu a fiança dos cinco mil cruzados em que estava cotado.

Andou d'esta maneira Antonio de Moura alguns dias, nos quaes ia algumas vezes ao Xerife por seu mandado, e o mouro seu companheiro juntamente, a praticar o modo como se haveria n'este negocio; e estando já preparado de tudo, parece que o Xerife teve esperanças por outra via, que não é para dizer-se, de poder conseguir isto com melhor effeito, e, desistindo d'este primeiro conselho, estava muito arrependido de se ter descoberto a Antonio de Moura; e assim, para se livrar de se saber tamanha maldade, trocando a sorte de um em outro innocente, determinou matar a Antonio de Moura, debaixo de qualquer apparencia de justiça, para o que chamou um elche, ao qual informou muito bem do que havia de fazer, dizendo que confessasse que lhe furtára uma espada de ouro, e que a vendêra a um fidalgo, e sendo-lhe para este effeito mostrados todos, apontasse em Antonio de Moura.

Começou logo el-rei a queixar-se d'este furto, e mandou prender o elche, o qual confessou tudo como lhe era mandado.

Estando, pois, Antonio de Moura bem descuidado de todas estas cousas, entrou pelo Derbe dentro o elche preso, e sendo-lhe mostrados os fidalgos, apontou em Antonio de Moura, que muito bem conhecia, como lhe estava mandado.

Bem se póde julgar como este fidalgo ficaria, percebendo logo a qualidade da malicia, assim porque via tardar o seu despacho, como por lhe ser revelado alguma cousa do novo plano e determinação d'el-rei.

Vendo, pois, Antonio de Moura como o Xerife, por encobrir suas maldades, não se fiando d'elle, lhe queria tirar a vida, tomando por pretexto este furto, de que elle se conhecia bem innocente, foi na mesma hora a casa do Embaixador Pero Vanegas, e disse como o Xerife o queria matar pôr um testemunho falso, que lhe levantavam ácerca d'uma espada d'ouro (sem por fórma alguma lhe descobrir a verdade do negocio). Estranhou isto muito Pero Vanegas, porque Antonio de Moura se justificou de maneira, que ficou elle inteirado de sua innocencia, e respondeu-lhe que logo iria ter com o Xerife. Não tardou muito que Antonio de Moura fosse preso, e levado a uma casa que está na horta d'el-rei, onde se costumavam pôr os delinquentes que haviam de padecer, na qual esteve toda a noite, cheio de tão estranha agonia, como se póde considerar de um innocente condemnado á morte por tão desusados e escondidos modos.

Tanto que Pero Vanegas soube d'esta prisão quizera ir logo fallar ao Xerife, mas não lhe foi possivel, por ser já muito de noite: porém, pela manhã de madrugada foi ao paço, e mandou dizer a el-rei que lhe queria fallar em uma cousa de muita importancia; mandou o Xerife que entrasse, e como elle, para significar melhor suas queixas, e a determinação que tinha, fosse em trajos de viagem, com as esporas calçadas, lhe perguntou o Xerife que novidade era aquella; ao que elle respondeu, que vinha despedir-se de sua magestade, e que estava já d'aquella maneira, pois não era bem que elle estivesse mais em terra onde sua magestade mandava matar um fidalgo tão honrado como Antonio de Moura, por causa de uma espada, posto que fosse de diamantes; mas que elle estava innocente de semelhante furto; que pedia a

sua magestade revogasse a sentença, e no que tocava a satisfação, posto que não havia de sua parte culpa alguma, outra espada se lhe daria de mór preço.

Ficou el-rei maravilhado da determinação do Embaixador, e procurou em todo o modo ver se podia descobrir mais n'este negocio, e se lhe tinha Antonio de Moura descoberto alguma cousa do grande segredo; mas como o Embaixador de nada sabia, impossivel lhe era descobrir o que el-rei pretendia saber.

E vendo o Xerife, todavia, como Antonio de Moura nem com o temor da morte descobrira o segredo, conheceu que era capaz de se fiar d'elle, e determinou perdoar-lhe a culpa que não tinha, dizendo ao Embaixador que logo o mandaria soltar, e que sua tenção não era senão descobrir o furto de que estava muito queixoso. Mas elle estava innocente, e o elche o pagaria: beijou-lhe o Embaixador a mão por esta mercê, e logo foi solto pela manhã Antonio de Moura, depois de ter passado este espantoso trago da morte.

Ao outro dia o mandou o Xerife chamar, onde se viu em outro sobresalto mui grande, principalmente quando entrou na casa onde elle estava só. Porém, com muito animo se pôz de joelhos diante d'el-rei, o qual lhe disse: Uma só cousa quero que saibas, a qual é, que os braços dos reis tudo alcançam; vae-te, muito embora, mas onde quer que estiveres faz de conta que me tens presente.

Em seguida, Antonio de Moura, asseverando a el-rei com muita obediencia que, pela sua parte, aquelle segredo seria inviolavel, retirou-se muito satisfeito, e sendo resgatado d'ahi a pouco tempo, partiu para Masagão. Foi ahi, depois de interrogado por mim, que elle me contou todas as peripecias d'este acontecimento; mas já o Xerife tinha morrido, que em vida d'elle nunca Antonio de Moura revelára a ninguem este negocio, exceptuando el-rei D. Henrique, a quem o descobrira, por ver passar um dia pela rua Nova d'esta cidade

o mouro que o Xerife lhe dava por companheiro, por nome Abraen, d'onde inferiu que, desenganado o Xerife do que por outro modo pretendia, mandou o mouro para matar Muley Naçar, o que tambem se evitou, pelas diligencias que se fizeram; e mais me affirmou, que, quando o Xerife o chamára para este negocio, lhe dissera algumas cousas que lhe haviam acontecido, as quaes ninguem podia saber senão por via do demonio; e não é muito pelas grandes feiticerias dos mouros.

Estes e outros successos havia a cada passo; e para que se acabe de entender quão necessario era o favor Divino para se livrarem, não sómente d'aquillo de que podiam ter receio, mas ainda do que não podiam recear, me pareceu bem contar aqui outro perigo bem grande, em que se viu tambem um d'estes fidalgos. Mas para que melhor se entenda, é de saber que entre os mouros ha um certo numero de ermitães, que fazem mui aspera vida, além da commum abstinencia, os quaes são muito estimados, e tidos por sanctos em sua lei, e a quem geralmente chamam Morabitos; trazem sempre os pés descalços e a cabeça descoberta, com grande grenha, e um pellote de aspero saial sobre a tisnada carne; são muito dados á sua escusada oração, e d'esta mesma sorte ha tambem mouras, havidas por tão sanctas entre esta barbara gente, que chegaram algumas a dar passaportes para entrar no céo, como se verá em uma senhora, cuja vida primeiro contaremos, para que melhor se entenda o que vamos dizer.

Tinha o Xerife Muley Amet, que n'este tempo reinava em Marrocos, uma irmã, a qual chamavam Lela Mariam, mulher já de edade, e que nunca casou, tão avisada, grave e contrafeita, que os mouros a tinham por sancta, com tão grande conceito de sua virtude, que chegou, como havemos dicto, a dar passaportes para o céo, os quaes eram tidos em muito grande estima, e não havia senhor que os não pretendesse por valias, ou os não comprasse por dinheiro, não reparando no preço, por grande que fosse, ou por cuidar realmente

que tinha o céo certo, ou por lisongear el-rei seu irmão; tudo póde ser que se ajuntasse, ácerca do que aconteceràm algumas cousas em nosso tempo assás graciosas, que não convéem á nossa relação.

D'esta maneira vivia esta senhora, muito amada d'el-rei e de todo o mundo, a qual n'este tempo, esquecida algum tanto de sua hypocrisia, se deixou levar de um pensamento amoroso, significando a D. Francisco de Portugal, pelos meios de que dispunha, que lhe não eram desagradaveis suas cousas, e posto que em principio tractou isto com muita singeleza e confiança, a modo de zombaria, chegou porém a mandar-lhe dizer (mettendo este negocio em razão de virtude e matrimonio) que se reparava em ella ser d'outra lei, não se lhe désse d'isso, porque não seria senão o que elle quizesse; do que D. Francisco de Portugal ficou muito enfadado, porque n'este negocio, ou negando ou concedendo, qualquer perigo era mortal.

E temendo muito algum testemunho falso que as mulheres levantam facilmente, por qualquer desdem começou a resentir-se, como bom christão que era, da facilidade com que se deixára levar d'estas zombarias, que podiam vir a ser pesadas, do que lhe não dava pequeno indicio o ver que, chegando-se n'este tempo a Paschoa dos christãos, deu Lela Mariam um banquete muito explendido a todos os fidalgos, conforme o nosso uso.

Andando, pois, D. Francisco bem descontente e receioso, porque a moura, gracejando, tractava todavia de ameaças, chegou um recado do Xerife, no qual lhe mandava que fosse logo fallar-lhe. Bem se póde julgar como ficaria com tão grande sobresalto, principalmente sendo esta senhora tão amada d'el-rei, e tida por tão sancta; mas D. Francisco, a quem não accusava a consciencia, nem nunca tivera outros temores, tractando todavia primeiro de sua alma, foi muito confiado, com animo disposto a soffrer mil martyrios quando se offereces-

sem. Chegou, emfim, aonde o Xerife estava, o qual tractou sómente com elle sobre a materia de seu resgate, do que ficou muito satisfeito; e entrando pela porta da Judearia, onde o estavam esperando com grandes temores, apeou-se do cavallo em que vinha, enchendo os olhos a todos de estranha alegria, pois era com razão geralmente amado.

Foi a moura todavia d'aqui por diante soffrendo melhor seus desenganos, e lançando á boa parte as cousas, que emfim, como senhora, não quiz que outrem soubesse este desprezo, senão amor sómente, quando fosse verdade o que se suspeitava; mas ella procedeu de maneira, que bem se pôde ter que foi este negocio mais graça e passatempo do que outra cousa; porém, se acontecesse (como podéra ser) que a moura seguisse outro caminho, e amor, piedade, ou particular respeito não bastassem, bem se deixa entender o perigo em que este fidalgo estava, sem ser culpado em cousa alguma, pelo que se póde bem julgar a quantas cousas não esperadas, como havemos dicto, estavam todos sujeitos, debaixo da vontade e alvedrio de seus inimigos.

Foi depois esta senhora continuando com muito boas obras, emquanto estes fidalgos estiveram captivos, e mandou alguns presentes a D. Francisco quando sahiu do captiveiro, os quaes elle saberia muito bem recompensar, como tão liberal e magnanimo que era.

Tambem havia n'esta cidade uma mulher portugueza, muito amiga dos christãos (que entre tantas miserias algum refugio se achava ás vezes), a qual se chamava Lela Quebir, que quer dizer senhora grande, e era casada com um elche, viso-rei da provincia de Dará, mui privado do Xerife, e parece que foi filha d'algum cavalleiro, d'aquelles que captivaram no cabo de Gé; porém ella vivia de maneira que só nos trajos era moura; e assim fazia muitas esmolas aos captivos, tractando de graça todos os que vieram a seu poder, e aos fidalgos mandava muitos presentes, principalmente quando

partiam, sendo de alguns visitada, como se estivera n'este reino; tinha duas filhas muito bem parecidas, que fallavam portuguez como sua mãe, casadas com dous elches; um d'elles era homem nobre, castelhano de nação, natural de Cordova, por nome Solimão, o qual depois de estar resgatado se tornou mouro, pelo que o Xerife o tinha em grande conta, e o fez seu estribeiro-mór; o outro era portuguez, vedor da fazenda; de maneira que a casa era toda de grandes a seu modo, e assim os seus aposentos occupavam todo um bairro, com muitos mouros de guarda á porta.

Era esta senhora (que assim lhe podemos chamar por suas grandezas, e porque morreu da maneira que logo diremos) muito affavel, branda, e por extremo avisada, tanto que mais parecia creada no regaço das princezas de Orbino, que entre esta barbara gente; mas o animo de christã parece que lhe dava novo sêr; ella, suas filhas, e todas as suas donzellas turcas e andaluzes fallavam portuguez, de maneira que não fazia a sua casa differença alguma da casa d'um senhor de Portugal, exceptuando os trajos, que tanto discordavam com as palavras; não deixavam porém de fallar o Arabio, como quem se creou na mesma lingua, mas só com os mouros de fóra usavam d'elle, que os de casa tambem sabiam fallar portuguez.

Tinha esta senhora um captivo d'el-rei em sua casa, homem nobre do segundo rol, o qual era seu parente, ou ao menos soube fingir que o era, a quem deu oitocentas onças para seu resgate, e por seu respeito fez bem a muitas pessoas; e eu posso muito bem testemunhar isto, porque sempre em Marrocos estive n'esta casa, posto que foi pouco tempo.

E por certo é cousa digna de maravilha ver a facilidade, amor e cortezia, com que esta gente tractava, já não digo os fidalgos e senhores, mas qualquer captivo nobre, sentando-os á sua meza sobre almofadas de brocado d'ouro, em casas soberanas, de maneira que parecia um notavel despro-

posito; mas emfim, aquelle intenso desejo que trazem de continuo de honrarem a lei em que nasceram (da qual jámais se esquecem) os faz com tanta egualdade considerarem-se em terra de christãos.

Deleitavam-se muito estas senhoras em ouvir fallar nas cousas de Portugal, e ás vezes choravam muitas lagrimas nas lembranças d'ellas, posto que nunca as conhecessem — que tanto póde a força de razão e amor da patria.

D'esta maneira viviam estas gentes, sendo porém seus maridos os principaes Alcaides que el-rei tinha: e o viso-rei era marido de Lela Quibir, mui grão personagem, e de muita confiança, por cujo respeito era esta senhora summamente amada do Xerife, e tambem por suas qualidades, de maneira que a visitava muitas vezes; e estando ella doente da enfermidade de que falleceu, mandou dizer ao Xerife que se a queria ver como moura que o não fizesse, porque ella era christã, e sem embargo d'isso elle a visitou, dissimulando o que entendia; e d'esta maneira falleceu, confessando-se geralmente, alguns annos depois que os fidalgos se retiraram; e bem se póde cuidar que teria Nosso Senhor misericordia de sua alma, e que suas filhas seguiriam o mesmo caminho.

CAPITULO XVII

DA FUGIDA QUE FIZERAM DE MARROCOS D. JOÃO DE VASCONCELLOS E D. LUIZ COUTINHO; DA MORTE DE REDUÃO E COMO PARTIU A CAFILA DOS CAPTIVOS

OUVE n'esta cidade mui notaveis fugidas, principalmente a que fizeram D. João de Vasconcellos e D. Luiz Coutinho; e assim, pelo desusado modo d'ella, como pela qualidade das pessoas, nos pareceu conveniente tractal-a aqui com especial interesse. Estando, pois, estes fidalgos captivos de Lela Mariam, a tal senhora irmã d'el-rei, havida por sancta, como está dicto, se combinaram com um mouro da serra do Farrobo, junto a Tanger, por nome Amet, o qual, depois que se concertou com elles, trazendo em sua companhia alguns homens nobres, partiu para Fez, indo os fidalgos em trajos de mouros, e os mais como captivos.

No mesmo dia em que tudo se deliberou publicamente, como quem fazia seu caminho ordinario, os mouros, ao darem pela falta dos fidalgos e captivos, por mandado d'el-rei correram em um momento ao caminho que vae a Masagão, imaginando bem mal o que elles tomaram, que era pela terra dentro, ao revez do que cuidavam, e não sómente buscaram tudo, correndo todas as vias, mas foram até ás portas de Masagão, onde cuidavam que tinham a preza certa, e durante dous mezes estiveram setecentas lanças sobre a villa.

N'este tempo chegaram os fidalgos a Fez, com guia e

mais captivos, muito de espaço conversando e fallando com os outros mouros das cafilas e dos aduares, e logo que chegaram á cidade, o mouro Amet, por dissimular, comprou umas casas, onde se recolheu com a companhia, dando a entender que eram novos elches, e que vinham em serviço d'el-rei.

Entretanto, os mouros que estavam de cerco sobre Masagão, desesperados já da preza, tornaram a Marrocos, sem poderem atinar em cousa alguma, e imaginando sómente que os captivos se pozeram a salvo antes que elles chegassem.

Amet, n'este tempo, partiu publicamente com sua companhia de Fez, com muita dissimulação e confiança, pelo caminho de Alcacer, onde não entraram, porque a sua tenção era dar a entender que seguiam seu caminho direito; e assim, passaram como se fossem para Tetuão, entrando em uns aduares junto d'elle, d'onde foram a Tanger, e passando tantos perigos e trabalhos como se póde imaginar de semelhante caso, os quaes eu realmente folgára de escrever, mas não pude colher mais informações: antes, fallando com um d'estes captivos nobres que digo, o qual foi por ventura um dos primeiros no perigo e no negocio, por ser muito bom soldado, jámais pude conseguir d'elle a informação que desejava, o que em verdade me pesou devéras.

N'esta cidade, como havemos dicto, estavam todos os Alcaides principaes, mouros, andaluzes e elches, entre os quaes Reduão, em privança e dignidade, levava vantagem a todos, o qual havia poucos dias que chegára de Fez, como dissemos, e corria n'este tempo com todo o pezo do resgate dos fidalgos; mas, estando no cume de suas mal entendidas bemaventuranças, el-rei determinou de o matar, ou fosse porque lhe seria revelado que déra ouvidos á deliberação dos fidalgos, ou por se livrar de semelhante personagem, que é o mais certo, não se esquecendo nunca de sua antiga injuria.

Sentiu isto muito bem Reduão, por mais que o Xerife com elle dissimulasse, e foi dar conta a Pero Vanegas, Em-

baixador de sua magestade, como pessoa a quem el-rei tinha grande respeito. Tractando de sua fidelidade, e mostrando como seus inimigos o perseguiam injustamente, levantando-lhe testemunhos falsos, pediu-lhe para de tudo informar el-rei; mas o Embaixador, a quem sua magestade havia mandado soccorrer captivos, e não remedear elches, inteirado tambem, e magoado da occasião que elle deixou perder, lhe respondeu que semelhantes materias eram muito pezadas, e os reis, depois de justificados comsigo, eram muito maus de dissuadir, tanto mais que, sendo elle christão, não podia intervir por um elche, aliás arriscar-se-ia a que o Xerife mais depressa o tivesse por cumplice do que por intercessor.

Partiu Reduão com esta resposta, tão desconsolado e arrependido, que chegou a confessar toda a sua mágoa a alguns elches que vieram depois a este reino e isto mesmo contaram. Andando pois d'esta maneira, valendo-se de alguns amigos com suas justificações, o mandou el-rei chamar sobre a materia do resgate; porém, quando elle transpunha a porta da camara, foi arrebatado pelos guardas, que logo lhe tomaram os papeis e as chaves que levava.

Vendo-se o triste d'esta maneira, bem certificado de sua desventura, ou fosse por cuidar que escaparia, ou porque realmente o demonio tinha tomado posse d'elle, disse sómente que o deixassem fazer a Celá, e que dissessem a el-rei que morria mouro; déram-lhe os siteres muito breve tempo a esta infernal oração, e como o Xerife havia mandado que o matassem, sem lhe escutarem cousa alguma, em um momento o acabaram ás cutiladas.

Feita a diligencia, soube el-rei o que tinha dicto o condemnado, e em premio de haver tambem contestado mandou que o levassem ao poço dos principes, que está no seu jardim, poço a que chamam dos Guerreiros, e onde lançam os Muleys que el-rei manda matar com razão ou sem ella.

D'esta maneira acabou este miseravel homem, no qual

os fidalgos e mais captivos perderam bem pouco, porque era contra todos para se justificar com el-rei; mas sentiram isto muito os elches, e pelo contrario se alegraram os andaluzes, que são grandes seus inimigos; porém o Xerife, mandando chamar os elches, os assegurou com muitas palavras, dizendo que os tinha em conta de filhos, e que estivessem seguros e convencidos de que Reduão pagára o que merecia.

Cousa é certo digna de maravilha, ver a conta em que os reis da Barbaria téem esta gente, ainda que seja um pobre official mechanico, como dizem que o elche Reduão era filho de um sapateiro de Villa Real; porém a mim me affirmou Antonio de Moura que era homem nobre natural de Portalegre, onde tinha parentes, e que elle o vira em moço na mesma cidade. Seja d'onde fôr, elle foi bem malaventurado, e bem mal aconselhado.

N'este tempo, o padre frei Ignacio de Jesus corria com o resgate geral dos captivos, com muita diligencia, zelo e cuidado, como religioso que era de muita virtude e sanctidade, dando conta ao Embaixador D. Francisco, e communicando com Luiz Fernandes, a quem el-rei D. Henrique para este effeito mandou em companhia do Embaixador; e assim, foi ordenada uma cafila de muitos captivos, os quaes, depois de resgatados e avindos com seus amos, ou com dinheiro ou com fiança, pagavam os quintos a el-rei de seu resgate, e depois d'isto o dizimo d'estes quintos, invenção ou tyrannia que só mouros podéram descobrir.

Foram estes captivos por algumas vezes ao tribunal do Paço, onde lhes escreveram os nomes, e tomaram os signaes, e depois de bem examinados partiram de Marrocos, levando quatro mouros de guarda e dous escrivães, e um irmão religioso da Sanctissima Trindade.

D'esta maneira caminhando, ao cabo de cinco ou seis dias chegaram á vista de Masagão, que de Marrocos estará vinte e cinco legoas. Bem se póde julgar o contentamento e

alvoroço com que esta gente veria aquelles fortes e amigos muros, disparando as bombardas, todos cobertos de bandeiras, e de mulheres e meninos, com as mãos levantadas, dando graças a Deus, por verem sahir do captiveiro mais de quinhentas pessoas, entre as quaes vinham seus paes e seus maridos. Indo pois d'esta maneira já muito perto dos muros, como na vida não ha prazer perfeito, encontraram-se com o Alcaide Cabûs, fronteiro n'aquellas partes, o qual estava amigavelmente pezando lacre e outras mercadorias, por conta de alguns fidalgos; e como visse tanta gente, ou fosse da mágoa que d'isso recebeu, ou por cuidar tiraria algum proveito, mandou parar a todos, e tomando conhecimento da cafila não houve os despachos por bons, e mandou que caminhassem para Azamor. Partiram logo os captivos, com muitos mouros de guarda, para esta cidade, com os olhos postos em Masagão, e com tanta tristeza como se póde imaginar. Sentiu isto muito João de Mendonça, capitão da mesma villa; mas como o Alcaide estava com mais de mil homens de cavallo, não pôde resistir a cousa alguma.

N'este tempo, os escrivães d'el-rei começaram a fazer seus protestos, de maneira que o Alcaide Rubos mandou tornar os captivos, os quaes devagar e contra sua vontade tinham já andado uma legoa; e assim, quando chegaram era já perto da noite, pelo que n'aquelle dia não pôde haver despacho.

Aposentaram-se todos ao longo do mar, e, como o campo estava em paz, algumas pessoas mandaram de Masagão a seus amigos e parentes o alimento de que tanto precisavam.

Durante a noite não houve entre elles alguem que podésse dormir, e como era muito perto, alguns se pozeram a salvo, não esperando o exame do outro dia, no que, felizmente, foram bem succedidos. Logo de manhã foram os captivos presentes ao Alcaide, lendo os mouros seus nomes e elles mostrando os signaes que lhes tomaram; porém, no

meio do negocio, o Alcaide ordenou que todos os captivos se retirassem.

Sahiram logo de Masagão muitos clerigos, com as cruzes levantadas em procissão, e os captivos começaram a caminhar na mesma ordem, levando tambem uma cruz de pau, que era conduzida pelo padre que com elles ia, a qual os mouros folgaram muito pouco de ver.

D'esta maneira caminharam por algum tempo; mas, logo que entraram as portas da cidade, cada um largou a correr, olhando para traz de quando em quando, sem saberem se iam pelo céo se pela terra, e parecendo-lhe ser aquillo um sonho.

E realmente é tamanho o contentamento ao sahir uma pessoa do captiveiro, que fica como fóra de seus sentidos; nem póde haver alegria no mundo que com esta se compare: e eu o posso muito bem affirmar, como quem o affirma por experiencia.

Desde que os captivos entraram as portas da cidade era cousa muito para se notar ver o alvoroço e desatino com que as mulheres vinham abraçar seus maridos e seus filhos; e postos todos já então em melhor ordem, foram em procissão á egreja, onde com muitas lagrimas e soluços déram infinitas graças a Deus, o qual foi servido que estivessem na cidade, a esse tempo, seis ou sete caravellas do reino, onde se embarcaram quasi todos os captivos, e vieram a salvamento; outras cafilas houve, porém, de menos porte, e tambem alguns mouros e judeus punham em Masagão, por sua conta, alguns captivos.

CAPITULO XVIII

CONCLUE-SE O NEGOCIO DOS FIDALGOS E DOS MAIS DE MARROCOS; PARTEM PARA CEUTA; DESPEDE-SE O DUQUE DO XERIFE, QUE SEGUE O MESMO CAMINHO

Neste tempo o Embaixador D. Francisco da Costa, que, como honrado fidalgo e bom christão, não descançava um momento no interesse dos seus concidadãos, concluia com jubilo o resgate dos fidalgos que estavam em Marrocos; e, tendo preparado em fazenda, credito, dinheiro e pedrarias os quatrocentos mil cruzados que tocavam aos oitenta fidalgos do numero, entregou ao Xerife a cópia completa, recebendo d'elle, em troca d'esse documento, a plenaria quitação que desejava. Logo que isto concluiu, participou-o immediatamente para Fez, a fim de que os fidalgos se fizessem prestes; e esta boa nova foi acolhida com aquelle jubilo e alvoroço que só póde avaliar quem sentiu já sobre seus hombros o peso do captiveiro.

Egualmente o Embaixador Pero Vanegas, que sua magestade havia mandado com grandes presentes ao Xerife, para tractar bem os captivos e se haver moderadamente em seu resgate, tinha feito seu officio com muito zelo e cuidado, e alguns fidalgos estavam já em Portugal, por ordem do Embaixador D. Francisco, porque logo que lhes vinha seu resgate se retiravam por Masagão ou Ceuta; e como o desejo de sua magestade fosse principalmente obter a liber-

dade do duque de Barcellos, seu sobrinho, logo que o Xerife concedeu isto a Pero Vanegas, sem o minimo resgate, e deu liberdade da mesma maneira a D. João da Silva, conde de Portalegre, que estava captivo em Alcacer, e muito ferido, posto que tivesse outros negocios importantes, para os quaes ficou lá algum tempo, ordenou el-rei que o duque regressasse immediatamente.

Despediu-se emfim o duque do Xerife, o qual lhe fez as costumadas cortezias, e partiu para Ceuta com alguns fidalgos seus criados, e outros muitos captivos que resgatou.

N'esta cafila vieram tambem D. Francisco de Portugal, D. Manoel Pereira, Simão Corrêa, e outros fidalgos, por cujo resgate ficou o Embaixador D. Francisco, a quem elles satisfizeram em Ceuta, e o Xerife lhe fez mercê de seu sobrinho D. Duarte da Costa, sem pagar cousa alguma.

Muitos ficaram todavia em Marrocos, por não terem o cumprimento de seu resgate; mas não foi por muito tempo, sendo já fallecidos n'esta mesma cidade D. Henrique de Menezes, Pero do Cem e D. Gaspar de Sousa.

D'esta maneira se livraram estes fidalgos e os mais do numero, pelo muito zelo e diligencia do Embaixador D. Francisco da Costa, o qual esteve depois muitos annos em Barbaria, não só como refem do dinheiro por que havia ficado, e para tractar ao mesmo tempo alguns negocios, mas tambem para satisfazer o Xerife, que se honrava de o ter por Embaixador: porém elle morreu em Barbaria quasi captivo, tendo dado a liberdade a tantos, pelo que na verdade se lhe deve grande louvor, e el-rei lhe está em muita obrigação, além dos premios que terá no céo, que nunca faltaram quando faltam os da terra.

E da mesma sorte, em seu modo, tambem não é pouco de louvar a diligencia e zelo de Luiz Fernandes, e lhe está em muita obrigação el-rei e este reino, pois morreu em Marrocos n'estes mesmos officios. Não fallo já nos padres frei Igna-

cio de Jesus e frei Antonio da Conceição, e nos mais religiosos da Sanctissima Trindade, que lá tambem morreram, pois não é novo n'elles acabarem n'este sancto officio, com tanto fervor e caridade como cada dia vemos.

Depois que os fidalgos do numero tiveram ordem d'el-rei, por via do Embaixador D. Francisco, para se poderem retirar, com passaporte real, e dous Alcaides com guarda sufficiente de pé e de cavallo, se começaram a fazer prestes com tanto alvoroço e diligencia, como se póde imaginar; por outra parte era cousa muito de notar ver o sentimento e saudades que os judeus tinham d'esta partida, assim pelo proveito que recebiam da hospedagem, como realmente pela affabilidade com que se communicavam todos.

Nem é de espantar que isto assim seja, porque a aspereza e crueldade dos mouros lhes fazia amar summamente a brandura e cortesia dos christãos, além de que os judeus são naturalmente muito affaveis.

Choravam as mais das judias, que por tradição de seus paes e avôs estavam bem lembradas da grandeza de Hespanha, e liberdade que n'ella tinham; e diziam:

Oh! bemaventurada gente! que com tão pouco tempo de desterro torna á sua amada patria com tamanha alegria, partindo de onde as miserias que passaram só lhes serviram para saber conhecer melhor o bem e quietação da vida, e alegrar-lhes o presente a memoria do passado! Mas tristes d'aquelles, que entre barbara gente, em perpetua miseria vêem crescer cada dia males, que não podem ser maiores, contando tantos annos sem contar outra cousa! Ó coitadas de nós, quão enganadas viviamos, quando com a primeira nova que chegou a esta cidade, de que os christãos tinham vencido, davamos com pezar e desatino com a cabeça pelas paredes! Prouvera a Deus que podéssemos sahir um dia do aspero jugo d'esta infernal gente, trocando felizmente a sorte n'outra, cuja nobreza e

virtude, para maior mágoa e saudade, conhecemos em tão pouco tempo.

Isto dizia quasi toda esta gente, despedindo-se de uns e outros com muito amor e singeleza, pondo-se os meninos e mulheres em cima dos terrados, para ver sahir a cafila, e os mais dos homens acompanhando e ajudando os fidalgos, o que realmente causava um novo sentimento a todos—que tudo facilitam as condições do tracto humano, e as mágoas estranhas fazem proprias.

N'esta despedida, os mais dos fidalgos e outros homens nobres se compunham com os judeus, ácerca das dividas particulares de seus cambios, sobre o que vieram alguns a este reino em commissão dos mais, onde lhe foi feito cumprimento de justiça, dos quaes um, que se chamava Gibre, e outro Vilhalom, vendo o tracto dos christãos, e o modo como foram agasalhados em Portugal, nunca mais quizeram tornar á Barbaria, posto que não deixaram de ser judeus, e Gibre se deixou ficar em Tanger, e Vilhalom foi á Italia, e primeiro esteve em Ceuta, d'onde mandou chamar uma filha sua e se despediu d'ella para sempre, para não tornar a ver as miserias e desventuras, que nunca conheceu senão depois de ver as bonanças.

Tanto que os fidalgos estiveram de todo aviados, com tendas e tudo o mais necessario a semelhante caminho, levando em sua companhia muitos captivos homens nobres, e outros do numero commum, que á sua sombra e com seu remedio se resgataram, além de seus criados, partiram de Fez no fim de Novembro de setenta e nove, na força e rigor do inverno, indo todos em companhia n'uma formosa cafila, com aquelle contentamento e alvoroço que bem se deixa entender; e posto que eram tão grandes as chuvas e tormentas, que muitos correram risco, e todos passaram grandes trabalhos, tanto que chegaram a perder-se uns dos outros por espaço de tres ou quatro dias, todavia com as visi-

nhas esperanças de liberdade, que tudo facilitam, passavam alegremente este caminho.

Chegaram emfim a Alcacer, onde estiveram dous dias descansando de tantos trabalhos, refazendo-se do necessario, aposentados em tendas fóra dos muros da villa.

D'aqui partiram para Tetuão, ao longo do campo onde foi a infeliz batalha; n'este logar falleceu Duarte Coelho d'Albuquerque, um fidalgo mui honrado e valoroso, que emfim veio achar a morte onde a buscou tantas vezes; e posto que elle vinha enfermo, eu tenho como certo que o não matou senão a lembrança d'aquelle infausto dia, mágoa perpetua e desconsolação a tantos.

Levavam estes fidalgos e os mais captivos, n'este tempo, os olhos postos no céo, que não podiam soffrer a vista de tal terra, e por bem largo espaço com infinitas lagrimas foram encommendando a Deus os amigos e parentes, de quem a morte e saudade lhes não causava menos mágoa que inveja.

Chegaram emfim a Tetuão ao cabo de quarenta dias, que gastaram em trinta legoas de caminho, pouco mais ou menos (posto que antes que partissem alguns estiveram esperando por tempo), no que se podem ver os trabalhos da jornada.

N'este mesmo tempo chegou tambem o duque de Barcellos a Tetuão, e D. Francisco de Portugal, e todos os mais da companhia, pelo caminho de Celle, onde tiveram o Natal, com tantos trabalhos e enfadamentos, quanto a jornada foi duas ou tres vezes maior, sendo na mesma conjuncção, onde o duque se viu em muitos perigos, posto que vinha em um ginete muito formoso que o Xerife lhe deu; porém tudo passou com varonil animo, facilitando a todos o caminho com sua presença, que não sei que tem esta visinhança dos principes, que a sua sombra anima e dá calor, e a sua vista nutrimento.

N'esta villa foi visitado o duque, como em todos os mais logares, pelos Alcaides principaes, na fórma que convinha, e o

Xerife lhes devia ter ordenado; aqui se deteve cinco ou seis dias, e os mais fidalgos e captivos juntamente, onde alguns passaram assás trabalho, porque os Alcaides d'estes portos raramente os deixam passar sem muito boas peitas, e ás vezes os tomam por fidalgos e captivam de novo, sem mais outra razão ou justiça, que parecer-lhes bem.

N'este logar se viram alguns fidalgos em grandes trabalhos, porque os judeus que de Fez vieram em sua companhia (que seriam dez ou doze), aos quaes elles deviam muito dinheiro, que haviam tomado a cambio para suas necessidades, os embargaram; de maneira, que se viram sem algum remedio; mas D. Francisco de Portugal, a quem chegou esta noticia, chamou dous judeus por quem corriam seus negocios, e lhes mandou que tomassem sobre sua cabeça todas estas dividas aos outros.

Foi logo de maneira, que ordenou D. Francisco o contracto, e segundo se entende importava o negocio em mais de seis ou sete mil cruzados; e sem estes fidalgos saberem cousa alguma, nem darem n'este negocio uma só passada, lhes disse, quando estavam mais desesperados de poderem achar remedio n'esta terra: Vossas mercês podem ir embora quando quizerem.—Ficaram todos muito contentes, com assás maravilha de tal liberdade, e mais obrigados ainda pelo modo como lhes foi dispensado tal beneficio.

D'esta maneira valeu este fidalgo tambem a muitos homens nobres, que trazia á sua conta, e fez outras cousas n'este captiveiro, bem dignas de louvor.

Partiu emfim o duque de Barcellos de Tetuão, e D. Francisco e os mais fidalgos d'esta companhia, juntamente com os do numero, e chegando a um logar que se chama Onegrão, a tres legoas de Ceuta, D. Francisco se apartou do duque com alguns que de Marrocos vieram, e outros captivos, e foi embarcar nas galés do Marquez de Sancta Cruz, sem entrar

em Ceuta, onde no mesmo dia chegou o duque com os mais fidalgos e senhores.

As alegrias e contentamentos que n'esta sahida do Egypto podia haver, não faltará quem as diga, que a mim só de tristezas me coube poder fallar. Mas tornando a nosso proposito, n'este tempo os captivos que ficaram em Fez, Marrocos e outras partes, ou por cuidarem seus amos que eram fidalgos, ou por não terem quiçá quanto lhes pediam de resgate, não bastando o que el-rei mandava dar, passavam muito trabalhosamente a vida, sem o favor e ajuda dos fidalgos, posto que o Embaixador D. Francisco da Costa, que estava em Marrocos, soccorria alguns; mas não podia acudir a todos, que eram grandes as miserias que passavam.

E porque se acabe de entender quão enganadamente Jeronymo Franqui diz que os portuguezes são mal soffridos e para pouco servem, me pareceu bem pôr aqui os fidalgos que vieram ás mãos d'el-rei, fazendo elle tanta diligencia n'isso, claro argumento dos trabalhos que passaram encobrindo sua qualidade, não porque soffressem mais que os outros, mas porque tiveram mais ventura em seu soffrimento, podendo com sua honra sustentar-se.

A

D. Affonso de Noronha.
D. Affonso da Silva d'Elvas.
D. Alvaro de Castro.
Alvaro Ferreira Pereira, Porto.
Ambrosio de Aguiar.
André de Brito.
Antonio de Mello, alcaide-mór d'Elvas.
Antonio de Mendonça.
D. Antonio de Menezes.
Antonio Pereira Deberredo.
Antonio Pereira, d'entre Douro e Minho.
D. Antonio Rolim.
Antonio de Vasconcellos.

B

Bartholomeu da Silva.
Bernardim de Carvalho.
Bernardim Dalte.
Braz Soares.

C

Christovão Falcão de Sousa.
Christovão Freire.
D. Christovão de Noronha.

D

Diogo Botelho.
Diogo Lopes de Carvalho.
Diogo Lopes de Carvalho, filho de Bernardim de Carvalho.
D. Duarte de Larcão.
D. Diogo de Menezes.
Diogo Peçanha.
Diogo das Povoas.

E

Egas Coelho.

F

Fernão Cabral.
Fernão de Castro.
Fernão Gonçalves Leminha.
Fernão Martins Mascarenhas.
Fernão da Silva.
Fernão de Sousa d'Eças.
Fernão de Sousa.
Fernão Telles.
A. Fernando Henriques.
D. Fernando de Noronha, depois conde de Linhares.
Francisco Carneiro.
Francisco Freire.
D. Francisco de Mascarenhas, depois conde de Santa Cruz.
D. Francisco de Noronha.
Francisco de Paula.
Francisco de Sousa.
Francisco Teixeira de Tavora.

G

Gomes Borges.

H

Henrique Pereira de Lacerda.
D. Henrique de Portugal.
Henrique de Sousa, depois governador da Casa.

J

Jeronymo Henriques.
Jeronymo de Saldanha.
João Alves Caminha.
D. João d'Almeida.
João Mendes de Almeida.
João Mendes de Carvalho.
D. João da Costa.
D. João Coutinho, depois conde de Redondo.
João Francisco Leitão.
João Gomes Serrão.
D. João Henriques.

D. João de Menezes.
D. João de Portugal.
João de Saldanha.
João de Saldanha, filho de Luiz de Saldanha.
João da Silva.
D. João de Vasconcellos.
Jorge Barreto.
Jorge Furtado.

L

Luiz de Brito.
D. Luiz Coutinho.
Luiz de Goes.
Luiz Martins de Sousa.
Luiz Pereira, do Porto.
Luiz da Silva.

M

D. Manoel de Castelbranco, depois conde de Villa Nova.
D. Manoel da Cunha.
Manoel de Macedo.
Manoel de Mello.
Manoel Pereira de Lacerda.
D. Martim Affonso de Castro.
Martim Gonçalves da Camara.
Martim Gonçalves Tavares.
Miguel Soares.
D. Miguel da Silva d'Elvas.
Miguel de Suniga.
Miguel Telles.

N

Nicolau de Sousa.
D. Nuno Alvares Pereira, depois conde de Tentugal.
Nuno Fernandes de Magalhães.

P

D. Paulo de Larcão.
D. Pedro de Abranches.
D. Pedro d'Almeida.
D. Pedro da Silva d'Elvas.
Pero Mascarenhas.
Pero Peixoto.
Pero Vaz Côrte Real.

R

D. Rodrigo de Castro.
D. Rodrigo Lobo.
D. Rodrigo de Noronha.

S

Simão da Cunha.
Simão Cabral.
Sancho de Toar.
Simão da Cunha, filho de Ruy Gomes.

T

Tristão da Cunha.
Vasco Martins Moniz.

Além d'estes fidalgos, que são quasi outros tantos como os que vieram a poder d'el-rei, e outros de que não podemos ter noticia, houve infinitos homens nobres que tambem se livraram por mesquinhos, e alguns estiveram quinze e vinte annos em captiveiro, sem haver entre elles quem se tornasse mouro, salvo se foi por ventura ou desventura algum coitado de tão pouco momento, que não pôde ser conhecido, havendo tantos que por largos tempos soffreram tantas miserias, nas quaes acabaram, e outros que publicamente, para não serem mouros, padeceram crueis mortes, como são estes, dos quaes agora, dando fim a nossa jornada, tractaremos.

LIVRO III

DOS MARTYRIOS QUE HOUVE EM CAPTIVEIRO NA JORNADA D'AFRICA

CAPITULO I

AVENDO de tractar d'aquelles que padeceram pela fé de Christo n'esta jornada, como cousa pertencente a ella, parecia razão chamar a todos martyres, que se uns, confessando a fé em captiveiro, morreram por ella, os mais n'esta mesma confissão e sancto augmento acabaram pelejando na batalha, e mais quando podemos piamente crêr que todos estão na gloria, como a madre Thereza de Jesus, nova fundadora da Ordem das Descalças, já hoje beatificada, pois confessa em suas visões que, queixando-se a Deus do estrago e desventurada batalha d'el-rei D. Sebastião, o mesmo Senhor a consolou, e lhe disse: Que sabes tu, se os achei eu em estado para os trazer a mim? O que realmente é uma grande consolação para todos aquelles que tão interessados são com as pessoas que acabaram n'este conflicto, e além d'isso tambem vimos como na opinião das gentes se téem realmente por martyres aquelles que aca-

baram pelejando contra mouros, como foram os que morreram em Sacavem resistindo aos de Alemquer, e os inglezes e portuguezes que acabaram na tomada d'esta cidade de Lisboa, que estão enterrados em S. Vicente de Fóra, e junto ao Mosteiro de S. Francisco, cujas casas se chamam hoje dos martyres, por este respeito.

E dá bem claro testemunho d'esta verdade o sancto Cavalleiro Henrique, homem allemão, dizendo que por virtude d'aquelles martyres portuguezes que alli em S. Vicente com elle estão enterrados, e morreram na tomada de Lisboa, deu Nosso Senhor saude a dous mudos que o tomaram por seu intercessor.

E assim foi visto no campo de Alcacer, que nenhum corpo de christão se corrompeu, antes se mirraram todos sem algum mau cheiro, e n'aquelle anno, fóra de curso, admiravelmente cresceu o rio Lucus, de maneira que os levou ao mar, permittindo Nosso Senhor dar-lhe inda aquella sagrada sepultura.

Mas pois emquanto a egreja catholica não approva e determina o nome que se lhes ha-de dar, não o podemos nós fazer; chamar-lhe-hemos ao menos, a uns e outros, cavalleiros de Christo, que confessando sua sancta fé por não serem mouros, e pelejando contra elles, acabaram as venturosas vidas.

E porque já dos mais que pereceram na batalha temos feito menção, diremos agora d'aquelles que n'outra nova batalha pelejaram só com as armas da paciencia, e vencidos venceram, para que com essa lembrança se vá continuando a memoria de tão sanctas maravilhas, emquanto ellas não vem á luz da verdadeira authoridade.

CAPITULO II

DO MODO EM QUE VIVEM OS CAPTIVOS EM CASA DO XERIFE, QUE ELLE MANDA FAZER MOUROS POR FORÇA, E COMO PROCEDIAM SETE MOÇOS, QUE MANDOU MATAR

LTISSIMOS são por certo os juizos Divinos, e grandes e escondidos seus segredos. Quem podéra cuidar que estava o Redemptor da vida no meio do som das armas e estrondo da guerra, escolhendo para defeza de sua Sancta Fé Catholica, entre tantos soldados fortes e robustos, sete guerreiros meninos, em cuja fraqueza determinava manifestar mais suas forças?

Quem de tamanha desventura como foi a nossa podéra imaginar tão feliz successo, que venha a parecer muito pouca perda a respeito do conhecido bem d'estas ditosas almas, que estavam quiçá bem fóra de tão feliz morte passando a descuidada vida? Pelo que, nas cousas de Deus, além da devida subjeição a seu alto juizo, será muito acertada oração de nossa parte, que sua divina magestade se lembre de nosso descuido, e tenha piedade de nossa ignorancia, para nos alumiar, pois sendo-nos tão alheios seus segredos, mal podemos acertar d'outra maneira.

Trouxe Muley Moluco da Turquia um novo e desusado costume dos reis seus antecessores, o qual é servirem-se de portas a dentro de moços elches, e alguns d'elles castrados,

dos quaes, segundo é fama, não sómente se servem nos officios ordinarios da casa, mas tambem de outras cousas, que não é bem que tenham nome: os quaes fazem ser mouros, ou ao menos parecer que o são, com desusados tormentos, e como não seja capaz d'elles sua tenra edade, concedem por força o que negam quanto lhes é possivel, e logo que estão n'estes habitos e n'esta reputação os mandam ensinar a ler e escrever, e os applicam a outros officios e artes, conforme a inclinação de cada um, vivendo sempre em recolhimento, e nunca sahem fóra senão juntos, em companhia do Alcaide que d'elles tem cuidado. O numero ordinario são quarenta, cincoenta, e mais, se mais o Xerife póde haver.

D'este rebanho infeliz assim opprimido escolheu Nosso Senhor sete cordeiros, mostrando sua Divina Misericordia, que não póde haver no mundo tão mau estado em que ella não tenha logar, quando da nossa parte haja qualquer sancto e bom desejo, como havia n'estes servos, que só nos actos exteriores eram mouros, e cinco d'elles o foram por força: e um nem com infinitos tormentos se apartou da fé, senão foi por manifesta ignorancia, como adiante se verá; e outro em quem Nosso Senhor quiz mostrar mais suas maravilhas, era mouro de nação, filho de elche, e de moura, sem nenhum conhecimento de nossa sancta fé, antes mui doutrinado na ceita de Alcorão de Mafoma, tanto, que lia por elle ao Xerife e estava ordenado a Caciz e mestre de todos estes moços, e n'esta confiança o mandou o Xerife communicar com elles, porque sendo da sua edade os podésse melhor affeiçoar a si, e reduzir á sua ceita; mas a Divina Misericordia fez caça do caçador, e convencido o mestre dos discipulos, deu tão formoso salto, que de Ali que se chamava sendo mouro, se chamou d'alli por diante Francisco da Esperança, com tanto amor e conformidade com seus companheiros, que não sómente foi seu fiel amigo, mas seu conselheiro, como adiante se verá.

Tinham estes moços alguns christãos captivos d'el-rei, de quem se fiavam, e por quem corriam com os religiosos da Sanctissima Trindade, que residiam em Marrocos, fazendo o resgate geral, os quaes lhes buscavam livros devotos por onde liam todo o tempo que dos mouros se podiam esconder, e dos mais companheiros de quem se não fiavam; tambem tinham imagens e cruzes, escondidas entre seu fato, e ao tempo da oração as tiravam, e diante d'ellas se encommendavam a Deus, jejuavam a Quaresma e Advento, e os mais dias de obrigação, dos quaes sabiam por estes christãos captivos, pelo que, sendo algumas vezes accusados diante d'el-rei, foram mui rigorosamente castigados; perguntavam pelos sermões que os padres faziam, e quando lhes occorria alguma duvida acerca dos bons costumes e honra de Deus, a communicavam aos religiosos que já dissemos; folgavam muito de ouvir fallar na vida dos sanctos, sendo confrades em todas as confrarias, e fazendo muitas esmolas, e o mais que podiam haver gastavam n'estas sanctas obras, e assim na penitencia como em tudo o mais eram christãos, menos nas apparencias, emquanto não chegava sua desejada hora; tinham todos algum modo de subjeição a um companheiro seu, que se chamava Simão de Freitas, porque como tinha bom entendimento e natural, era mais visto nas cousas da virtude, e assim lhe obedeciam como a mestre e maioral.

D'esta maneira viviam mui conformes; porém o demonio, que não póde soffrer estes sanctos desejos, lhes metteu em cabeça que tudo quanto faziam era perdido, e nada lhes podia aproveitar, tomando terceiros que não eram d'esta companhia, que lhes diziam isto a cada hora, com os quaes pensamentos andavam todos muito tristes e descontentes; porém como acudisse a Misericordia Divina, dando conta d'estas cousas aos padres frei Ignacio de Jesus e frei Antonio da Conceição, que são os religiosos que havemos dicto, com os quaes continuaram até á derradeira hora, foram logo conforta-

dos em seus bons principios, fazendo-lhes saber como aquellas tentações eram do demonio, as quaes tivessem a bom signal e principio de sua salvação, porque ainda que no estado em que estavam não mereciam graça, nem gloria, mereceriam chegal-os Deus a tempo de se publicarem por christãos, e alcançarem tudo o que taes obras mereciam; e porque o demonio isto entendia, ordenava apartal-os d'estes bons principios, cerrando a primeira porta a seu remedio: o qual conselho estes moços tomaram como vindo do céo, cobrando novo animo, e exercitando as pias obras, de maneira, que não temiam já serem sentidos, antes desejavam que se descobrisse a verdade que em seus corações estava.

CAPITULO III

DO MEIO QUE O SENHOR TOMOU PARA ESTES SEUS SERVOS SE PUBLICAREM POR CHRISTÃOS

ENHORADA a Misericordia Divina das sanctas obras e ardente zelo d'estes cavalleiros de Christo, quiz mostrar e descobrir ao mundo quem elles eram, tomando por meio a paixão e desavença que houve entre um elche companheiro na casa (não na conversação) com outro d'esta ditosa companhia, os quaes aprenderam juntamente um officio; e como aquelle elche, que era bem mouro, tractasse mal este, em quem conhecia o animo de christão, jurou o offendido ser um dia mouro, para se vingar d'este seu inimigo, o qual se chamava Xabão; e com esta indignação o deshonrou de maneira, e a todos os mais, que geralmente eram mouros, que o elche lhe fez grandes juramentos de o fazer ser mouro, em que lhe pezasse; e tractandc immediatamente de procurar o Alcaide Amar, que tinha cuidado d'elles, lhe descobriu tudo. Sabendo isto os mais companheiros christãos, se foram a este elche, persuadindo-o não sómente a não fazer queixume, mas a confessar a lei de Christo, com aquellas palavras e razões que o Espirito Sancto lhes mostraria, porque em taes casos não falta com o dom de sua Divina sabedoria; mas o elche estava tão entrado do demonio, e persuadido á vingança, que nenhuma d'estas cousas quiz escu-

tar, antes prometteu descobrir a todos, e dizer como o queriam tirar de ser mouro.

Com estas palavras e infernal resolução veio a travar-se uma briga entre todos, de maneira que começaram a dizer alguns que era chegado o tempo de se manifestarem por christãos; e um d'elles, que se chamava Simão de Freitas, de mais authoridade e respeito entre todos (como havemos dicto), se levantou logo, e com voz alta, e mui segura, disse:

Agora, agora é tempo, ó constantes cavalleiros de Christo, de se manifestar nossa tenção, e todo aquelle que quer seguir esta bandeira chegue-se a mim.

Ajuntaram-se logo a elle muitos, e se publicaram por christãos, e o primeiro de todos foi Francisco da Esperança, o qual muitos dias havia que desejava publicar-se; mas como Deus o tinha guardado para consolação e soccorro de sua ditosa companhia, parece que lhe reprimiu a força do espirito.

Vendo Simão de Freitas tão bom principio a seus desejos, começou a animar os companheiros, chamando pelo nome de Jesus; mas como o passo da morte é tão espantoso, e o dom de morrer pela fé é particular graça Divina, retiraram-se alguns, ficando sómente oito, e na hora da venturosa morte apenas sete, como adiante se dirá.

Vendo Xabão, author d'estas differenças, o que se passava, foi ao Alcaide Amar, e lhe disse, que os mais dos moços eram christãos, e se queria saber esta verdade mandasse chamar Abraem, que era um menino de doze ou treze annos, natural de Faro, no Algarve, e dando-lhe tormento, elle descobriria tudo, posto que tambem era christão.

Mandou logo o Alcaide trazel-o perante si, o qual não podendo soffrer os tormentos, por sua tenra edade, descobriu a verdade, e nomeou aquelles que eram christãos.

Vendo isto o Alcaide Amar, mandou trazer a todos diante de si, estando com elle o accusador Xabão, o qual, se algum com temor ou receio dizia que lhe levantaram aquil-

lo, insistia, dizendo: «Porque negas agora o que tantas vezes me confessaste?» Porém, como o demonio ia já de vencida, todas quantas armas dava a seus sequazes se viravam contra elle, e assim foi parte esta accusação (que estranhamente sentiram) de cobrarem tão grande animo, corridos de sua fraqueza, que todos juntos, com estranha ousadia, disseram diante do Alcaide Amar que eram christãos, como sempre foram, e que confessavam e criam a fé de Nosso Senhor Jesus Christo; do que o Alcaide ficou tão furioso e admirado, que rebentava de paixão e tristeza; e tornando a dar tormento ao menino, para descobrir se havia mais alguns companheiros, elle sómente respondeu que não sabia mais que de si, que tambem era christão como os outros.

CAPITULO IV

DÁ CONTA O ALCAIDE AMAR DO QUE LHE HAVIA ACONTECIDO

ENDO o Alcaide Amar tão admiravel determinação, e como não podia deixar de dar conta a el-rei, porque sendo o successo tão publico temia com razão ser castigado, se o soubesse por outra via, foi logo a elle, e, dando-lhe conta de tudo, ficou o Xerife tão furiosamente desatinado, que apenas pôde perguntar a causa de tamanha novidade, e quasi não deu credito ao Alcaide, mandando chamar a um mancebo grego de nação, por nome Girão, para se acabar de certificar, ao qual perguntou muito particularmente a causa porque se chamavam christãos, e quaes eram os que isto confessavam; ao que o mancebo respondeu:

Muley sabe que os mais dos moços são christãos.

Com isto ficou o Xerife tão magoado e corrido, por se haverem creado em sua casa, e á sua meza, que todo aquelle dia esteve como attonito, sem se determinar em cousa alguma, e sendo manhã mandou chamar o Alcaide Abraem Sufiane, seu viso-rei e com muita razão grande privado, e o Alcaide Mancor, tambem muito seu valido. (Este é aquelle elche melancolico, que foi mettido na liteira com Muley Moluco, quando elle falleceu, como havemos dicto).

N'este comenos, o elche Xabão, inimigo mortal d'esta ditosa companhia, e particular ministro do demonio (de quem no fim d'este processo contaremos um caso muito notavel), não sómente disse ao Xerife o que se passava, mas de novo lhe descobriu todos os christãos com quem elles se communicavam, e por cuja intelligencia tinham os avisos que havemos dicto dos religiosos da Sanctissima Trindade, cousa que o Xerife sentiu de maneira, que logo os mandou prender, com determinação de não ficar nenhum vivo, os quaes foram presos sem demora, e trazidos ao Mexuar, com grande estrondo e furia; e só um que se chamava Antonio Mendes escapou, e se acolheu a casa de uma irmã d'el-rei; porém não lhe valeu cousa alguma, porque por força foi tirado.

N'esta conjuncção chegaram os Alcaides a el-rei, o qual lhes deu conta do que se passava, mostrando no gesto a dôr e sentimento que d'isto tinha; e fazendo particular queixume de Francisco da Esperança, dizia em altas vozes:

Como será possivel, que se ouça e diga em nossos reinos que tambem o filho de Aduel Melique se tornou christão, sendo moura sua mãe, e seu pae mouro, não havendo causa nem razão alguma de tamanho desatino, mais que um simples movimento, cousa não só digna de espanto, em tão pequena edade, mas de grande vituperio a nosso Mafoma e nossa lei?

E assim, cheio de ira e de estranho furor, mandou que todos os christãos, que haviam sido medeaneiros d'estas cousas, fossem mortos a ferro; mas o Alcaide Abraem Sufiane, que tinha muito excellente condição e compassivas entranhas, acudiu a isto, estranhando-lhe muito o que elle tanto estranhava, e dizendo, que emfim os christãos, por obrigação de sua lei, como os mouros pela sua, tinham razão de procurar, com todo o fervor e diligencia, o bem dos seus; e como n'este negocio havia tamanhas culpas, como fôra induzir-se um mouro a ser christão, sua magestade devia saber qual dos

christãos era mais culpado, e com sua morte dar exemplo a todos.

N'isto concordou o Xerife, depois de convencido, todavia mais do respeito e amor que tinha a Sufiane, que de lhe parecer razão o que elle dizia; e como soubesse muito bem o nome de todos, mandou que matassem a Antonio Mendes, aquelle que atraz dissemos que se acolhêra a casa da irmã d'el-rei, que era havida por sancta.

Era este Antonio Mendes natural da cidade de Tavira, no reino do Algarve, ordenado de ordens de Evangelho, o qual realmente, posto que se não comprehenda n'este ditoso numero, parece que não tem menos logar, pois por uma parte foi o principal instrumento d'este successo, cujas ditosas culpas o conduziram a tão feliz morte, como logo diremos; e por outra, se os que morreram, por razão e verdade são bemaventurados, elle padeceu por ambas estas cousas; por onde se póde crêr, que não terá menos premio que seus companheiros, tendo em particular tanto merecimento no merecimento de cada um; e assim, é muito de louvar a diligencia, zelo e caridade que n'este negocio teve o Embaixador D. Francisco da Costa, e os religiosos que havemos dicto, persuadindo e animando todos estes cavalleiros de Christo, com o que não sómente se arriscavam a qualquer indignação do Xerife, mas a padecer semelhante morte. Porém, eu cuido realmente que elles não desejavam outra cousa, do que deu bem claro testemunho o processo de suas vidas, acabando n'estas e n'outras sanctas obras da redempção dos captivos em Marrocos, onde estão enterrados.

Mas tornando a nosso proposito, chegou Antonio Mendes, amarrado com as mãos atraz, ao Xaraque, onde recebeu a morte, que lhe déram ás cutiladas os citeres d'el-rei, com muita constancia e paciencia, sem embargo de lhe offerecerem a vida, querendo ser mouro; e depois de morto os mouros lhe pozeram fogo e lhe atiraram muitas pedradas, pórém não aca-

bou de arder, porque, como o fogo não foi mandado por el-rei, não foi bastante, e d'esta maneira esteve dous dias no terreiro, porque não queria el-rei de nenhum modo que o enterrassem, sobre o que trabalhou muito o mordomo da Misericordia do Terçenal, que é um logar cercado, em que os christãos captivos d'el-rei vivem, e téem egreja, e as mais cousas que no captiveiro havemos dicto; mas como el-rei determinava de ser castigo exemplar, não deferia a nada; até que emfim, por via do mesmo Alcaide Sufiane, houve por bem dar licença para o enterrarem, e foi levado á Misericordia, onde lhe déram sepultura, fingindo todavia que o levavam a enterrar ao campo onde os christãos se enterravam, porque os mouros não consentem que se enterrem dentro da Alcaçova; mas a Divina Misericordia, que se não esquecia de quanta elle tivera na salvação de seus fieis amigos, lhe den este logar tão honrado, como em principio de paga.

Os mais christãos foram presos na Sejana, onde estiveram muitos dias, carregados de ferros; mas emfim, pela boa condição de Abraem Sufiane, escaparam da morte, que d'outra maneira entende-se que nenhum remedio tiveram. Entre elles foi preso um homem honrado, por nome Francisco Soares, que hoje está n'esta cidade de Lisboa, e Domingos de Torres, natural de Masagão, cuja feliz morte diremos em seu logar.

CAPITULO V

COMO OS SERVOS DE DEUS FORAM LEVADOS DIANTE DO XERIFE

RA tão grande o sentimento que el-rei tinha da santa deliberação d'estes guerreiros de Christo, que não repousava uma só hora; e assim, veio muito cêdo pela manhã ao Mexuar, onde ás mesmas horas mandára vir o Alcaide Sufiane, e Mançorico.

N'este tempo estavam tambem os amantes de Christo esperando a sua hora tão desejada, e consolando-se uns aos outros, com animo esperançado nos celestes premios, sendo Francisco da Esperança o que com mais fervor os incitava a que o não desamparassem na batalha, pois para esse effeito, como capitães de Christo, o haviam armado cavalleiro, e que nenhum temesse a breve morte, pois elle não receava a sua, que muito bem sabia quão dilatada havia de ser, pois o haviam de atanazar, e cortar os pés, e mãos, e fazer seu corpo em pedaços muito miudos, por ser sua culpa, na opinião dos mouros, muito maior; porém, que com tão ditosa pena estava tão contente, que tomára ser julgado capaz de mór tormento.

Estas e outras semelhantes cousas dizia Francisco da Esperança a seus companheiros, os quaes o asseguravam de seus animos, com muito amor e conformidade.

Estando pois todos d'esta maneira, entrou com elles o Alcaide Jaudar, elche castrado, que se creára com todos, o qual começou a dizer a Francisco da Esperança, com muitas lagrimas de piedade, que se tornasse mouro, e que olhasse o que fazia, porque o tinha enganado, e não se deixasse morrer nesciamente; ao que elle respondeu, com animo muito seguro:

O' Jaudar amigo, se assim como no mundo, para lograr as vidas, fomos companheiros, o fôramos agora para salvar as almas, quão bem empregada que seria a tenção com que me persuades, de cujo effeito eu estou bem longe, pela bondade de Deus! Mas o tempo é breve, e tu não buscas para ti remedio, antes procuras o damno d'outrem; basta só para tua confusão a facilidade com que me verás morrer pela verdadeira lei de Christo, que se d'outra maneira a mim me fôra dado, eu vos fizera confessar a todos o engano em que viveis.

Dictas estas breves palavras, antes que o renegado lhe désse alguma resposta, chegou um recado do Xerife, em que o mandava levar tão depressa, que apenas se pôde despedir de seus companheiros, lembrando-lhes sómente que o não deixassem, não tanto pelo que temia de seu particular desamparo, como pelo bem que de sua companhia a todos esperava. Partiu emfim Francisco da Esperança com os guardas que o levavam, pedindo perdão a todos, e publicando em alta voz a fé de Jesus Christo.

Entrou na casa onde el-rei estava, o qual, quando ouviu pronunciar quasi diante de si o sancto nome do Redemptor da vida, cheio de estranha ira lhe disse:

O' incredulo malvado, quem te enganou e te persuadiu a que fosses christão?

Ao que elle respondeu, mui seguramente, e sem algum receio:

Ninguem me enganou; desde que nasci sou christão.

Vendo isto, el-rei, todo inflammado em viva cólera lhe disse:

Por ventura, teu pae não foi mouro? tua mãe e teu irmão não são mouros? tu não sabes de cór a lei de Mafamede?

Ao que elle retorquiu:

Meu pae nunca foi mouro, minha mãe é sómente a Virgem Maria; verdade é que tres vezes passei o Alcorão, mas nunca n'elle achei cousa em que me podésse salvar, e só na fé de Jesus Christo espero ser salvo.

Isto disse Francisco da Esperança; e repetindo el-rei que olhasse o que fazia, pois o havia de pagar com morte infame, elle respondeu, rindo-se d'estas ameaças:

O' principe da terra, sabe que christão sou, e christão hei-de morrer, e que não ha tormento que me seja estranho, nem mal que não deseje padecer pela fé de Jesus Christo; n'esta confiança verás còmo te estimo, sendo minha fraqueza claro argumento de quão pouco pódes a respeito de quem me faz ousado.

Ouvindo el-rei estas palavras se deu por respondido, e, cheio de estranha confusão e maravilha, mandou que o levassem, e lhe trouxessem dous dos que diziam ser christãos.

Foi este cavalleiro de Christo muito contente com aquelle auxilio Divino que sentiu diante d'el-rei, e com uma alegria espiritual, que em altas vozes lhe sahia d'alma, ia dizendo: viva a fé de Jesus Christo; e, chegando a seus companheiros, lhes disse:

Irmãos, não haja alguem que deixe de confessar o verdadeiro Deus, e verdadeiro Homem, como eu agora fiz, com seu favor e ajuda, que n'este ultimo dia, primeiro na outra vida, se nos prepara um bem formoso triumpho de nossos inimigos.

Os dous companheiros, que foram logo levados, eram

Simão de Freitas e Fernão Gines, os quaes, seguindo as pizadas de seu mestre e seu discipulo, iam muito contentes, dizendo em altas vozes: viva a lei de Christo, e pedindo juntamente perdão a todos, e primeiro áquelles que os levavam atados, havendo de ser pelo contrario, mas a verdadeira humildade sempre se encarrega das culpas alheias.

Chegaram emfim d'esta maneira onde el-rei estava, o qual lhes perguntou se eram mouros ou christãos; ao que elles responderam, sem algum temor, que christãos eram; e perguntando-lhes el-rei a causa de tal mudança, disseram, que no que sempre fôra nunca houvera mudança; e estavam tão determinados na confissão da fé catholica, tão livres e confiados, que o Alcaide Jaudar, que era o que os trazia diante d'el-rei, reprehendeu asperamente Simão de Freitas, vendo que lhe fallava d'aquella maneira; mas elle mostrou na resposta quão pouco temia o poder humano, dizendo em altas vozes: A verdade, que nunca guardou respeitos, salta de meu coração, pelo que não deves estranhar-me a liberdade com que fallo, que emfim el-rei não é mais que um homem.

Isto disse Simão de Freitas diante do Xerife, sem algum temor; o qual, vendo sua determinação e a de seu companheiro, como temesse alguma verdade clara (que sempre os injustos principes fogem, tirando a vida aos professores d'ella, como Herodes a S. João, e perseguindo aquelles que a publicam), mandou que os levassem ao Xaraque e lhes cortassem as cabeças; pegaram logo n'elles dous elches da companhia, e com as espadas na mão os levavam fóra para esse effeito; e sahindo já pela porta, mandou el-rei que os tornassem para dentro, e levassem a seus aposentos; e a causa d'isto foi uma carta que lhe escreveram Xabão e seus companheiros, em que lhe pediam por mercê lhes désse a execução d'esta morte, que por honra dos elches os queriam matar; isto concedeu el-rei muito facilmente, e por esta razão os tornaram para dentro, e não morreram fóra publica-

mente. Quando Simão de Freitas isto viu, parecendo-lhe que seria mais alguma dilação, disse: Se de Deus tenho a vida, não m'a póde el-rei tirar, e se hei-de morrer, para que é tanta detença? E Fernão Ginez disse a um dos elches, que para os degolar foi buscar uma espada: Andae, andae, irmão, e ajude-vos Deus, que na vossa diligencia está nosso remedio.

Logo os tornaram para a casa onde seus companheiros estavam, dos quaes foram alegremente recebidos, principalmente de Francisco da Esperança, por ver que os tinha já seguros na confissão da fé de Jesus Christo.

Depois d'isto, mandou el-rei que trouxessem outros dous, e trouxeram João e Domingos, os quaes iam muito alegres e contentes, encommendando-se a Deus e á Virgem Nossa Senhora, pedindo perdão á todos, como seus companheiros fizeram; e, chegando diante do Xerife, lhes perguntou com muita ira se eram mouros ou christãos; de modo que João Frances não acertava palavra, não perdendo porém a vontade que tinha de padecer por Deus, ao qual o mesmo Senhor acudiu, infundindo de novo em seu companheiro Domingos esta parte do espirito que lhe faltava, e de tal modo, que respondeu por si e por elle, dizendo que ambos eram christãos e sempre o foram. Vendo isto el-rei, já muito cançado e corrido, mandou que os levassem á casa dos outros. Retiraram-se um e outro, confessando pelo caminho, em altas vozes, a lei de Christo; e com este alvoroço e alegria chegaram a seus companheiros, que os receberam com não menor contentamento.

Depois d'isto, mandou el-rei que lhe trouxessem outros dous, e logo lhe levaram Amaro e Antonio, que bem persuadidos iam de seus companheiros. Fez-lhes el-rei as mesmas perguntas, se eram mouros ou christãos, admoestando-os primeiro, que olhassem o que diziam; mas elles responderam que christãos eram, e christãos haviam de morrer, com a qual resposta el-rei se deu por concluido, e ficou tão

envergonhado, do pouco fructo que de seu trabalho tirára, que, sem querer ouvir mais palavra, mandou que os levassem.

Chegaram estes dous mancebos a seus companheiros, dos quaes foram recebidos alegremente, e todos postos em um animo, conformes em Deus, estavam esperando sua ditosa hora.

Entre esta venturosa companhia foi levado tambem um moço, do qual se não faz menção, porque com o temor da morte disse que era mouro, e fazendo el-rei perguntas a outro, qual era o menino a quem havia atormentado o Alcaide Amar, respondeu, com muita isenção, que christão era e sempre o fôra, do que el-rei se maravilhou estranhamente e os Alcaides que com elle estávam, vendo tanta firmeza em tão pouca edade, que não chegava a treze annos; e foi isto causa de se indignar mais contra os servos de Deus, e mandou que matassem este menino, em logar d'aquelle que havia desmaiado e no temor da morte lhe guardára o devido respeito. Era este mancebo João Frances, como está dicto, a quem Deus, sem embargo d'isto, tinha concedido tão feliz sorte, como adiante se verá; e o menino escapou com vida, por engano do Alcaide Jaudar, indo já para padecer, como tambem diremos.

Quando estes cavalleiros de Christo se tornaram a recolher, a dous e dous, por mandado d'el-rei, depois de sua verdadeira e admiravel confissão, estavam muitos elches e mouros fóra da porta esperando por elles; e vendo como sem temor algum confessavam em altas vozes o nome de Jesus, carregavam sobre elles com muita ira, desprezo e bofetadas, principalmente sobre o mais pequeno que dissemos, de cuja tenra edade tinham particular paixão, como de cousa que mais significava o poder Divino e com maior clareza os confundia; mas os servos de Deus, bem inteirados no preço d'estas deshonras, soffreram tudo com muita paciencia e alegria, para mais confusão de seus algozes.

N'esta conjuncção, posto que ao Xerife haviam designado aquelles que tornaram a dizer que eram mouros, depois da primeira confissão de christãos, todavia os mandou vir diante de si; os quaes, vencidos do temor da morte, confessaram ser mouros, o que bastou sómente para el-rei lhes perdoar e mandar que se fossem embora.

Depois de todas estas cousas, vendo o Xerife que a facilidade d'estes mais aggravava a firmeza e constancia dos outros, cheio de estranha confusão e ira disse aos Alcaides, que sem duvida alguma haviam de morrer todos aquelles, que tanto em seu desprezo e abominação de sua lei confessaram publicamente a de Christo; e por mais que o Alcaide Abraem Sufiane procurasse mitigar-lhe a furia, dizendo que eram meninos, e que na dilação do tempo estava muitas vezes o remedio d'estas cousas, pelo que não devia sua magestade chegar ao cabo d'ellas tanto no principio, não foi nada bastante a dissuadil-o de seu intento, porque, como Deus os tinha escolhido, parece que endurecia o coração d'el-rei, para maior confusão sua e gloria d'elles.

CAPITULO VI

DO QUE PASSARAM ESTES SERVOS DE CHRISTO, DEPOIS DE SABEREM COMO ESTAVAM CONDEMNADOS Á MORTE, E DE UMA GRANDE TENTAÇÃO QUE TIVERAM

'ESTA conjuncção, como se fossem acabando as horas em que o demonio podia ter alguma esperança, chegada quasi a manhã do fim glorioso d'estes cavalleiros de Christo, pretendeu combatel-os com novo pensamento de vingança, accommodando-se já a seu presuppposto; e assim, começaram a dizer uns aos outros, que pois estava tão certa sua morte, o melhor seria vingarem-se primeiro de todos aquelles que os haviam perseguido, como eram o Alcaide Amar, que os descobriu a el-rei, e Xabão, seu accusador, e todos os mais, emfim, que foram contra elles.

E tão levados estiveram os seis d'este pensamento diabolico, que lhes faltou muito pouco para o pôrem em effeito, tendo já para isso facas e alfanges escondidos.

Mas o Senhor das vinganças, o pae das misericordias, em cuja Divina mente estava seu remedio reservado, não consentiu que cahissem ao cabo da jornada, inspirando no seu bom Francisco da Esperança um novo zelo e fervor Divino, para melhor os confundir com as palavras d'aquelle que com mais razão podéra ser animado e persuadido, pois nasceu mouro: o qual, logo que soube d'este desatino, correu a elles e lhes disse:

O' fieis amigos, amados companheiros, que desatino é este, que cruel inimigo entrou em vossos corações, que vos veio com armas offensivas, quando só das da paciencia devereis estar armados, pois no que toca a tomar satisfação aos mouros nenhum proveito se póde conseguir, mas antes com seu damno os vingamos de nós mesmos, dando claros indicios que não foi nossa morte amor Divino, senão furor humano, pois mostramos por obras mais effeitos de ira e de paixão, que de paciencia: e para com Deus seremos condemnados como usurpadores de seu Divino officio, a quem só compete o certo juizo das cousas e a vingança d'ellas. Triste satisfação certo seria qualquer que se tomasse, pois esperando premio nós seriamos devedores, e tendo dado fielmente conta, de novo entrariamos n'ella. Pois vêde qual seria nosso sacrificio, tirando a outrem as vidas, quando por Deus as damos! Cesse por seu amor a infernal furia, que não é este o tempo de buscar fama gloriosa na vida, senão gloria com Deus na morte.

Estas e outras cousas disse Francisco da Esperança a seus companheiros, ás quaes se renderam logo todos, conhecendo as invenções do demonio, com grande arrependimento de sua errada tentação.

Passadas estas cousas, logo que foi manhã mandou o Xerife chamar o Alcaide Jaudar, e lhe disse, que fosse onde estavam estes servos de Deus e os afogasse a todos. Partiu o Alcaide, e foi ter com elles á casa onde estavam, levando comsigo quatro moços elches, já grandes, e seis pequenos, dos quaes os que com maior prazer isto fizeram foram quatro, Bogatiar, Solimão, Piáli, e o duro Jairão, que foi o que em seu nome e no dos mais escreveu a carta a el-rei, offerecendo-se para algozes—que tão visinhos são n'esta miseravel vida os bens dos males e as sortes lêdas das tristes.

Chegaram emfim estes infernaes ministros com Jaudar, seu capitão, onde os servos de Deus estavam muito alegres,

animando-se uns aos outros, principalmente Francisco da Esperança, o qual com estranha ousadia estava persuadindo a um moço que se chamava Mancor, seu companheiro na primeira consulta de se publicarem por christãos, mas que, com receio de perder a vida, não seguira seu sancto proposito; e como fosse seu grande amigo, e em principio de sua conversão o havia doutrinado bem na fé, com grande mágoa lhe dizia, que não perdesse tão feliz hora com temor da morte, pois na verdade seu coração outra cousa sentia differente de suas palavras, e pois fôra mestre da verdade, não fosse confessor da mentira. Mas como padecer pela confissão da fé seja particular graça da misericordia Divina, nenhuma cousa aproveitou com elle.

Juntos emfim os infernaes ministros, o primeiro a quem chamaram ao sacrificio foi a Francisco da Esperança, com aquella má vontade e zelo que do Xerife devia ser encommendado; cuja morte e dos mais poremos d'aqui por diante em capitulos particulares.

CAPITULO VII

VIDA E MORTE DE FRANCISCO DA ESPERANÇA

ASCEU este venturoso menino, como formoso lirio entre os espinhos, na cidade de Marrocos; seu pae se chamava Abdel Melique, castelhano de nação, natural de Malaga, o qual se tornou mouro, como acontece a muitos, posto que os mais d'elles, ou quasi todos, o são fingidamente; sua mãe era moura de nação: tiveram outro filho mais velho, o qual chamaram Amet, e a este Ali: morto seu pae, ficou em poder de seu irmão, e não se podendo sustentar por sua pobreza, teve intelligencia para entrar em casa d'el-rei, sendo de edade de sete ou oito annos, o qual o mandou logo aprender o Alcorão em companhia de alguns moços elches, os mais d'elles feitos por força, entre os quaes se avantajou. De maneira que lhe encommendou el-rei a doutrina de todos, porque sendo companheiros, e da mesma edade, os persuadisse mais facilmente; mas el-rei deu as armas contra si, porque o mestre saiu tão bom discipulo como logo veremos.

Era Francisco da Esperança moço de boa inclinação, e por extremo affeiçoado a bons costumes; e como seus companheiros (cujo numero, como havemos dicto, era muito grande) eram de mui varias nações, e sómente os castelhanos e portuguezes são os que menos se esquecem da fé que no baptis-

*

mo receberam, e dos bons costumes, começou Ali a inclinar-se-lhes mais, tractando com elles muito familiarmente: e para o poder melhor fazer aprendeu a lingua hespanhola, que em breve tempo soube muito bem: e como por esta razão, e por sua boa natureza, viesse a ser particular amigo dos hespanhoes, e elles o julgassem incapaz de os denunciar como christãos, se lhe descobriram alguns d'esta ditosa companhia. Alegrou-se elle muito com isto, pedindo-lhes com muita efficacia que lhe ensinassem a fé de Nosso Senhor Jesus Christo, porque tambem queria ser christão, como elles eram.

Foi doutrinado d'estes moços em tudo o que convinha, e de crêr é que, sendo isto obra do Espirito Sancto, elle acudiria de maneira que não faltasse o necessario, e lhe fosse a verdade declarada, ainda que por tão pequenas linguas e humildes prégadores.

Logo lhe ensinaram a doutrina christã, e todas as mais orações, e fizeram que rezasse os sete Psalmos: e elle, para poder saber melhor, as mais d'estas cousas escrevia em Arabigo: e assim, entre ambas as linguas ia aprendendo tudo, com tanto zelo e curiosidade, que a todos causava maravilha: de modo que, quanto mais ia sabendo de nossa sancta fé, mais aborrecia a seita de Mafoma: e como era obrigado a ir todas as quartas-feiras ouvir o sermão dos mouros á Mesquita com os companheiros, mais ia por contemporisar que por outra cousa, rindo-se grandemente em seu coração de quanto ouvia dizer ácerca dos milagres de Mafoma, principalmente do primeiro que os mouros contam, o qual é, que trazendo-lhes Mafoma a seita, viéra a luz do céo e se lhe mettêra no corpo, e por cada manga de sua vestidura lhe sahia uma metade: e que os mouros, depois de morrerem, para ganharem o céo vão por um caminho em que gastam tres mil annos caminhando sempre para baixo, e mil para cima, e outras cousas semelhantes, como os rios de mel e de manteiga, etc., etc.; o que lhe fazia cada hora aborrecer mais tal seita, e

dedicar-se com grande amor e vontade ao conhecimento da lei de Deus, aprendendo todas as orações, de Nossa Senhora principalmente; e a primeira que soube foi a Avè-Maria.

Resava todos os dias o rosario, fazia muitas esmolas secretas, e depois que começou a aprender a doutrina christã tomou o nome de Francisco da Esperança, e se inscreveu assim na confraria de Nossa Senhora do Rosario, e em outras muitas.

Dava esmolas á Misericordia, em dinheiro, cêra e azeite; todas as suas palavras eram dirigidas a Deus, ao qual sempre pedia que o recebesse em seu gremio e em terra de christãos acabasse a vida: se via alguma cousa mal feita entre seus companheiros, logo lhes ia á mão, e não podia soffrer desconcertos contra os bons costumes; e tão grande era o desejo que tinha de sua salvação, e de lhe não faltar nada para isso, que mandou perguntar ao padre Ignacio de Jesus se cahia em algum erro ou culpa morrendo sem ser baptisado, porque elle estava disposto a ser o primeiro de todos, ao que logo teve a resposta que convinha; e de tal maneira se aproveitou do conhecimento de Deus, que nunca n'elle houve desfallecimento em cousa alguma, antes cada vez em tudo aproveitava mais, até chegar ao ponto de sua ditosa hora.

E assim como foi o primeiro que seguiu Simão de Freitas, tambem o foi na morte, que estando entre todos encommendando a Deus sua alma, e á Virgem Nossa Senhora, lhe déram recado que o chamava o Alcaide Jaudar; e como elle entendesse muito bem para que era, com grande alvoroço se começou a despir, ficando apenas com a camisa e as ceroulas.

Chegaram logo os algozes, e foi levado a uma casa bem triste, que para isso escolheram, mas mui alegre e sumptuosa; e logo que o cavalleiro de Christo entrou, resando o Psalmo do Miserere mei Deus, ao vêr o Alcaide Jaudar rodeado de seus infernaes ministros, lhe disse com muita humildade e paciencia, mas com grande animo e constancia: Eis-me com-

CAPITULO VIII

VIDA E MORTE DE SIMÃO DE FREITAS, DE SETUBAL

ERA Simão de Freitas natural da villa de Setubal; chamava-se seu pae Gaspar de Freitas e sua mãe Joanna Cariada; foi captivo no campo de Alcacer, d'onde veio a poder de um mouro, Alcaide de Tetuã, sendo de edade de dez ou doze annos, o qual mouro, posto que Simão fosse menino, como tinha bom entendimento e era muito fiel, lhe entregou todas as chaves do melhor de sua casa, e tudo lhe corria pela mão, sendo summamente querido de seu amo, por seus merecimentos.

Estando pois d'esta maneira, tirou el-rei a Alcaidia a este mouro, o qual partiu para Marrocos, onde alguns fidalgos, que do menino tinham conhecimento, o quizeram resgatar; mas o mouro de nenhum modo o consentiu, pela affeição que lhe tinha.

Vendo isto os fidalgos, déram ordem para que o menino fugisse de sua casa, e o recolheram na Judearia, onde estavam aposentados.

D'esta maneira esteve alguns dias, emquanto se buscou um guia que o levasse a Masagão, e, feita a diligencia, o encaminharam com outro companheiro; porém, como Deus o tivesse escolhido, permittiu que antes que sahissem de Marrocos fossem tomados, e como o companheiro era captivo d'el-

rei, levaram tambem a Simão diante d'elle, o qual folgou muito de o ver, e mandou que o recolhessem com os mais moços, e ao outro captivo que o levassem á Sejana; soube logo d'isto o amo de Simão; porém, por mais que fez, dando a el-rei muito dinheiro, nada aproveitou, que n'esta terra não ha maior justiça que a vontade d'el-rei.

Era n'este tempo Alcaide da guarda d'estes moços um mouro, filho de elche, o qual se chamava Mahamu Zarcon, cruelissimo tyranno para os fazer mouros á força; e assim como era seu costume usou com este menino, persuadindo-o primeiro com brandura; porém, vendo que nada aproveitava, começou a dar-lhe tormentos, que não podendo soffrer sua tenra edade, lhe fizeram dizer que era mouro; mas, sem embargo d'isso, nunca se apartou de seu coração o conhecimento de Deus e de sua sancta fé catholica: resava ordinariamente, e jejuava a Quaresma e Advento, quatro temporas e todos os mais dias da obrigação da egreja; não comia carne ás sextas-feiras e sabbados, dava muitas esmolas, era confrade de Nossa Senhora do Rosario, e por extremo affeiçoado a acudir ás necessidades do hospital, e n'isto gastava a paga que d'el-rei tinha quasi toda, buscando mil invenções para poder acudir a estas cousas; tambem mandava dizer muitas missas; tinha muito claro juizo e muito boa inclinação; tractava sempre com seus companheiros das cousas de Deus, e n'ellas era de todos havido por mestre, lendo-lhes os livros devotos, e declarando-lhes o que convinha á salvação da alma; e n'estes exercicios gastava a vida buscando tempo conveniente para os exercitar; e assim, quando se publicaram por christãos, elle foi o primeiro que pronunciou o nome de Jesus, e chamou os mais como está dicto. E nunca mais, até á hora de sua feliz morte, faltou em cousa alguma, antes esteve tão inteiro nas cousas da fé, que perguntando-se ao Alcaide Jaudar se morrêra elle christão, disse que mais que todos quantos nunca houvéra.

Um dia antes de sua morte, sabendo já a certeza d'ella, mandou dar duas onças de esmola á Misericordia, que mais não devia ter, pois dava tudo, pelas quaes pediu lhe dissessem duas missas: uma ao anjo de sua guarda e outra a S. João Baptista, estando com tanto animo e inteireza, que não bastou o espanto e temor da morte a lhe turbar o sentido, nem fazer esquecer a immensa caridade que tinha.

Mandou mais á Misericordia uma touca da India, por lhe não ficar cousa que não entregasse a Deus, e assim se póde crêr que na cabeça d'onde elle a tirou lhe punha o mesmo Senhor uma muito formosa corôa.

Estando pois d'esta maneira muito conforme com a vontade Divina, foi logo, após Francisco da Esperança, chamado á casa onde havia de padecer; o qual, tanto que o viu morto d'aquella maneira, ficou algum tanto alterado, posto que se lhe enxergou muito pouco, porque parece que foi mais de piedade que de temor; e assim, disse, apontando com o dedo para o venturoso mancebo: A minha alma como a tua. E levantando os olhos para o céo fez oração, dizendo:

Senhor Deus de Misericordia, em vossas mãos encommendo a minha alma.

Logo os algozes lhe lançaram a corda á garganta, a qual quebrou ao primeiro movimento; porém, foi muito depressa outra vez atada, e tornando-lhe a dar garrote, quando estava quasi afogado acudiram a Francisco da Esperança, que ainda bolia, como atraz fica dicto, e depois de concluirem o que convinha tornaram a elle, e achando-o ainda vivo no meio dos tormentos, com os mesmos garrotes com que o afogaram, lhe déram mui grandes pancadas na cabeça, e muitos couces na barriga, como pessoas que mais queriam vingar as injurias do demonio, a quem serviam, que fazer o que el-rei sómente lhes mandava; e vendo todavia que não acabava de expirar, tiraram-lhe uma jaqueta pequena que tinha vestida, na qual acharam as mesmas orações de seu

companheiro Francisco da Esperança, e logo expirou tanto que lh'as tiraram. No que realmente parece que Deus quiz mostrar, que assim como este ditoso mancebo foi o primeiro capitão de todos, fosse tambem dos que mais tormentos padeceram, para ser maior sua gloria, provocando juntamente, por tão maravilhosos meios, ao verdadeiro arrependimento, os crueis executores de tamanha maldade, corridos e envergonhados de sua perfidia. Padeceu sendo de edade de dezoito a dezenove annos.

CAPITULO IX

VIDA E MORTE DE FERNÃO GINEZ

INEZ, ou, segundo se tem, Fernando, porque assim se mandou elle assentar na confraria de Nossa Senhora do Rosario, posto que, em casa d'el-rei, Ginez fosse seu nome, que tambem podia ser appellido, era gallego de nação, natural de Bayona; foi feito mouro á força por mandado d'el-rei, a quem elle chamou Jaen, nome não muito adoptado entre os mouros, mas que elle usava por sua curiosidade, como se viu em outros moços d'esta mesma sorte.

Era Fernão Ginez muito differente em seu coração do que seu vestido significava, porque só tinha a verdadeira lei de Christo, posto que não se désse a conhecer com tanta liberdade como seus companheiros, mais por natural inclinação, que por outra cousa; porém, tanto que elles se publicaram, e Simão de Freitas pronunciou primeiro o nome de Jesus Christo, logo elle, em altas vozes, disse que era christão. N'esta resolução se mostrou tão firme, que nunca mais, até á hora de sua morte, mudou em cousa alguma, dizendo as palavras que havemos referido; quando o elche foi buscar a espada para o matar, tão inflammado estava nos desejos de padecer por Christo, que tanto que Simão de Freitas foi chamado, não esperou elle que o chamassem, antes se foi

offerecer, entrando na casa onde estavam os algozes, assim por esforçar a seu companheiro, sentindo tambem como amigo o que esperava padecer, como por confundir seus inimigos no pouco temor que d'elles mostrava.

E' certo que parece que Nosso Senhor andava buscando a estes seus servos nova invenção de merecimentos, por não ficar algum, que em todo o extremo (posto que em differentes modos) não manifestasse seu poder.

Mas, como dizia, tanto que Simão de Freitas deu a alma a Deus, a cujos tormentos Ginez esteve presente, sem fazerem n'elle outros effeitos mais que um desejo entranhavel de se ver n'aquelle glorioso transito, lhe disseram os algozes que se preparasse; e um d'elles, que se chamava Ramadão, seu grande amigo, com piedade de o ver d'aquella maneira (segundo o demonio lhe mettia em cabeça), lhe disse:

Não sei, irmão Jaen, como hei-de ter mãos para te fazer mal.

Ao que elle respondeu:

O' meu bom amigo, bem parece que não sabes a suavidade dos tormentos de quem por Deus padece; agora, agora é tempo em que se hão-de mostrar os amigos leaes, pois na brevidade de tão ditosa offensa está todo o meu bem; deixa a cruel piedade e acaba-me depressa, que nunca me podias ser de maior proveito.

Logo os algozes o assentaram no chão, e lhe déram garrote com tanta diligencia como elle havia encommendado, e assim em um momento deu a alma a Deus, tendo vinte annos de edade.

CAPITULO X

VIDA E MORTE DE JOÃO FRANCES

João Frances, natural de Pariz, sendo ainda muito menino o levou seu pae á cidade de Lisboa, onde se creou, e esteve até á jornada d'el-rei D. Sebastião, na qual foi, e no campo de Alcacer o captivou um mouro grão senhor, juntamente com outro menino portuguez do termo da cidade de Lisboa; e sendo ambos n'este tempo de edade de dez ou doze annos, pretendeu seu amo vendel-os a um turco; d'isto foi avisado o padre frei Ignacio de Jesus, que como havemos dicto residia em Marrocos sobre o resgate geral dos captivos; mas não pôde fazer mais que entreter a venda, por não achar o dinheiro que o mouro pedia; e não foi pequeno bem escaparem do turco, ainda que os comprou um mouro andaluz, d'onde pelo mau tractamento se acolheram a casa d'outro, a quem erradamente os christãos tinham por grande seu amigo, cuidando que estivessem alli até os dar por algum preço accommodado: mas succedeu tudo ao revez, que o mouro os foi logo entregar a el-rei, o qual os mandou fazer mouros á força, com grandes tormentos, como costumava o tyranno Alcaide que d'elles tinha cuidado.

N'este tempo, porém, o nosso João Frances, a que pozeram o nome Acem, reclamou sempre, mostrando a pressão que lhe faziam, e não apartando nunca de seu coração a fé de Christo.

Era muito devoto e amigo de Deus, bem intencionado, buscando sempre as boas conversações e fugindo das más, e era moço de sua natureza mui honesto.

E assim, tanto que á força o fizeram dizer que era mouro, tomou logo amisade com Francisco da Esperança, a quem ensinou os sete Psalmos, e outras cousas, e foram sempre grandes amigos; fallavam ordinariamente nas cousas de Deus, em cuja fé João esteve sempre muito firme dentro em seu coração, e ainda que quando o levaram diante d'el-rei desmaiou, não desfalleceu porém em sua firmeza, mas foi um natural pejo, porque, como dissemos, era tão brando e honesto de sua natureza, que de encolhido e humilde lhe nasceu o desmaio que teve; porém, tanto que se viu fóra d'onde el-rei estava, mostrando que o acto fôra mais de obediencia e cortezia, que de temor, começou a dizer em altas vozes, com muita confiança e alegria: Viva a lei de Christo; e posto que el-rei mandou que não morresse, e que em seu logar matassem o menino que havemos dicto, foi Deus servido por seus occultos juizos que se trocassem as sortes, acontecendo d'esta maneira:

O Alcaide Jaudar, que era o executor de todas estas cousas, usando a mais cruel piedade que se póde imaginar, se foi a esse tenro menino, em tempo que elle estava muito forte e determinado a padecer, e o começou a persuadir a que fosse mouro, com branduras, promessas e affagos, de maneira que o innocente, a quem a visinha morte e os mais tormentos não podéram dobrar de nenhum modo, disse que seria o que sua mercê quizesse, e assim ficou rendido, que o demonio sabe muito bem as armas com que se vencem os da sua edade.

E do que se póde haver maior mágoa, é que foi isto no tempo em que elle era já chamado para padecer, seguindo seu caminho, despindo-se para isso e encommendando-se a Deus.

Confesso que chegando a este passo se me arrazaram os olhos de agua, com a dôr de tamanha perda, e saudade da salvação d'esta alma, considerando juntamente a grande força da miseria humana, pois até no collegio de Christo recebe o demonio seu tributo.

Mas eu confio em Deus, cujo alto e escondido juizo não sómente se não sabe mais, nem especular-se póde, que se não esquecerá de taes principios, guardando em seu thesouro estes desejos, até que em mais perfeita edade este menino tenha ainda corôa de maior merecimento; que pois nas leis humanas sempre o menor se absolve, como condemnarão as leis Divinas edade tão pequena? Mas antes de crêr é que o mesmo Senhor, que sabe todas as vias, escolhesse para ambos o melhor tempo, acudindo á necessidade presente, porque, como el-rei tinha mandado que não morresse o nosso João de Pariz, e podia, sendo mancebo, correr maior perigo, ficando entre tantos vicios, quiz que fosse primeiro, guardando outro logar a este menino, a cuja innocencia parece que está obrigada a misericordia Divina, do que não ha hoje poucas esperanças, porque informando-me eu de alguns captivos que agora vieram, e assistiram então a todas estas cousas (como adiante se dirá), soube que este mancebo andava por capitão nas cafilas do reino do Guago, nova conquista dos Xerifes, e tinha ainda estes sanctos desejos, lembrando-se muito bem de quanto bem perdêra: e determinava vir a terra de christãos o melhor que lhe fosse possivel, ou acabar em alguma ditosa occasião.

Mas tornando a nosso proposito, vendo o Alcaide Jaudar como João de Pariz publicamente e sem algum temor viera confessando a lei de Christo, sem embargo do desmaio que diante d'el-rei teve, lhe pareceu causa bastante para o matar, ainda que lhe fosse mandado o contrario, sem dar conta ao mesmo senhor de cousa alguma, e assim o pôz por obra, até que por fim o menino disse que faria o que elle qui-

zesse, considerando que com satisfazer ao numero de sete cumpria com sua obrigação.

Chamaram logo o prompto cavalleiro de Christo, o qual veio muito alegremente rezando o Credo e dizendo a Confissão, e tanto que chegou onde os algozes estavam, muito humildemente lhes pediu perdão, dizendo: Meus irmãos; se em alguma cousa vos tenho offendido, rogo-vos, por amor de Deus, que me perdoeis, e tambem vos peço, pelo pão e sal que havemos comido todos juntos, que me acabeis depressa; não vos estorve algum escandalo, se o tendes, de me ver christão, que minha breve pena não deixa de cumprir vossos desejos.

Dictas estas breves palavras, lançaram-lhe logo os algozes a corda ao pescoço com tanta ira, que muito brevemente, convertida essa furia em seu remedio, deu a alma a Deus, sendo de dezenove até vinte annos.

CAPITULO XI

VIDA E MORTE DE DOMINGOS

OMINGOS, portuguez, natural de Gouvêa, na serra da Estrella, foi captivo no campo de Alcacer, de edade de treze ou quatorze annos; veio a poder d'el-rei, onde, com a força dos tormentos que havemos dicto, o fizeram dizer que era mouro, e lhe pozeram o nome Buxer.

Era moço honesto, amigo de Deus, e muito devoto de Nossa Senhora do Rosario, e procurava sempre saber dos christãos o que se dizia nos sermões que elle não podia ouvir, com verdadeiras saudades d'alma.

Mandava dizer muitas missas, jejuava o Advento e Quaresma e todas as mais obrigações da Sancta Madre Egreja: quarta-feira de Trevas, antes de sua feliz morte, foi com outro companheiro para entre umas taipas, onde se disciplinaram com muita devoção na lembrança do sancto dia.

Presava-se tanto de christão, que de nenhum modo consentia que lhe chamassem mouro, nem zombando: gastava a vida em sanctos exercicios, e desde a hora em que se publicou por christão cada vez se incendia mais no amor Divino; e assim nas perguntas que o Alcaide lhe fez, como quando foi diante d'el-rei, respondeu por si e por seu companheiro João de Pariz, com tanto valor e ousadia como atraz dissêmos.

*

sempre mostrou grande constancia, e n'ella permaneceu até a hora de sua ditosa morte, da qual estava tão desejoso, que todas as vezes que os algozes chamavam outro, elle se ia metter primeiro na casa sem que fosse chamado, ao que lhe diziam que se tornasse para fóra, e quando fosse tempo o chamariam; elle saía logo, mostrando em seus effeitos só pura humildade, e quando o foram buscar veio muito alegre, fazendo o signal da Cruz e invocando o nome de Jesus, pelo que o Alcaide Jaudar lhe deu tal pancada na cabeça, com um pau que tinha na mão, que logo caiu em terra, e lhe rebentou o sangue pelo nariz e pela bocca; mas elle não deixou por isto (que Deus permittiu para maior gloria sua) de seguir seu presupposto; antes com devoção e efficacia chamava pelo nome de Jesus, em cuja virtude n'aquelle breve ensaio de tormentos lhe era tão suave a pena, que estando tão proximo á morte lhe parecia muito dilatada a vida. Lançaram-lhe logo os algozes a corda ao pescoço, e apertando rijamente, como offendidos de tamanha constancia e liberdade, deu a alma a Deus, sendo de edade de vinte annos.

CAPITULO XII

VIDA E MORTE DE AMARO

MARO, portuguez de nação, natural de Colares, junto da villa de Cintra, chamando-se seu pae Silvestre Gonçalves, e sua mãe Francisca Jorge, foi captivo no campo de Alcacer, sendo de edade de doze ou treze annos; veio a poder d'el-rei, onde o fizeram mouro á força, como aos mais, e lhe chamaram Mami; mas elle, como em sua alma, onde sempre guardou a fé de Christo, não tivesse tal nome, não deixou nunca de se encommendar a Deus e á Virgem Nossa Senhora, de quem era muito devoto; dava muitas esmolas, mandava dizer missas, resava sempre, jejuava os tempos que a Sancta Madre Egreja obriga, fazendo emfim algumas obras que convem a um bom christão; era moço bem inclinado, amigo da virtude, fugia das más conversações, e o mais do tempo gastava-o em sanctos exercicios.

Quarta-feira de Trevas, antes de se publicarem por christãos, se foi disciplinar entre umas taipas, em lembrança de semelhante tempo e em castigo de suas culpas—que o grande desejo de sua salvação lhe fazia buscar toda a penitencia.

Folgava muito de ler as vidas dos sanctos, e tinha particular intelligencia para saber dos sermões que no ter-

cenal aos christãos se faziam; e tão arreigada estava em seu coração a fé catholica, que nenhum companheiro lhe levou vantagem, como bem se viu na resposta que deu ao Alcaide Jaudar, quando lhe perguntou se era christão, e muito mais livremente diante d'el-rei, sendo de tão boa consciencia e tão temente a Deus, que depois que entendeu que havia de morrer mandou uma carta um dia antes ao padre frei Ignacio, em a qual se confessava geral e particularmente de todos os seus peccados (ainda que não era confissão), e assim estava muito firme e consolado aguardando a morte: chegada pois a hora d'este ditoso mancebo, estando elle muito conforme com Deus e com estranha alegria dentro em sua alma, esforçando a seu companheiro Antonio, foi chamado da parte dos algozes, a cujo recado obedeceu com muito alvoroço; e encommendando-se a Deus, entrou na casa do sancto sacrificio, onde á primeira vista dos cinco companheiros (em cuja formosura seu glorioso premio viu escripto) ficou tão incendido no amor Divino, e nos desejos de se ver em sua companhia, que estando tão perto d'isso, lhe parecia muito dilatado o tempo; mas os algozes, cujo animo estava bem longe d'estas considerações, lhe lançaram a corda ao pescoço, apertando tão rijamente, que em um momento deu a alma a Deus, e foi incluido no feliz numero de seus companheiros, sendo de edade de dezoito annos.

CAPITULO XIII

VIDA E MORTE DE ANTONIO DA SILVA

DERRADEIRO d'estes sete venturosos moços (antes o primeiro, se em tão grandes tormentos póde haver algum que tenha este nome) foi Antonio da Silva, portuguez de nação, natural da villa de Setubal; chamava-se seu pae Manoel Esteves, e sua mãe Catharina Cardoza; foi captivo no mar, de treze para quatorze annos.

No tempo em que o captivaram estava o Xerife em Fez, de caminho para Marrocos, já posto no campo em tendas, onde o menino lhe foi levado, e elle o mandou entregar ao Alcaide Mahamut Zarcon, que, como havemos dicto, tinha cuidado d'estes moços, o qual com sua costumada maldade e tyrannia determinou de o fazer mouro, tractando-o primeiro com muita brandura e affagos: mas como elle a todas estas cousas respondesse que era christão e sempre o havia de ser, mandou-lhe dar mais de duzentas pancadas nas costas e nas plantas dos pés, com um pau, como se lá costuma, o que elle soffreu com animo varonil, dizendo que christão havia de ser, ainda que o matassem mil vezes.

Vendo o tyranno esta firmeza, inventou outro modo de tormento, dando em uma corda de linho muitos nóz e muito juntos, e encostando o menino a um pau da tenda, lhe fez atar

... e por detraz do mesmo pau mandou que ... um garrote; apertaram logo rijamente, e ... julgar que pena esta seria, a qual elle soffreu ... constancia, dizendo que era christão e invocando ... de Jesus n'esse pouco espaço que o tormento lhe ... dar.

... isto não bastasse para obrigar o padecente a di... que era mouro, mandou o tyranno que o atassem com ... dos atraz, e foi levantado em um mastro alto, onde se ... a bandeira do seu Célá, na mesma corda que para isso ... e nos pés lhe foram atadas outras, pelas quaes puxa... dous elches, Jaudar e Amar, quando o subiam acima, de maneira que o desconjuntavam todo; mas elle estava tão cheio do Espirito do Senhor, que na força do maior tormento mais vivamente confessava a lei de Christo, dizendo que bem lhe podiam fazer quanto quizessem, que não havia de ser mouro: e posto que estando d'esta maneira no mais alto do mastro lhe fizeram muitas perguntas, ora com ameaças, ora com promessas, não bastou cousa alguma a lhe mudar o proposito—que Deus levantou este seu pequeno e grande cavalleiro, como estandarte victorioso de sua Sancta Fé Catholica, onde se punha a bandeira de Mafoma, para mais confusão e vituperio de seus servos, vendo tão claramente por um tenro menino manifesta a verdade, onde com tanta cegueira se publicava a mentira.

Corrido emfim o tyranno do pouco fructo que faziam suas ameaças, rogos e tormentos, determinou por ultima tentativa valer-se do fogo, e descendo o menino do mastro onde estava, mandou buscar borralho muito quente; mas o mensageiro, que sabia bem contentar seu amo, trouxe em logar d'elle brazas muito accezas.

Tomou logo o tyranno uma das maiores, e pôl-a sobre um dedo do menino, o qual soffreu tudo com muita paciencia; e como estava abrazado d'outro fogo, disse: S. Lourenço

foi posto em umas grelhas, e estando já assado de uma parte, dizia ao seu tyranno que o virasse da outra; assim podeis vós fazer agora d'esse dedo, pondo a braza d'outra banda, que d'esta já está assado.

Cumpriu logo o tyranno esta vontade tão accommodada á sua, e pôz-lhe a braza da outra parte; porém, vendo quão pouco effeito isto fazia, corrido tambem de ver que não lhe aproveitava nem ainda o maior rigor dos elementos, tomou o brazeiro, e assim como estava o lançou sobre a cabeça do menino, coroando-o de brazas para o ser de estrellas: o que elle soffreu com tanto animo, confessando a fé catholica, que, vencido o tyranno totalmente, começou a imaginar alguma nova invenção de tormento, e mandou vir cannas tostadas, as quaes começou a aguçar com uma faca diante d'elle, para lh'as metter pelas unhas dos dedos, dizendo que bem via o tormento que se lhe apparelhava se não queria ser mouro: mas o forte menino sem algum temor dizia que christão era e christão havia de morrer, por mais penas que lhe déssem.

Vendo o tyranno isto, metteu-lhe uma canna entre a carne da unha do dedo pollegar da mão esquerda, de que correu grande quantidade de sangue, e depois veio a perder a unha; mas nada aproveitou para deixar de confessar o nome de Jesus em altas vozes; o que vendo o tyranno, determinou de o cortar e vestir em trajos de mouro, fazendo á força os actos exteriores, já que não podéra acabar o mais.

Foram-se logo os companheiros a este menino, dizendo que não quizesse passar tantos tormentos, e que muitos mais lhe haviam de dar, pelo que dissesse que era mouro, como elles fizeram, e que dentro em seu coração fosse christão, como elles tambem eram, porque isso bastava; mas elle despresava estes conselhos, e não soffria dizerem-lhe que fosse mouro; porém, depois de muito importunado dos companheiros, disse que o era, mais com piedade de seus queixumes e rogos que temeroso de novos tormentos, cuidando como inno-

cente menino que não deixava de ser christão emquanto não consentia nas obras de mouro, e assim se viu no arrependimento d'este erro claramente manifesta sua tenção, porque tanto que o barbeiro veio, e elle entendeu que o negocio passava de palavras, disse publicamente sem algum temor, quando lhe vestiam os trajos de mouro e o circumcidavam, que christão era, e que todas aquellas cousas lhe faziam á força: e não sómente o disse n'este estado, mas depois sempre em toda a parte onde se achava em publico, e em secreto a christãos e a mouros, mostrando por obras o que dizia nas palavras, e fazendo tudo aquillo que convinha a bom christão; puzeram-lhe emfim os mouros o nome de Jafar, sem embargo d'isto, como lhes bem pareceu, mas elle não acceitou uma cousa nem outra, e assim ficou triumphando de seus inimigos, se póde todavia desculpar seu erro o seu engano, como parece razão em tão pequena edade, posto que bem bastavam tantas maravilhas como haviam visto em um menino innocente, a quem venceram rogos e não tormentos, para entenderem a grande força do amor Divino, que milagrosamente em qualquer cousa sua se mostrava; mas a cegueira d'alma, a que chamaremos odio, não lhes dava logar a cousa alguma.

Era este menino de muito boa condição, amigo da egreja e bem inclinado; dava muitas esmolas, folgava de lhe darem bons conselhos, não acompanhava senão com os bons, de continuo se encommendava a Deus e á Virgem Nossa Senhora, de quem era muito devoto, e assim bem mostrou que se trazia os trajos de mouro era christão. E quando Simão de Freitas pronunciou o nome de Jesus, não foi elle dos derradeiros, mostrando-se mui firme e constante na resposta que deu ao Alcaide e a el-rei, como havemos dicto.

E assim n'isto, como em todas as mais obras, havia perseverado, desde que sendo menino recebeu os tormentos que dissemos até este tempo de sua feliz e desejada hora, a

qual chegada, vendo elle chamar primeiro todos os seus companheiros, estava cheio de tão sancta inveja e divinas saudades de padecer por Christo, ardendo em vivos desejos, que não sabia já quando seria chamado a tanto bem. E assim como foi mais atormentado que todos, assim quiz Deus que fosse o ultimo, para que tambem no tormento d'esta dilação que sua alma sentia lhe fizesse vantagem na morte; e não sómente n'ella, mas no modo, permittiu tambem que fosse avantajado, sendo tão differente da de seus companheiros, como se verá.

Tanto que Amaro acabou de dar a alma a Deus, foi Antonio chamado; o qual, entrando na casa mui alegremente, como quem chegava a cousa mui desejada, invocando o nome de Jesus, e fazendo o signal da Cruz, depois de lhe lançarem o baraço ao pescoço, foi levantado nos hombros de dous algozes, que de si fizeram força com um pau atravessado; e como eram grandes, e elle muito pequeno de corpo, puxando os outros para baixo, acabou em um momento a venturosa vida, que tantos martyrios padecêra, sendo de edade de dezesete até dezoito annos, a quatro de julho de 1588.

CAPITULO XIV

COMO OS SERVOS DE DEUS FORAM ENTERRADOS

CONCLUIDO este admiravel successo, foi o Alcaide Jaudar, a quem a execução tocava, dar conta a el-rei do que era feito, o qual mandou que ogo que fosse noute os lançassem em um poço, que está em uma horta sua, junto aos paços reaes, e não serve d'outra cousa mais que de sepultura d'aquelles que o Xerife manda matar em sua casa, ou por não dar escandalo, vendo-se a sem razão publicamente, ou por não haver alvoroço quando a morte fosse com razão; e assim, acontece ás vezes entrarem alguns elches ou mouros no paço, e nunca mais apparecerem, o que realmente é uma das maiores miserias da vida, pois no logar onde se ha-de buscar o remedio, a honra e consolação, está tão certo o perigo, que ninguem póde entrar seguro de poder tornar a saír.

Chegada a noute, o Alcaide, com alguns christãos seus, e outros que no paço tinham entrada, mandou levar os servos de Deus ao poço, onde foram lançados com muita terra em cima, exceptuando Francisco da Esperança, que foi o primeiro que da casa tiraram, como tambem na morte o havia sido, em cujo rosto se mostrava uma desusada formosura, e a razão de o não levarem com os outros foi particular vontade do Alcaide Jaudar, cuja tenção parece que era não querer, sendo mouro, fosse na companhia dos christãos; porém de-

pois, temendo que não tomasse el-rei bem isto mandou que o desenterrassem d'onde estava, e foi levado ao poço, d'onde tornando a tirar a terra a seus companheiros, o deixaram em sua ditosa companhia, permittindo assim Deus, porque sendo na vida tão conformes o fossem tambem na morte, e na sepultura.

Depois d'isto, d'ahi a alguns tempos teve o Embaixador D. Francisco da Costa intelligencia, e por um captivo hortelão que tinha livre entrada na horta, onde o poço estava, mandou a pouco e pouco trazer estes ossos escondidamente, e o captivo o fez assim, fingindo que lhe trazia hortaliça, e em sua casa estiveram com todo o segredo e respeito que lhe era devido, e depois de morto D. Francisco, e o Padre frei Ignacio de Jesus, e frei Antonio da Conceição (cuja informação seguimos), havendo-se licença do Xerife para se trazerem seus corpos a este reino, mandou el-rei Philippe nosso senhor, que está em gloria, que viessem em seu logar os d'estes sete cavalleiros de Christo, publicando-se que aquella ossada era do Embaixador, e dos mais religiosos, que d'outra maneira não fôra possivel; mas Deus ordenou tudo tão suavemente que os ossos vieram á cidade de Lisboa, a casa de D. Joanna Henriques, mulher do mesmo Embaixador, d'onde sua magestade os mandou depositar em S. Francisco, onde hoje estão, encarregando o doutor Lourenço Mourão, desembargador do paço, de inquirir a verdade d'este importante successo, para effeito de S. Santidade os canonizar; e assim o permittirá Nosso Senhor, que por tão estranhos meios os trouxe a este reino, dando seu justo premio em tão ditosa companhia no céo a D. Francisco, por estas e outras sanctas obras, que se não sabem pagar na terra, e aos mais religiosos e pessoas juntamente, que pela salvação d'estes felizes moços se offereceram á morte tantas vezes, e por sua liberdade depois ainda de mortos ficaram seus corpos em captiveiro na cidade de Marrocos.

CAPITULO XV

COMO PADECEU DOMINGOS DE TORRES, E DO QUE ACONTECEU A XABÃO, O ELCHE ACCUSADOR

Ficou-me tanto na memoria o desejo de saber particularmente as cousas d'estes felizes mancebos, a quem me confesso estranhamente affeiçoado, que me não contentei com a relação que o Padre frei Antonio da Conceição, como testemunha de vista, mandou ao Cardeal Alberto, Governador d'estes reinos, a quem com tanta razão se póde dar inteiro credito, mas procurei fallar com alguns captivos, como foram Jeronymo da Azambuja, e Francisco Soares que se achou presente, e foi um dos captivos que com Antonio Mendes foram presos, e pela boa inclinação do Alcaide Sufiane, depois de padecerem muitas miserias e trabalhos, foram soltos, e escaparam com vida, como está dicto, do qual soube algumas cousas em particular, que me pareceu bem não passarem em silencio, principalmente a morte de Domingos de Torres, natural de Mazagão, que foi tambem um dos captivos presos, e não deve ter menos logar que os mais perdendo a vida como logo diremos, posto que não foi em sua venturosa conjuncção; e porque melhor se entenda este successo contaremos primeiro o Divino juizo que veio sobre o traidor Xabão.

Foi tão admiravel entre toda a gente este caso que contamos, que os mouros se mostraram muito confusos, os el-

ches com temor arrependidos, contentes e edificados os christãos, de maneira que, posto que em differentes subjeitos, em todos era egual a maravilha, d'onde nasceu tamanho odio contra o accusador Xabão, que os mouros o aborreciam pelos termos que usou n'este successo (que emfim, em todo o estado, quando se ama a traição se aborrece o traidor), e dos elches e christãos era tão perseguido, que não sentindo outro remedio se acabou de entregar de todo aos demonios, á imitação de Judas, não se enforcando, porém; mas corrido e desprezado das gentes, querendo com novas culpas encobrir seus erros, se deu totalmente á perseguição dos christãos e oração de Mafamede, e como fosse n'isto muito prolixo, por mostrar aos mouros que como zeloso da honra de seu Mafoma fizera traição a seus companheiros, e não como traidor, estando um dia fazendo a Célá em cima de uma esteira, como se abaixasse muitas vezes beijando o chão, por humildade, como entre elles se usa, um junco d'ella se lhe metteu por um olho, o qual logo alli ficou em testimunho de sua maldade e vituperio de semelhante devoção, sendo a esteira muito lisa e muito alva, como entre os mouros para semelhante acto de costuma, sem se poder esperar, nem imaginar tal cousa, do qual successo houve entre todos nova maravilha, e foi sempre depois este infame accusador apontado com o dedo, em memoria de seus delictos, permittindo Deus que ainda na vida se conhecesse o galardão de sua alma.

Vendo pois Domingos de Torres estas e outras cousas, que cada hora o levavam mais a seus sanctos propositos, como fosse grande amigo de um mancebo elche da casa d'elrei, e desejasse muito a salvação de sua alma, esquecido por este respeito de todo o perigo de sua vida, lhe escreveu uma carta, em a qual, depois de lhe dar como fiel e verdadeiro amigo saudaveis conselhos, lhe trazia á memoria as sanctas maravilhas dos sete companheiros, e o admiravel castigo de Xabão, e outras muitas cousas.

O amigo fingido, porém, o manifesto traidor, usando mal d'este sancto zelo levou a carta a el-rei para mais acreditar sua fidelidade; o qual, vendo tamanho atrevimento em um christão a quem já perdoára, e como não sómente tractava da reducção d'este mancebo, mas desprezando seus sacrificios attribuia a castigo Divino a perda do olho de Xabão, magoado tambem das mais lembranças, que na carta se continham, mandou que o enterrassem vivo.

Estava n'este tempo este mancebo esperando o fructo e galardão de seus bons conselhos, sem por nenhum caso imaginar tal ingratidão e falsidade, quando subitamente foi levado a uma prisão, onde logo soube o que havia acontecido, e como el-rei mandava que o matassem.

Bem se póde julgar qual ficaria um animo singelo, cheio de tão estranhos sobresaltos; porém elle com nenhuma cousa desmaiou, antes ficou tão firme em seu primeiro proposito, que aconselhando-lhe alguns captivos que fugisse, e promettendo-lhe ajuda para isto, a nenhuma cousa deferiu, e sómente disse, como quem estava entregue á sua sancta determinação:

O' enganado amigo, que próspera victoria fôra a minha, se tu não grangeáras eterna morte na perda d'esta vida, pois quando por teu respeito, amor e piedade, me fizeram tão solicito, já desde então me dava por companheiro em teus ditosos males, com desejo entranhavel que minha ousadia fizesse ser egual nos perigos: mas tu não tão sómente desprezaste meus fieis conselhos, mas como ingrato e desleal quizeste valer-te de minha singeleza e lealdade; porém eu te perdôo, que mal sabes quanto em meu proveito acertaste errando; e Deus permitta, por sua misericordia, que seja minha morte tambem preço da salvação de tua alma, abrindo-te os olhos d'ella, como eu já fui auctoridade e credito de tua estragada vida.

Chegou-se a noite, e foi Domingos de Torres levado á

horta d'el-rei, a que chamam de Guerreiro, onde á sua vista começaram os mouros a abrir uma cova, sem lhe darem razão ou dizerem cousa alguma. Ó admiravel espectaculo! ó Torre inexpugnavel, não te deixes vencer, que se estes mouros, para te sepultarem, estão abrindo a terra, tambem os anjos, para te receberem, estão abrindo o céo.

Estava tambem mudo n'esta conjuncção este cavalleiro de Christo, que a brevidade dos conceitos da alma, em quem a Deus se entrega, não dá logar á lingoa.

Entretanto os mouros, depois de terem feito a cova para o sepultarem, mandaram buscar um machado, com o qual lhe cortaram ambas as pernas, para evitar o trabalho de lhe tirarem duas bragas, de que se queriam aproveitar. E assim em taes extremos, morto das crueis dôres, e vivo só para sentil-as, foi de seus inimigos sepultado, soffrendo com altissima paciencia todas estas cousas, que até para se imaginarem parecem insoffriveis. Assim acabou este mancebo, e foi o derradeiro que, como vencedor, ficou no campo dos sanctos cavalleiros e felizes portuguezes.

Além d'esta ditosa companhia (dulcissimo e suave fructo de raiz tão amarga) houve n'estes tempos em Barbaria muitas pessoas, de que não tractamos por não serem da jornada, que padeceram crueis mortes, confessando a lei de Christo, como foi o Alcaide Amet Navarro, elche, ou por melhor dizer mouro fingido, a quem chamavam Pedro em Madrid, d'onde era natural, o qual foi crucificado na parede dos muros d'Alcaçova de Marrocos, onde prégou altissimamente em louvor de Deus e vituperio e confusão de Mafoma, até que lhe metteram um grande cravo pela testa e lhe cortaram a lingoa.

E Jeronymo de Avila, captivo d'el-rei, mancebo nobre hespanhol, natural de Guelva, ao qual déram mil e tantos murros na bocca do estomago, de que logo morreu, com estranha constancia e paciencia.

Além d'isto, tambem houve muitos mancebos, que, posto

que não deixaram de offerecer as vidas com inviolavel presupposto na confissão da fé catholica, como foi Alvaro Veles, natural de Arronches, e outros, padeceram tantos tormentos, que lhe não fizeram os mais vantagem senão na boa ventura de não ficarem vivos, o que acontece ordinariamente depois que Muley Moluco trouxe da Turquia aquelle inhumano costume, de fazerem por força os christãos mouros com desusados martyrios, principalmente os meninos; mas seja Deus louvado, que tudo isto consente por seus occultos juizos: do que só podemos inferir, que sendo-nos tão estreitos os caminhos da salvação, por nossas culpas e miserias, permitte Elle estas cousas, abrindo com tamanha tyrannia uma continua e larga estrada para o céo.

Por tudo que introduziu Muley Moluco onde nunca chegou a crueldade dos inimigos barbaros, nossos visinhos, se póde bem julgar o que se devia temer de seu imperio, alli na pouca segurança dos logares de Africa, entre os quaes está certo a chave da christandade, como em toda a costa de Hespanha, no mar Mediterraneo e Oceano, com muitas galés e gente exercitada n'ellas, e o porto de Larache, tão visinho e capaz de tudo.

Não foi, por certo, pequena mercê de Deus tirar do mundo tamanho inimigo, posto que a troco de tanta desventura nossa, que realmente ninguem na christandade com elle poderá estar seguro, principalmente quando agora vemos, que sendo um rei tamanho e tão catholico, com tanto desejo de nos defender, vieram os mouros em uma fusta (hontem cinco de outubro de 606) tomar uma caravela á Cascaes, onde nunca chegaram nem com o pensamento.

De maneira que, bem considerados os damnos e inconvenientes, que com a vinda de Muley Moluco e sua visinhança se offereciam, não era mal acertado prevenir el-rei D. Sebastião um tamanho inimigo, com metter de posse o Xerife de seus reinos, e tomar o porto de Larache, se o modo acompa-

nhára a tenção, a brevidade o desejo, e a razão em seu conselho tivéra mais logar.

Mas emfim, são meios que Deus toma para dispôr das cousas conforme a sua Divina vontade, particularmente como se viu bem n'esta, que não é pequena consolação a tantas miserias, pois tudo da mão de Deus é sempre bom, ainda que seja como castigo.

E não foi pequena parte esta consideração, a nos fazer chegar ao fim d'este processo, passando facilmente por todo o rigor de quaesquer opiniões e zelos differentes, que sustentam não ser isto jornada digna de se trazer á memoria, sendo de tanta mágoa e desventura: o que facilmente confessariamos se o mundo lhe tivéra posto eterno silencio; mas quando alguns estrangeiros mal informados, e não sei se mal zelosos, a manifestam já de uma em outra lingoa, parece certo outro novo castigo não haver quem sáia pela verdade, approvando com tacito consentimento e notavel descuido, maldades tão notorias: pelo que, quando nosso trabalho não fôr de louvor digno, ao menos esperamos que o seja de perdão, offerecendo-nos com o favor Divino (se houver satisfação de nossa boa vontade) a passar mais adiante na Historia de Jeronymo Franqui, ácerca da união d'este reino á corôa de Castella, com a fiel diligencia que convém a se aclarar a verdade em muitas cousas suas, para que se saiba em todo o tempo, com testemunho dos que hoje são vivos, o que aconteceu pontualmente, dando, o melhor que nos fôr possivel, inteira noticia d'algumas particularidades, com a devida satisfação ao christianismo, zelo e procedimento de el-rei D. Philippe, nosso senhor, que está em gloria, e inteira justificação da fidelidade portugueza, e de alguns particulares injustamente condemnados: que grande mal seria deixar sem a justa e devida contradição um estrangeiro escandaloso, incerto e temerario, julgando as cousas a seu alve-

drio, com animo tão perverso, como confessa até o mesmo frei Antonio, de quem atraz fallamos.

E se por ventura meu atrevimento parecer grande (como se póde cuidar), entenda-se, todavia, que menos mal será soffrer-se minha insufficiencia, pois a verdade não ha mister ornamento, que padecerem-se tantos damnos, causados pelo nosso descuido e silencio, por falta de quem diga a mesma verdade.

INDICE

Pag.

PROLOGO V

LIVRO I

DA SUCCESSAO DO XERIFE MULEY MAHOMED

I—Principio que os Xerifes tiveram, e algumas cousas que passaram entre sua magestade e el-rei D. Sebastião 13

II—Das razões que teve el-rei D. Sebastião para passar a Barbaria 19

III—Como partiu a armada, e de algumas cousas que passaram em Arzila 29

IV—D'algumas cousas que passaram em Arzila e como marchou o campo 43

V—De algumas cousas que passaram antes da batalha 51

VI—Da batalha e dos successos d'ella 61

VII—Do fim que teve a batalha 77

LIVRO II

RELAÇÃO DO CAPTIVEIRO NA JORNADA D'AFRICA

I—Rendida a batalha, descem os mouros aos despojos 87
II—Acclamam os mouros por rei Muley Amet, e enterram os seus que na batalha morreram 91
III—Manda o Xerife buscar o corpo d'el-rei D. Sebastião 99
IV—Enterra-se o corpo d'el-rei D. Sebastião; vae Belchior do Amaral a Arzila e Tanger com licença do Xerife 103
V—Parte o Xerife de junto de Alcacer a Fez; resgata-se o prior D. Antonio, filho do infante D. Luiz 107
VI—Do que passavam os captivos em Fez; descreve-se a cidade 111
VII—Manda o Xerife aos fidalgos que se ponham em preço 117
VIII—Conclue-se o corte dos fidalgos, e os cacizes de Fez o querem estorvar com el-rei . . 121
IX—Entram os Padres da Santissima Trindade a fazer o resgate; parte o Xerife para Marrocos; partem os eleitos 129
X—Como se livravam alguns captivos, e de algumas fugidas 137
XI—Da fugida que commetteu Virginia e do successo d'ella 151
XII—Como devem fugir os captivos 161
XIII—Como prégava o Padre Frei Vicente da Fonseca

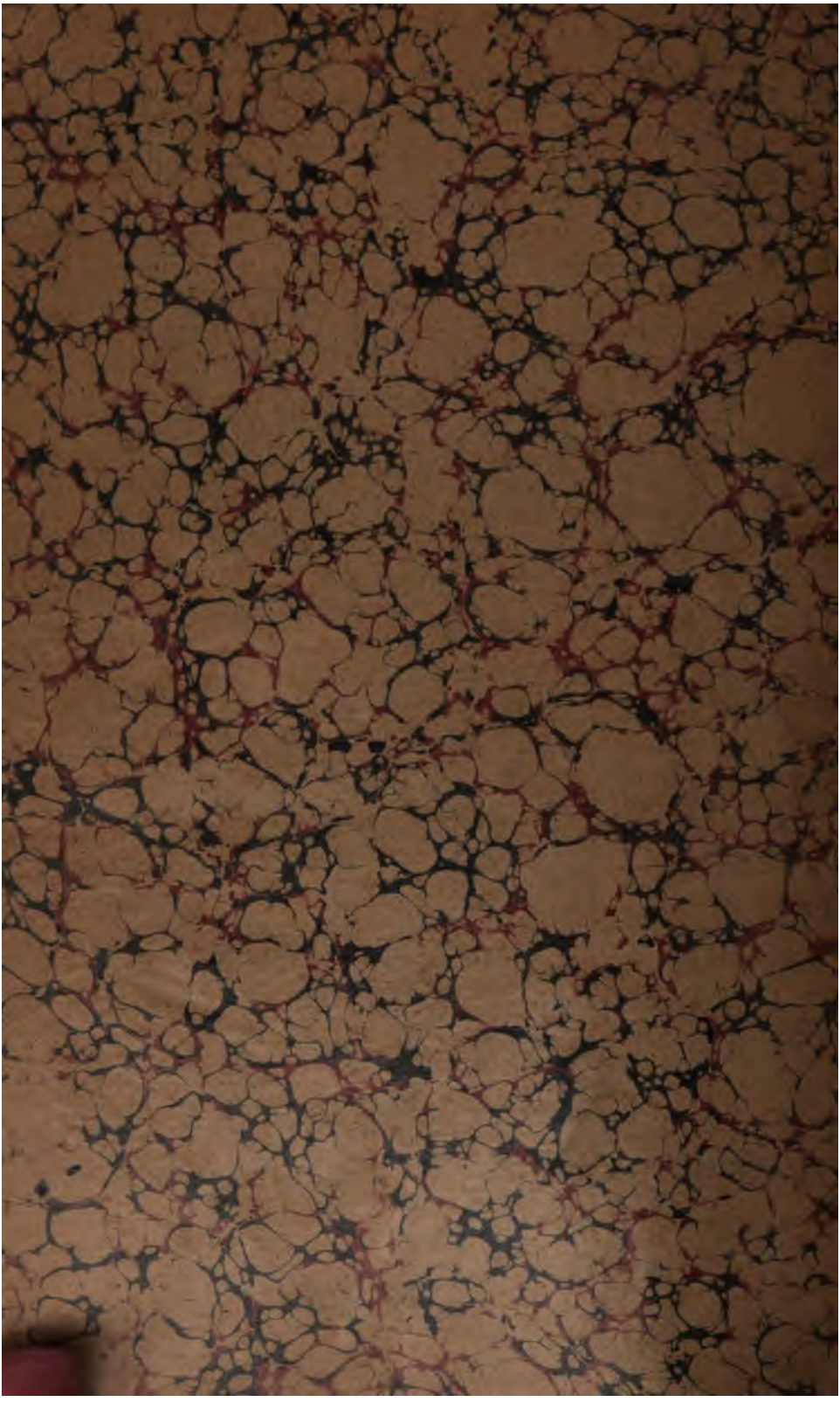
e como os judeus ouviam seus sermões; do modo como os elches vivem e são d'elles tractados os christãos 173
XIV—Amotinam-se os Azuagos, parte Reduão para Marrocos e no caminho os fidalgos o persuadem que vá a Masagão 181
XV—Descreve-se a cidade de Marrocos, e tracta-se do caminho de Fez a ella 191
XVI—Como foram os Embaixadores recebidos do Xerife e como eram tractados os fidalgos captivos 201
XVII—Da fugida que fizeram de Marrocos D. João de Vasconcellos e D. Luiz Coutinho; da morte de Reduão e como partiu a cafila dos captivos. 215
XVIII—Conclue-se o negocio dos fidalgos e dos mais de Marrocos; partem para Ceuta; despede-se o duque do Xerife, que segue o mesmo caminho 221

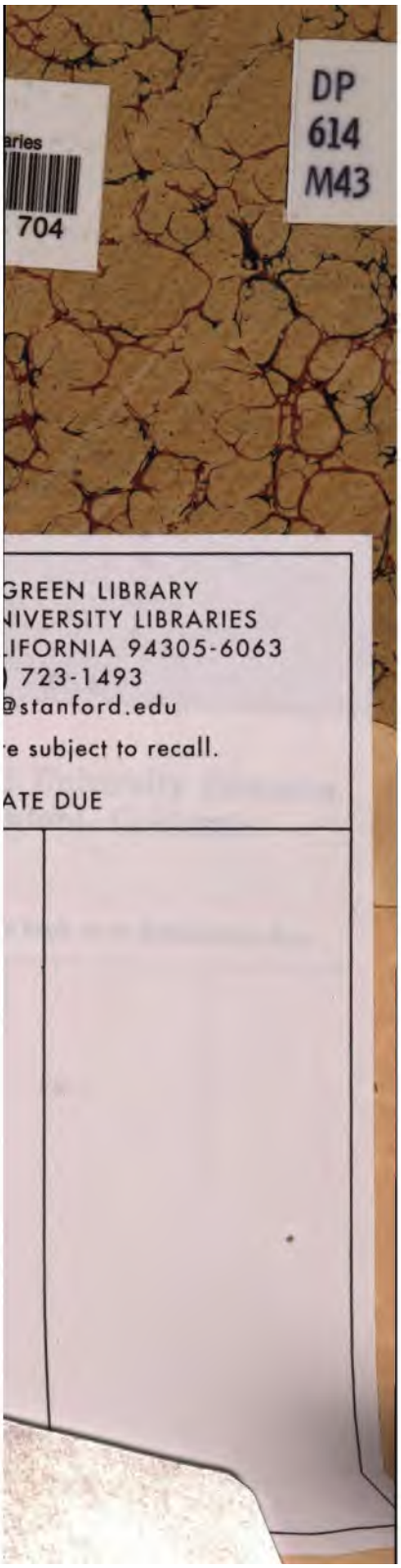
LIVRO III

I—Dos martyrios que houve em captiveiro na Jornada d'Africa. 231
II—Do modo em que vivem os captivos em casa do Xerife, que elle manda fazer mouros por força, e como procediam sete moços, que mandou matar 233
III—Do meio que o Senhor tomou para estes seus servos se publicarem por christãos . . . 237
IV—Dá conta o Alcaide Amar do que lhe havia acontecido 241
V—Como os servos de Deus foram levados diante do Xerife. 245

VI—Do que passaram estes servos de Christo, depois de saberem como estavam condemnados á morte, e de uma grande tentação que tiveram 253
VII—Vida e morte de Francisco da Esperança . . 257
VIII—Vida e morte de Simão de Freitas, de Setubal. 263
IX—Vida e morte de Fernão Ginez 267
X—Vida e morte de João Frances 269
XI—Vida e morte de Domingos 273
XII—Vida e morte de Amaro 275
XIII—Vida e morte de Antonio da Silva 277
XIV—Como os servos de Deus foram enterrados . 283
XV—Como padeceu Domingos de Torres, e do que aconteceu a Xabão, o elche accusador . . 285

FIM DO INDICE




aries
704
DP
614
M43
GREEN LIBRARY
NIVERSITY LIBRARIES
LIFORNIA 94305-6063
) 723-1493
@stanford.edu
e subject to recall.
ATE DUE